PENSAMENTO HUMANO

Didascálicon
Da arte de ler

Hugo de São Vítor

2ª Edição

PENSAMENTO HUMANO

Didascálicon Da arte de ler

EDITORA UNIVERSITÁRIA

SÃO FRANCISCO

Hugo de São Vítor

2a Edição

HUGO DE SÃO VÍTOR

DIDASCÁLICON

85.326.2537-1

189 Hugo, de Saint Victor, [1096?]-1141.

H889d Didascálicon: da arte de ler / Hugo de São Vítor ;

introdução e tradução de Antonio Marchionni. - 2. ed. - Bragança Paulista Editora da Universidade São Francisco, 2007.

• 294 p. - (Coleção pensamento humano)

Textos paralelos em latim e português.

ISBN 85.86965.76-6

Inclui bibliografia.

1. Filosofia medieval. 2. Leitura. I. Marchionni,

Antonio. II. Título. III. Série.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de Processamento Técnico, da Universidade São Francisco.

SUMARIO

Hugo de São Vítor (1096-1141).

APRESENTAÇAO

Recém-saídos de uma civilização que, em termos de comunica ção, pode dizer-se do livro, não nos ocorre espontaneamente ter este fenômeno também uma data de ingresso no espectro de usos e costumes da humanidade. Em verdade, mesmo entre os gregos, cuja literatura fez-se parâmetro das demais, até Platão, como o atesta o Fédon, foi o livro destinado a objetivos precisos e só após significativo estágio probatório angariou prestígio como lugar da tradição e veículo da sabedoria no processo civili-zatório. Todavia, há de ser este filósofo, por força do excelente acabamento de seus diálogos, que, para além do registro dos mi tos, das leis e dos gestos e feitos humanos, crônica e história, há de dar o impulso decisivo para que a escrita se torne coextensiva à oralidade, e o livro venha a ser, mais e mais, constante necessá ria, na instituição do saber.

Entretanto, na tradição cristã, o livro já se encontra de tal modo integrado na disciplina e na eruditio, que passa a ser in clusive sacramental desta mesma tradição: é como Agostinho o conhece desde os diálogos em Cassicíaco. Dos livros sagrados à teologia acadêmica ou algo similar nos quadros da Antigüidade tardia, passando pela liturgia e pelas várias formas de catequese, o pensamento cristão crescente há de transmitir à Idade Média o que codificou e editou, bem como o que herdou dos antigos e há de fazê-lo sob a forma do livro, o que faz da leitura um momento decisivo do seu ser, como o atesta a Regula Benedicti. Não es tranha, pois, que o De Doctrina Christiana, de Agostinho, nas cido livro e como tal transmitido, fosse semente de outros livros e paradigma de todo um gênero.

A Idade Média, sem o livro, seria simplesmente outra. Don de o Disdascálicon de Hugo de São Vítor, ele próprio uma arte de ler, fazer pleno sentido qual lugar e veículo da doutrina cris tã, segundo o referido exemplo agostiniano. Inspirado nesta doutrina, o livro do Vitorino não é apenas um marco da tradição, mas um ato desta e, como tal, não apenas acolhe e transmite, mas nela integra o que colhe em seu meio e em seus tempos, bem como, no que lhe cabe, a constitui, preservando-a qual movimento ativo, o exato contrário de um depósito. Isto o Vitorino logra à sa-ciedade. O fruto que produz, destinado a fazer-se árvore, é agora tornado acessível ao público de língua portuguesa, como fruto, ele próprio, do labor acadêmico do Dr. Antonio Marchionni. Che ga o momento de dar-lhe a palavra, precisamente quando se pre vê para o livro um outro status ou um outro destino, para que ele a dê, por sua vez, ao mestre medieval da arte de ler.

Francisco Benjamin de Souza Neto

P rofessor Livre-Docente do D epto. de F ilosofia - UNICAMP

INTRODUÇÃO “São três as regras mais necessárias à leitura:saber o que se deve ler, em que ordem se deve ler,como se deve ler. Neste livro se trabalha sobre estas três regras, uma por uma”.

(Da arte de ler, Prefácio)

O leitor de língua portuguesa tem em mãos, finalmente, um dos livros medievais atualmente mais lidos nos círculos culturais do mundo. Percorrendo a obra Da arte de ler, o leitor jovem e adulto mergulha no mundo cultural do começo do segundo mi lênio, quando os jovens de toda a Europa acorriam para as esco las das cidades européias, que naquele momento iam adquirindo uma nova vitalidade após os séculos da anarquia feudal.

Sobretudo depois que o famoso pedagogo Ivan Illich escre veu Du lisible au visible1, que é um ensaio sobre a revolução inte lectual do século XII a partir do Da arte de ler, este livro de Hugo de São Vítor é considerado um divisor de águas no saber mundial, de maneira a poder-se falar, diz Illich, de um “antes e após Hugo”. Com efeito, incitando seus jovens a “ler tudo”, Hugo estava inau gurando aquela era do livro, que dariá vida à Universidade e dura ria até o começo deste terceiro milênio, quando o livro está sendo substituído pela página eletrônica, prancheta onde leremos on line via rádio jornais, revistas e livros,

Esta obra de Hugo é mais conhecida como Didasçálicon. O título completo é Didasçálicon da arte de ler (Didascalicon de Studio Legendi). Os autores da época costumavam dar às

1. Illich, L, Du lisible au visible, sur VArt de lire de Hugues de Saint-Victor (Do lísível ao visível, sobre a arte de ler de Hugo de S lo Vítor), Paris, Éd, du Cerf, 1991, Em inglês: In the Vinegard ofthe TexUA Çommentary to Hugh *s Didascalicon (Na seara do texto: comentário ao Didasçálicon de Hugo de São Vítor), University of Chicago Press, 1993.

suas obras um título grego e o term o Didascálicon queria sig nificar “coisas concernentes à escola”. Nós preferimos apresen tar esta tradução com o título Da arte de ler e o subtítulo me nor Didascálicon.

A primeira é a Sapiência

Nesta Introdução e em toda a Tradução do livro, mantere mos o termo Sapiência significando a Mente de Deus. O termo sabedoria, mais usual na língua portuguesa falada, não traduzi ría bem a pregnância do latim Sapientia, como é usado por Hugo de São Vítor na esteira da tradição patrística e posterior. Em

Agostinho e em Francisco de Assis, por exemplo, Jesus, o Verbo e Filho de Deus, é invocado como “a Sapiência do Pai” {Sapientia Patris), expressão que encontramos também no Di dascálicon da arte de ler (IV, 8).

Imagine você, leitor, o primeiro dia de aula no começo de se tembro de 1127 na Escola de São Vítor em Paris. A grande sala com abóbadas ogivais ressoa o burburinho dos jovens alunos, que vieram dos quatro cantos da Europa pacificada. Curiosos, eles fixam os olhos na entrada da sala, onde finalmente aparece a figura do renomado Mestre Hugo, que segura na mão seu últi mo livro apenas escrito: Didascálicon da arte de ler. Faz-se si lêncio. Os alunos se levantam. O Mestre sobe à cátedra e entoa uma reza de iluminação. Senta, e todos sentam. No silêncio total, sentindo sobre si os olhos sagazes da classe, o Mestre declama pausadamente a primeira frase do livro…: “De todas as coisas a serem procuradas, a primeira é a Sapiência, na qual reside a forma do bem perfeito”.

Ao jovem aluno é logo ensinado que a Sapiência é, entre to das as coisas, a primeira. Mas esta Sapiência não é alguma coi sa, um estágio do conhecimento ou uma sabedoria qualquer. A Sapiência é Alguém. É a Segunda Pessoa da Trindade, o Verbo, o Logos, o Pensamento divino, a Mente de Deus.

Por que esta Sapiência deve ser a primeira a ser procurada? Porque ela - explica Hugo - é a nossa origem. Conhecendo-a, conhecemos a nós mesmos. Com efeito - continua o Mestre - es tava escrito na tripode do templo de Apoio em Delfos o famoso ditado: “Conhece-te a ti mesmo”. Mas, o que significa para o ho mem conhecer-se a si mesmo, senão conhecer a sua própria ori gem, o lugar divino de onde veio?

A Sapiência é forma do bem perfeito. Ela é, antes de tudo, a forma do próprio Deus, que é bom e perfeito. Em segundo lugar, é a forma do mundo. O mundo e o homem estiveram dentro da quela forma e foram moldados por ela antes de serem criados, como a massa de areia e cimento é posta numa fôrma ou molde antes de vi rar tijolo, ou como o arquiteto engendra a casa na sua mente antes de transpô-la para a prancheta. Como forma causai que cria o mun do, esta forma transfere a sua bondade perfeita para todo o univer so. O mundo é bom. O homem é, originariamente, bom.

Em suma, tudo aquilo que o homem quer saber sobre si mes mo está lá, na sua origem, no seu arquétipo, na sua forma boa, na Sapiência. Em vão - diz Hugo - o homem procura conhecer fora de si aquilo que ele é. Basta olhar para dentro de si, descobrindo em si os traços da Sapiência, da mesma forma que o filho se autoconhece descobrindo em si a fôrma genética do seu genitor.

E como é que o homem chega a conhecer esta Sapiência ? Hugo responde que tudo começa com o ato de ler, seguido pelo ato de refletir e enfim pelo ato de contemplar.

A leitura, portanto, é o começo do saber. O bom aluno, diz Hugo, "ouve com prazer todos, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma… pois nenhum texto há, que não tenha algo a ser aproveitado, quando é lido no tempo e no modo apropriado" (III, 13). Hugo injetava nos jovens uma grande fome de ler e saber. Estudar, lendo, significa conhecer a Sapiência. Por isso, a filosofia, que começa com a leitura, nada mais é que um exercício de amizade com Deus: "A procura da Sapiência é uma amizade com a divindade e com a sua pura mente" (Sapientiae studium est divinitatis et purae mentis illius amicitia, I, 2).

Com esta saudação programática - procurem primeiro a Sapiência! - começava o ano escolástico na Escola da Abadia de São Vítor, na margem esquerda do rio Sena. O homem medieval vivia com as antenas viradas para o alto, sondando os sinais do eterno. Era normal inaugurar um ano escolar com uma exortação de cunho espiritual-metafísico, contrariamente a quanto acontece hoje entre nós, que questionaríamos como ingerência indevida da religião uma exortação deste tipo diante de uma classe.

Não longe da Escola de São Vítor, havia, na Ilha do Rio Sena, uma outra escola, a de Notre-Dame, onde os jovens se encantavam com as argumentações do Mestre Abelardo. Em seguida, Abelardo transferirá o seu ensino na colina de Sainte-Geneviève, de onde desciam os vinhedos até o vale, onde ficava a Abadia de São Vítor. Destas escolas nascerá, ao redor de 1200, a Universidade de Paris. Os mestres Hugo e Abelardo brilham, na primeira metade do século XII, entre os maiores luminares da cena cultural de Paris e da Europa. Abelardo é mais exegético e lógico, Hugo é mais místico, filosófico e teológico. Uma filosofia cristã

Da arte de ler é, antes de tudo, um texto de filosofia. Nele não se faz recurso à autoridade dos livros sagrados, como faria a teologia. Nele, tudo é explicado com a luz da razão, como faz a filosofia. Mesmo quando, nos 3 últimos livros, Hugo ensina como ler os livros sagrados, o faz numa compostura racional.

Trata-se, claramente, de uma filosofia cristã, cujo ponto de partida é a existência do Ser Transcendente, Deus, que dá ao mundo a existência (causa agente), a forma (causa formal), a matéria (causa material), a finalidade (causa final).

Deus, em Da arte de ler, é definido por Hugo sobretudo com a palavra Razão (Ratio). Deus é, em si, uma ordem, uma harmonia, uma inteligência racional. Este conceito de Ratio é um dos mais importantes na filosofia do Da arte de ler. Criando o mundo, Deus dota-o de sua própria racionalidade, de sua própria ordem. A Sapiência criadora é "A Razão única e primeira de todas as coisas" (sola rerum primaeva ratio, I, 2)

Não se trata de uma razão lógica ou instrumental, como nas filosofias modernas. A razão dos modernos é apenas a capa cidade cognitiva e discursiva do homem. Chama-se lógico tudo aquilo que está na mente humana. A razão lógica é um fato hu mano, é a regra do pensar mental na condução do saber científi co. Ela é uma função neurológica do cérebro humano, sem ne nhum parentesco com a divindade.

A Ratio do Da arte de ler é a Ratio onto-lôgica de Alguém que é (ontos) independentemente da mente humana, antes des ta, causa e ordem desta. Esta Ratio, criando o mundo, torna-o semelhante a si mesma, divinamente ordenado e harmônico. Ela é o arquétipo do mundo. A Razão Divina, portanto, encontra-se estendida, depositada no universo e sobretudo no homem.

Desta Ratio o mundo e o homem são constitutivamente, não apenas metaforicamente, semelhança, simulacro, espelho (simili tudo, simulacrum, speculum). Forma perfeita do mundo, a Ratio divina informa o mundo. E a mente humana, parecida com as es truturas racionais do universo (rerum omnium similitudine in signita, 1 ,1), é um pouco tudo (omnia esse dicitur, 1 ,1), nela ca bendo tudo (universorum capax est, 1 ,1), e possui as condições para compreender tudo, inclusive o próprio Deus, a Sapiência.

Esta ordem racional do homem no universo é continua mente ferida no corpo e no espírito pelas formas sensíveis e ma teriais que distraem o homem. Como restaurar esta ordem? A se melhança do homem com a Sapiência é restaurada pelo próprio homem, mediante a atividade manual do trabalho e, sobretudo, pela atividade intelectual: “somos reparados pelo conhecimen to” (doctrina reparamur, 1 ,1). Nisto insere-se o ato de ler, cuja finalidade é introduzir aquele que lê e estuda naquele conheci mento que restaura em nós a semelhança com a divindade. Con cepção grandiosa do saber humano!

É evidente, nesta filosofia de Hugo,.o seu parentesco com con ceitos neoplatônicos, orientais e cristãos a um só tempo. O Pseu-do-Dionísio, o Comentário de Macróbio ao Ciceroniano Somnium Scipionis e os escritos de Boécio inspiram conceituai e verbalmen te as páginas do Da arte de ler. Particularmente vivos são, decor rentes do Timeu de Platão e dos neoplatônicos Fílon e Plotino, conceitos como a correspondência entre a alma do mundo e a alma do homem, a definição do homem essencialmente como alma, a di vindade do intelecto humano, a reciprocidade da Ratio em seus três níveis: na mente divina, na natureza, no homem.

Uma filosofia da educação

Enquanto destinado a ensinar o que ler, como ler, por que ler, o Da arte de ler é também um texto de filosofia da educação.

Vendo aquelas ondas de jovens que chegavam nas escolas de Paris, o Mestre Hugo concebeu a idéia de apresentar-lhes um quadro geral dos estudos e das disciplinas, para que eles se situas sem e pudessem escolher. É, na história, o primeiro livro peda gógico direcionado diretamente aos alunos, que nele encontra vam um roteiro sobre o que ler e como ler. Além disso, nele os jo vens encontravam conselhos sobre as qualidades que fazem do jovem um bom discípulo, cuja virtude suprema é a disciplina.

Vejamos, por um momento, o currículo escolar da época, va riável antes da criação das universidades em 1200, mais fixo com a multiplicação delas.

Primeiro, estudava-se na faculdade das artes o trívio (três vias, artes da linguagem: gramática, dialética e retórica) e o qua drivio (quatro vias, artes das coisas: aritmética, música, geome tria, astronomia). Era uma espécie de colegial, que acontecia en tre os 14 e os 20 anos. Em artes, estudavam-se os livros de lógi ca, matemática, física e metafísica dos filósofos gregos, árabes e dos próprios mestres que davam os cursos.

Depois, acedia-se às faculdades de teologia, direito ou medi cina, que duravam 6 anos para adquirir a licença e o doutorado. Mas o estudo da teologia durava de 8 a 15 anos, e o doutorado em teologia podia ser obtido com a idade mínima de 35 anos.

Em medicina, estudavam-se Hipócrates, Galeno e as sumas árabes de Avicena e Averroes. Em direito, estudavam-se princi palmente os decretos canônicos da Igreja e a legislação imperial. Em teologia, discutiam-se as sentenças de algum pensador exí mio (auctoritas). As aulas costumavam começar com a leitura de um texto de um grande autor (lectio, lição), e em seguida proce-dia-se a questões (quaestio) e discussões (disputatio).

Para que serve a educação? Para onde você, jovem, quer ir mediante o estudo e a leitura? Para onde um professor de então e de hoje quer levar o aluno pelo ato de ensinar? A resposta é clara em Hugo. Fazer artes, teologia, direito e medicina tem a fi nalidade de, conhecendo as maravilhas da natureza, conhecer o Artífice dela. Em suma, o ler e o ensinar são um entretenimento com a Mente divina.

Mas o ato de ler é também um ato moral e político, pois aquele que se alimentou da leitura deve alimentar a cidade, vigi ando sobre ela como uma sentinela.

Uma introdução ao saber

O Da arte de ler é também uma Introdução aos estudos, a primeira introdução escrita no segundo milênio.

Hugo tinha diante dos olhos outras introduções ao saber, de outros grandes pedagogos, as quais lhe servem de fontes: o Da Doutrina Cristã de Agostinho (século V), o Das núpcias da filologia e de Mercúrio de Marciano Capella (s. V), as Institui ções das lições divinas e seculares de Cassiodoro (s. VI), as Eti mologias de Isidoro (s. VII), o Da formação dos clérigos de Ra-bano Mauro (s. IX).

Este gênero de Introduções ao saber nasce em ambientes alexandrinos na metade do século II, estende-se pelos ambientes sírio-árabes e penetra nos ambientes latinos a partir de Boécio, no século V. O termo filosofia era utilizado para indicar o saber em geral, ou melhor, a reflexão mais profunda sobre o significa do das várias ciências.

Os alexandrinos e os árabes foram os primeiros a iniciar o costume de enquadrar estas introduções em seis perguntas: 1) o que é a filosofia? 2) por que é chamada assim? 3) qual é a sua intenção? 4) qual a sua finalidade? 5) quais as suas divisões e subdivisões? 6) o que deve-se dizer sobre cada uma delas? O Da arte de ler, em seus primeiros três livros, responde a todas estas perguntas: 1) elenca quatro definições de filosofia, 2) ex plica a origem grega do termo atribuída a Pitágoras, 3) declara a intenção da filosofia, 4) mostra a sua finalidade, 5) propõe as di visões da filosofia, acrescentando a novidade das ciências mecâ nicas, isto é, o trabalho manual, 6) dá explicações sobre cada uma das partes nas quais a filosofia se subdivide.

Acerca da primeira pergunta, o que é a filosofia, a primeira definição é a etimológica, atribuída a Pitágoras, na qual a filoso fia é o amor {filia) da Sapiência (sofía). O filósofo não é aquele que possui a Sapiência, mas aquele que humildemente procura, amando-a, a Sapiência. Esta Sapiência em Hugo é, como disse mos, a Mente de Deus: A filosofia é o amor e o zelo e em um certo sentido uma amizade para com a Sapiência, a qual, não carecendo de nada, é mente viva e única causa primordial das coisas (I, 2; II, 1).

A segunda definição, de sabor estóico, é conhecida em ambi entes romanos, bizantinos, agostinianos e latinos: A filosofia é a disciplina que investiga exaustivamente as razões de todas as coisas humanas e divinas (I, 4; II, 1).

A terceira definição evoca a mentalidade grega: A filosofia é a arte das artes e a disciplina das disciplinas (II, I).

A quarta definição chama em causa a idéia da morte. Tra ta-se da morte desejada ou física, que para o estóico representa o grau máximo de liberdade. A preocupação com a morte (cura mortis) é, em Cícero, nos Padres e na Escolástica, uma “fonte de sabedoria”: A filosofia é a meditação sobre a morte, que con vém sobretudo aos cristãos, os quais, subjugada a ambição deste século, por meio da convivência especulativa já vivem à semelhança da pátria futura (II, 1).

Uma novidade na cultura mundial: o trabalho como parte do saber filosófico

Em termos de divisão geral do saber e de classificação das ciências, chegam até Hugo duas tradições: a) a tradição platônico-estóico-agostiniano-isidorense, que divide a filosofia em físi ca, ética e lógica, b) a tradição aristotélico-alexandrino-boecia-na, que divide a filosofia em teórica, prática e poiética. De 900 a 1100 corre um período de silêncio nas Introduções à Filosofia. Repentinamente, sob o impacto dos textos greco-árabes e dos primeiros textos científicos de Aristóteles, o século XII explode. É o momento do Da arte de ler.

Hugo introduz uma grande novidade, acrescentando à filo sofia as ciências mecânicas e dividindo-a em quatro partes: teóri ca, prática, mecânica, lógica. A teórica se divide em teologia, ma temática e física; a matemática compreende aritmética, geome tria, astronomia e música. A prática se divide em solitária (ética, moral), privada (econômica, dispensativa), pública (política, civil). A mecânica engloba 7 ciências: manufatura da lã, armadura, na vegação, agricultura, caça, medicina, lazer. A lógica se divide em gramática (arte de escrever) e ratio disserendi (arte de argumen tar); a arte de argumentar se divide em demonstrativa, provável e sofistica; a provável se divide em dialética e retórica.

Como pode-se observar, as sete artes liberais do trivio e do quadrivio situam-se nas subdivisões da matemática e da lógica. As 7 ciências mecânicas, pela primeira vez na história, adquirem o status de saber à parte. Eis o esquema:

‘ teologia

‘ aritmética

música

teórica - matemática—

geometria

. astronomia

. física

individual (moral)

prática ■privada (econômica)

pública (política) filosofia

fabricação da lã

armamento

navegação

mecânica * agricultura

caça

medicina

.teatro

gramática

„ lógica demonstração r

raciocínio prova— dialética

.sofistica .retórica

Esta divisão quaternária da filosofia em Hugo evidencia uma novidade enorme em comparação com o número 3 recor rente nas divisões anteriores. Hugo introduz na divisão do saber as ciências mecânicas, isto é, o trabalho humano. A seguir dire mos algo específico sobre este ponto. Isto revela que Hugo ado ta o princípio aristotélico pelo qual é necessário haver tantas partes da filosofia quantas são as diversidades dos seres, mas observa que o trabalho do homem tinha ficado, até então, fora da reflexão filosófica.

Hugo lê a história e percebe que o tempo estava grávido da necessidade de inserir o agir manual do homem no saber filosó fico. E o tempo era o do século XII, que representa a aurora de novos dias na Europa e na história da humanidade

A "revolução intelectual" do século XII. Da natureza resolvida em teologia à natureza resolvida em ciência e filosofia

Hugo de São Vítor, juntam ente com Abelardo, Adelardo de Bath, Thierry de Chartres, Gilberto de Poitiers, Guilherme de Conches, John de Salisbury, Pedro Lombardo e São Bernardo, integra o grupo de pensadores que, na primeira metade do sécu lo XII, interpretam um novo papel da razão no estudo do mundo natural e supranatural. Anteriores de cem anos ao espírito empí rico do franciscano Roger Bacon, eles aparecem nas cidades em desenvolvimento da França e da Inglaterra. Discutem literatura, medicina, lógica, gramática,

dialética, retórica, geografia, preo cupados em descerrar a Razão, a constituição profunda das coi sas, e as regras da linguagem na interpretação da ciência. “Nin guém pode discutir sobre as coisas - afirma Hugo - se antes não conhecer o modo de falar correta e verdadeiramente”. Trata-se, evidentemente, de uma nova maneira de debruçar-se sobre as coisas da natureza2. Eles não conseguiram avanços maiores nas

2. As mudanças intelectuais implicadas na revalorização do mundo terreno nos séculos XII-XIV estão ilustradas no volume de um congresso internacional em La Mendola, Alpes italianos, em 1964: La Filosofia delia Natura nel Medioevo, Società Editrice Vita e Pensiero, Milano, 1966.

ciências da natureza, porque faltava-lhes o cálculo infinitesimal (descoberto em 1700 por Newton e Leibniz) e faltava-lhes sobre tudo a luneta (descoberta em 1600 pelos holandeses e utilizada por Galileu).

Antes do ano mil em vão procuraríamos na patrística cristã um conceito físico e científico da ordem cósmica. Para os Padres gregos e latinos o mundo é o conjunto das coisas que Deus criou nos seis dias do Gênese. Prevalece o conceito teológico-místico: mais que a estrutura do mundo físico e o estudo das leis que re gulam a mecânica do universo, procurava-se neste o vestigium (vestígio) de Deus3.

Passados os séculos obscuros das invasões bárbaras (V-VII) e da anarquia feudal (IX-X), séculos de primitivismo, brutalida de, destruição, medos e incerteza, ao redor do ano mil desponta a aurora de tempos diversos. Tinha terminado o período das migra ções internas de povos inteiros pela Europa, e, com ele, terminava o período das guerras ininterruptas. A segurança européia do iní cio do segundo milênio fixa os homens ao trabalho nas campa nhas ao redor do castelo senhorial e nos núcleos urbanos, produ zindo uma retomada demográfica, que é efeito e causa de uma re vitalização agrária. A isso concorrem novidades técnicas, como o arado pesado, a ferradura e o peitoral nos cavalos, a rotação bie nal e trienal na semeadura, o acesso aos legumes com a diminui ção de doenças, e o moinho de vento, que se junta ao moinho d’água para moer os grãos e mover aparelhos destinados a curtu mes, fabricação de tecidos, trabalho em lenho e empastamento do papel. Generaliza-se o costume de vestir-se com tecidos.

O aumento da produção agrícola com o fim das guerras pro voca o aumento da população e da expectativa de vida. O vigor agrícola e demográfico leva ao comércio, ao mercado, às feiras e às viagens, enquanto o excedente populacional faz aparecer no vos povoados ao redor da capela do senhor transformada em pa róquia e ao redor da igreja-catedral e da residência do bispo, onde se aglomeram refugiados provenientes das glebas. É a ci

3. Nardi, B., Sguardo panorâmico alia filosofia delia natura nel Medioevo, em La

Filosofia delia Natura nel Medioevo , op. cit, p. 11.

dade comunal (il Comune), fortificada e autônoma como o cas telo, povoada por camadas intermédias entre a casta feudal e a ca mada rural, com palácios e templos góticos, mercados e praças, onde se cruzam estudantes, engenheiros, artesãos, letrados, notários, advogados, vagabundos, cruzados, mercadores, cavaleiros, clérigos, médicos, juizes e professores. Já não basta mais o esque ma trifuncional, atribuído a Adalberão de Laon, que dividia a so ciedade medieval em orantes, guerreadores e trabalhadores (ora tores, bellatores, laboratoresf. A cidade ferve de idéias, obras, or ganizações e instituições. Isto impulsiona o homem medieval a uma nova estima de suas capacidades, substituindo o medo da na tureza misteriosa e hostil com o domínio sobre aquela natureza.

No horizonte profissional despontam novas figuras de ju ristas, notários, médicos, artistas, professores e mestres, que as cendem a cargos educacionais, econômicos e políticos, superan do o rígido verticalismo feudal e dando vida a uma nova ordem de convivência cívico-comunitária.

Em filosofia, à fuga e ao desprezo do mundo substitui-se a estima do mundo, estimulada pelas obras do Pseudo-Dionísio (s. V), cuja Hierarquia, comentada por Scoto Eriúgena e pelo próprio Hugo, lança nova luz sobre o operar construtivo e terre no do homem em sinergia criativa com o Sumo Bem. A razão se pretende uma instância cognitiva com estatuto próprio, intensi ficando seus serviços ao mundo e à natureza, que se tornam te mas das escolas de Chartres e de São Vítor. Isto acontece sobre tudo na França capetíngia, revigorada econômica e culturalmen te pelo rei Luís VI, enquanto a reforma gregoriana promovida pelo monge cluniacense Hildebrando, futuro papa Gregório VII, injeta nos ambientes eclesiásticos novos ardores espirituais com novos desafios jurídicos, exegéticos, apologéticos, teológicos, organizativos e curriculares. Aumenta o nível cultural do clero e, conseqüentemente, dos funcionários públicos, enquanto as es colas, que até então eram administradas pelas abadias burocráticas sob o signo do espiritual, transferem-se para as catedrais e4

4. Le Goff, J., Le travai! dans les systèmes de valeur, em Le Travaíl au Moyen Âge, Actes du Colloque International de Louvain-la-Neuve, 1987, Louvain-la-Neuve, 1990.

outras instituições canônicas, com enfoques naturalísticos so bre a ciência, o indivíduo e a sociedade5. Nestas escolas começa a modernidade, quando a tradição e o princípio de autoridade (itraditio e auctoritas) são acrescidas pela indagação e disputa {quaestio e disputatio), ou seja, pelo debate criativo, que será o cerne do método escolástico de ensino.

Em física registra-se a inventividade de um renovado espíri to empírico, de modo que hoje se fala de uma “revolução intelec tual do século XII”, um gênero de iluminismo medieval a meio caminho entre o iluminismo de Mileto de 600 aC

e o iluminismo francês de 17506. Na verdade, trata-se de mais um renascimento acrescido à renascença carolíngia do século IX e à renascença de 1500. Alguns, reservando o termo renascença ao século XV, preferem falar, com relação às outras renascenças, de pré-mo- dernidade ou proto-renascença78.

Propensa a ver a Idade Média dos séculos XII e XIII como o ápice da metafísica e como ascensão para a síntese clássico-cris- tã de Santo Tomás e Dante Alighieri, a historiografia moderna apenas ultimamente começou a dar atenção ao aparecer de uma mentalidade empírica entre 1075 e 1150. A novidade do século XII é sintetizada por Bruno Nardi nestes termos: a uma física lida em chave teológica se junta uma física lida em chave filosófico-científica. E, para confortar esta afirmação, costuma-se re correr a duas expressões de Hugo de S. Vítor, a primeira indican do a interpretação religioso-alegórica do mundo, a segunda real çando a interpretação científica do mundo:

1) Este universo sensível é como um livro escrito pelo

dedo de Deus, isto é, criado pela força divina, e todas as

criaturas são como figuras não inventadas pela vontade

humana, mas organizadas pela vontade divina para ma

nifestar a Sapiência de Deus {De tribus diebusf.

5. Morris, C., The Discovery ofthe Individual 1050-1200, London 1972. 6. Haskins, C., The Renaissance o f the TweUth Century, Cambridge, 1927. 7. Giard, L, Hugues de Saint-Victor cartographe su savoir, em VAbbaye parisienne de Saint-Vidor au Moyen Âge (Biblioteca Victorina I), Paris-Turnhout, Brépols, 1991,253-269, p. 255. 8. Hugonis de Sancto Victore, De Tribus Diebus (Liber VII do Didascálicon), P L 176,814.

2) A natureza é um fogo criador que nasce de alguma

força para gerar as coisas sensíveis. De fato, os físicos

dizem que todas as coisas são geradas pelo calor e pela

umidade (1,11).

Caráter típico desta revolução intelectual no século XII é, segundo Ivan Illich no livro acima citado, a revolução do livro ou cultura livresca. 0 papel vindo da China via Toledo, o velino em pergaminhos finos, a tinta, a minúscula carolíngia, a adoção da escrita em itálico e a caneta com ponta de feltro facilitam nas ofi cinas dos copistas (scriptoria) a compilação de livros, que são encomendados por

bibliotecas, juristas, mercadores e senhores. O Livro da revelação, do doutor, do filósofo, da autoridade, é agora ladeado por livros de professores e pesquisadores, com ín dices, parágrafos, resumos, palavras-chave e, em geral, uma nova organização técnica e estética da página. Ao copista se acrescen ta o autor (auctor, do latim augere, aumentar, aquele que au menta o saber), à leitura monacal acrescenta-se a invenção esco-lástica, à narração a reflexão, à leitura a compilação, à escuta a disputa. O homem aprende a manusear os conhecimentos ao in vés de apenas lê-los e a novidade do ato de escrever cria a novi dade do ato de ler e ensinar.

De acordo com Illich, do mesmo modo que a substituição dos ideogramas pelo alfabeto fenício no século VIII aC signifi cou a primeira revolução cultural da humanidade, que deu o nascimento à filosofia grega, a cultura livresca do século XII re presenta a segunda revolução cultural da humanidade, que dá origem à Universidade. Gutenberg, três séculos depois, apenas acelerará com a tipografia esta nova onda cultural desencadea da no século XII. Hoje, segundo Illich, com a aparição do ví-deo-livro, estamos assistindo à terceira revolução cultural da hu manidade, que dará origem a não sabemos quais novos campos do saber pelo ciberespaço.

É esta a época que o Da arte de ler de Hugo interpreta. Alguns dizem que data destes anos o início da era moderna, quando desaparecem da cena bizantinos, árabes e povos invaso res e entram em ação as cidades do centro e do norte da Europa, juntam ente com o aparecer das escolas de direito de Pavia, Mi lão, Mântova, Verona e Bolonha, da escola médica de Salerno e, no norte, das escolas filosófico-teológico-literárias de Chartres, Laon, Notre-Dame, Saint-Victor.

A Escola de São Vítor: lugar e tempo de transição

A complexa e inexorável passagem do simbolismo da nature za para a pesquisa sobre a natureza, da teologia simbólica para o debate dialético, é encarnada pela Escola de São Vítor. A cavalo entre o antigo e o moderno, São Vítor é uma escola interna e ex terna, contemplativa e ativa, herdeira da tradição e partidária das reformas, espiritual e intelectual, Sapiência e ciência (sapi entia et scientia). E dentro da Abadia de São Vítor é o Mestre Hugo, cônego e professor, que encarna o espírito da Escola, deri vando daí a expressão Hugo e sua Escola[9].

Hugo nasce ao redor de 1095, provavelmente na Saxônia[10], e chega a Paris ao redor de 1115, morrendo em 1141.

Eram os dias de grandes acontecimentos, quando as primei ras cruzadas conquistavam Jerusalém, os mosteiros cistercien-ses eram erguidos sobre a disciplina do trabalho manual e inte lectual, a Chanson de Roland celebrava o

Sacro Romano Impé rio e dava início às literaturas autóctones, o tratado de Worms punha fim à contenda das investiduras, o cristianismo se re novava nas leis e no espírito, os prim eiros vidros sustentados com chumbo davam início à arte gótica nas janelas da Igreja de Saint-Denis em Paris.

O nascimento da Escola de São Vítor é datado de 1108, ano em que o arquidiácono Guilherme de Champeaux deixa a Ilha da Cidade (íle de la Cité), onde ensinava, e se instala em uma ca pela em honra de São Vítor, com alguns anexos, na margem es

9. Sicard, P., Hugues de Saint-Victor etson École, Brepols, 1991. 10. É a tese de Taylor, J., The Origin ofEarly Life o f Hugues o fS t Victor: an Eváluation ofthe Tradition, Notre Dame, 1957, p. 60. Segundo Baron, Hugo nasceu em Ypres,nos Flandres; cf. Baron, R., Notes biographiques sur Hugues de Saint-Victor, "Revue d'histoire ecclésiastiques", 1956, p. 920-934.

querda do Sena, iniciando logo uma escola. Em sua História das

minhas desgraças, Abelardo, que foi discípulo e crítico de Gui

lherme na questão dos universais, conta que este "no próprio

monastério para onde se retirou por razões religiosas, abriu uma

escola pública". Em 1113 o rei Luís VI promove o local a abadia

e a entrega aos cônegos de Santo Agostinho. Em 1114 a abadia

é reconhecida pelo papa Pascal II, que nomeia Gilduíno como primeiro prior, enquanto o fundador Guilherme, feito bispo de

Châlons, lá morre em 1121.

À volta de 1115 chega o jovem Hugo, trazido por um rico tio arquidiácono de Halberstadt, que, parece, doou o dinheiro para construir uma nova igreja e as moradas monásticas. Hugo é certam ente espectador atento a estes trabalhos, a julgar pela cura com a qual descreve os utensílios e as ações da construção civil em Da arte de ler. Ao redor de 1125 a abadia possui preben-das e terrenos espremidos entre a montanha de Sainte-Geneviè- ve e a íle, mas os meios financeiros e fundiários da abadia são re lativamente escassos. Ao redor de 1135 o capítulo da abadia é assim formado: o abade Gilduíno, que era também confessor do rei, o prior Eudes, um vice-prior, um mestre ou magister (Hugo), um ecônomo, quatro diáconos, três subdiáconos, três clérigos, três vicários. A partir desta data, a abadia recebe uma onda de simpatia e um afluxo de doações, que fazem de São Vítor um rico complexo da capital, ao qual, em 1148, é

anexada também a abadia de Sainte-Geneviève.

Os cônegos de São Vítor organizam-se em uma Ordem com uma Regra e um cerimonial, enquanto as casas da Ordem se ra mificam na França e fora dela até o final do século XII, quando este ardor diminui. Na metade do século XV se procede a traba lhos de restauração e ampliação. Em 1504 um raio destrói a igreja e sobre ela é construída uma nova, terminada em 1530. Ao redor da igreja ficam a casa reservada ao bispo de Paris, o no viciado, a biblioteca, a enfermaria de 60 metros com uma capela, estátuas e decorações, um pátio quadrado de 30 metros ao redor do qual sítuam-se o refeitório e os dormitórios dos clérigos, um local reservado aos estudantes externos de São Vítor, um edifí cio de 25 metros de comprimento reservado à escola, as salas do capítulo. Após ter recebido, no século XVIII, ornamentações em estátuas e pinturas, o complexo de São Vítor é destruído quase totalmente pela Revolução Francesa. O que resta depois dela permanece sob a autoridade do Império, mas um relatório de 1803 assinala o estado de precariedade total do conjunto. Os moradores do povoado próximo à abadia se adentram nos terre nos da mesma, e em 1813 a abadia de São Vítor desaparece dos mapas urbanos. Hoje, perto da atual Rue de Saint-Victor, restam da antiga abadia alguns poucos locais restaurados, sobre os quais foram erguidas construções, ocupadas pelo Corpo dos Bombei ros da cidade de Paris.

O desenvolvimento intelectual da Escola de São Vítor regis tra algumas décadas de ouro, que vão de 1125 a 1185. Estimula da pelo ensino de Hugo, a escola vê florescer teólogos, filósofos, sábios, poetas, pregadores, confessores. Em lógica e teologia bri lha Guilherme de Champeaux. Hugo distingue-se como cartó grafo do saber, leitor da Escritura e hermenêutico, filósofo, teó logo da história, contemplativo e místico, pedagogo, gramático e geômetra. Achard (m. 1171) é teólogo e místico. Ricardo (m. 1173) é au to r fecundo em pedagogia e m ística. André (m. 1175) destaca-se na prática da exegese bíblica e da crítica textual. Brilharam também os nomes dos Mestres Gauthier, Go-dofredo, Adam, Garnier, Tomás Gálico.

A Abadia, força intelectual e força política, é protegida pelos reis e pelos papas. De lá são escolhidos cardeais e confessores de reis e papas, para lá bispos e arcebispos dirigem-se para fazer reti ros espirituais, lá encontramos em 1134 o jovem Pedro Lombardo, acolhido por recomendação de São Bernardo e, provavelmen te, discípulo de Hugo. O scriptorium da Abadia fervilha de miniaturistas e escreventes de tratados, cartas e sermões, cuja produ ção manuscrita se espalha pelos departamentos da administração real, pelas bibliotecas, pelas casas privadas e pelas escolas.

A obra de Hugo

O Mestre Hugo impressiona pela fertilidade em obras escri tas, e o número

delas parecia notável já em 1154 ao cronista Ro-bert de Torigny, quando este registrava que o mestre Hugo “es creveu tantos livros que não haveria modo de enumerá-los, tão espalhados eles estão”11. A Patrologia Latina de Migne reúne em três volumes12 o acervo de obras, opúsculos e cartas de auto ria certa e duvidosa do nosso autor, em um total de 52 títulos, di vididos em obras exegéticas, dogmáticas, místicas e epístolas. O manuscrito mais antigo de que dispomos (Vaticano Regina 167), datado da metade do século XII, enumera 15 tratados de Hugo. Os manuscritos posteriores à primeira organização das obras, or denada pelo abade Gilduíno em 1152, dez anos depois da morte do mestre, já listam 54 títulos, número aproximado que se man tém até os nossos dias, quando os estudiosos fazem consistir as obras de Hugo em 48 títulos autênticos e oito duvidosos13.

Com centenas de manuscritos espalhados por 45 bibliotecas européias, as obras de Hugo foram objeto de várias edições, que são as de Paris em 1518 e 1526, de Veneza em 1588, de Magonza e Colônia em 1617, de Rouen em 1648, de Migne em 1854 e 1879, além de edições parciais de escritos específicos. Está em prepara ção uma nova edição de todas as obras de Hugo por iniciativa do Hugo-von-Sankt-Viktor Institut, em Frankfurt, na Alemanha.

Vários livros do vitorino foram traduzidos em língua france sa, flamenga, italiana, alemã, catalã, inglesa e, agora, também portuguesa. Entre as obras de Hugo mais recordadas e comenta das encontram-se: Didascálicon da arte de ler, Dos sacramen tos da fé cristã, Sobre a hierarquia celeste do Santo Dionísio, Sobre o Eclesiastes, Da união do espírito e do corpo, Dos três dias, Da essência do amor, Solilóquio sobre o penhor da alma, Em louvor do Amor, Da arca mística de Noé, Da arca moral de Noé. Hugo escreveu também um livro de geografia, recentemen te aceito como autêntico, o Descrição do mapa do mundo.

11. Robert de Torigny, De immutatione ordinis monachorum , PL 202, 1313. 12. Tomus 175, 176, 177. 13. Baseamos esta afirmação na bibliografia oferecida por Sicard, P., op. cit

Da arte de ler

0 Da arte de ler, escrito em 1127, precede quase todos os outros escritos de Hugo. É um livro de grande fortuna, sobretu do nos últimos decênios. Símbolo da efervescência de uma épo ca, o Da arte de ler é a obra mais famosa do vitorino em termos de racionalidade filosófica, ao lado do Dos sacramentos, que evidencia a face teológica do vitorino. As edições e traduções baseiam-se em bem 126 manuscritos, número que atesta o interes se pela obra durante sete séculos. A última tradução do Da arte de ler é a presente, para o português. A tradução para o alemão data de 199714. É de 1991 a tradução francesa15, que segue de perto a tradução italiana de 198716. Primeira entre todas, é a tra dução

para o inglês de 1961, reeditada em 199117. Todas estas traduções baseiam-se no texto crítico latino elaborado pelo ame ricano Buttimer em 193918.

Se, em geral, a figura de Hugo está sendo vistosamente revi-sitada nos últimos decênios enquanto propulsora de novos tem pos, o Da arte de ler em particular é objeto de estudos literários e filosóficos em várias universidades, como se deduz de um rápi do passeio pelos currículos universitários alocados na Internet. Esta obra, que já exercitou notável influência nos séculos suces sivos à sua aparição, está voltando a atrair as mentes.

O Da arte de ler é, entre outras coisas, um currículo medie val dos estudos. Dependendo do ângulo de análise, é visto como um livro ora filosófico, ora místico, ora ético, ora antropológico, ora pedagógico. Com certeza, o Da arte de ler incorpora o espí

14. Hugo von Sankt Viktor, Didascalicon de studio legendi, übersetzt und eingeleitet von Thilo Offergeld, Freiburg, Herder, 1997. 15. Hugues de Saint-Victor, L 'art delire Didascalicon. Introduction, traduction et notes par Michel Lemoine. Paris, Éditions du Cerf, 1991. 16. Ugo di San Vittore, Didascalicon, Idoni delia promessa divina, Uessenza delVamore, Discorso in Iode dei divino amore. Introduzione, traduzione e note di Vincenzo Liccaro, Milano, Rusconi, 1987. 17. The didascalicon ofHugh ofSt. Victor: a medieval guide to the arts, translated from the Latin with an introduction and notes by Jerome Taylor. New York, Columbia University Press, 1991. 18. Hugonis de Sancto Victore, Didascalicon De Studio Legendi, a criticai text by Brother Charles Henry Buttimer, M.A., Washington, The Catholic University Press, 1939.

rito das novas organizações religiosas da época, tendentes a re capturar o ascetismo da Igreja primitiva, combinado com o ser viço ao próximo e com as novas exigências da cidade medieval. O pensar e o agir em realimentação recíproca, ou melhor, o agir pensando, no rasto do ora et labora (trabalha rezando), consti tuem o método da obra.

O Da arte de ler é composto de seis livros, três dedicados ao conhecimento das coisas do homem pela leitura dos escritos lite rários e três dedicados ao conhecimento das coisas de Deus pela leitura da Sagrada Escritura. Também esta divisão equalitária entre a esfera da razão e a da revelação sinaliza a centralidade da união corpo-espírito, prática-teoria, temporal-eterno, manu-al-intelectual no pensamento de Hugo.

O Livro / resume as bases ontológico-gnoseológicas da filo sofia de Hugo: a alma do mundo e a alma individual, a abrangên cia e a divisão da filosofia, a razão, a essência das coisas, mundo sublunar e supralunar, semelhança do homem com Deus, o agir do homem e de Deus, a natureza.

O Livro II apresenta as artes: a teologia, a matemática com as artes do

quadrivio, a quadratura da alma e do corpo, a física, as ciências mecânicas em número de 7, a lógica com as artes do trívio.

O Livro III dá aos jovens conselhos sobre como ler e o que ler: quais foram os autores das artes, artes prioritárias na leitu ra, discernimento no estudo, meditação, memória, disciplina, humildade, silêncio, despojamento, exílio.

O Livro I V abre a série dedicada à leitura dos livros sagrados: número e ordem dos livros, seus autores e tradutores, seu cânon, autores do Novo Testamento, significado dos nomes dos livros sa grados, concílios, escritos autênticos e apócrifos, etimologia de certos nomes como código, volume, carta, pergaminho e outros.

No Livro V Hugo dá as regras exegéticas de interpretação na leitura dos livros sagrados: modo de ler, o tríplice método histórico-alegórico-tropológico no estudo das Escrituras, significa do das palavras e das coisas, as sete regras com as quais a Escri tura se exprime, os obstáculos ao estudo, o fruto da leitura divi na, como fazer da Escritura um meio para corrigir os costumes, os estágios do estudo e do entendimento para chegar à perfei ção, os três tipos de leitores da Escritura, entre os quais al guns procuram somente a ciência, outros, a maravilha, outros, enfim, a salvação.

O Livro VI dedica-se mais amplamente ao estudo dos três métodos de interpretação da Escritura e oferece outros conse lhos de leitura: interpretação histórica em sua ordem temporal {ordo temporis), interpretação alegórica segundo a ordem de conhecimento (ordo cognitionis), interpretação tropologica (mo ral) com atenção às coisas mais que às palavras, reflexões sobre os termos letra, significado, sentença e meditação.

O Apêndice dá um resumo aforístico sobre as três maneiras de existirem das coisas na mente divina, na natureza, na mente do homem.

Uma filosofia do trabalho em Da arte de ler. Um fio condutor entre a Idade Média e a Modernidade?

Grandes discussões foram travadas sobre a introdução das ciências mecânicas na filosofia por obra de Hugo. Qual o signifi cado de tal ato? Alguns acham que trata-se de algo apenas aleató rio. Outros afirmam que Hugo possuía um esboço de filosofia do trabalho humano. Demonstrei na minha tese de Doutorado em Fi losofia na Unicamp Trabalho e Razão no Didascálicon de Hugo de São Vítor os elementos de uma filosofia do trabalho em Hugo.

Hugo é notável por ter sido o primeiro, na história das idéias, a situar dentro da filosofia as ciências mecânicas 19, ou seja, a ação eficaz do trabalho humano sobre a natureza. A esta revalo rização do trabalho manual e do trabalho em geral

corresponde uma filosofia do mesmo. Qual? Pode a Idade Média contribuir para um dos temas mais decisivos do novo milênio, o do traba

19. Did. II, XX-XXVII. O Didascálicon não usa a expressão artes mecânicas, corrente nos comentaristas.

lho humano? A nível filosófico, certamente sim. Nos colóquios dos últimos quarenta anos, freqüentemente os medievalistas centraram suas pesquisas sobre o trabalho na Idade Média, tra-tando-o sob o aspecto histórico, social, jurídico e técnico20. Mas Hugo oferece a possibilidade de termos também um significado filosófico do trabalho humano.

O interesse pelo significado humano-subjetivo do trabalho, para além do seu significado tecnológico-mercadológico, veio no vamente à cena nos últimos anos, nos quais a anarquia financeira mundial, que ameaça o equilíbrio entre os povos, evidencia-se como criatura de um erro fundamental, que é a separação entre o trabalho e a propriedade do mesmo. No liberalismo, o trabalho é do trabalhador, mas a propriedade do mesmo pertence ao capita lista. A partir desta dissociação (alienação, perda) no trabalho, os produtos fabricados pelo trabalhador adquirem vida própria no mercado pelas mãos do capitalista e se tornam mercadorias feti-chizadas com poder anti-humano, fato que se desdobra em mistifi cações econômicas, políticas, sociais e culturais. Esta fetichização dos produtos do trabalho humano é ainda mais virulenta quan do as mercadorias, transformando-se em seu equivalente univer sal, que é o dinheiro, dão vida ao sistema financeiro, cujo proces so de centralização a nível mundial é apontado, hoje, como uma das maiores ameaças à convivência humana21.

A solução deste descolamento entre trabalho e propriedade do mesmo se dá pela devolução ao trabalhador da propriedade do seu trabalho. A esta necessidade responde o recente reaviva-mento dos estudos sobre o trabalho humano seja em ambientes marxistas, a partir dos Manuscritos econômico-filosóficos22 de Marx, como em ambientes católicos, a partir da encíclica papal

20. 0 trabalho na Idade Média foi tema de um Congresso da Universidade de Perugia em 1980, de um Colóquio Internacional em Lovaina em 1987, de outro Congresso Inter nacional em Montreal em 1967. 21. R. Kurz, O colapso da modernização, São Paulo, Paz e Terra, 1992.0 autor conclui pela urgência de restabelecer no mundo o primado do “trabalho vivo” (produção) sobre o “trabalho morto” (dinheiro). 22. K. Marx, Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844, em E. Fromm, Conceito marxista de homem, Rio de Janeiro, Zahar, 1970, p. 83-170.

Laborem Exercens23. Na verdade, foi Hegel o primeiro dos pen sadores modernos a refletir sobre o trabalho como autoforma-ção do homem e sobre a necessidade de o trabalho liberar-se da negatividade do sistema de trabalho dependente.

O conceito de reflexividade do trabalho sobre a pessoa do trabalhador é assumido hoje como o fulcro de todas as filosofias do trabalho: construindo objetos, o trabalho constrói a essên cia, o cérebro, do próprio trabalhador: diz-me como trabalhas e te direi quem és! Numa leitura atenta do Da arte de ler, pare ce-nos que o moderno conceito de reflexividade no trabalho está presente também no pensamento de Hugo.

Em Hugo o trabalho humano é uma imitação da natureza (imitatio naturae), que, por sua vez, é um simulacro do arquéti po divino. Numa lógica descendente-ascendente, consubstancia da na fórmula neoplatônica e agostiniana de saída-retorno (exi-tus-reditus), dizemos que as formas presentes na "forma do bem perfeito", que é a Mente divina (Sapientia), materializam-se nas formas da natureza, são apropriadas pela mente do homem e fi nalmente são transferidas para o objeto do trabalho humano. O trans-fúrmar pelo trabalho é um processo de transferir-formas. No final do processo, o objeto do trabalho é informado por uma forma originada na mente humana, na natureza e, final mente, na Mente divina. A mente do trabalhador, que imita as formas divinas presentes na natureza e as contempla no objeto produzido, resta informada (in-formatur) por uma estética divi na. Temos aqui a reflexividade de que falam os modernos. Isto constitui um fio condutor, que ligaria organicamente o pensa mento medieval ao pensamento moderno, interessado a impulsio nar o atual trabalho dependente para uma nova forma de traba lho livre e associado. É fascinante.

Certo, há uma distinção entre o esquema hugoniano-cristão e o esquema dos materialistas. O esquema de Hugo contém a di mensão transcendente, onde o ponto de partida é a Mente divi na, que se exterioriza na natureza, depois no homem, depois nas obras do homem, para retomar a si mesma na atividade mental-ma—

23. Carta encíclica de João Paulo II, Sobre o trabalho humano, São Paulo, Vozes, 1984.

nual do homem (filosofia), que é uma amizade com a Sapiência. Há um movimento circular entre quatro elementos: Mente divi-na-natureza-homem-trabalho-Mente divina.

Ao passo que o esquema materialista de Marx e epígonos se mantém nos limites imanentes da natureza material. 0 ponto de partida é a mente do homem, que, em sociabilidade com os ou tros, se exterioriza na natureza transformada pelo trabalho, rea-limentando, numa reciprocidade dialética teoria-práxis, uma nova representação de si, da natureza e dós^ôutros. Em Marx há um movimento triangular de relação recíjkoca entre três pólos: homem-natureza-trabalho-homem24.

Seja em Hugo seja em Marx o trabalho medeia a relação do homem com a natureza, constituindo-se em auto-realização do homem. Em Hugo, todavia, a

essência do homem é dada antes do trabalho, por obra da Mente divina, que é forma do homem. Pelo trabalho manual, condição corpórea do trabalho intelectual, esta essência é restaurada em continuação. No esquema materia lista, ao contrário, não há subjetividade anterior ao trabalho: o homem realiza a sua essência unicamente no trabalho, que é con dição única da gênese histórica, atividade essencial, vir-a-ser e, como se expressava também Hegel, autodesenvolvimento do ho mem. O homem, neste monismo materialista, é o único mediador do próprio homem. Expressão acabada desta atitude prometéica, que assume o concreto vivido como única fonte da teoria, é Han-nah Arendt, para quem o pensamento não jorra de alguma filoso fia ou metafísica da história, mas nasce do acontecimento da ex periência vivida e a partir desta inicia o seu exercício teórico25.

O otium (ócio) como atividade

O ato de ler é, em Hugo, um ócio {otium). Vale a pena refletir um instante sobre este termo, mostrando a sua conexão com o trabalho.

24. Cf. I. Mészáros, Marx: A teoria da alienação, Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p. 96. 25. Arendt, H., Condição humana , São Paulo, Edusp, 1981.

0 termo otium em latim significa: a) inação, repouso, tempo ivre (em oposição a negócio - negação do otium - trabalho, pressa), b) dedicação aos estudos e à expansão da consciência Humana (scribendi otium, disponibilidade para escrever, diz Cí- :ero em Ofícios 2, 4).

Em Da arte de ler, o termo otium existe no sentido de dedi cação ao saber, que vai da leitura à meditação e à contemplação. Hugo diz que o otium é a quietude exterior da vida para dedi car-se a estudos dignos e úteis: A quietude da vida é ou interior, para que a mente não se perca em desejos ilícitos, ou exterior, para que o tempo livre (otium) e a comodidade permitam estu dos honestos e úteis. Uma e outra pertencem à disciplina mo ral (III, 16). O vitorino destaca que o tempo livre (otium) dedica do aos estudos torna-se motivo de vergonha se não é conduzido com ordem e método: O método é tão importante, que sem ele qualquer tempo dedicado aos estudos (otium) é torpe e todo trabalho inútil (V, 5).

O otium é, em grego, skholé, que carrega o significado de pausa, parada, repouso, inocupação, indolência, tempo disponí vel, tempo livre e também colóquio científico, leitura, recitação. Deste último significado deriva a skholé como o lugar onde o mestre lê, dá lição, onde se discute, se pensa. O grego skholé flui para o latim schola, que significa pesquisa douta, disquisição, explanação de um objeto científico ou literário, lição e explica ção de obras eruditas. Metonimicamente, o term o schola vem designar também o lugar onde isto tudo

acontece, como tam bém a galeria onde os homens cultos se reúnem e onde as obras-de-arte são expostas, a sala de espera dos banhos públicos com suas longas conversas, as sedes das corporações, os lugares de reunião. Por fim, schola vem indicar o pensamento de um mestre seguido por discípulos em seitas e correntes.

Em breve, o otium, skholé em grego, schola em latim, em italiano scuola e em português escola, carrega consigo o signifi cado de atividade pensativa e artística do homem. A escola é um otium, ou seja, um clima espiritual e um estado do espírito, mui to diverso do suor e calor do dia representado pelo trabalho.

Oportunamente, algumas filosofias do trabalho afirmam que o trabalho perde o seu sentido se não é vivificado pelo otium, isto é, por uma reflexão filosófica sobre o próprio trabalho. 0 otium é uma dimensão da vida, que podemos chamar de vertical, heterogênea à dimensão horizontal do trabalho, mas comple mentar a ela. 0 otium é expansão da consciência humana pelos campos artísticos, religiosos, culturais, comunitários. O otium é a reflexão, a festa, o exercício da unidade moral que, ultrapas sando a particularidade dos interesses cotidianos por meio de uma visão unitária da existência, dá significado a todas as ações do homem. Enquanto heterogêneo com respeito ao trabalho, o otium não se opõe a ele. O otium pertence a outro tipo de ativi dade, em um nível superior com relação ao trabalho e à técnica. Há, complementariamente, uma atividade-trabalho e uma atividad e-otium. O trabalho subordina-se ao otium como meio para o fim, e o otium é a instância que reveste o trabalho de justifica ção e valor26.

A filosofia do Da arte de ler sobre o trabalho humano é um otium, que confere à atividade manual um sentido, uma finalida de, uma plenitude. A finalidade do otium é a de lançar uma luz intelectual sobre a concretude do agir humano.

O ler é o início do saber. A perfeição do saber está na ação e na contemplação

Ler, para Hugo, é um modo de viver, um afeto de amizade, um ato moral e social, um ócio reparador, restaurador e inspira dor. A leitura como sabor da Sapiência dá consolo a quem a pro cura, felicidade a quem a encontra, beatitude a quem a possui: a procura da Sapiência é o máximo conforto na vida. Quem a encontra é feliz, e quem a possui é beato (I, 1).

Mas a leitura é o começo da aprendizagem (principium doc trinae), cujo ato final, já sem regras e amarras físicas, é o vôo li

26. Cf. Bagolini, L., A filosofia do trabalho, São Paulo, LTr, 1996, p. 53s.

vre da contemplação. Entre a leitura e a contemplação existem outros degraus pelos quais o estudante deve passar, a fim de al cançar a perfeição. São estes os cinco degraus: 1) a leitura, 2) a meditação, 3) a oração, 4) a prática, 5) a

contemplação. Entre es tes cinco degraus, o primeiro degrau, a leitura, é dos principi antes, e o supremo, a contemplação, é dos perfeitos (V, 9).

A leitura informativa, portanto, deve ser seguida pela refle xão meditativa, na qual alcança-se o discernimento crítico. De pois vem a oração, na qual adquire-se a força e a clarividência para o agir (o agnóstico moderno mudaria o termo oração por consciência). Segue a prática, na qual a vontade firme exerci ta-se na execução de boas obras e na pesquisa dos melhores ca minhos a seguir na vida. Por último, vem a contemplação, na qual o agir é aprovado em sua validade cristalina. A meditação contemplativa, por sua vez, realimenta todos os degraus anterio res, dando-lhes sentido.

A contemplação orienta os passos da leitura, mas logo se li bera das regras da leitura, deleitando-se a correr pela campina aberta, fixando a agudeza do ato contemplativo sobre a verdade, em uma liberdade que Hugo assim descreve:

A contemplação… se deleita em vagar por campos aber

tos, onde possa fixar seu livre olhar na contemplação da

verdade, e cortejar ora estas ora aquelas causas das coi

sas, e ora penetrar em coisas profundas, e deixar nada

ambíguo, nada obscuro. O princípio do saber está na lei

tura, a perfeição do saber, na contemplação (III, 10).

A meditação contemplativa oferece, a quem a escolhe, uma vida jucunda e o máximo de consolo na tribulação, segregando a alma do barulho do dia e fazendo-a degustar nesta vida a doçura da paz que será total na vida além da morte. A contemplação en sina a procurar e a entender, através das coisas que foram cria das, aquele que as criou, instruindo o ânimo com a ciência e pre-enchendo-o de letícia. A contemplação faz compreender melhor a ética, os mandamentos e as obras de Deus, pois é obra de Deus tudo aquilo que a sua potência cria, sua Sapiência ordena, sua graça restaura. Leitura e moral

Leitura e moral são duas faces do ato de ler. A leitura tende para a ação: a leitura é própria do principiante, o agir ê dos perfeitos (V, 8). Mas o bom costume é também condição para uma boa leitura. E a mente que queira alcançar a tranqüilidade moral necessária ao conhecimento deve livrar-se dos desejos ilí citos, da tirania do supérfluo e até do apego ao lugar. É famoso, neste último sentido, um passo poético do Da arte de ler (III, 19):

É delicado aquele para o qual a pátria é doce;

e é já forte aquele para o qual qualquer terra é a pátria;

mas na verdade é perfeito aquele para o qual o mundo

inteiro é um exílio.

O primeiro fixou o seu amor ao mundo,

o segundo o espalhou,

o terceiro o extinguiu.

A ética é o pressuposto para o conhecimento do bem. É o que Hugo afirma ao descrever as três coisas necessárias ao estu dante: a) o talento natural para compreender e memorizar rapi damente os ensinamentos, b) o exercício para educar o talento, c) a disciplina moral, para harmonizar a conduta com o saber, pois conhecimento e ética iluminam-se reciprocamente.

Quem procura o conhecimento não pode negligenciar a dis ciplina moral, resumida nas atitudes de humildade, zelo em que rer, vida quieta, reflexão silenciosa, austeridade de vida, pois não é louvável a ciência maculada por uma vida impudica (III, 12). O preceito é o de compor o saber com a vida, para que, vivendo de modo louvável, o estudante harmonize a conduta com o sa ber (III, 6). E ainda: o olho do coração deve ser purificado pela prática da virtude, para que depois possa ser perspicaz na in vestigação teórica da verdade (VI, 14).

Amor, iluminação, doçura, ruminação

A procura do saber, como procura da Sapiência, é amor e devotamento zeloso (amor et studium). O ato de ler, como ins trum ento desta procura, é um momento de amor, iluminação e doçura. Em Da arte de ler, o verbo iluminar, os substantivos iluminação, doçura e mel, com os adjetivos iluminado e doce, ornamentam e aquecem a ação intelectual do homem.

A leitura dos divinos elóquios, ainda que aparentemente ári da em sua simplicidade lexical, proporciona uma doçura tal, que apropriadamente aqueles elóquios são comparados ao favo de mel, enquanto as leituras profanas muitas vezes não passam de parede de barro caiado (luteus paries dealbatus), pois sob uma mão de cor escondem a falsidade e a precariedade das coisas passageiras. A Escritura Sagrada é como uma selva, e a leitura permite colher seus frutos dulcissimos. Os estudos da juventude proporcionam na velhice “frutos dulcissimos”. Os velhos sábios cantaram, aproximando-se da morte, cantos de cisne mais doces que os habituais. Dizia Homero que da boca do velho Nestor flu íam palavras mais doces que o mel. E, citando os versos de Virgí lio, Hugo nos leva aos exilados e emigrantes, em relação aos quais diz que não sabe por qual

doçura todos são conduzidos a pensar na sua terra natal.

Os bens eternos são doces. Os escritos de Gregório ressoam docemente aos ouvidos e na alma. Citando os seus esforços no estudo, Hugo conta em pormenores aquilo que fazia desde me nino para aprender. Entre outras coisas, conta como aprendia a proporção dos sons ouvindo as cordas musicais presas numa madeira, e, enquanto os ouvidos se instruíam sobre os interva los dos sons, a sua alma enchia-se de doçura semelhante à do mel. E, entre tantas doçuras, não podiam faltar em seu livro menções aos doces de sobremesa preparados na cozinha.

Matéria e alma, corpo e espírito vivem em simbiose de gáu dio na atividade intelectual do homem. Os mistérios divinos re vestem-se, nas Escrituras, de letras humanas, da mesma forma que as cordas do violão fixam-se na madeira e o lenho torna o som das cordas mais doce, assim como o mel é mais doce no favo, tudo isso provocando a doçura do entendimento espiritual (spiritalis intelligentiae suavitatem).

Como se vê, o corpo humano é celebrado em Hugo de São Vítor seja em seu esforço material no trabalho como em sua ten são intelectual, pois o corpo é como o lenho do violino e o favo do mel, capaz de dar volume e esplendor à Forma divina, à Sapiência , presente no mundo.

O ato de ler, como todo trabalho intelectual, é seguido por um ato de ruminação, à semelhança das ruminações dos versícu los da Bíblia pela boca dos monges durante os trabalhos manuais, e à semelhança dos mantras ruminados pelos monges no alto do Tibet. Aquilo que os olhos, os ouvidos e a mente captam na leitu ra é ruminado pacientemente na meditação, da mesma forma que o boi, para alimentar-se, traz para o paladar aquilo que acu mulara no ventre: colhemos na leitura frutos dulcissimos e na reflexão os ruminamos (V, 5). E a contemplação, ato final do es tudo, faz pregustar a doçura da paz eterna.

"A Sapiência ilumina o homem" (Sapientia illuminat homi nem, I, 1). Iluminado, o homem realiza o gnóthi teautón, o "co nhece-te a ti mesmo". Assim clareado, o homem adquire o discer nimento para traduzir em boas obras aquilo que conheceu: a gra ça de Deus, que, indo à tua frente, te iluminou, seguindo-te diri ja os teus pés no caminho da paz (V, 9). A Sapiência, em suma, é o sol que ilumina o caminho do homem para a ceia celeste.

Esta claridade da iluminação reina também no quarto céu da Divina comédia, céu do sol, habitado pelos espíritos sábios. Chegando a este céu, Dante Alighieri recebe como guia São Boa-ventura, que, a certa altura, apontando ao poeta um grupinho de sábios, lhe diz:

"Hugo de São Vítor está aqui com eles"27.

Sobre o texto e a tradução

O texto latino apresentado é o da edição crítica de Ch. H. Buttimer, citado na Bibliografia e editado nos Estados Unidos em 1939 a partir da Patrologia Latina de Migne (1879), que

27. Dante, Paraíso XII, 133.

contém as obras de Hugo de São Vítor em três volumes (175, 176,177). A subdivisão dos seis Livros em pequenos capítulos é a mesma apresentada por Buttimer. Dos três Apêndices apostos à tradução, os primeiros dois (Apêndice A e B) aparecem no texto de Buttimer como os últimos dois capítulos do Livro VI, mas pre feri seguir o esquema das traduções inglesa, francesa e alemã. Freqüentemente, por razões didáticas, quebrei um longo pará grafo do original em parágrafos menores.

A tradução podia seguir dois caminhos: ou fazer uma tradu ção livre, ou tentar uma tradução literária. Optei por esta últi ma, seja porque percebi que não dificultaria sobremaneira a lei tura, seja porque o estilo de Hugo de São Vítor possui uma poe-ticidade própria e uma flexão ingenhosa da frase, belezas que seria um pecado trair.

DIDASCALICON

DA ARTE DE LER*

* Nesta edição bilíngüe, optamos por colocar o texto latino espelhado com o texto da tradução brasileira, ou seja, nas páginas pares encontra-se o texto latino e nas ímpares o respectivo texto traduzido. Quanto às notas de rodapé, uma ressalva importante: existem duas sequências de notas, uma para o texto latino e outra para o texto traduzido.

PRAEFATIO

Multi sunt quos ipsa adeo natura ingenio destitutos reliquit ut

ea etiam quae facilia sunt intellectu vix capere possint, et horum duo genera mihi esse videntur.

Nam sunt quidam, qui, licet suam hebetudinem non igno rent, eo tamen quo valent conamine ad scientiam anhelant, et in desinenter studio insistentes, quod minus habent effectu operis, obtinere merentur effectu voluntatis.

Ast alii, quoniam summa se comprehendere nequaquam posse sentiunt, minima etiam negligunt, et quasi in suo torpore securi quiescentes eo amplius in maximis lumen veritatis per dunt, quo minima quae intelligere possent discere fugiunt. Unde psalmista: “noluerunt, inquit, intelligere ut bene agerent”1. Lon ge enim aliud est nescire atque aliud nolle scire. Nescire siqui dem infirmitatis est, scientiam vero detestare, pravae voluntatis.

Est aliud hominum genus quos admodum natura ingenio di tavit et facilem ad veritatem veniendi aditum praestitit, quibus, etsi impar sit valitudo ingenii, non eadem tamen omnibus virtus aut voluntas est per exercitia et doctrinam naturalem sensum excolendi. Nam sunt plerique qui negotiis huius saeculi et curis super quam necesse sit impliciti aut vitiis et voluptatibus corpo ris dediti, talentum Dei terra obruunt, et ex eo nec fructum sapi entiae, nec usuram boni operis quaerunt, qui profecto valde de testabiles su n t

Rursus aliis rei familiares inopia et tenuis census discendi facultatem minuit. Quos tamen plene per hoc excusari minime posse credimus, cum plerosque fame siti nuditate laborantes ad scientiae fructum pertingere videamus. Et tamen aliud est

i . Sl 35,4.

PREFACIO

Há muitas pessoas que a própria natureza deixou tão desprovi das de capacidades, que têm dificuldade para entender até as coi sas fáceis, e destas pessoas parece-me haver dois tipos.

Há alguns que, mesmo não ignorando os seus próprios limi tes, buscam o saber com tal afinco e insistem tão obstinadamen te no estudo, que merecem obter, por obra da vontade, aquilo que não obteriam pela eficácia do estudo em si.

Mas há outros os quais, sentindo que nunca poderíam com preender as coisas altíssimas, desprezam também as coisas míni mas e, como que repousando em seu próprio torpor, tanto mais perdem a luz da verdade nas coisas sumas, quanto mais fogem das coisas mínimas que poderíam aprender. Por isso, o salmista diz: “Não quiseram entender, para não ter que agir retamente”. Não saber e não querer saber são de longe duas coisas bem di versas. Não saber é questão de incapacidade, mas detestar o sa ber é perversidade da vontade.

Há um outro tipo de indivíduos, todavia, que a natureza do tou de engenho, oferecendo-lhes um acesso fácil para chegar à verdade. Nestes, todavia, mesmo havendo uma alta capacidade de engenho, nem em todos há a mesma virtude e a mesma vonta de de educar a capacidade natural por meio de exercícios e de instrução. Com efeito, muitos destes, mergulhados mais do que o necessário nos afazeres e nas preocupações desta vida ou da dos aos vícios e áos prazeres do corpo, sepultam na terra o ta lento recebido por Deus e não almejam obter dele nem o fruto da sabedoria nem os juros das boas obras. Estes são realmente muito detestáveis.

Em outras pessoas, ainda, a pobreza do patrimônio familiar e os recursos escassos dificultam a possibilidade de aprender. Achamos, todavia, que estes não podem ser minimamente des culpados, uma vez que vemos muitos os quais, mesmo sofrendo de fome, sede e nudez, alcançam o fruto do saber. Uma coisa é cum non possis, aut u t verius dicam, facile non possis discere, at que aliud posse et nolle scire. Sicut enim gloriosius est, cum nul lae suppetant facultates, sola virtute sapientiam apprehendere, sic profecto turpius est vigere ingenio, divitiis affluere, et torpe re otio.

Duae praecipue res sunt quibus quisque ad scientiam ins truitur, videlicet lectio et meditatio, e quibus lectio priorem in doctrina obtinet locum, et de hac tractat liber iste dando prae cepta legendi.

Tria autem sunt praecepta magis lectioni necessaria: pri mum, ut sciat quisque quid legere debeat, secundum, quo ordine legere debeat, id est, quid prius, quid postea, tertium, quomodo legere debeat. De his tribus per singula agitur in hoc libro. Instruit autem tam saecularium quam divinarum scripturarum lectorem. Unde et in duas partes dividitur, quarum unaquaeque tres habet distinctiones. In prima parte docet lectorem artium, in secunda parte divinum lectorem. Docet

autem hoc modo os tendendo primum quid legendum sit, deinde quo ordine et quo modo legendum sit

Ut autem sciri possit quid legendum sit aut quid praecipue legendum sit, in prima parte primum numerat originem omnium artium deinde descriptionem et partitionem earum, id e s t quo modo unaquaeque contineat aliam, vel contineatur ab alia, se cans philosophiam a summo usque ad ultima membra. Deinde enumerat auctores artium et postea ostendit quae ex his videli cet artibus praecipue legendae sin t Deinde etiam quo ordine et quomodo legendae sin t aperit. Postremo legentibus vitae suae disciplinam praescribit, et sic finitur prima pars.

In secunda parte determinat quae scripturae divinae appel landae s in t deinde numerum et ordinem divinorum librorum et auctores eorum et interpretationes nominum. Postea agit de quibusdam proprietatibus divinae scripturae quae magis sunt necessariae. Deinde docet qualiter legere debeat sacram scriptu ram is qui in ea correctionem morum suorum et formam vivendi quaerit Ad ultimum docet illum qui propter amorem scientiae eam legit, et sic secunda quoque pars finem accipit

você não poder aprender, ou melhor, não poder com facilidade, outra coisa é poder e não querer aprender. Se é mais glorioso aprender a sabedoria somente por meio da virtude, sem dispor de possibilidade alguma, é certamente mais torpe possuir o en genho, abundar em riquezas, e entorpecer no ócio.

Existem principalmente duas coisas por meio das quais uma pessoa adquire conhecimentos, ou seja, a leitura e a meditação. Destas, a leitura detém o primeiro lugar na instrução, e dela se ocupa este livro, dando as regras do ler.

São três as regras mais necessárias para a leitura: primeiro, saber o que se deve ler; segundo, em que ordem se deve ler, ou seja, o que ler antes, o que depois; terceiro, como se deve ler. Neste livro se discorre sobre estas três regras, uma por uma. O li vro dá instruções seja sobre as leituras profanas seja sobre a lei tura dos textos sagrados. Por isso, ele se divide em duas partes, cada qual tendo três capítulos. Na primeira parte dá instruções ao leitor das artes, na segunda ao leitor dos livros divinos. O li vro procede de modo a mostrar primeiro o que deve ser lido, de pois em qual ordem e como se deve ler.

Para que se possa saber o que ler ou o que ler prioritaria mente, na primeira parte o livro primeiro enumera a origem de todas as artes e depois apresenta a descrição e a divisão delas, ou seja, como cada uma contenha a outra ou é contida por ou tra, dividindo a filosofia do vértice até os últimos elementos. Em seguida, o livro enumera os inventores das artes e em seguida mostra quais destas artes merecem ser lidas com prioridade. E explica também em qual ordem e como devem ser lidas. Por fim, o livro prescreve aos leitores uma disciplina de vida, e assim ter mina a primeira parte.

Na segunda parte, o livro determina quais Escrituras devem ser chamadas divinas, e apresenta o número e a ordem dos livros sagrados, assim como os seus autores e as explicações dos no mes. Depois, trata de algumas peculiaridades mais importantes da Sagrada Escritura. Em seguida, ensina como deve ler a Sa grada Escritura aquele que procura nela a correção dos seus costumes e uma forma de vida. Por último, o livro instrui a pes soa que lê tais Escrituras por amor do saber, e assim termina também a segunda parte.

LIBER PRIMUS

Caput I: De Origine artium

Omnium expetendorum prima est sapientia, in qua perfecti boni forma consistit

Sapientia illuminat hominem ut seipsum agnoscat, qui cete ris similis fuit cum se prae ceteris factum esse non intellexit

Immortalis quippe animus sapientia illustratus respicit prin cipium suum et quam sit indecorum agnoscit, ut extra se quid quam quaerat cui quod ipse est satis esse poterat Scriptum legitur in tripode Apollinis: “gnoti seauton”2, id est “cognosce te ipsum”, quia nimirum homo si non originis suae immemor esset omne quod mutabilitati obnoxium est, quam sit nihil, agnosceret.

Probata apud philosophos sententia animam ex cunctis na turae partibus asserit esse compactam. Et Timaeus Platonis ex dividua et individua mixtaque substantia, itemque eadem et di versa, et ex utroque commixta natura, quo universitas designa tur, entelechiam formavit.

2. Xenofonte, Memorabilia 4,2,24.

LIVRO I

CAPÍTULO 1: Da origem das artes

De todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a Sapiên cia, na qual reside a forma do bem perfeito1.

A Sapiência ilumina o homem para que conheça a si mes mo, ele que, quando não sabe que foi feito acima das outras coi sas, acaba achando-se semelhante a qualquer outra coisa2.

A mente imortal do homem, iluminada pela Sapiência, se volta para o seu princípio, e percebe quanto é inconveniente ao homem procurar coisas fora de si, uma vez que poderia ser-lhe suficiente aquilo que ele próprio é. Lê-se, escrito na tripode de Apoio: gnoti seauton, ou seja, "conhece-te a ti mesmo". De fato, o homem que não esqueceu a sua origem sabe que é nada tudo aquilo que é sujeito à mutabilidade3.

Uma convicção aceita entre os filósofos afirma que a alma é formada de todas as partes da natureza. E o Timeu de Platão diz que a enteléquia é formada de uma substância divisível, indivisível e uma mistura das duas, e de uma natureza idêntica e diversa e uma mistura das duas. E a tudo isso ele deu o nome de universo4.

1. Esta Sapiência, da qual Hugo fala, é a Mente Divina, na qual o mundo e o homem foram pensados como numa forma, num molde, num arquétipo. A Sapiência não é algo, é Alguém. É a Segunda Pessoa da Trindade, o Logos e Pensamento de Deus. E é a forma perfeita de Deus bom como, pela criação, a forma boa do mundo e do homem. Nesta tradução, o termo latino Sapientia será traduzido por Sapiência, em itálico, toda vez que Hugo de São Vítor se refere à Mente de Deus, o Verbo, ao Pensamento Divino. O termo sabedoria não traduziría tal significado de Sapientia (cf. IV, 8).

2. Esta "iluminação", por parte da Sapiência, é um conceito fundamental na filosofia cristã para explicar o conhecimento e o autoconhecimento. 3 . 0 autoconhecimento do homem se dá olhando dentro de si os traços da Sapiência, que é origem e princípio do homem. Não é fora de si, mas dentro de si que o homem se autoconhece. É mutável no homem a sua materialidade. É imutável, nele, a sua substância divina. 4. Em Platão o universo (enteléquia) é formado pela alma do mundo, elemento inteligível (o mesmo, indivisível) e pela matéria (o diverso, divisível). O Demiurgo, que é o Deus organizador do universo, não criador, empasta a matéria valendo-se das formas inteligíveis.

Ipsa namque “et initia et quae initia consequuntur”3 capit, quia et invisibiles per intelligentiam rerum causas comprehen dit, et visibiles actualium formas per sensuum passiones colligit, “sectaque in orbes geminos motum glomerat”45, quia sive per sensus ad sensibilia exeat sive per intelligentiam ad invisibilia ascendat, ad seipsam rerum similitudines trahens regyrat, et hoc est quod eadem mens, quae universorum capax est, ex omni substantia atque natura, quo similitudinis repraesentet figuram, coaptatur.

Pythagoricum namque dogma erat similia similibus compre hendi, ut scilicet anima rationalis nisi ex omnibus composita fo ret, nullatenus omnia comprehendere posset, secundum quod dicit quidam:

“Terram terreno comprehendimus, aethera flammis,

Humorem liquido, nostro spirabile flatu’*.

Nec tamen existimare debemus viros in omni rerum natura peritissimos hoc de simplici essentia sensisse, quod ulla se partium quantitate distenderet, sed, ut apertius mirabilem eius demons trarent potentiam, dicebant ex omnibus naturis constare, “non secundum compositionem sed secundum compositionis ratio nem”6.

Neque enim haec rerum omnium similitudo aliunde aut ex trinsecus animae advenire credenda est, sed ipsa potius eam in se et ex se nativa quadam potentia et propria virtute capit Nam sicut Varro in Periphysion dicit: “Non omnis varietas extrinse cus rebus accidit,

3. Calcidius, Timaeus a Caicidio translatus commentarioque instructus 52. 4. Boethius, Anicii Manlii Boethii Philosophiae Consolatio 3, m9. 5. Calcidius, op. cit, 51* 6. Calcidius, op. cit., 228.

A alma, com efeito, conhece os elementos e as coisas que deri vam dos elementos, pois pela inteligência compreende as causas in visíveis das coisas, e pelas impressões dos sentidos recolhe as for mas visíveis das coisas corporeas. “Dividida, ela reúne o seu movi mento em dois círculos”, pois, seja que pelos sentidos ela se volte para as coisas sensíveis, seja que pela inteligência ascenda às coisas invisíveis, ela circula trazendo para si as semelhanças das coisas. Isto quer dizer que esta mente, que é capaz de captar todas as coi sas, é formada de cada substância e natureza, para que possa re presentar em si a imagem das coisas semelhantes a ela5.

Era uma afirmação pitagórica a de que os semelhantes são compreendidos pelos semelhantes, de maneira que, se a alma racio nal não fosse composta de todas as coisas, de modo algum ela po dería compreender todas as coisas. Neste sentido, alguém disse:

"Compreendemos a terra através das coisas terrenas,

o fogo através daquilo que queima,

o molhado através do líquido,

aquilo que sopra através do nosso respiro".

De modo algum, todavia, devemos pensar que os homens versados na natureza de cada coisa achassem que uma essência simples possa consistir de uma quantidade de partes. Para me lhor evidenciar a potência da alma, eles esclareciam que ela era formada de todas as coisas "não segundo uma composição real, mas segundo uma composição virtual"6.

Nem devemos crer que esta semelhança com todas as coisas venha à alma de outro lugar ou de fora, pois ela mesma possui esta semelhança por si e de dentro de si em força de uma certa qual potência nativa e de sua própria capacidade. De fato, como diz Varro no Perifíseos: "nem todas as mudanças ocorrem às coi

—

5. Aqui Hugo estabelece um paralelo entre a alma do mundo platônica e a alma do homem na filosofia cristã. Esta alma conhece através do conhecimento sensível dos sentidos e do conhecimento inteligível da mente, em dois movimentos indicados como círculos circunscritos, cujo ponto de partida e chegada é a alma. Esta alma é um microcosmo, possuindo dentro de si "todas as coisas". De fato, as coisas e a alma têm, ambas, semelhanças com a Sapiência . Se B e C são semelhantes a A, B e C são semelhantes entre si. Por isso a alma é capaz de reconhecer e trazer para dentro de si, mediante o conhecimento, as semelhanças ou imagens de todas as coisas. Ela pode conhecer tudo. 6. A alma, sendo espiritual, é simples, não composta, não divisível como a matéria. A totalidade das coisas está dentro da alma virtualmente, não realmente.

u t necesse sit quidquid variatur, aut amittere aliquid quod habu it, aut aliquid aliud et diversum extrinsecus quod non habuit as sum ere". Videmus cum paries extrinsecus adveniente forma imaginis cuiuslibet similitudinem accipit. Cum vero impressor metallo figuram imprimit, ipsum quidem non extrinsecus, sed ex propria virtute et naturali habilitate aliud iam aliquid repraesen tare incipit. Sic nimirum mens, rerum omnium similitudine insig nita, omnia esse dicitur, atque ex omnibus compositionem susci pere, non integraliter, sed virtualiter atque potentialiter contine re, et haec est illa naturae nostrae dignitas quam omnes aeque na turaliter habent, sed non omnes aeque noverunt Animus enim, corporeis passionibus consopitus et per sensibiles formas extra semetipsum abductus, oblitus est quid fuerit e t quia nil aliud fuisse se meminit, nil praeter quod videtur esse credit

Reparamur autem per doctrinam, u t nostram agnoscamus naturam, et ut discamus extra non quaerere quod in nobis pos sumus invenire. "Summum igitur

in vita solamen”7 est studium sapientiae, quam qui invenit felix est, et qui possidet beatus. Caput II: Quod studium sapientiae philosophia sit

“Prim us omnium Py thagoras studium sapientiae philo sophiam nuncupavit”8, maluitque philosophos dici, nam antea sophos, id est, sapientes dicebantur.

7. Boethius, op. cit, 3,1,2. 8. Boethius, De institutione musica 2,2.

sas a partir do exterior, como se fosse necessário que uma coisa só mude quando perdeu algo que possuía ou receba de fora al guma outra coisa que não tinha”, como acontece, por exemplo, quando uma parede recebe a cópia de alguma imagem mediante uma forma que vem de fora. Mas, quando um impressor imprime uma figura no metal quente, este começa a representar uma ou tra coisa, não em virtude de algo que vem de fora, mas por sua própria força e capacidade natural. E assim se diz que a mente, cunhada com a semelhança de todas as coisas, é num certo sen tido todas as coisas e é composta de todas as coisas, não em sen tido efetivo, mas virtual e potencial7. E esta é a dignidade da nos sa natureza, que todos têm igualmente, mas nem todos conhe cem na mesma medida. O espírito, de fato, quando é adormecido sob o efeito das paixões corporais e arrastado para fora de si por obra das formas sensíveis, esquece o que ele foi, e, não lembran do de ter sido outra coisa, se acha como sendo apenas aquilo que ele parece ser8.

Somos reerguidos pelo estudo, para que conheçamos a nos sa natureza e aprendamos a não procurar fora de nós aquilo que podemos encontrar dentro de nós. A procura da Sapiência é, com efeito, “um grande conforto na vida”. Quem a encontra é fe liz, e quem a possui é beato.

CAPÍTULO 2: A filosofia é a procura da Sapiência

“Primeiro, entre todos, Pitágoras deu à procura da sabedo ria o nome de filosofia”, e ele preferiu ser chamado “filósofo”, enquanto antes se falava simplesmente de sóphoi, ou seja, sábios.

7. Hugo acaba de dizer que a alma humana e a sua faculdade intelectiva ou mente possui dentro de si, por sua própria natureza e substância, não vinda ou acrescida de fora, a semelhança com todas as coisas e com a Sapiência, fato que permite o conhecimento. No capítulo 7 Hugo dirá que o homem é “cognatus” da natureza divina, isto é, cummatus, com-nascido, cunhado. O conhecimento humano, no fundo, como é explicado no capítulo 2, é um movimento cognitivo inserido dentro do conhecimento maior que Deus tem de si mesmo! 8. A dignidade da natureza humana, constituída pela semelhança com a Sapiência, é cor rompida pela ação das paixões, que arrastam o espírito em direção às coisas, afastando-o da Sapiência. A seguir, Hugo afirma a finalidade da leitura e do estudo: pela leitura e pelo estudo, que levam ao conhecimento ou “doutrina”, o

homem reconstitui dentro de si a semelhança com a Sapiência, como dirá também no capítulo 8. Este tema da corrupção e restauração da natureza humana é um tema fundamental do livro. Pulchre quidem inquisitores veritatis non sapientes sed amato res sapientiae vocat, quia nimirum adeo latet omne verum, ut eius amore quantumlibet mens ardeat, quantumlibet ad eius in quisitionem assurgat, difficile tamen ipsam u t est veritatem com prehendere queat. Philosophiam autem "earum rerum, quae vere essent suique immutabilem substantiam sortiren tu r"9, disciplinam constituit.

"Est autem philosophia amor et studium et amicitia quo dammodo sapientiae, sapientiae vero non huius, quae in ferra mentis quibusdam, et in aliqua fabrili scientia notitiaque versa tur, sed illius sapientiae, quae nullius indigens, vivax mens et sola rerum primaeva ratio e s t Est autem hic amor sapientiae, intelligentis animi ab illa pura sapientia illuminatio, et quodam modo ad seipsam retractio atque advocatio, ut videatur sapienti ae studium divinitatis et purae mentis illius amicitia. Haec igitur sapientia cuncto animarum generi meritum suae divinitatis im ponit et ad propriam naturae vim puritatemque reducit. Hinc nascitur speculationum cogitationumque veritas, et sancta pu raque actuum castimonia"10.

"Quoniam vero humanis animis hoc excellentissimum bo num philosophiae comparatum est, ut viae filo quodam procedat oratio, ab ipsis animae efficientiis ordiendum est"11.

Caput III: De triplici vi animae et solum hominem ratione praeditum

"Triplex omnino animae vis in vegetandis corporibus depre henditur, quarum una quidem vitam solum corpori subminis trat, u t nascendo crescat, alendoque subsistat. Alia

9. Boethius, De institutione aritmética 1,1. 10. Boethius, In Isagogen Commenta pr. 1,3. 11. Boethius, In Isagogen Commenta sec . 1,1.

Com efeito, é bonito que ele chame os pesquisadores da verdade não sábios, mas amantes da sabedoria, pois a verdade total está tão escondida, que, por mais que a mente arda do seu amor, por mais que se empenhe na sua inquirição, é difícil chegar a enten der a verdade como ela realmente é. E assim ele definiu a filoso fia como a doutrina daquelas coisas que fossem verdadeiras e possuíssem uma substância imutável.

"A filosofia é, portanto, o amor, a procura, e uma certa ami zade para com a Sapiência, mas não aquela sabedoria que se ocu pa de tecnologias e de ciências produtivas, e sim aquela Sapiên cia que, não carecendo de nada, é mente viva e "única razão pri mordial das coisas". Este amor da Sapiência é uma iluminação do espírito inteligente por aquela pura Sapiência, e num certo sentido um retorno

e um chamamento para si por parte daquela Sapiência, de modo a póder-se concluir que a procura da Sapiên cia é uma amizade com a divindade e com a sua mente pura9. E esta Sapiência transfere para todo tipo de almas o primor de sua divindade e as traz de volta para a sua própria força e pureza na tural. Daqui nasce a verdade das especulações e dos pensamen tos, assim como a compostura santa e pura dos atos”10.

“Sendo que foi concedido aos espíritos humanos este bom ex celentíssimo da filosofia, esta nossa exposição, que segue um certo fio condutor, deve começar pelas próprias capacidades da alma”. CAPÍTULO 3:Da tríplice potência da alma e como somente o homem é dotado de razão

Em geral, pode ser detectada uma potência tríplice da alma em

sustentar os corpos. Uma confere ao corpo somente a vida, para

que, nascendo, cresça e, alimentando-se, continue a viver. A segun—

9. No ato de filosofar, a Mente divina ilumina a mente do homem, para que este se recoloque na sua dimensão divina originária. Num certo sentido, o ato humano de filosofar é um ato do homem, mas é também um ato de Deus. O homem olha para a Sapiência e recupera a sua semelhança com Ela, a Sapiência ilumina o homem e recupera a integrida de divina que tinha infundido nele, chamando-o para si. Deus ganha e o homem ganha. Por isso, a filosofia é um exereício de amizade entre a mente humana e a Sapiência. 10. Pela filosofia, a alma do homem recupera a sua pureza e força originária, pelas quais ficam garantidos os dois objetivos do filosofar: a verdade nos pensamentos e a ética nos atos. vero sentiendi iudicium praebet. Tertia vi mentis et ratione sub nixa est.

Quarum quidem primae id officium est, ut creandis, nutrien dis alendisque corporibus praesto sit, nullum vero praestet rati onis sensusve iudicium. Haec autem est herbarum atque arbo rum, et quidquid terrae radicitus affixum tenetur.

Secunda vero composita atque coniuncta est, ac primam sibi sumens, et in partem constituens varium de quibus potest capere, ac multiforme iudicium capit Omne enim animal, quod sensu viget, idem et nascitur, et nutritur, et alitur. Sensus vero diversi sunt, et usque ad quinarium numerum crescunt ita quid quid tantum alitur, non etiam sentit, quidquid vero sentire po test, etiam alitur, ei prima quoque vis animae, nascendi scilicet atque nutriendi, probatur esse subiecta. Quibus vero sensus adest, non tantum eas rerum capiunt formas quibus sensibili corpore feriuntur praesente, sed abscedente quoque sensu sen-sibilibusque sepositis, cognitarum sensu formarum imagines te nent, memoriamque conficiunt, et prout quodque animal valet, longius breviusque custodit. Sed eas imaginationes confusas at que inevidentes sumunt, ut nihil ex earum coniunctione ac com positione efficere possint, atque idcirco meminisse quidem nec aeque omnia,

amissam vero oblivionem recolligere ac revocare non possunt. Futuri vero his nulla cognitio est.

Sed vis animae tertia, quae secum priores alendi ac sentien di trahit, hisque velut famulis atque obedientibus utitur, eadem tota in ratione est constituta, eaque vel in rerum praesentium firmissima conclusione, vel in absentium intelligentia, vel in ig notarum inquisitione versatur. Haec tantum humano generi praes to est, quae non solum sensus imaginationesque perfectas et non inconditas capit, sed etiam pleno actu intelligentiae, quod imaginatio suggessit, explicat atque confirmat. Itaque, ut dic tum est, huic divinae naturae

da oferece a capacidade de discernimento mediante a percepção sensível. A terceira é dotada da força da mente e da razão11.

A função da primeira potência é a de servir à criação, nutri ção e crescimento dos corpos, sem nenhum discernimento da ra zão e dos sentidos. Esta força é a das ervas, das árvores, e de tudo aquilo que está afixado na terra pela raiz.

A segunda potência da alma, porém, é composta e agrupa da, e, assumindo a primeira potência como parte de si, alcança um discernimento vário e multiforme sobre aquilo que conse gue captar. Todo animal dotado de sentidos também nasce, é ali mentado e cresce. Os sentidos são vários e chegam ao número de cinco, de modo que, se de um lado um ser que somente se ali menta não tem sensações, do outro lado um ser dotado de sen sações também se alimenta, e isso demonstra que a primeira po tência da alma, a de fazer nascer e nutrir, está sujeita à segunda. Os seres dotados de sentidos não captam somente aquelas for mas que são percebidas na presença de um corpo sensível, mas, depois que termina a sensação e os objetos desaparecem, con servam as imagens das formas conhecidas na sensação, desen volvem a memória delas e, segundo as capacidades de cada ani mal, mantêm-na por um tempo mais longo ou mais breve. Toda via, eles percebem estas imaginações de modo confuso e não evi dente, e conseqüentemente não conseguem fazer nada através da conjunção e composição de tais imaginações, nem lembram de tudo, nem conseguem retomar e chamar de volta aquilo que foi esquecido. Do futuro eles não têm conhecimento algum.

Mas a terceira potência da alma, que traz consigo as duas anteriores, a da nutrição e a da sensação, e destas se serve como de servos obedientes, consiste toda na razão, e se ocupa ou da de dução a partir das coisas presentes ou do conhecimento das coi sas ausentes ou da pesquisa das coisas desconhecidas. Esta tercei ra potência está dada somente ao gênero humano, e ela capta não somente sensações e imaginações perfeitas e fundamenta das, mas também explica e confirma com pleno ato da inteligên cia aquilo que a imaginação sugeriu. Para esta natureza divina,

11. A alma humana se mostra em três modos: o vegetativo, o sensitivo, o

racional.

non ea tantum in cognitione sufficiunt, quae subiecta sensibus comprehendit, verum etiam ex sensibilibus imaginatione concep ta, et absentibus rebus nomina indere potest, et quod intelligentiae ratione comprehendit, vocabulorum quoque positionibus ape rit. Illud quoque ei naturae proprium est, ut per ea quae sibi nota sunt, ignota vestiget, et non solum unumquodque an sit, sed quid sit etiam, et quale sit, nec non et cur sit, oportet agnoscere.

Quam triplicem animae vim sola, ut dictum est, hominum natura sortita est, cuius animae vis intelligentiae motibus non caret, qua in his quattuor proprie vim rationis exercet. Aut enim aliquid an sit inquirit, aut si esse constiterit, quid sit addubitat. Quod, si etiam utriusque scientiam ratione possidet, quale sit unumquodque vestigat, atque in eo cetera accidentium momen ta perquirit Quibus cognitis, cur ita sit quaerit et ratione nihilo minus vestigat.

Cum igitur hic actus sit humani animi, utsem per in praesen tium comprehensione, aut in absentium intelligentia, aut in ig notarum inquisitione atque inventione versetur, duo sunt in qui bus omnem operam vis animae ratiocinantis im pendit unum quidem ut rerum naturas inquisitionis ratione cognoscat alte rum vero, ut ad scientiam prius veniat, quod post gravitas mora lis exerceat”12.

Caput IV; Quae res ad philosophiam pertineant

Sed ut video, “inextricabilem” iam ipso loquendi ordine “labyrinthum incidimus”13, ubi nobis non perplexus sermo, sed res obscura difficultatem pariat. Quia enim de studio sapientiae loqui suscepimus, idque solis hominibus quodam naturae privi legio competere attestati sumus, consequenter nunc omnium humanorum actuum moderatricem quandam sapientiam posu isse videmur. Si enim brutorum animalium natura, quae nullo regitur rationis iudicio, motus suos

12. Ibtd., 1,1-2. 13. De Boethius, Philosophiae Cons. 3,12,30.

não é suficiente apenas conhecer as coisas sujeitas aos sentidos, mas também, concebida uma representação mental a partir das coisas sensíveis, ela pode dar o nome às coisas ausentes e expli car com aposições de vocábulos aquilo que ela compreende com a razão da inteligência. É próprio da natureza dela investigar as coisas desconhecidas a partir das coisas conhecidas, e isto exige conhecer de qualquer coisa não somente se é, mas também o que é, como é, e porque é.

Somente a natureza humana, como dissemos, recebeu esta tríplice potência da alma. E esta força da alma não carece dos movimentos da inteligência, pois exerce a força da razão exata mente em quatro funções. Ou pesquisa se uma

coisa existe ou, se a sua existência foi constatada, pergunta o que ela é. E, se pela razão já possui o conhecimento destas duas coisas, investi ga o que cada coisa é, e nisso inquire também os vários influxos dos acidentes. Conhecido tudo isso, ela pergunta por que a coisa é assim, e imediatamente investiga isto com a razão.

Sendo que a atividade do espírito humano consiste ou na compreensão contínua das coisas presentes, ou na inteligência das ausentes ou na pesquisa e descoberta das coisas desconheci das, duas são as coisas às quais a força da alma pensante dedica todo o esforço: uma em conhecer as naturezas das coisas medi ante o método da indagação, a outra em primeiro conhecer aqui lo que depois a seriedade moral deve realizar.

CAPÍTULO 4. Quais coisas pertençam à filosofia

Mas me apercebo que, falando destas coisas, caímos num "labirinto inextricável", onde a dificuldade é causada não pelo discurso obscuro, mas pela obscuridade da matéria em discus são. Uma vez que começamos a falar da procura da Sapiência, e dissemos que isto compete somente aos homens por um certo privilégio da natureza, conseqüentemente agora parece que te mos colocado uma certa Sapiência como guia de todos os atos humanos. Se, com efeito, a natureza dos animais brutos, que não é regida por nenhum juízo da razão, distende seus movimentos secundum solas sensuum passiones diffundit, et in appetendo seu fugiendo aliquid non intelligentiae utitur discretione, sed caeco quodam carnis affectu impellitur, restat u t rationalis ani mae actus caeca cupiditas non rapiat, sed moderatrix semper sa pientia praecedat. Quod si verum esse constiterit, iam non so lum ea studia in quibus vel de rerum natura vel disciplina agitur morum, verum etiam omnium humanorum actuum seu studio rum rationes, non incongrue ad philosophiam pertinere dice mus. Secundum quam acceptionem sic philosophiam definire possumus: Philosophia est disciplina omnium rerum humana rum atque divinarum rationes plene investigans.

Nec movere debet quod supra diximus philosophiam esse amorem et studium sapientiae, non huius quae instrumentis ex plicatur ut est architectura, agricultura, *et cetera* huiusmodi, sed eius sapientiae "quae sola rerum primaeva ratio est"14. Po test namque idem actus et ad philosophiam pertinere secundum rationem suam, et ab ea excludi secundum administrationem, verbi gratia, ut de praesenti loquamur: agriculturae ratio philo sophi est, administratio rustici. Praeterea, opera artificum, etsi natura non sint, imitantur tamen naturam, et sui exemplaris for mam, quae natura est, qua imitantur, ratione exprimunt.

Vides iam qua ratione cogimur philosophiam in omnes ac tus hominum diffundere, ut iam necesse sit

14. Boethius, In Isagogen 1,3.

apenas segundo as sensações dos sentidos e não se utiliza de ne nhum discernimento da razão na hora de desejar ou fugir de algo, movida como é por uma certa qual propensão cega da car ne, deduz-se que os atos da alma racional não devam ser arrasta dos pela voracidade cega, mas sejam sempre precedidos por uma Sapiência moderadora. E se isto for verdade, afirmamos que propriamente pertencem à filosofia não somente aqueles estu dos nos quais se discute ou a natureza das coisas ou a disciplina dos costumes, mas também as razões de todos os atos e esforços humanos. De acordo com este conceito, podemos definir a filo sofia assim: a filosofia é a disciplina que investiga exaustivamen te as razões de todas as coisas hum anas e divinas.

Não devemos ficar surpresos pelo fato de termos dito anteri ormente que a filosofia é o amor e a procura da Sapiência, não daquela que é exercida na tecnologia, como é a arquitetura, a agricultura e coisas parecidas, mas daquela Sapiência "que é a única razão primordial das coisas". O mesmo ato, com efeito, pode pertencer à filosofia em seus princípios teóricos, mas pode ser excluído dela em sua realização prática; por exemplo, para fi car no mesmo dado, a teoria racional da agricultura é coisa do fi lósofo, sua execução é coisa do camponês. Além disso, os traba lhos dos artífices, mesmo não sendo a natureza, todavia imitam a natureza, e expressam pela razão a forma do seu modelo, que é a natureza, através da qual imitam[12].

Você já pode ver por qual motivo somos obrigados a alargar a filosofia para todos os atos dos homens, de modo que já é ne—

12. Todos os atos humanos podem ser colhidos em duas dimensões: pensados e executados. Enquanto pensados, tem a ver com a filosofia, enquanto executados, pertencem à tecnologia. O artífice ou trabalhador, por exemplo, executa obras, e isto não pertence à filosofia; mas, enquanto pensa suas obras, ele conecta-se aos modelos vindos da natureza, imitando-os. Ora, a "natureza", como é explicado no capítulo 6, é o mundo divino supralunar, lugar das essências imortais criadas por Deus, sendo que a terra sublunar é "obra da natureza", criada e mortal. Imitando a natureza, o artífice está olhando para as essências divinas supralunares. Este ato é filosófico. Por esta razão, pela primeira vez na história, Hugo considera o trabalho humano como parte da filosofia, pois o trabalho possui uma dimensão filosófica quando é executado com os olhos voltados para os modelos divinos das obras humanas. O trabalho humano tem a ver com o Artífice da natureza, com a "razão única e primordial das coisas". Hoje temos outra visão do mundo supralunar; todavia, continua válido o conceito de que todo ato humano e toda obra produtiva podem ser pensados, também hoje, como tendo seu modelo na Mente Divina ou no Espírito do universo.

tot esse philosophiae partes quot sunt rerum diversitates, ad quas ipsam pertinere constiterit. Caput V: De ortu theoricae, practicae, mechanicae

Omnium autem humanarum actionum seu studiorum, quae sapientia moderatur, finis et intentio ad hoc spectare debet, u t vel naturae nostrae reparetur integritas vel defectuum, quibus praesens subiacet vita, tem peretur necessitas. Dicam apertius quod dixi.

Duo sunt in homine, bonum et malum, natura et vitium. Bo num quia natura est, quia corruptum est, quia minus est, exerci tio reparandum est. Malum quia vitium est, quia corruptio est, quia natura non est, excludendum est, Quod si funditus extermi nari non potest, saltem adhibito remedio temperandum e s t Hoc est omnino quod agendum est, u t natura reparetur et excludatur vitium.

Integritas vero naturae humanae duobus perficitur, scientia et virtute, quae nobis cum supernis et divinis substantiis simili tudo sola est. Nam homo, cum simplex natura non s it sed gemi na compactus substantia, secundum unam partem suam quae potior est, et, ut apertius id quod oportet dicam, quae ipse est, immortalis est. Secundum alteram vero partem quae caduca est, quae sola his, qui nisi sensibus fidem praestare nesciunt, cogni ta est, mortalitati et mutabilitati obnoxius est, ubi toties mori necesse est, quoties amittere id quod est. Et haec est ultima pars rerum, quae principium et finem habet.

Caput VI: De tribus rerum maneriis

Sunt namque in rebus cilia quae nec principium habent nec finem, et haec aeterna nominantur, alia quae principium idem habent,

cessário haver tantas partes da filosofia, quantas são as diversidades das coisas, às quais, como ficou claro, ela se refere.

CAPÍTULO 5: Da origem da teórica, da prática, da mecânica

A finalidade e a intenção de todas as ações e esforços huma nos, que são guiados pela Sapiência, devem mirar ou a restabe lecer a integridade da nossa natureza ou a mitigar a fatalidade das privações, às quais a vida presente está suj eita. Explicarei mais claramente o que acabo de dizer.

Duas coisas existem no homem, o bem e o mal, a natureza original e a sua depravação. O bem, sendo que é a natureza ori ginária, visto que se depravou, visto que ficou diminuto, deve ser restabelecido através do empenho pessoal. O mal, dado que é depravação, dado que é corrupção, sendo que não é a natureza originária, deve ser extirpado. E se não pode ser extirpado pela raiz, pelo menos deve ser reprimido com a aplicação de um re médio. Isto é exatamente aquilo que deve ser feito para que a na tureza seja recuperada e o vício eliminado.

A integridade da natureza humana, por sinal, se realiza de duas maneiras, pelo conhecimento e pela virtude, e esta é a úni ca semelhança que temos com as substâncias superiores e divi nas. De fato o homem, dado que não é uma natureza simples mas é composto de duas substâncias, é imortal no que diz respeito a uma parte dele, que é a mais importante e que, é necessário dizê-lo mais explicitamente, é ele mesmo. No que diz respeito à outra parte, que é passageira, que é a única conhecida por aque les que não sabem acreditar senão nos sentidos, o homem é sujei to à mortalidade e à mutabilidade, razão pela qual é necessário morrer todas as vezes que se perde aquilo que ele é. E esta é a úl tima das coisas, aquela que tem um princípio e um fim. CAPÍTULO 6: Dos três tipos de coisas

Entre as várias coisas há aquelas que não têm nem início nem fim, e estas são chamadas eternas, outras que têm um início, mas

sed nullo fine clauduntur, et dicuntur perpetua, alia quae et ini tium habent et finem, et haec sunt temporalia.

In primo ordine id constituimus cui non est aliud esse, et id quod est id est, cuius causa et effectus diversa non sunt, quod non aliunde sed a semetipso subsistere habet, ut est solus natu rae genitor et artifex.

Illud vero cui aliud est esse, et id quod est, id est quod aliun de ad esse venit, et ex causa praecedente in actum profluxit, ut esse inciperet, natura est, quae mundum continet omnem; idque in gemina secatur: est quiddam quod a causis suis primordiali bus, ut esse incipiat, nullo movente, ad actum prodit solo divinae voluntatis arbitrio, ibique immutabile omnis finis atque vicissi tudinis expers consistit (eiusmodi sunt rerum substantiae quas Graeci ousias dicunt); et cuncta superlunaris mundi corpora, quae etiam ideo quod non mutentur, divina appellata sunt.

Tertia pars rerum est quae principium et finem habent, et per se ad esse non veniunt, sed sunt opera naturae, quae oriun tur super terram sub lunari globo, movente igne artifice, qui vi quadam descendit in res sensibiles procreandas.

De illis ergo dictum est: “Nihil in mundo moritur”, eo quod nulla essentia pereat Non enim essentiae rerum transeunt, sed formae.

não são limitadas por nenhum fim, e são ditas perpétuas, e ou tras que têm início e fim, e estas são as temporais.

Na primeira ordem situamos aquilo no qual não há diferen ça entre o “ser” e “aquilo que é”, no qual a causa e o efeito não são duas coisas distintas, o qual possui o existir não em virtude de algo de fora, mas em virtude de si mesmo, como é o único pai e artífice da natureza13.

Na segunda ordem está aquilo no qual o “ser” e “aquilo que é” são distintos, ou seja, aquilo que vem a existir em virtude de algo de fora e veio à realidade por ação de uma causa anterior para que iniciasse a existir, e isto é a natureza, que circunda o mundo inteiro. Ela se divide em duas partes: uma parte é aquilo que começa a existir em virtude de suas causas originárias e, sem o concurso de outra coisa, passa para a existência atual uni camente por decisão da vontade divina, e a partir daí continua imutável e livre de qualquer fim ou mudança (deste tipo são as essências das coisas que os gregos chamam ousiai); a outra par te são todos os corpos do mundo supralunar, os quais, pelo fato que não mudam, foram também chamados.divinos.

A terceira categoria das coisas são aquelas que têm um iní cio e um fim, e não vêm. à existência por si mesmas, mas são obras da natureza, as quais nascem sobre a terra debaixo do globo lunar, sob o impulso do fogo artífice, que desce com uma certa qual força para produzir as coisas sensíveis14.

Sobre a segunda categoria de coisas foi dito: “nada no mun do morre”, e isto pelo fato que nenhuma essência perece. De fato, não são as essências das coisas que passam, mas as suas formas.

13. 0 “ser” é o existir de uma coisa e “aquilo que é” é a essência desta coisa, aquilo que uma coisa é. Em Deus, o existir e a essência são simultaneamente eternos. Nos outros seres, a essência deles está na Mente Divina, mas a existência depende de um ato de criação, podendo vir a existir ou não. Em Deus, portanto, o existir (“ser) e a essência (“aquilo que é ”) são idênticos, nos outros seres são distintos. 14. Como se vê, o termo “natureza” indica somente o mundo supralunar, no qual existem os espíritos ou essências, criadas diretamente por Deus, e os corpos supralunares, chamados divinos. O mundo sublunar, composto pelos quatro elementos ar, fogo, água, terra, chama-se “obra da natureza”, isto é, veio à existência por obra do fogo artífice do mundo supralunar. O mundo supralunar tem princípio, porque foi criado, mas não tem fim, porque as essências são imortais. O mundo sublunar tem princípio e fim.

Cum vero forma transire dicitur, non sic intelligendum est, u t ali qua res existens perire omnino et esse suum amittere credatur, sed variari potius, vel sic fortassis ut quae iuncta fuerant, ab in vicem separentur, vel quae separata erant, coniungantur, vel quae hic erant, illuc transeant, vel quae nunc erant, tunc subsis tant, in quibus omnibus esse rerum nihil detrimenti patitur.

De his dictum est: “Omnia orta occidunt, et aucta senes cunt”15, eo quod cuncta naturae opera, sicut principium habent, ita etiam finis aliena non s u n t De illis dictum est: “De nihilo ni hil, in nihilum nil posse reverti”16, eo quod omnis natura et pri mordialem habet causam et subsistentiam perpetuam.

De his dictum est: “Et redit ad nihilum, quod fuit ante nihil”, eo quod omne opus naturae sicut temporaliter ex occulta causa in actum profluit, ita eodem actu

temporaliter destructo, eo unde venerat reversurum sit.

Caput VII: De mundo superlunari et sublunari

Hinc est quod mathematici mundum in duas partes divise runt: in eam videlicet partem quae est a circulo lunae sursum, et in eam quae deorsum e s t Et superlunarem mundum, eo quod ibi omnia primordiali lege consistant, naturam appellabant, su-blunarem, opus naturae, id est superioris, quia omnium genera animantium, quae in eo vitalis spiritus infusione vegetantur, a superioribus per invisibiles meatus infusum nutrimentum acci piunt, non solum u t nascendo crescant, sed etiam u t alendo sub sistant. Eundem etiam superiorem mundum tempus vocabant, propter cursum et motum siderum quae in eo sunt, inferiorem, temporalem, quia secundum motus superiores agitur. Item su perlunarem, propter perpetuam lucis et quietis tranquillitatem, ely sium,

15. Sallustius, De bello iugurtino 2,3. 16. Persius, Saturae 3,84.

E quando se diz que uma forma desaparece, não se quer dizer que uma coisa desapareça simplesmente e perca o seu ser, mas antes que ela muda, ou porque elementos que estavam juntos se separam uns dos outros ou porque coisas que estavam separa das agora são juntadas, ou porque as que estavam aqui passam para lá, ou, ainda, porque coisas que eram neste momento come çam a existir em outro, e em todas elas o ser das coisas não sofre perda alguma.

Sobre esta segunda categoria das coisas foi também dito: “Nenhuma coisa vem do nada, e nenhuma coisa pode tornar-se simplesmente nada”, pois a inteira natureza possui seja uma cau sa originária como uma subsistência perpétua.

Sobre as coisas da terceira categoria, porém, foi dito: “E vol tou para o nada aquilo que antes era nada”. Com efeito, cada obra da natureza, assim como veio à existência temporariamen te em virtude de uma causa oculta, do mesmo modo, removido temporariamente o ato de existir, deverá voltar para o lugar de onde viera.

CAPÍTULO 7: Do mundo supralunar e sublutiar

Em razão dessas diferenças os matemáticos dividiram o mundo em duas partes: uma que fica acima da órbita da lua, e outra que fica debaixo dela. E chamaram de “natureza” o mun do supralunar, porque lá todas as coisas subsistem em virtude de uma lei primordial, e chamaram o mundo sublunar de “obra da natureza”, isto é, obra da parte superior, porque todo o gênero dos viventes, que no mundo sublunar são fortificados pela infusão de um espírito vital, recebem das essências superiores o alimento infuso através de percursos

invisíveis, para que não somente nas çam e cresçam, mas também se alimentem e evoluam. E também apelidaram aquele mundo superior de “tempo”, por causa do curso e do movimento das estrelas quélá se encontram, e chamaram o mundo inferior de “temporal”, porque se move segundo os movimentos do mundo superior. Igualmente, nomeavam o mundo supralunar de “elísio”, em virtude da perpétua tranqüilidade de luz e paz,

hunc autem propter inconstantiam et confusionem rerum fluc tuantium, infernum nuncupabant

Haec paulo latius prosecuti sumus u t ostendamus homi nem, qua in parte mutabilitatis particeps est, in ea quoque ne cessitati esse obnoxium, in ea vero, qua immortalis est, divinitati esse cognatum. Ex quo colligi potest id quod supra dictum est, quod videlicet omnium humanarum actionum ad hunc finem concurrit intentio, ut vel divinae imaginis similitudo in nobis res tauretur, vel huius vitae necessitudini consulatur, quae quo faci lius laedi potest adversis, eo magis foveri et conservari indiget

Caput VIII: In quo homo similis sit Deo

Duo vero sunt quae divinam in homine similitudinem repa rant, id e st speculatio veritatis et virtutis exercitium. Quia in hoc homo Deo similis e s t quod sapiens et iustus est, sed iste mu tabiliter, ille immutabiliter et sapiens et iustus e s t

Illarum vero actionum quae huius vitae necessitati deservi unt, trimodum genus est, primum, quod naturae nutrimentum administrat, secundum, quod contra molesta, quae extrinsecus accidere possunt, munit, tertium, quod contra iam illata praes tat remedium.

Cum igitur ad reparandam naturam nostram intendimus, di vina actio est, cum vero illi quod infirmum in nobis est necessa ria providemus, humana. Omnis igitur actio vel divina est vel hu mana. Possumus autem non incongrue illam, eo quod de superi oribus habeatur, intelligentiam appellare, hanc vero,

e nomearam o mundo inferior de “inferno”, devido à inconstân cia e à confusão das coisas que mudam15.

Nos detivemos um pouco mais sobre estas coisas para mos trar que o homem, na parte que é partícipe da mutabilidade, nes ta é também sujeito à necessidade, mas ele, em sua parte imor tal, é afim à divindade. Disto pode-se deduzir o que dissemos aci ma, isto é, que a finalidade de todas as ações humanas é direcio nada para dois fins: 1) ou para que em nós seja reparada a ima gem divina, 2) ou para que se proveja às necessidades desta vida, a qual, quanto mais pode ser danificada pelas adversidades, tan to mais precisa ser nutrida e conservada.

CAPÍTULO 8: Em que o homem é semelhante a Deus

Duas são as coisas que recuperam no homem a semelhança divina, e são elas: 1) a especulação da verdade e 2) o exercício da virtude. Pois o homem é semelhante a Deus quando é sábio e justo, ainda que o homem seja sábio e justo de maneira mutável, Deus de maneira imutável.

Quanto às ações que provêm às necessidades desta vida, há três tipos: o primeiro administra o alimento à natureza, o segun do fortalece contra as moléstias que podem vir de fora, o tercei ro oferece remédio contra as moléstias já sofridas.

Quando, portanto, nos dedicamos a reparar a nossa natu reza (divina), esta é uma ação divina, mas quando providencia mos as coisas necessárias àquela parte de nós que é fraca, esta é uma ação humana. Toda ação, portanto, é ou divina ou humana. Podemos apropriadamente chamar aquela de “inteligência”, pelo fato de que se ocupa das coisas superiores, e esta de “ciência”, 15. Era teoria antiga e medieval que entre o mundo supralunar e o sublunar havia fluidos que alimentavam este último. O homem, como se diz a seguir, é composto de dois elementos: pelo elemento pertencente ao mundo supralunar, o homem é imortal, pelo elemento pertencente ao mundo sublunar, ele é mortal. Todo este livro de Hugo, ao falar das artes, indica quais delas estão ordenadas ao elemento mortal do homem (cuidar das necessidades da vida) e quais ao elemento imortal (reparar em nós a imagem divina). quia de inferioribus habetur, et quasi quodam consilio indiget, scientiam vocare.

Si igitur sapientia, ut supra dictum est, cunctas quae ratio ne fiunt moderatur actiones, consequens est iam ut sapientiam has duas partes continere, id est, intelligentiam et scientiam, di camus.

Rursus intelligentia, quoniam et in investigations veritatis et in morum considerations laborat, eam in duas species dividi mus, in theoricam, id est, speculativam, et practicam, id est, acti vam, quae etiam ethica, id est, moralis appellatur.

Scientia vero, quia opera humana prosequitur, congrue me chanica, id est, adulterina vocatur. Caput IX: De tribus operibus

“Sunt etenim tria opera, id est, opus Dei, opus naturae, opus artificis imitantis naturam ”17.

Opus Dei est, quod non erat creare. Unde illud: “In principio creavit Deus caelum et terram ”18. Opus naturae, quod latuit ad actum producere. Unde illud:

"Producat terra herbam virentem"19 *etc*. Opus artificis est disgregata coniungere vel coniuncta segre gare. Unde illud: "Consuerunt sibi perizomata"20.

17. Calcidius, op. cit, 23. 18. Gn 1,1. 19. Gn 1,11. 20. Gn 3,7.

porque se ocupa das coisas inferiores e precisa de um certo qual conselho16.

Se, portanto, a Sapiência, como dissemos acima, guia todas as ações feitas pelo homem racional, é lógico dizermos que a Sa piência abrange duas partes, isto é, 1) a inteligência e 2) a ciência.

A inteligência, por sua vez, dado que trabalha: a) na investiga ção da verdade e b) na reflexão sobre os costumes, é dividida em duas partes: 1) uma teórica, ou seja, especulativa, 2) a outra práti ca, ou seja, ativa, e esta se chama também ética, ou seja, moral.

A ciência, por outro lado, dado que realiza as ações humanas, apropriadamente é chamada mecânica, ou seja, adulterina17.

CAPÍTULO 9: Das três obras

"Há, com efeito, três obras, isto é, 1) a obra de Deus, 2) a obra da natureza, 3) a obra do artífice que imita a natureza"18.

A obra de Deus consiste em criar aquilo que não existia. Por isso foi escrito: "No início criou Deus o céu e a terra". A obra da natureza consiste em trazer para a realidade aquilo que estava escondido. Por isso foi escrito: "Produza a terra a erva verde", *etc*. A obra do artífice consiste em unir as coisas separadas e separar as coisas unidas. Por isso foi escrito: "Costuraram para si cinturas".

16. Esta divisão entre inteligência e ciência, a primeira dedicada à alma e a segunda ao corpo, é um motivo fundamental da filosofia cristã, e é ilustrada por inúmeros escritos durante os tempos. Relativamente à teoria do conhecimento, a inteligência, faculdade divina no homem, é apta a conhecer as coisas divinas, a ciência, mediante a razão, conhece as ciências naturais. Em geral, nos espiritualistas de ontem e hoje, permanece a distinção fundamental entre "intelecto ou inteligência" e " razão ou ciência ou lógica". A Sapiência , enquanto Mente Divina a ser procurada na filosofia, abrange, como se diz a seguir, seja a atividade divina do homem como sua atividade corporal no trabalho. 17. As ciências mecânicas, destinadas ao corpo, são chamadas adulterinas", aqui e em outras passagens do livro, não no sentido pejorativo de "impróprias", mas no sentido de "imitativas", porque o trabalho do artífice "imita" a natureza, que, como dissemos, indica o mundo divino. Alguns textos medievais confundiam as etimologias gregas "mékos", adulterino, e "mekanikós", mecânico. 18. Relembremos que Deus cria a natureza, que é o mundo divino supralunar, e da

natureza deriva o mundo sublunar, no qual Hugo insere o trabalho do homem como imitativo do mundo divino da natureza supralunar. O Mestre, aqui, está justificando a inserção do trabalho na dignidade filosófica, pela primeira vez na história. Neque enim potuit vel terra caelum creare, vel homo herbam producere, qui nec palmum ad staturam suam addere p o test

In his tribus operibus convenienter opus humanum, quod natura non est sed imitatur naturam, mechanicum, id est, adul terinum nominatur, quemadmodum et clavis subintroducta me chanica dicitur.

Qualiter autem opus artificis imitetur naturam longum est et onerosum prosequi per singula. Possumus tamen exempli causa in paucis id demonstrare. Qui statuam fudit, hominem in tuitus est. Qui domum fecit, montem respexit Quia enim, ut ait propheta, "qui emittis fontes in convallibus, intra medium mon tium perstransibunt aquae"21. Eminentia montium aquas non re tinet. Ita domus in altum quoddam cacumen levanda fuit, ut ir ruentium tem pestatum molestias tuto excipere p o sset Qui usum vestimentorum primus adinvenit, consideravit quod sin gula quaeque nascentium propria quaedam habeant munimenta quibus naturam suam ab incommodis defendunt. Cortex ambit arborem, penna tegit velucrem, piscem squama operit, lana ovem induit, pilus iumenta et feras vestit, concha testudinem ex cipit, ebur elephantem iacula non timere facit. Nec tamen sine causa factum est quod, cum singula animantium naturae suae arma secum nata habeant, solus homo inermis nascitur et nu dus. Oportuit enim ut illis, quae sibi providere nesciunt, natura consuleret, homini autem ex hoc etiam maior experiendi occasio praestaretur, cum illa, quae ceteris naturaliter data sunt, propria ratione sibi inveniret Multo enim nunc magis enitet ratio homi nis haec eadem inveniendo quam habendo claruisset. Nec sine causa proverbium sonat quod:

"Ingeniosa fames omnes excuderit artes ".

21. SI 104,10.

Pois não pôde a terra criar o céu, nem o homem produzir ervas, ele que nem pode acrescentar um palmo à sua estatura.

Entre estas três obras, a obra do homem, que não é a natu reza, mas imita a natureza, é convenientemente chamada de me cânica, isto é, adulterina, da mesma maneira que uma chave fur tiva é dita mecânica19.

A respeito de como o trabalho do artífice imita a natureza, seria longo e oneroso expô-lo em detalhes. A título de exemplo, porém, podemos demonstrá-lo com poucas palavras. O artífice que fundiu a estátua, observou o homem. Aquele que fez a casa olhou a montanha, pois, como diz o profeta: "Tu fazes jorrar as fontes nos vales e as águas escorrerão entre os montes". As cris tas das montanhas não seguram as águas. E assim, a casa teve que ser levantada até o

alto da cumeeira, para que pudesse suportar com segurança os riscos das violentas tempestades. Quem, primeiro, inventou o uso de vestimentas, observou que todas as espécies daqueles que nascem possuem cada qual algumas pro teções próprias, com as quais defendem a sua própria natureza contra os incômodos. A casca abraça a árvore, a pluma protege o pássaro, a escama cobre o peixe, a lã aquece a ovelha, o pêlo veste os jumentos e as feras, a concha acolhe a tartaruga, o marfim não deixa o elefante temer as lanças. E não foi sem razão que, enquanto cada um dos seres animados possui por nascença as armas de sua própria natureza, somente o homem nasce sem armas e nu. Foi conveniente, portanto, que a natureza provesse àqueles que não conseguem prover a si mesmos, enquanto ao homem foi reservada uma maior oportunidade de experimentar, ao ter que encontrar para si com a razão aquilo que aos outros é dado naturalmente. Muito mais brilha a razão do homem inventando estas mesmas coisas, de quanto teria resplandecido se já as tivesse. Não sem razão o provérbio reza que

"a fome engenhosa forjou todas as artes"

19. A chave furtiva é a cópia ou "imitação" daquela chave, com a qual o adúltero entra no aposento do pecado. O conceito sobre o qual se insiste não é o da desautorização das ciências mecânicas, mas o da "imitação".

Hac equidem ratione illa quae nunc excellentissima in studiis hominum vides, reperta sunt Hac eadem pingendi, texendi, sculpendi, fundendi, infinita genera exorta sunt, ut iam cum natura ipsum miremur artificem.

Caput X: Quid sit natura

Quia vero iam toties naturam nominavimus, licet, ut ait Tullius, "naturam definire difficile sit"22, non tamen huius vocabuli significatio omnino silentio praetereunda videtur. Neque, quia non omnia quae volumus dicere possumus, id quod possumus tacere debemus.

Plura veteres de natura dixisse inveniuntur, sed nihil ita ut non aliquid restare videatur. Quantum tamen ego ex eorum dictis conicere possum, tribus maxime modis huius vocabuli significatione uti solebant, singulis suam definitionem assignando.

Primo modo per hoc nomen significare voluerunt illud archetypum exemplar rerum omnium, quod in mente divina est, cuius ratione omnia formata sunt, et dicebant naturam esse uniuscuiusque rei primordialem causam s u rn , a qua non solum esse sed etiam talis esse habeat. Huic significationi talis definitio assignatur: "Natura est quae unicuique rei suum esse attribuit".

Secundo modo naturam esse dicebant proprium esse unius cuiusque rei. Cui significationi talis definitio assignatur: “Natu ra unamquamque rem informans propria differentia dicitur”23. Secundum quam significationem dicere solemus: “Natura est omnia pondera

22. Cicero, Rhetorici libri duo qui vocantur de inventione 1,24,34. 23. Boethius, Contra Eutychen 1.

É por esta razão que foram descobertas todas aquelas coi sas excelentíssimas que você vê nos esforços dos homens. Por esta mesma razão nasceram infinitas maneiras de pintar, tecer, esculpir, fundir, para que, admirando a natureza, admiremos o próprio artífice.

CAPÍTULO 10: 0 que ê a natureza

Uma vez que já nomeamos tantas vezes a natureza, pare ce-nos que o significado desta palavra não deve ser preterido sob silêncio, ainda que, como diz Túlio, “seja difícil definir a na tureza”. Mesmo não podendo dizer tudo o que queremos, não devemos silenciar aquilo que podemos dizer.

Encontram-se muitas noções nos antigos sobre a natureza, mas não tantas que não pareça restar algo a ser ainda dito. Pelo que eu posso deduzir das palavras deles, costumavam utilizar o significado deste vocábulo, sobretudo, de três modos, dando a cada um uma definição própria20.

Num primeiro modo, com esta palavra quiseram significar aquele modelo arquetípico de todas as coisas que reside na men te divina, por cuja essência todas as coisas foram formadas, e di ziam que a natureza era a causa primordial de cada coisa, da qual esta coisa recebia não apenas o existir, mas também a es sência. A tal significação é aplicada esta definição: “A natureza é aquela que atribui a cada coisa o seu ser”21.

Num segundo modo diziam que a natureza era o próprio ser de cada coisa. E a este significado aplicavam a seguinte definição: “A Natureza é a própria diferença que enformâ cada coisa”. E nes te sentido costumamos dizer: “A Natureza é todos os pesos pender

20. Como se verá, das três definições recolhidas, somente a terceira corresponde ao significado de “natureza” utilizado até aqui por Hugo: a natureza é um fogo artífice vindo do mundo supraíunar, sobretudo do sol, pelo qual os 4 elementos do mundo subiunar são produzidos. 21. Segundo esta definição, a natureza é a própria Mente Divina, razâó, forma e arquétipo de todas as coisas.

ad terram vergere, levia alta petere, ignem urere, aquam humec-tare".

Tertia definitio talis est: "Natura est ignis artifex, ex qua dam vi procedens in res sensibiles procreandas"24. Phy sici nam que dicunt, omnia ex calore et humore procreari. Unde Vergilius Oceanum patrem25 appellat et Valerius Soranus in quodam ver su de Iove in significatione ignis aetherei dicit:

Iupptter omnipotens rerum regumque repertor,

Progenitor genitrixque deum verum unus et idem.

Caput XI: De ortu logicae

Postquam igitur theoricae et practicae et mechanicae or tum demonstravimus, super est logicae quoque originem investi gare, quam idcirco ultimam annumero quia postremo inventa est. Ceterae prius repertae fuerant, sed necesse fuit logicam quoque inveniri, quoniam nemo de rebus convenienter disserere potest, nisi prius recte et veraciter loquendi rationem agnoverit. Nam sicut dicit Boethius: Cum primitus antiqui circa naturas re rum et morum qualitates investigandas operam impenderent, necesse fuit saepe falli eos, quia vocum et intellectuum discretio nem non habebant, "ut in multis evenit Epicuro, qui atomis mun dum consistere putat et honestum voluptatem mentitur. Hoc au tem idcirco huic atque aliis accidisse manifestum est, quoniam per imperitiam disputandi, quidquid ratiocinatione comprehen derant, hoc in res quoque ipsas evenire arbitrabantur. Hic vero magnus est error. Neque enim sese res u t in numeris, ita etiam in ratiocinationibus habent In numeris enim quidquid in digitis recte computantis evenerit, id sine dubio in res quoque ipsas evenire necesse est, u t si ex calculo centum contigerit centum quoque res illi numero subiectas esse necesse e s t

24. Cicero, De natura deorum 2,57. 25. Vergilius, Georgica 4,382.

para a terra, as coisas leves tender para o alto, o fogo queimar, a água umedecer"22.

A terceira definição é esta: "A Natureza é o fogo artífice, pro penso, por uma certa força, a produzir as coisas sensíveis". Os fí sicos, de fato, dizem que tudo é criado pelo calor e pela umida de. Razão pela qual Virgílio chama o oceano de "pai", e Valério Sorano diz num certo verso a propósito de Júpiter em sentido de fogo etéreo:

"Júpiter onipotente, criador das coisas e dos reis,

Progenitor e genitor dos deuses, realmente um e o mesmo".

CAPÍTULO ll: Da origem da lógica

Tendo demonstrado a origem da teórica, da prática e da me cânica, resta-nos investigar a origem da lógica que enumero em último lugar porque foi ordenada por último. As outras ciências foram organizadas antes, mas foi necessário que também a lógica fosse explicitada, porque ninguém pode discutir apropriadamente sobre as coisas se antes não conheceu a maneira de falar correta mente e verdadeiramente. Neste sentido, Boécio diz: Quando os antigos pela primeira vez se dedicaram a investigar a natureza das coisas e as qualidades dos costumes, inevitavelmente tiveram de enganar-se freqüentemente, porque não detinham a distinção das palavras e dos conceitos, "como amiúde aconteceu a Epicuro, que considera o mundo constituído de átomos e se equivoca ao consi derar a volúpia como sendo algo honesto. É claro que isto aconteceu a ele e a outros exatamente porque, dada a imperícia em discutir, achavam que tudo quanto concebiam na mente acontecia tam bém nas próprias coisas. E este é um erro realmente grande. As coisas não se comportam nos raciocínios do mesmo modo que nos números. Nos números, de fato, tudo aquilo que é compu tado corretamente nos dedos, isto sem dúvida deve acontecer nas coisas, como quando, se de um cálculo se chegou a cem, a este número devem necessariamente corresponder cem coisas.

22. Esta segunda definição coincide com o conceito moderno, pelo qual a natureza de uma coisa é o conjunto de suas qualidades específicas. Hoc vero non aeque in disputatione servatur. Neque enim quid quid sermonum decursus invenerit, id in natura fixum tenetur. Quare necesse est falli, qui abiecta scientia disputandi, de rerum natura perquirerent Nisi enim prius ad scientiam venerit, quae ratiocinatio veram teneat semitam disputandi, quae verisimilem, et agnoverit quae fida, quae possit esse suspecta, rerum incor rupta veritas ex ratiocinatione non potest inveniri.

Cum igitur veteres saepe multis lapsi erroribus, falsa quae dam sibi et contraria in disputatione colligerent, atque id fieri impossibile videretur, ut de eadem re contraria conclusione fac ta, utraque essent vera, quae sibi dissentiens ratiocinatio con clusisset, cuive ratiocinationi credi oporteret, esset ambiguum, visum est prius disputationis ipsius veram atque integram consi derare naturam. Qua cognita, tum illud quoque, quod per dispu tationem inveniretur, an vere comprehensum esset, posset intelligi. Hinc igitur profecta logicae peritia disciplinae, quae dispu tandi modos atque ipsas ratiocinationes internoscendi vias pa rat, ut quae ratiocinatio nunc quidem vera, nunc autem falsa, quae vero semper falsa, quae numquam falsa possit agnosci"26.

Haec tempore quidem postrema est, sed ordine prima. Haec enim incohantibus philosophiam prima legenda est, propterea quod in ea docetur vocum et intellectum natura, sine quibus nul lus philosophiae tractatus rationabiliter explicari potest

Logica dicitur a Graeco logos, quod nomen geminam habet interpretationem. Dicitur enim logos sermo sive ratio, et inde lo gica sermocinalis sive rationalis scientia dici potest Logica rati onalis, quae dissertiva dicitur, continet dialecticam et rhetori cam. Logica sermocinalis genus est ad grammaticam, dialecti cam atque rhetoricam, et continet sub se dissertivam. Et haec est logica sermocinalis, quam quartam post theoricam, practicam, mechanicam annumeramus.

26. Boethius, In Isagogen sec. 2.

0 mesmo não se observa nas disputas. De fato, aquilo que o en-cadeamento dos argumentos conclui, nem sempre se mantém constante na natureza. Por esta razão com certeza estão fada dos ao erro aqueles que pesquisam a natureza das coisas, mas desprezam a ciência da disputa. Se antes não se conhece qual ra ciocínio garante o caminho verdadeiro da disputa, qual garante apenas a verossimilhança, se não se conhece qual raciocínio pode ser confiável, qual pode ser suspeito, aí a verdade incorrupta das coisas não pode ser alcançada pelo raciocínio.

Os antigos, caídos freqüentemente em muitos erros, dado que colhiam nas disputas algumas conclusões falsas e em si con traditórias, e lhes parecia impossível acontecer que, dadas duas conclusões contrárias sobre a mesma coisa, as duas fossem verda deiras, e dado que a eles não estava claro qual raciocínio levasse a conclusões discordantes das premissas e a qual raciocínio se pu desse crer, consideraram oportuno, como primeira coisa, preocu par-se com a natureza verdadeira e íntegra do próprio raciocínio. Tendo-a conhecida, aí era possível também entender se o resulta do das disputas estava sendo compreendido de maneira verdadei ra. Daí deu-se a perícia avançada da disciplina lógica, que possibi lita discernir os vários modos de discutir e os próprios silogismos, de modo a poder-se saber qual raciocínio é ora verdadeiro ora falso, qual é sempre falso e qual nunca é falso".

A lógica, portanto, é última no tempo, mas primeira na fila. Ela é a primeira a dever-se estudar pelos iniciantes na filosofia, pois nela é ensinada a natureza das palavras e dos conceitos, sem os quais nenhum tratado de filosofia pode ser explicado de maneira racional.

A lógica vem do grego logos, nome que possui duas acep ções. Logos pode significar "discurso" ou "razão", e por isso a lógica pode ser dita ciência do discurso ou ciência da razão. A ló gica racional que se diz argumentativa, abrange a dialética e a retórica. A lógica do discurso é um gênero relacionado com a gramática, a dialética e a retórica e contém sob si a argumentati va. É esta lógica do discurso que incluímos como quarta parte da filosofia, depois da teórica, prática e mecânica.

Nec putandum est ideo logicam, id est, sermocinalem dici, quod ante eius inventionem nulli fuerint sermones, et quasi ho mines mutuas locutiones prius non habuerint. Erant prius et sermones communes et litterae, sed nondum ratio sermonum et litterarum in artem redacta fuerat Nulla adhuc recte loquendi vel disputandi praecepta data e ra n t Omnes enim scientiae prius erant in usu quam in arte. Sed considerantes deinde homines usum in artem posse converti et quod vagum fuerat et licentio sum prius certis regulis et praeceptis posse restringi, coeperunt ut dictum est, consuetudinem quae partim casu, partim natura exorta fuerat, ad artem reducere, id quod pravum usus habebat emendantes, quod minus habebat supplentes, quod superfluum habebat resecantes, et de cetero singulis certas regulas et prae cepta praescribentes.

Huiusmodi fuit origo omnium artium; hoc per singula cur rentes verum invenimus. Priusquam esset grammatica et scribe bant et loquebantur homines. Priusquam esset dialectica, ratio cinando verum a falso discernebant Priusquam esset rhetorica iura civilia tractab an t Priusquam esset arithmetica, scientiam numerandi habebant. Priusquam esset musica, canebant Prius quam esset geometria, agros m ensurabant Priusquam esset as tronomia, per cursus stellarum discretiones temporum capie b a n t Sed venerunt artes, quae licet ab usu principium sumpse rint, usu tamen meliores su n t

Hic locus esset exponere qui fuerint singularum artium in ventores, quando extiterint aut ubi, aut quomodo per eos disci plinae exordium sum pserint, sed volo quadam prius philo sophiae divisione singulas a se invicem discernere. Oportet ergo breviter recapitulare quae supradicta surit u t facilior fiat transi tus ad sequentia.

Quattuor tantum diximus esse scientias, quae reliquas om nes continent, id est, theoricam, quae in speculatione veritatis laborat et practicam, quae morum disciplinam considerat et mechanicam, quae huius vitae actiones dispensat logicam quo que, quae recte loquendi et acute disputandi scientiam praestat

Mas não se deve pensar que esta lógica é denominada ciên cia do discurso, como se antes da sua organização não houvesse discursos, como se antes os homens não tivessem conversas recí procas. Anteriormente existiam, sim, discursos comuns e escritos, mas as leis dos discursos e das escritas ainda não tinham sido or ganizadas numa arte. Não havia regra nenhuma do falar e dispu tar corretamente. Todas as ciências existiam no uso antes de exis tir como disciplinas. Mas os homens, considerando que o uso coti diano pode ser transformado em arte e considerando, outrossim, que podia ser amarrado em certas regras e princípios aquilo que antes fora vago e arbitrário, começaram, como dissemos, a organi zar em arte o costume nascido um pouco por acaso e um pouco por necessidade, corrigindo aquilo que era usado mal, aumentan do aquilo que era pouco, cortando aquilo que era supérfluo, e, quanto ao resto, dando

a cada caso regras certas e preceitos.

Assim foi a origem de todas as artes; e encontramos esta ver dade percorrendo caso por caso. Assim, antes que existisse a gramática, os homens escreviam e falavam. Antes que existisse a dialética, eles distinguiam o verdadeiro do falso. Antes que exis tisse a retórica, eles tratavam dos direitos civis. Antes que exis tisse a aritmética, eles sabiam contar. Antes que existisse a músi ca, cantavam. Antes que existisse a geometria, mediam os cam pos. Antes que existisse a astronomia, captavam os ritmos dos tempos através dos cursos das estrelas. E aí vieram as artes, as quais, bem que derivadas do uso, são melhores que o uso.

Aqui seria o lugar de expor quais foram os inventores de cada arte, quando viveram e onde, ou como através deles as disciplinas iniciaram-se. Mas, antes, quero, através de uma certa qual divisão da filosofia, distinguir as artes uma da outra. É oportuno, portan to, recapitular tudo quanto foi dito até agora, para que se torne mais fácil a passagem para o argumento seguintè.

Dissemos que as ciências são somente quatro, que abran gem todas as outras, e são 1) a teórica, que trata da investigação da verdade, 2) a prática, que estuda a disciplina dos costumes, 3) a mecânica, que ordena as ações desta vida, e enfim 4) a lógica, que ensina a falar corretamente e a disputar agudamente.

Hic itaque non absurde ille quaternarius animae intelligi po test, quem ob reverentiam sui antiqui in ius iurandum ascive ra n t Unde et illud dictum est:

"Per qui nostrae animae numerum dedit ille quaternum"27.

Hae qualiter sub philosophia contineantur, et rursum quas sub se contineant, repetita breviter definitione philosophiae os tendemus.

27. Macrobius, Commentarium in Somnium Scipionis 1,6,41.4

Devido a isso, não é absurdo poder-se entender aquele nú mero "quatro" da alma, que os antigos, com reverência ao qua tro, acolheram no juramento. Dizia-se:

"Por aquele que deu à nossa alma o número quatro".

' E agora, após ter repetido brevemente a definição de filoso fia, mostraremos como estas ciências estão compreendidas na fi losofia, e quais, por sua vez, elas contenham sob si.

LIBER SECUNDUS

Caput I: De discretione artium

“Philosophia est amor sapientiae, quae nullius indigens, vi vax mens et sola rerum primaeva ratio est”28. Haec definitio ma gis ad etymologiam nominis spectat. Philos enim Graece, amor dicitur Latine, sophia, sapientia, et inde philosophia tracta est, id est amor sapientiae. Quod autem additur, “quae nullius indi gens, vivax mens, et sola rerum primaeva ratio est”, divina sapi entia significatur, quae propterea nullius indigere dicitur, quia nihil minus continet, sed semel et simul omnia intuetur praeteri ta, praesentia et futura. “Vivax mens” idcirco appellatur quia quod semel in divina fuerit ratione nulla umquam oblivione abo letur. “Primaeva ratio rerum est” quia ad eius similitudinem cuncta formata sunt.

Dicunt quidam quod illud unde agunt artes semper maneat. Hoc ergo omnes artes agunt, hoc intendunt, ut divina similitudo in nobis reparetur, quae nobis forma est, Deo natura, cui quanto magis conformamur tanto magis sapimus. Tunc enim in nobis incipit relucere, quod in eius ratione semper fuit, quodque in no bis transit, apud illum incommutabile consistit

Aliter: “Philosophia est ars artium, et disciplina disciplina rum”29, id est, ad quam omnes artes et disciplinae spectant. Ars dici potest scientia, quae “artis praeceptis regulisque consistit”30,

28. Boethius, In Isagogen pr. 1,3. 29. Cassiodorus, Institutiones 2,3,5; Isidorus, Etymologiae 2,24,9. 30. Isidorus, Etymologiae 1,1,2.

LIVRO II

CAPÍTULO 1: Da diferença das artes

"A filosofia é o amor à Sapiência, que, não carecendo de nada, é mente viva e única razão primordial das coisas". Esta de finição se refere, sobretudo, à etimologia do termo. De fato, o grego philos em latim se diz amor, e o grego Sophía em latim é Sabedoria, e disto foi composta a palavra filosofia, isto é, amor à Sabedoria. A especificação "que, não carecendo de nada, é mente viva e única razão primordial das coisas" aplica-se à Sa piência divina, da qual se diz que não carece de nada, pois ela contém nada de incompleto, mas conhece de uma vez por todas e simultaneamente a totalidade das coisas passadas, presentes e futuras. Ela é chamada "mente viva" porque aquilo que esteve só uma vez na mente divina não será cancelado por nenhum es quecimento. Ela é "razão primordial das coisas" porque todas as coisas foram formadas semelhantes a ela23.

Alguns dizem que aquilo de que as artes se ocupam fica váli do para sempre. De fato, isto todas as artes fazem, a isto se orde nam, a que seja reparada em nós a semelhança divina, que para nós é uma forma e para Deus é sua própria natureza, e quanto mais a ela nos conformamos, tanto mais sabemos. E aí começa a resplandecer em nós aquilo que sempre esteve na mente de Deus, aquilo que em nós é passageiro mas nele permanece imutável.

Outra definição: "A filosofia é a arte das artes e a disciplina das disciplinas", isto é, aquela para a qual todas as artes e disci plinas olham. Pode ser denominado arte aquilo que "consiste

23. Relembremos, como foi anotado no começo do Livro I, que o termo latino Sapientia é traduzido aqui por Sapiência, por tratar-se não da sabedoria em sentido grego ou moderno, mas da Mente Divina, do Verbo, como se depreende expressamente do texto. Esta Sapiência, de fato, é "mente viva" e "razão primordial das coisas"; ela "conhece a totalidade das coisas passadas, presentes e futuras" e "todas as coisas foram formadas semelhantes a ela". Por isso, conforme a primeira frase do Da arte de ler, nela reside a forma das coisas formadas no mundo, entre estas, a mente humana. A mente humana é "cunhada" da Mente Divina, daí ser o conhecimento filosófico uma "amizade" entre as duas e uma espécie de retorno da Mente Divina, exteriorizada na mente humana e nas coisas, para si mesma.

ut est in scriptura, "disciplina, quae dicitur plena"31, ut est in doctrina. Vel ars dici potest, "quando aliquid verisimile atque opinabile tractatur", disciplina, quando de "his, quae aliter se habere non possunt, veris disputationibus aliquid disseritur. Quam differentiam Plato et Aristoteles esse voluerunt inter ar tem et disciplinam"32. Vel ars dici potest, quod fit in subiecta ma teria et explicatur per operationem, ut architectura, disciplina vero, quae in speculatione consistit et per

solam explicatur ratio cinationem, ut logica.

Aliter: “Philosophia est meditatio mortis, quod magis con venit Christianis, qui saeculi ambitione calcata, conversatione disciplinali, similitudine futurae patriae vivunt”33.

Aliter: “Philosophia est disciplina omnium rerum divinarum atque humanarum rationes probabiliter investigans”34. Sic om nium studiorum ratio ad philosophiam spectat. Administratio non omnis philosophica est, et ideo philosophia aliquo modo ad omnes res pertinere dicitur.

Philosophia dividitur in theoricam, practicam, mechanicam et logicam. Hae quattuor omnem continent scientiam. Theorica interpretatur speculativa; practica, activa, quam alio nomine ethicam, id est, moralem dicunt, eo quod mores in bona actione consistent; mechanica, adulterina, quia circa humana opera ver satur; logica, sermocinalis, quia de vocibus tractat. Theorica di viditur in theologiam, mathematicam et Physicam. Hanc divisio nem Boethius facit aliis verbis, theoricen secans in intellectibi lem et intelligibilem et naturalem, per intellectibilem significans theologiam, per intelligibilem, mathematicam, per naturalem, physicam. Denique intellectibile ita definit

Caput II: De theologia

“Intellectibile est quod unum atque idem per se in propria semper divinitate consistens, nullis umquam sensibus, sed sola tantum mente intellectuque capitur. Quae

31. Isidorus, Etymologiae 1,1,1; Cassiodorus, Institutiones 2,2,17. 32. Isidorus, Etymologiae 1,1,3. 33. Isidorus, Etymologiae 2,24,9; Cassiodorus, Institutiones 2,3,5. 34. Isidorus, Etymologiae 1,13,5-7.

das regras e dos preceitos de uma arte”, como é o escrever, e disciplina uma ciência “considerada completa”, como na matemática. Ou pode-se falar de arte “quando é tratado algo verossímil ou opinável” e de disciplina quando “se discute algo com argumentações verdadeiras sobre coisas que não podem comportar-se diversamente. Esta diferença entre arte e disciplina foi estabelecida por Platão e Aristóteles”. Ou pode ser chamado arte aquilo que é operado na matéria inerte e é realizado mediante opera ções, como é o caso da arquitetura, enquanto a disciplna é aquela que consiste na investigação e se realiza exclusivamente no raciocínio, como é a lógica.

Outra definição: “A filosofia é a meditação da morte, coisa que convém sobretudo, aos cristãos, os quais, desprezada a am bição terrena, vivem num estilo de vida disciplinado, à semelhan ça da pátria futura”.

Outra definição: "A filosofia é a disciplina que investiga com provas plausíveis as razões de todas as coisas divinas e huma nas". E assim, a razão teórica de todas as atividades humanas é de competência da filosofia. Mas nem toda atividade prática é fi losófica, e por isso dizemos que a filosofia diz respeito a todas as coisas "sob um certo aspecto".

A filosofia se divide em teórica, prática, mecânica e lógica. Estas quatro abarcam todo o saber. A teórica é considerada espe culativa. A prática é considerada ativa, e é chamada, com outro nome, ética, isto é, moral, porque a moralidade consiste na boa ação. A mecânica é chamada adulterina24, porque trata dos traba lhos humanos. A lógica é ciência do discurso porque trata das pa lavras. A teórica se divide em teologia, matemática e física. Boécio faz esta divisão com outras palavras, dividindo a teórica em intelectível, inteligível e natural, significando com intelectível a teolo gia, com inteligível a matemática, e com natural a física. Logo depois ele define o intelectível da seguinte maneira:

CAPÍTULO 2: A teologia

"O intelectível é aquilo que, permanecendo sempre um e o mesmo por si em sua própria divindade, nunca é alcançado por al gum dos sentidos, mas somente pela mente e pelo intelecto. Esta

24. Entenda-se adulterina no sentido de "imitativa" como é explicado nas notas 17 e 19.

res ad speculationem Dei atque ad animi incorporalitatem consi derationem que verae philosophiae indagatione componitur, quam", inquit, "Graeci theologiam nominant"35.

Dicta autem theologia quasi sermo habitus de divinis, theos enim Deus, logos sermo vel ratio interpretatur. Theologia igitur est, "quando aut ineffabilem naturam Dei aut spirituales creatu ras ex aliqua parte profundissima qualitate disserimus"36. Caput III: De mathematica

Mathematica autem doctrinalis scientia dicitur. Mathesis enim quando t habet sine aspiratione, interpretatur vanitas, et significat superstitionem illorum, qui fata hominum in constella tionibus ponunt. Unde et huiusmodi mathematici appellati sunt. Quando autem t habet aspiratum, doctrinam sonat.

Haec autem est, "quae abstractam considerat quantitatem. Abstracta enim quantitas dicitur, quam intellectu a materia se parantes, vel ab aliis accidentibus, ut est, par, impar, et hujusce modi, in sola ratiocinatione tractam us"37, quod doctrina facit, non natura.

Hanc Boethius "intelligibilem" appellat, "quae primam par tem, intellectibilem, cogitatione atque intelligentia compre hendit, quae sunt omnium caelestium operum supernae divini tatis, et quidquid sub lunari globo beatiore animo atque purio re substantia valet, et postremo hum anarum animarum, quae omnia cum prioris illius intellectibilis substantiae fuissent, cor porum tactu ab intellectibilibus ad intelligibilia degenerarunt, u t non magis ipsa intelligantur, quam intelligant, et intelligentiae puritate tunc beatiora sint, quoties sese intellectibilibus ap-plicarint"38.

35. Boethius, In Isag. pr. 1,3. 36. Isidorus, Etymologiae 2,24,13; Cassiodorus, Institutiones 2,3,6. 37. Cassiodorus, Institutiones 2,2,3,6; Isidorus, Etymologiae 2,24,13. 38. Boethius, In Isag. pr. 1,3.

atividade comporta a indagação sobre a especulação de Deus, so bre a imortalidade do espírito e sobre a consideração da verdadei ra filosofia,"e os gregos - diz Boécio - denominam isso teologia".

A teologia é chamada assim porque é como um discurso sobre Deus, pois th e o s significa Deus e lo g o s significa discurso ou razão. Faz-se teologia, portanto, "quando pomos em discussão, c o m aplicação profundíssima, algum aspecto da inefável natureza de Deus ou das criaturas espirituais".

CAPÍTULO 3: A matemática

A matemática é chamada doutrina científica. Máthesis significa vaidade quando é escrita com o "t" não aspirado, e neste caso se refere à superstição daqueles que depositam o destino dos homens nas constelações. Por isso, esse tipo de indivíduos são chamados m atemáticos. Quando, porém, é escrita com "th" aspirado, significa doutrina m atem ática25.

A m atem ática é o ensino "que se ocupa da quantidade abs trata. Chamamos abstrata aquela quantidade que tratam os só nos raciocínios, separando-a pelo intelecto da m atéria ou dos outros acidentes, como é o par, o ímpar e coisas do tipo". Quem faz esta abstração é a ciência, não a natureza.

Boécio chama inteligível esta atividade "e ela, enquanto obra do pensam ento e da inteligência, é m isturada com a pri m eira parte, o intelectível, um a vez que pertencem ao intelectível todas as obras celestes da suprem a divindade como tam bém tudo aquilo que sob o globo lunar é dotado do espírito mais feliz e da substância mais pura, e enfim as almas hum anas. To das estas almas, tendo já feito p arte daquela substância intelec tível prim ordial, pelo contato com os corpos degeneraram de intelectíveis para inteligíveis, de m odo que elas, agora, mais que serem conhecidas, conhecem, e, em virtude da pureza da in teligência, se tornam tanto mais felizes quanto mais se aplica rem às coisas intelectíveis"26.

25. Na verdade as duas palavras em grego são mais diferentes uma d a outra. Uma é páGrjaiç ("aprender", "conhecimento", "ciência") onde o "0" é um "t" aspirado e se refere à nossa matemática. A outra é p d n r r | (estultícia) ou p a T a i o ç ("vão", "sem fundamento"), de onde vem p a T a i Ó T r j ç ("vaidade", "nulidade"), e neste caso temos o "t" simples não aspirado. 26. Aqui e a seguir Hugo reflete a doutrina pela qual a alma humana possui duas dimensões, uma intelectível, enquanto inteligência pura e simples semelhante aos corpos celestes, a outra inteligível, enquanto é ligada ao corpo e conhece os corpos sensíveis compostos. Em sua natureza simples a alma faz teologia, em sua natureza composta misturada aos corpos faz matemática.

Spirituum namque et animarum natura, quia incorporea et simplex est, intellectibilis substantiae particeps est. Sed quia per instrum enta sensuum non uniformiter ad sensibilia comprehen denda descendit, eorumque similitudinem per imaginationem ad se trahit, in eo quodammodo suam simplicitatem deserit, quo compositionis rationem amittit. Neque enim omnimodo simplex dici potest, quod composito simile e s t

Eadem igitur res diversis respectibus intellectibilis simul et intelligibilis est. Intellectibilis eo quod incorporea sit natura, et nullo sensu comprehendi possit. Intelligibilis vero ideo, quod si militudo quidem est sensibilium, nec tamen sensibilis. Intellecti bile est enim, quod nec sensibile est, nec similitudo sensibilis. Intelligibile autem quod ipsum quidem solo percipitur intellec tu, sed non solo intellectu percipit, quia imaginationem vel sen sum habet, quo ea quae sensibus subiacent comprehendit.

Tangendo ergo corpora degenerat, quia, dum in visibiles cor porum formas per sensuum passiones procurrit easque attactas per imaginationem in se trahit, toties a sua simplicitate scindi tur, quoties aliquibus contrariae passionis qualitatibus informa tur. Cum vero ab hac distractione ad puram intelligentiam cons cendens in unum se colligit, fit beatior intellectibilis substantiae participatione.

A natureza dos espíritos e das almas, com efeito, sendo in corporea e simples, é partícipe da substância intelectível. Toda via, a alma, pelas impressões dos sentidos, desce de m aneira não uniform e (n ã o p u r a) para a com preensão dos objetos físicos e traz para si as imagens deles através da imaginação, perdendo de uma certa forma a sua simplicidade na medida em que acolhe uma certa qual composição. Não pode dizer-se totalm ente sim ples aquilo que se assemelha ao com posto.

Uma mesma coisa, de fato, pode ser ao mesmo tempo, sob aspectos diferentes, intelectível e inteligível. É intelectível en quanto natureza incorporea, e

não pode ser compreendida pelos sentidos. É inteligível pelo fato de ter semelhança com as coisas sensíveis, mesmo não sendo sensível. É intelectível aquilo que não é sensível nem tem semelhança com o sensível. É inteligível aquilo que é, sim, percebido somente com o intelecto, mas não percebe só com o intelecto, pois possui a imaginação e os sentidos, pelos quais com preende as coisas que são objeto dos sentidos27.

Tocando os corpos, portanto, o intelectível se degenera, pois, ao tender-se para as formas visíveis dos corpos pelas sensações dos sentidos e ao trazê-las, uma vez alcançadas, para dentro de si pela imaginação, o intelectível fica cindido em sua simplicida de tan tas vezes quantas fica informado por algumas qualidades de uma sensação contrária. Mas quando, rem ontando desta se paração para a inteligência pura, ele se recolhe em um, torna-se mais feliz pela participação na substância intelectível28.

27. A distinção entre intelecto e imaginação racional é fundamental nas filosofias religiosas. O primeiro alcança as coisas divinas, a segunda as coisas corpóreas objeto das ciências naturais. 28. Hugo acaba de ilustrar o processo de exitus-reditus (saída-retorno) da alma humana, que saiu de Deus como um intelectível mas misturou-se aos corpos e tornou-se inteligível. Seu destino, todavia, é o de retornar para a sua pureza e simplicidade original. Este movimento de progressão de Deus (exitus) e regressão a ele (reditus) é elucidado a seguir pela teoria dos números.

Caput IV: De quartenario animae

Huius quoque progressionis regressionisque rationem ipse etiam numerus docet Dic: ter unum fiunt tria, dic: ter tria fiunt novem, dic: ter novem fiunt viginti septem, dic: ter viginti sep tem fiunt octoginta unum. Ecce tibi in quarto gradu unitas pri ma occurrit, idemque evenire videbis, si usque ad infinitum du xeris multiplicationem, ut semper in quarto gradu unitas emine at. Rectissime autem simplex animae essentia unitate exprimi tur, quae ipsa quoque incorporea est. Ternarius quoque propter indissolubile mediae unitatis vinculum congrue ad animam re fertur, sicut quaternarius, quia duo media habet ideoque disso lubilis est, proprie ad corpus pertinet.

Prima igitur progressio animae est qua de simplici essentia sua, quae monade figuratur, in virtualem ternarium se extendit, ubi iam per concupiscentiam aliud appetat, aliud per iram con temnat, per rationem inter utrum que discernat Et recte a mona de in triadem profluere dicitur, quia omnis essentia naturaliter prior est potentia sua. Rursum, quod eadem unitas in ternario multiplicante ter invenitur, hoc significat, quoniam anima non per partes, sed tota in singulis suis potentiis consistat. Neque enim vel rationem solam vel iram solam vel concupiscentiam so lam tertiam partem animae dicere possumus, cum nec aliud,

nec minus sit in substantia ratio quam anima, nec aliud, nec minus ira quam anima, nec aliud, nec minus concupiscentia quam anima, sed una eandemque substantia secundum diversas potentias suas diversa sortitur vocabula.

Deinde a virtuali ternario secunda progressione ad regendam humani corporis musicam descendit, quae novenario componitur, quia novem sunt foramina in humano corpore quibus secundum naturalem contemperantiam influit et effluit omne quo idem corpus vegetatur et regitur. Hic quoque ordo est,

CAPÍTULO 4: O número quatro da alma

0 próprio número também ensina a essência desta progressão e regressão. Diga: três vezes um faz três; diga: três vezes três faz nove; três vezes nove faz vinte e sete; diga: três vezes vinte e sete faz oitenta e um. Eis que no quarto passo retorna a primeira unidade (o número um), e você verá que, levando a multiplicação ao infinito, lhe acontecerá sempre que no quarto passo sobressai o um. Muito apropriadamente a essência simples da alma é expressa pelo número um, que é, ele próprio, incorporeo. Também o número três é atribuído oportunamente à alma em razão da impossibilidade de ser dividido no meio, da mesma forma que o número quatro, por ter duas metades e ser divisível, pertence propriamente ao corpo[29].

A primeira progressão da alma acontece quando, a partir da sua essência simples, figurada pelo um, ela se desdobra para uma atividade ternária, onde 1) pela concupiscência deseja uma coisa, 2) pela ira condena outra coisa, 3) pela razão discerne entre as duas. Com razão se diz que a mônada flui para a tríade, pois toda essência é naturalmente anterior à sua potência (exercício de suas capacidades). E ainda, dado que o próprio um recorre três vezes quando é multiplicado por três, isto quer dizer que a alma existe não separada em partes mas toda em cada uma das suas três potências. Não podemos dizer que a razão, sozinha, ou a ira, sozinha, ou a concupiscência, sozinha, sejam cada qual um terço da alma, pois em sua substância a razão não é coisa diversa ou menor que a alma, a ira não é coisa diversa ou menor que a alma, a concupiscência não é coisa diversa ou menor que a alma, mas trata-se de uma única e mesma substância, a alma, que adquire nomes diversos segundo suas diversas potências.

Em seguida, do ternário virtual, por uma segunda progressão, a alma desce para reger a música do corpo humano, representada pelo número nove. Pois, nove são os furos no corpo humano, pelos quais, com ritmo natural, entra e sai tudo aquilo do qual o próprio corpo se alimenta e se sustenta. Aqui também temos uma ordem, 29. Era comum aos antigos e medievais descrever as progressões do número Um, figura de Deus, em forma de lambda grego (A, o nosso L), significando o ímpar e o par, o espírito e o corpo, dos quais o universo é formado:

1

2 3

4 9

8 27

quia prius naturaliter anima potentias suas habet quam corpori commisceatur.

Postea autem in tertia progressione per sensus iam extra se profusa ad visibilia haec, quae per viginti septem, qui solidus nu m erus est et trin a dimensione ad similitudinem corporis exten ditur, figurantur dispensanda, per infinitas actiones dissipatur.

In q u arta autem progressione soluta a corpore ad puritatem simplicitatis suae revertitur, ideoque in quarta m ultiplicatione, ubi ter viginti septem in octoginta unum excrevit, m onas in sum mo apparet, u t evidenter clareat quod anima post huius vitae term inum , qui per octoginta designatur, ad unitatem suae sim plicitatis redeat, a qua prius discesserat cum ad hum anum cor pus regendum descendebat. Quod autem in octoginta m eta hu m anae vitae naturaliter consistat, propheta declarat: “Si, inquit, in valetudine octoginta anni, et amplius eorum labor et dolor”[39].

Hanc quadruplam progressionem illum quaternarium ani mae, de quo supra locuti sumus, quidam intelligendum p u tan t eum que, ad differentiam quaternarii corporis, quaternarium animae appellatum.

Caput V: De quaternario corporis

Nam corpori quoque suum assignant quaternarium . Sicut monas animae, ita dias corpori congruit. Dic: bis duo fiunt quat tuor, dic: bis quattuor fiunt octo, dic: bis octo fiunt sedecim, dic: bis sedecim fiunt triginta duo. Hic in quarto loco similiter idem num erus, id est binarius, a quo multiplicatio initium sumpsit, tibi occurrit, idemque si in infinitum processeris, indubitanter continget u t quarto sem per gradu binarius emineat. E t hic est quaternarius corporis, in quo intelligi datur omne quod a solubi libus compositionem accipit ipsum quoque esse dissolubile.

39. Sl 90,10.

um a vez que a alma por natureza já possui suas próprias potên cias (figuradas no número 3) antes de misturar-se ao corpo.

Depois, num a terceira progressão, já tendo fluído pelos sen tidos para fora de si, a alma protende-se em infinitas ações para as outras coisas visíveis, que são representadas, em sua exeqüi-bilidade pelo núm ero vinte e sete, núm ero sólido que se estende, à semelhança do corpo, em três dimensões.

Em sua quarta progressão, solta do corpo, a alma retorna para a pureza de sua simplicidade. Por isso, na quarta multipli cação, onde três vezes vinte e sete crescem para oitenta e um, aparece no final o núm ero um, e assim fica evidente e claro que a alma, term inado o curso desta vida, representado pelo núm ero oitenta, volta para a unidade da sua simplicidade, da qual antes tinha descido para reger o corpo humano. É o profeta a declarar que a meta da vida hum ana consiste naturalm ente no núm ero oitenta: "Se, ele diz, eu chegar em boa saúde aos oitenta anos, mais do que isso é sofrim ento e dor".

Alguns acham que este núm ero quatro da alma, do qual aca bamos de falar, deve ser entendido como figura desta progres são quádrupla, e o chamam quaternário da alma para diferenciá-lo do quaternário do corpo.

CAPÍTULO 5: O quaternário do corpo

Também ao corpo é atribuído um seu número, o quatro. Como a mônada (o um) convém à alma, assim a díade (o dois) convém ao corpo. Diga: duas vezes dois faz quatro; diga: duas vezes quatro faz oito; diga: duas vezes oito faz dezesseis; diga: duas vezes dezes seis faz trinta e dois. Aqui, no quarto passo, retorna igualmente o mesmo número dois, do qual a multiplicação começou; igualmente, se você continuar ao infinito, sem dúvida acontecerá que no quarto passo lhe aparecerá sempre o número dois. E este é o quaternário do corpo, no qual se dá a conhecer que tudo quanto é com posto de coisas divisíveis, ele próprio é divisível.

Vides nunc satis aperte, ut puto, quomodo animae de intel lectibilibus ad intelligibilia degenerant, quando a puritate sim plicis intelligentiae, quae nulla corporum fuscatur imagine, ad visibilium imaginationem descendunt rursumque beatiores fi unt, quando se ab hac distractione ad simplicem naturae suae fontem colligentes, quasi quodam optimae figurae signo impres sae, componuntur.

Est igitur, ut apertius dicam, intellectibile in nobis id quod est intelligentia, intelligibile vero id quod est imaginatio. Intelligentia vero est de solis rerum principiis, id est, Deo, ideis, et hyle, et de incorporeis substantiis, pura certaque cognitio. Ima ginatio est memoria sensuum ex corporum reliquiis inhaerenti bus animo, principium cognitionis per se nihil certum habens. Sensus est passio animae in corpore ex qualitatibus extra acci dentibus.

Caput VI: De quadrivio

Cum igitur, ut supradictum est, ad mathematicam proprie pertineat abstractam attendere quantitatem, in partibus quanti tatis species eius quaerere oportet. Quantitas abstracta nihil est aliud nisi forma visibilis secundum lineamentarem dimensionem animo impressa, quae in imaginatione consistit, cuius geminae sunt partes: una continua, ut arbor, lapis, quae magnitudo dici tur, alia discreta, ut grex, populus, quae multitudo appellatur.

Rursus multitudinis alia sunt per se, ut tres, quattuor, vel quilibet alter numerus, alia ad aliquid ut duplum, dimidium, ses quialterum, sesquitertium, vel quodlibet tale. Magnitudinis vero alia sunt mobilia, ut sphaera mundi, alia immobilia, ut terra.

Agora você pode ver bastante claram ente, creio eu, como as almas degeneram das coisas intelectíveis para as inteligíveis, quando, a p artir da pureza da inteligência simples, que não é ofuscada por nenhum a imagem dos corpos, descendem para a imaginação das coisas sensíveis. Elas, porém, conseguem ficar novam ente felizes quando, recolhendo-se desta dispersão para a fonte pura da sua natureza, se recompõem, como m arcadas pelo signo da máxima figura (que é Deus).

Em nós, para dizê-lo mais precisamente, o intelectível é aqui lo que é objeto da inteligência, enquanto o inteligível é aquilo que é objeto da imaginação. A inteligência é o conhecimento puro e certo somente dos princípios das coisas, isto é, de Deus, das idéias, da matéria primordial e das substâncias incorporeas. A im a g in a ç ã o é a memória dos sentidos advinda das imagens dos corpos im pressas na mente, e não possui nenhum princípio certo de conhe cimento. A sensação é uma impressão recebida pela alma no cor po e proveniente das qualidades das coisas vindas de fora[30].

CAPÍTULO 6: O quadrívio

Dado que, como dissemos acima, cabe propriam ente à m ate m ática ocupar-se da quantidade abstrata, é necessário procurar suas subdivisões nas divisões da quantidade. A quantidade abs tra ta nada mais é que uma forma visível impressa na m ente se gundo um a dimensão linear, quantidade que existe na imagina ção e se divide em duas partes: uma contínua, como a árvore ou o lápis, e é chamada grandeza, a o u tra descontínua, como o re banho ou o povo, e esta se chama pluralidade.

Na pluralidade, por sua vez, 1) algumas quantidades são tais por si mesmas, como três, quatro ou qualquer outro número, 2) outras são relativas a alguma coisa, como duplo, metade, uma vez e meio, um ter ço a mais, e assim em diante. Quanto às grandezas, 3) algumas são móveis, como a esfera do universo, 4) o u tras imóveis, como a terra.

30. Está resumida, aqui a importante doutrina do conhecimento e a distinção, da qual falamos, entre intelecto ou inteligência, destinada às coisas espirituais, e imaginação ou razão científica, destinada às coisas materiais.

Multitudinem ergo quae per se est arithmetica speculatur, illam autem quae ad aliquid est, musica. Immobilis magnitudinis geo metria pollicetur notitiam. Mobilis vero scientiam astronomicae disciplinae peritia vindicat Mathematica igitur dividitur in arith meticam, musicam, geometriam, astronomiam. Caput VII: De arithmetica

Ares Graece, virtus interpretatur Latine, rithmus numerus; inde arithmetica virtus numeri dicitur. Virtus autem numeri est, quod ad eius similitudinem cuncta formata sunt. Caput VIII: De musica

Musica ab aqua vocabulum sumpsit, eo quod nulla eupho-nia, id est bona sonoritas, sine humore fieri possit.

Caput IX: De geometria

Geometria mensura terrae interpretatur, eo quod haec disci plina primum ab Aegyptiis reperta sit, quorum terminos cum Ni lus inundatione sua limo obduceret et confunderet limites, perti cis et funibus terram mensurare coeperunt. Deinde a sapienti bus etiam ad spatia maris et caeli et aeris et quorumlibet corpo rum mensuranda deducta sunt et extensa.

Caput X: De astronomia

Astronomia et astrologia in hoc differre videntur, quod as tronomia de lege astrorum nomen sumpsit,

A grandeza que é tal por si mesma é objeto da aritmética, a grandeza relativa a alguma coisa é objeto da música. A geometria fornece o conhecimento da grandeza imóvel. Mas o conhecimento da grandeza móvel é reivindicado pela habilidade da disciplina astronômica. A matemática, portanto, se divide em aritmética, música, geometria, astronomia.

CAPÍTULO 7: A aritmética

A palavra grega ápsTrjç em latim significa virtude, e o ter mo ápiGpóç significa número. Daí, aritmética quer dizer força do número. A força do número consiste no fato de que todas as coisas foram formadas a sua semelhança.

CAPÍTULO 8: A música

A música tomou o nome da água, porque nenhuma eufonia, isto é, sonoridade elegante, pode acontecer sem umidade[31].

CAPÍTULO 9: A geometria

Geometria significa medição da terra, pois esta disciplina foi descoberta inicialmente pelos egípcios, quando, devido ao fato de que o Nilo, com sua inundação, cobria de lama os territórios e assim confundia os confins, começaram a medir a terra com varas e cordas. Mais tarde estes métodos foram aplicados e estendidos pelos homens de ciência à mensuração dos espaços do mar, do céu, do ar e de qualquer corpo.

CAPÍTULO 10: A astronomia

A astronomia e a astrologia se diferenciam pelo fato de a astronomia ter derivado o seu nome da lei dos astros,

31. Diziam que o grego “moys” significa água. É uma referência ao som da água e aos órgãos hidráulicos.

astrologia autem dicta est quasi sermo de astris disserens. No-mia enim lex et logos sermo interpretatur. Ita astronomia vide tur esse quae de lege astrorum et conversione caeli disserit, regi ones, circulos, cursus, ortus et occasus siderum, et cur unum quodque ita vocetur, investigans. Astrologia autem quae astra considerat secundum nativitatis et mortis et quorumlibet alio rum eventuum observantiam, quae partim naturalis est, partim superstitiosa; naturalis in complexionibus corporum, quae se cundum superiorum contemperantiam variantur, ut sanitas, ae gritudo, tempestas, serenitas, fertilitas et sterilitas; superstitio sa, in contingentibus et his quae libero arbitrio subiacent, quam partem mathematici tractant.

Caput XI: De arithmetica

Arithmetica materiam habet parem et imparem numerum. Par numerus alius est pariter par, alius pariter impar, alius impa riter par. Impar quoque numerus tres habet species. Prima est primus et incompositus, secunda secundus et compositus, tertia per se secundus et compositus, ad alios comparatus primus et incompositus.

Caput XII: De musica

Tres sunt musicae: mundana, humana, instrumentalis.

Mundana, alia in elementis, alia in planetis, alia in tempori bus; in elementis, alia in pondere, alia in numero, alia in mensu ra; in planetis, alia in situ, alia in motu, alia in natura; in tempori bus, alia in diebus, vicissitudine lucis et noctis, alia in mensibus, crementis detrimentisque lunaribus, alia in annis, mutatione ve ris, aestatis, autumni, et hiemis.

a astrologia do discurso sobre os astros. De fato, nomía significa lei e logos discurso. E assim, a astronomia é a ciência que discu te a lei dos astros e a revolução do céu, investigando as regiões, as órbitas, os movimentos, o raiar e pôr-se das estrelas e as ra zões do nome de cada uma. A astrologia, por sua vez, considera os astros em seu influxo sobre o nascimento ou a morte ou qual quer outro evento, influxo que é em parte natural e em parte su persticioso. Tal influxo é natural sobre a complexão dos corpos, os quais variam de acordo com o ritmo dos corpos superiores, como é o caso da saúde, doença, tempestade, estiagem, fertilida de e esterilidade; mas esse influxo é supersticioso com relação às coisas contingentes ou que dependem do livre-arbítrio.

CAPÍTULO 11: A aritmética

O objeto da aritmética é o número par e ímpar. O número par pode ser par-par, par-ímpar ou ímpar-par. Também o número ímpar tem três espécies. A primeira espécie é o número primeiro e não composto, a segunda é o número segundo e composto, a terceira é o número segundo e composto em si mesmo, mas pri meiro e não composto quando é relacionado com os outros.32

CAPÍTULO 12: A música

Há três tipos de música: do universo, do homem, dos instru mentos.

A música do universo existe nos elementos, nos planetas, nos tempos. Nos elementos ela consiste em peso, número e me dida. Nos planetas consiste em lugar, movimento, natureza. Nos tempos, ela consiste nos dias, mediante a alternância da luz e da noite, nos meses, mediante a lua crescente e decres cente, nos anos, mediante a mudança da primavera, do verão, do outono e do inverno.

32. Par-par é o número que pode ser dividido várias vezes em duas partes iguais até chegar a 1 (ex. 32-16-84-2-1). Par-ímpar é o número que pode ser dividido uma só vez em duas partes iguais, tornando-se logo ímpar e indivisível (ex. 22). ímpar-par é o número que pode ser dividido várias vezes em duas partes até tomar-se indivisível (ex. 12-6-3). Entre os números ímpares, é não-composto o número que pode ser dividido somente por 1 ou por si mesmo (ex. 3,5,7), é composto o ímpar que pode ser dividido por outros números além do 1 (ex. 9 :3 ,1 5 :5 ,2 1 :7). Hugo está citando as Etymologiae de Isidoro, III, V.

Humana musica, alia in corpore, alia in anima, alia in conne xu utriusque; in corpore, alia est in vegetatione, secundum quam crescit quae omnibus nascentibus convenit, alia est in humoribus, ex quorum complexione humanum corpus subsistit, quae sensibi libus communis est, alia in operationibus, quae specialiter ratio nalibus congruit, quibus mechanica praeest, quae, si modum non excesserint bonae sunt, ut inde non nutriatur cupiditas unde in firmitas foveri debet, sicut Lucanus in laudem Catonis refert:

"Huic epulae vicisse famem, magnique penates

Submovisse hiemem tecto: pretiosaque vestis

Hirtam membra super, Romani more Quiritis,

Induxisse togam"40

Musica in anima alia est in virtutibus, ut est iustitia, pietas et temperantia, alia in potentiis, ut est ratio, ira, et concupiscen tia. Musica inter corpus et animam est illa naturalis amicitia qua anima corpori non corporeis vinculis, se affectibus quibusdam colligatur, ad movendum et sensificandum ipsum corpus, secun dum quam amicitiam "nemo carnem suam odio habuit"4041. Musi ca haec est, ut ametur caro, sed plus spiritus, ut foveatur corpus, non perimatur virtus.

Musica instrumentalis alia in pulsu, u t fit in tympanis et chordis, alia in flatu, ut in tibiis et organis, alia in voce, ut in carminibus et cantilenis. "Tria quoque sunt genera musicorum: unum quod carmina fingit, aliud quod instrumentis agitur, terti um quod instrumentorum opus carmenque diiudicat"42.

Caput XIII: De geometria

Geometria tres habet partes, planimetriam, altimetriam, cosmimetriam. Planimetria planum metitur, id est, longum et la tum, et extenditur ante et retro, dextrorsum et sinistrorsum. Altimetria altum m etitur et extenditur sursum et deorsum. Nam et mare altum dicitur, id est,

40. Lucanus, De Bello Civile 2,384-387. 41. Ef 5,29. 42. Boethius, De musica 1,34.

A música humana existe ora no corpo, ora na alma, ora na conexão dos dois. A música do corpo consiste ora na atividade vegetativa, pela qual ele cresce como convém a todos os seres que nascem, ora nos líquidos, cujo fluxo faz o corpo subsistir como é comum aos seres com vida sensitiva, ora nas atividades produtivas, como convém de modo especial aos seres racionais. A estas últi mas operações preside a mecânica, as quais são boas quando não excedem a moderação, para que a ganância não se nutra da quilo de que a fraqueza deveria sustentar-se, como diz Lucano em louvor de Catão:

"Para ele era um banquete ter vencido a fome, uma grande

habitação

ter afugentado o frio sob um teto, uma veste preciosa

ter vestido uma toga rúvida sobre os ombros, nos moldes de

um Quirite Romano ".

A música da alma, uma consiste nas virtudes, como justiça, piedade e temperança, a outra nas potências, como razão, ira e concupiscência. A música entre o corpo e a alma é aquela amiza de natural com a qual a alma se liga ao corpo não com vínculos corporais mas com determinados afetos, para mover e tornar sensível o próprio corpo, amizade pela qual "ninguém odiou sua própria carne". Esta música consiste em que a carne seja amada, mas o espírito ainda mais, o corpo seja reforçado e a virtude não seja destruída.

A música instrumental consiste uma na percussão, como acontece nos tímpanos e cordas, outra no sopro, como nas flau tas e órgãos, outra na voz, como nos versos e cantos. "Há três ti pos de músicos: um que compõe os versos, outro que toca os ins-truiftentos, um terceiro que julga o desempenho dos instrumen tos e os versos".

CAPÍTULO 13: A geometria

A geometria se divide em três partes: planimetria, altimetria, cosmometria. A planimetria mede a superfície plana, isto é, o longo e o largo, e se estende para frente e para trás, para a di reita e para a esquerda. A altimetria mede a altura e se estende para cima e para baixo. De fato, também o mar se diz alto, isto é,

profundum, et arbor alta, id est, sublimis. Cosmos mundus inter pretatur, et inde dicta est cosmimetria, id est mensura mundi. Haec metitur sphaerica, id est, globosa et rotunda, sicut est pila et ovum, unde etiam a sphaera mundi propter excellentiam dicta est cosmimetria, non quia tantum de mundi mensura agat, sed quia mundi sphaera inter omnia sphaerica dignior sit. Caput XIV: De astronomia

Nec contrarium est, quod superius immobilem magnitudi nem geometriae attribuimus et mobilem astronomiae, quia hoc secundum primam inventionem dictum est, secundum quam eti am geometria mensura terrae dicitur. Vel possumus dicere quod id quod geometria in sphaera mundi considerat, id est, dimensio regionum et circulorum caelestium, immobile sit, secundum hoc quod ad geometricam considerationem pertinet. Geometria enim non considerat motum, sed spatium. Quod autem astrono mia speculatur mobile sit, id est, cursus astrorum et intervalla temporum. Sicque universaliter dicemus immobilem magnitudi nem geometriae esse subiectam, mobilem astronomiae, quia, li cet ambae de eadem re agant, una tamen contemplatur id quod permanet, altera id quod transit speculatur. Caput XV: Definitio quadrivii

Arithmetica est igitur numerorum scientia. Musica est divi sio sonorum et vocum varietas. Aliter, musica sive harmonia est plurium dissimilium in unum redactorum concordia. Geometria est disciplina magnitudinis immobilis formarumque descriptio contemplativa, per quam uniuscuiusque termini declarari so lent. Aliter, geometria est “fons sensuum et origo dictionum”43. Astronomia est disciplina investigans spatia, motus et reditus cae lestium corporum certis temporibus.

43. Cassiodorus, Institutiones 2,3,14; Isidorus, Etymologiae 2,29,16.

profundo e a árvore alta, isto é, elevada. Cosmos significa mun do, e disto vem a cosmimetria, que é a “medição do mundo”. Esta mede os corpos esféricos, ou seja, globulares e redondos, como a bola e o ovo, e foi chamada cosmimetria em virtude da excelência da esfera do mundo, não porque ela se interessa ape nas da medição do mundo, mas porque a esfera do mundo é a mais digna entre os corpos esféricos.

CAPÍTULO 14: A astronomia

Isto não contraria o fato de acima termos atribuído a gran deza imóvel à geometria e a móvel à astronomia. Isto foi dito numa primeira fase da descoberta da geometria, na qual a geo metria se chama também "medição da terra". Podemos também dizer que aquilo que a geometria analisa na esfera do mundo, ou seja, a dimensão das regiões e das órbitas celestes, é imóvel, e neste sentido pertence à atenção da geometria. A geometria, com efeito, não considera o movimento, mas o espaço. Aquilo que a astronomia indaga, ao contrário, é móvel, como é o caso das órbitas dos astros e os intervalos dos tempos. E assim dize mos sem exceção que a grandeza imóvel pertence à geometria e a móvel à astronomia, pois, ainda que as duas tratem da mesma entidade, uma contempla aquilo que está firme, a outra indaga aquilo que se movimenta.

CAPÍTULO 15: Definição do quadrívio

A áritmética é a ciência dos números. A música é a divisão dos sons e a variedade das vozes. Em palavras diversas, a música ou harmonia é a concórdia de muitos dissimiles reduzidos a um. A geometria é a ciência da grandeza imóvel e a descrição con templativa das formas, pela qual costumam ser definidos os limi tes de cada coisa. Em outras palavras, a geometria é "a fonte dos sentidos e a origem das palavras". A astronomia é a ciência que investiga os espaços, os movimentos e as revoluções dos corpos celestes em tempos determinados.

Caput XVI: De Physica

Phisica causas rerum in effectibus suis et effectus a causis suis investigando considerat

"Unde tremor terris, qua vi maria alta tumescant

Vires herbarum, animos irasque ferarum,

Omne genus fruticum, lapidum quoque reptiliumque"44.

Physis natura interpretatur, unde etiam in superiori divisio ne theoricae physicam naturalem Boethius nominavit. Haec eti am physiologia dicitur, id est sermo de naturis disserens, quod ad eandem causam spectat. Physica aliquando large accipitur aequipollens theoricae, secundum quam acceptionem philoso phiam quidam in tres partes dividunt, id est, physicam, ethicam, logicam, in qua divisione mechanica non continetur, sed restrin gitur philosophia circa physicam,

ethicam, logicam. Caput XVII: Quid sit proprium uniuscuiusque artis

Cum vero omnes artes ad unum philosophiae tendant termi num, non una tamen via omnes currunt, sed singulae suas propri as quasdam considerationes habent, quibus ao invicem differunt.

Logica consideratio est in rebus, attendens intellectus rerum, sive per intelligentiam, ut neque sint haec neque horum similitu dines, sive per rationem, ut non sint haec sed horum tamen simili tudines. Considerat ergo logica species et genera rerum.

Mathematicae autem proprium est actus confusos inconfu se per rationem attendere. Verbi gratia, in actu rerum, non inve nitur linea sine superficie et soliditate. Nullum enim corpus sic solummodo longum est, ut latitudine vel altitudine careat, sed in omni corpore haec tria simul sunt. Ratio tamen attendit sine su perficie et crassitudine lineam pure per se, quod est mathemati cum, non quia in re ita vel sit vel esse possit, sed4

44. Vergilius, Georg. 2,479.

A física pesquisa e investiga as causas em seus efeitos e os efeitos a partir das causas.

De onde vêm terremotos, porqual força os mares Profundos

intumescem ,

As forças das ervas, as ídoles e as iras das feras

Todo gênero de arbustos, com o também de pedras e répteis.

Físis significa natureza, e por isso, na divisão anterior da teórica, Boécio chama a física de “natural”. Ela é dita também fisiologia, isto é, discurso que trata das naturezas, algo que con cerne ao mesmo objetivo. A física, algumas vezes, é entendida em sentido amplo correspondente à inteira teórica, e segundo esta acepção alguns dividem a filosofia em três partes, isto é, fí sica, ética e lógica, divisão na qual não é contida a mecânica e a filosofia é restrita à física, ética e lógica.

CAPÍTULO 17: A especificidade de cada arte

É verdade que todas as artes tendem para o único objetivo da filosofia, mas nem todas percorrem o mesmo caminho; aliás, cada uma possui determinadas

ponderações próprias, pelas quais se diferencia das outras.

O objeto da lógica são as coisas, cuidando dos conceitos das coisas, ou pela inteligência, quando não estão presentes nem as coisas nem as imagens delas, ou pela razão, quando não estão presentes as coisas mas o estão as imagens delâs. A lógica se in teressa, assim, pelas espécies e pelos gêneros das coisas.

Próprio da matemática é tornar distintos pela razão os da dos confusos. Por exemplo, na coisa real não se encontra a linha sem a superfície e a solidez. Nenhum corpo é, assim, somente longo, como se não tivesse largura e alteza, pois em cada corpo estas três qualidades são simultâneas. A razão analisa a linha de maneira pura, em si, sem a superfície e o peso. E isto é algo ma temático, não porque na coisa é assim ou pode ser assim, mas

quia ratio saepe actus rerum considerat, non ut sunt, sed sicut esse possunt, non in se, sed quantum ad ipsam rationem, id est, ut ratio pateretur esse. Secundum quam considerationem dic tum est continuam quantitatem in infinita decrescere, et discre tam crescere in infinitum. Talis est enim vivacitas rationis, ut omne longum in longa dividat, latum in lata, et cetera, utque ipsi rationi nihil carens intervallo intervallum generet.

Physicae autem est proprium actus rerum permixtos imper mixte attendere. Actus enim corporum mundi non sunt puri, sed compositi ab actibus purorum, quos physica, cum per se non in veniantur, pure tamen et per se considerat. Purum scilicet ac tum ignis, sive terrae, sive aeris, sive aquae, et ex natura unius cuiusque per se considerata, de concretione et efficientia totius iudicat.

Hoc etiam praetereundum non est, quod sola physica pro prie de rebus agit, ceterae omnes de intellectibus rerum. Logica tractat de ipsis intellectibus secundum praedicamentalem cons titutionem; mathematica vero, secundum integralem compositi onem, et ideo logica quandoque utitur pura intelligentia, mathe matica autem nunquam sine imaginatione est, ideoque nihil vere simplex habet Quia enim logica et mathematica priores sunt ordine discendi quam physica, et ad ea quodammodo ins trum enti vice funguntur, quibus unumquemque primum infor mari oportet antequam physicae speculationi operam det, necesse fuit ut non in actibus rerum, ubi fallax experimentum est, sed in sola ratione, ubi inconcussa veritas manet, suam conside rationem ponerent, deinde ipsa ratione praevia ad experientiam rerum descenderent.

Postquam igitur demonstravimus quomodo divisio theoricae, quam ponit Boethius, superiori conveniat, breviter nunc utrasque repetimus, ut singula utriusque verba divisionis invi cem conferamus.

porque é próprio da razão considerar freqüentemente o ser das coisas não como estas são, mas como podem ser, não em si, mas de acordo com a razão, isto é, como a razão consente que sejam. Neste sentido foi dito que a quantidade

contínua é dividida em infinitas partes e que uma quantidade divisa cresce ao infinito. É tal a vitalidade da razão, que ela divide qualquer coisa longa em outras coisas longas, algo largo em coisas largas, e assim em diante, e que nenhum objeto, indiviso, deixe de engendrar uma divisão para a própria razão.

É próprio da física tratar singularmente os movimentos mis tos. De fato, os movimentos dos corpos do mundo não são pu ros, mas compostos de atos puros que a física, mesmo que em si não existam, considera puros e em si. A física, tendo observado o movimento puro do fogo, ou da terra, ou do ar ou do céu, con clui, a partir da natureza de cada um observada separadamente, sobre a agregação e a eficiência do todo.

E também não deve ser esquecido que unicamente a física trada das coisas, enquanto todas as outras ciências se ocupam dos conceitos das coisas. A lógica trata destes conceitos, mas em termos de organização categorial, enquanto a matemática em termos de constituição integral; por esta razão, â lógica às vezes se utiliza da inteligência pura, enquanto a matemática nunca age sem imaginação, e, por isso, não tem nenhum objeto verdadeiramente simples. Sendo que a lógica e a matemática são anteriores à física na ordem da aprendizagem e funcionam para ela num certo qual modo como instrumentos, sobre os quais qualquer pessoa deve ser informada antes de aceder à pesquisa física, foi necessário que a lógica é a matemática se dedicassem não à dinâmica das coisas, onde a experiência é en ganadora, mas unicamente sobre a razão, onde fica a verdade indiscussa, para depois, sob a condução da razão, descerem para a experimentação das coisas.

Depois de ter demonstrado por que a divisão da teórica, pro posta por Boécio, concorda com a anterior, agora repropomos brevemente as duas, para que possamos comparar cada palavra de uma e outra divisão.

Caput XVIII: Collatio supradictorum

Theorica dividitur in theologiam, mathematicam, et physi cam. Vel aliter, theorica dividitur in intellectibilem, intelligibilem, et naturalem. Vel aliter, theorica dividitur in divinalem, in doctrinale et philologiam. Eadem est igitur theologia, intellecti bilis et divinalis, eadem est mathematica, intelligibilis et doctri nalis, eademque physica, philologia, et naturalis.

Sunt qui has tres theoricae partes mystice quodam Palladis nomine, quae dea sapientiae fingitur esse, significari putant. Di citur enim Tritona, quasi tritoona, id est, tertia cognitio, videli cet Dei, quam intellectibilem nominavimus, et animarum, quam intelligibilem diximus, et corporum, quam naturalem appellavi mus. Et merito ab his tribus tantum sapientia vocabulum sumit, quia, licet tres reliquas, id est, ethicam, mechanicam, logicam, congrue ad sapientiam referre

possimus, expressius tamen logi cam, propter vocis eloquentiam, mechanicam et ethicam, prop ter circumspectionem morum et operum, prudentiam sive scien tiam appellamus. Solam autem theoricam, propter speculatio nem veritatis rerum, sapientiam nominamus.

Caput XIX: Item

Practica dividitur in solitariam, privatam et publicam; vel aliter, in ethicam, oeconomicam et politicam; vel aliter, in mora lem et dispensativam et civilem. Una est solitaria, ethica et mora lis; una rursum, privata, oeconomica et dispensativa. Eademque publica, politica atque civilis. Oeconomus interpretatur dispensa tor. Inde oeconomica dicta est dispensativa. Polis Graece, Latine civitas dicitur; inde politica dicta est, id est, civilis. Quando ethi cam partem constituimus practicae, stricte accipienda est ethica in moribus uniuscuiusque personae, et est eadem quae solitaria.

Solitaria igitur “est quae sui curam gerens cunctis sese eri git, exornat augetque virtutibus,

CAPÍTULO 18: Comparação das coisas ditas acima

A teórica se divide em teologia, matemática e física. Ou, de outra maneira (segundo Boécio), a teórica se divide em intelectível, inteligível e natural. Ou, de outra maneira ainda, a teórica se divide em divinal, doutrinai e fisiologia. A teologia, portanto, é igual a intelectível e divinal; a matemática é igual a inteligível e doutrinai; a física é o mesmo que fisiologia e natural.

Há quem ache que estas três partes da teórica recebam o significado de um certo nome de Palas Atena, que foi considera da a deusa da Sapiência. Ela é chamada Tritona, ou Tritoona, isto é, conhecimento tríplice: de Deus, que chamamos conheci mento intelectível, das almas, que chamamos conhecimento in teligível, dos corpos, que chamamos conhecimento natural. E com justa razão a Sapiência toma o nome a partir destas três partes, pois, não obstante possamos relacionar congruamente à Sapiência as três restantes, que são a ética, a mecânica e a lógi ca, mais apropriadamente apelidamos estas últimas de prudên cia e ciência: a lógica, em razão da eloqüência da palavra, a me cânica e a ética, em razão da conveniência dos costumes e dos trabalhos. Chamamos Sapiência somente a teórica, em razão da investigação da verdade das coisas.

CAPÍTULO 19:Continuação

A prática se divide em solitária, privada e pública; ou, de ou tra maneira, em ética, econômica e política; ou, de outro modo, em moral, administrativa e civil. Uma é solitária, ética e moral; a outra é privada, econômica e administrativa, a outra enfim é pú blica, política e civil. O e c o n o m u s significa administrador. Por isso, a ciência econômica é chamada administrativa. O termo gre go pólis em latim é civitas , e por isso a política é dita civil. Quan do consideramos a ética uma parte da prática, a ética deve ser entendida em sentido estrito de costumes morais de cada pes soa, e é o mesmo que solitária.

A filosofia prática solitária, portanto, "é aquela que, tomando conta de si, se eleva acima de tudo, se adorna e acresce de virtudes, nihil in vita admittens quo non gaudeat, nihil faciens paeniten-dum".

Privata est "quae familiaris officium mediocri componens dispositione distribuit".

Publica est "quae rei publicae curam suscipiens, cunctorum saluti suae providentiae sollertia, et iustitiae libra, et fortitudi nis stabilitate, et temperantiae patientia medetur"45.

Solitaria igitur convenit singularibus, privata patribus fami lias, politica rectoribus urbium. Practica "actualis dicitur, eo quod res propositas operationibus suis explicet. Moralis dicitur per quam mos vivendi honestus appetitur, et instituta ad virtu tem tendentia praeparantur. Dispensativa dicitur cum domesti carum rerum sapienter ordo disponitur. Civilis dicitur per quam totius civitatis utilitas administratur"46. Caput XX: Divisio mechanicae in septem

Mechanica septem scientias continet: lanificium, arm atu ram, navigationem, agriculturam, venationem, medicinam, thea tricam. Ex quibus tres ad extrinsecus vestimentum naturae per tinent, quo se ipsa natura ab incommodis protegit, quattuor ad intrinsecus, quo se alendo et fovendo nutrit, ad similitudinem quidem trivii et quadrivii, quia trivium de vocibus quae extrinse cus sunt et quadrivium de intellectibus qui intrinsecus concepti sunt pertractat

Hae sunt septem ancillae quas Mercurius a Philologia in do tem accepit, quia nimirum eloquentiae, cui iuncta fuerit sapien tia, omnis humana actio servit, sicut Tullius in libro rhetorico rum de studio eloquentiae dicit: "Hoc tuta, hoc honesta, hoc il lustris, hoc eodem vita iucunda fiat Nam hinc ad rem publicam plurima commoda veniunt, si moderatrix omnium praesto est sa pientia. Hinc ad eos qui ipsam adepti sunt, laus, honos, dignitas, confluit. Hinc amicis quoque eorum certissimum et tutissimum praesidium est"47.

45. Boethius, In Isag. pr. 1,3. 46. Isidorus, Etymologiae 2,24,16; Cassiodorus, Institutiones 2,3,7. 47. Cicero, De invent. 1,5.

nada admitindo em sua vida de que nao possa alegrar-se, nada fazendo de que deva arrepender-se".

A filosofia prática privada é "aquela que distribui a tarefa do servo, dando ordens com comando moderado".

A filosofia prática pública é "aquela que, curando da coisa pública, provê ao bem-estar de todos com a perspicácia de sua sabedoria, com o equilíbrio da justiça, com a firmeza da cora gem e com a paciência da temperança".

A solitária, portanto, é própria dos indivíduos, a privada dos chefes da casa, a política dos reitores das cidades. A prática "se diz ativa, porque realiza com suas operações as coisas propos tas. Se diz moral, porque por ela se deseja um costume honesto de viver e são organizados ordenamentos que tendem para a vir tude. Se diz administrativa, quando a ordem das coisas domésti ca é disposta sabiamente. Se diz civil, porque por ela é provida a utilidade de toda a cidade".

CAPÍTULO 20:Divisão da mecânica em sete ciências

A mecânica contém sete ciências: ciência da lã, ciência das armas, navegação, agricultura, caça, medicina, teatro. Destas, três dedicam-se à proteção externa da natureza humana, de modo que esta natureza se protege dos incômodos, e quatro à prote ção interna, pela qual a natureza se nutre, crescendo e curan do-se. Trata-se de uma semelhança com o trivio e o quadrivio, porque o trívio trata das palavras exteriores, e o quadrivio dos conceitos que são concebidos no íntimo.

Estas são as sete servas que Mercúrio recebeu em dote da Filologia, porque toda ação humana serve à eloqüência, quando a esta se acrescenta a Sabedoria, como diz Túlio no livro dos retores sobre a arte da eloqüência: "Por ela a vida se torna segura, por ela honesta, por ela ilustre, e por ela alegre. Disto decorrem muitas vantagens para a república, se a Sabedoria é guia cons tante de tudo. Disto afluem, para aqueles que a adquiriram, lou vor, honra e dignidade. Também para os amigos deles, disto ad vêm uma defesa certíssima e seguríssima".

Hae mechanicae appellantur, id est, adulterinae, quia de opere artificis agunt, quod a natura formam mutuatur. Sicut ali ae septem liberales appellatae sunt, vel quia liberos, id est, expe ditos et exercitatos animos requirunt, quia subtiliter de rerum causis disputant, vel quia liberi tantum antiquitus, id est, nobi les, in eis studere consueverant plebei vero et ignobilium filii in mechanicis propter peritiam operandi. In quo magna priscorum apparet diligentia, qui nihil intentatum linquere voluerunt, sed omnia sub certis regulis et praeceptis stringere. Mechanica est scientia ad quam fabricam omnium rerum concurrere dicunt.

Caput XXI: Prima: lanificium

Lanificium continet omnia texendi, consuendi, retorquendi genera, quae fiunt manu, acu, fuso, subula, girgillo, pectine, ali-bro, calamistro, chilindro, sive aliis quibuslibet instrumentis, ex quacumque lini vel lanae materia et omni genere pellium erasa rum vel pilos habentium, cannabis quoque, vel suberis, iunco-rum, pilorum, floccorum, aut alia qualibet re huiuscemodi, quae in usum vestimentorum, operimentorum, linteorum, sagorum, sagmatum, substratoriorum, cortinarum, matularum, filtrorum, chordarum, cassium, funium, redigi potest. Stramina quoque ex quibus galeros et sportulas texere solent homines. Haec omnia studia ad lanificium p ertinent

Caput XXII: Secunda: armatura

Secunda est arm atura. Arma aliquando quaelibet instru menta dicuntur, sicut dicimus arma belli, arma navis, id est, ins trum enta belli et navis. Ceterum proprie arma sunt quibus tegi mur, u t scutum, thorax, galea, vel quibus percutimus, u t gladius, bipennis, sarisa. Tela

Estas ciências se chamam mecânicas, isto é, imitativas, por que tratam do trabalho do artífice, que da natureza toma empres tada a forma. Paralelamente, as outras sete ciências foram chama das liberais, ou porque exigem espíritos livres, isto é, prontos e treinados, pois disputam sutilmente das causas das coisas, ou por que antigamente somente os livres, isto é, os nobres, costumavam dedicar-se a elas, enquanto os plebeus e os filhos dos ignorantes costumavam dedicar-se às ciências mecânicas por sua capacidade de operar. Nisso tudo aparece a grande atenção dos antigos em não deixar nada não tratado, mas abarcar tudo com determinadas regras e ensinamentos. A mecânica é a ciência para a qual, como dizem, converge a fabricação de todas as coisas.

CAPÍTULO 21: Primeira: a ciência da lã

A ciência da lã abrange todas as formas de tecer, costurar, fiar que são executadas à mão, com agulha, fuso, sovela, lança deira, pente, tear, calamistro, rolo ou com qualquer outro instru mento sobre qualquer material de linho ou lã, e sobre todo tipo de peles tosquiadas ou cheia de pêlos, como todo tipo de cânha mo, cortiças, juncos, pêlos, flocos e todos os outros materiais deste tipo que podem ser transformados para o uso de vestes, cobertores, lençóis, mantas, gualdrapas, tapetes, cortinas, esto fos, feltros, cordas de instrumentos musicais,

redes de caça, cor das. Considerem-se também as palhas, das quais os homens cos tumam entrelaçar chapéus e cestos. Todos estes trabalhos per tencem à ciência da lã.

CAPÍTULO 22: Segunda: a ciência das armas

A segunda é a ciência das armas. Às vezes são ditas armas todos os instrumentos, como quando dizemos armas de guerra, armas da nave, isto é, instrumentos de guerra e da nave. Toda via, são armas propriamente aquelas com as quais nos cobrimos, como o escudo, a couraça, o elmo, ou com as quais golpeamos, como a espada, o machado de lâmina dupla, a lança. As armas

autem sunt quibus iaculari possumus, ut hasta, sagitta.

Dicta autem arma ab armo, id est, bracchio, quia bracchium muniunt quod ictibus opponere solemus. Tela autem dicuntur a Graeco telon, id est, longum, eo quod longa sint huiusmodi, unde et protelare, id est, prolongare dicitur.

Armatura igitur quasi instrumentalis scientia dicitur, non tantum ideo quod instrumentis operando utatur, quantum quod de praeiacenti alicuius massae materia aliquod, ut ita dicam, ins trumentum efficiat. Ad hanc omnis materia lapidum, lignorum, metallorum, harenarum argillarum pertinet.

Haec duas habet species, architectonicam et fabrilem.

Architectonica dividitur in caementariam, quae ad latomos et caementarios, et in carpentariam, quae ad carpentarios et tig narios pertinet, aliosque huiusmodi utriusque artifices, in dola bris et securibus, lima et assiculo, serra et terebro, runcinis, ar-tavis, trulla, examussi, polientes, dolantes, sculpentes, limantes, scalpentes, compingentes, linientes in qualibet materia, luto, la tere, lapide, ligno, osse, sabulo, calce, gypso, et si qua sunt simi lia operantium.

Fabrilis dividitur in malleatoriam, quae feriendo massam in formam extendit, et in exclusoriam, quae fundendo massam in formam redigit. Unde “exclusores dicti sunt, qui de confusione massae noverunt formam vasis exprimere”48.

Caput XXIII: Tertia: navigatio

Navigatio continet omnem in emendis, vendendis, mutan dis, domesticis sive peregrinis mercibus negotiationem. Haec rectissime quasi quaedam sui generis rhetorica est, eo quod huic professioni eloquentia maxime sit necessaria

48. Augustinus, In Psalmos 67,39.

longas são aquelas com as quais podemos golpear à distância, como o dardo e a flecha.

As armas são chamadas assim do termo latim armus, que significa braço, porque elas munem o braço, que costumamos opor aos golpes. Tela vem do grego telos, que significa longo, porque as armas deste tipo são longas, de onde vem a palavra protelar, que significa prolongar.

A ciência das armas se chama ciência instrumental, não so mente porque em suas operações utiliza instrumentos, mas tam bém porque com o material disponível de alguma massa faz al gum instrumento. À ciência das armas pertence qualquer mate rial de pedras, madeiras, metais, areias e argilas.

Esta ciência compreende ainda dois gêneros: a arquitetôni ca e a fabril.

A arquitetônica compreende seja o corte de pedras, que cabe aos cortadores de pedras e aos pedreiros, como a carpintaria, que cabe aos carpinteiros e aos marceneiros, como também a outros trabalhadores das duas atividades. Nela se trabalha com machados e martelos, lima e caibros, serras e brocas, plainas, fa cas, colher de pedreiro e esquadro, polindo, afinando, esculpin do, limando, incidindo, conectando, rebocando sobre qualquer material com argila, tijolo, pedra, madeira, osso, areia, cal, gesso e outros materiais parecidos dos operários.

A ciência fabril se divide em duas: uma é executada com o martelo, que, batendo sobre uma massa, dilata-a numa fôrma, e a outra é a fundição, que, fundindo uma massa, a reduz a uma forma. Por esta razão, "foram chamados fundidores, eles que, da massa confusa, mediante moldes, souberam expressar uma forma".

CAPÍTULO 23: Terceira: a navegação

A navegação abrange todo o comércio de compra, venda e troca de mercadorias domésticas ou estrangeiras. Com justa ra zão a navegação é considerada uma retórica sui generis, uma vez que a eloqüência é absolutamente necessária a esta profissão.

Unde et hic qui facundiae praeesse dicitur, Mercurius, quasi mer catorum kirrius, id est, Dominus appellatur.

Haec secreta mundi penetrat, litora invisa adit, deserta hor rida lustrat, et cum barbaris nationibus et linguis incognitis commercia humanitatis exercet. Huius studium gentes conciliat, bella sedat, pacem firmat, et privata bona ad communem usum omnium immutat.

Caput XXIV: Quarta: agricultura

Agricultura quattuor species habet: arvum agrum, qui satio ni deputatur; et consitum, qui arboribus vacat, ut vineta, poma ria, nemora; pascuum, ut prata, tempe, tesqua; floridum, ut hor ti et rosaria.

Caput XXV: Quinta: venatio

Venatio dividitur in ferinam, aucupium et piscaturam. Feri na multis modis exercetur, retibus, pedicis, laqueis, praecipitiis, arcu, iaculis, cuspide, indagine, pennarum odore, canibus, acci pitribus. Aucupium fit laqueis, pedicis, retibus, arcu, visco, hamo. Piscatura fit sagenis, retibus, gurgustiis, hamis, iaculis.

Ad hanc disciplinam pertinet omnium ciborum, saporum, et potuum apparatus. Nomen tamen accepit ab una parte sua, quia antiquitus plus venatione vesci solebant, sicut adhuc in quibus dam regionibus, ubi rarissimus usus panis est, carnem pro cibo et mulsum vel aquam pro potu habent

Cibus in duo dividitur, in panem et obsonium.

Panis dictus est, vel quasi ponis, quia omnibus mensis appo nitur, vel a Graeco pan, quod est omne, quia nullum convivium bonum sine pane ducitur. Panis multa sunt genera,

Por isto, aquele que preside à arte de falar, Mercúrio, é conside rado kirrius, ou seja, Senhor dos mercadores.

A navegação penetra em regiões remotas, adentra litorais nunca vistos, percorre desertos horrificos, e estabelece relações humanas com povos bárbaros e com línguas desconhecidas. Este tipo de dedicação reconcilia as nações, aplaca as guerras, consoli da a paz, e transfere os bens privados para o uso comum de todos.

CAPÍTULO 24:Quarta: a agricultura

A agricultura se divide segundo quatro tipos de terreno: campo arável, destinado à semeadura; campo arbóreo, destina do às plantas, como vinhedo, pomar e bosques; campo pastoril, como prados, vales e descampados; campo florido, como hortos e roseirais.

CAPÍTULO 25:Quinta: a caça

A caça se divide em caça selvagem, passarinhagem e pesca. A caça selvagem se faz de muitas maneiras, com redes, armadi lhas, laços, fossas, arco, flechas, lanças, tocaias, cheiros de plu mas, cachorros, falcões. A caça aos pássaros se faz com laços, ar madilhas, redes, arco, visgo e gancho. A pesca se faz com nassas, redes, paliçadas, anzóis e arpões.

A esta disciplina pertence a preparação de todos os alimen tos, molhos e bebidas. Esta significação mais ampla do termo "caça" tem origem de uma parte dela, pois antigamente os ho mens se alimentavam preferencialmente de caça, como ainda hoje em algumas regiões, onde o uso do pão é rarissimo, tendo a carne como alimento e o mosto e a água como bebida.

A comida se divide em duas partes, pão e acompanhamento.

O panis (pão) se chama assim ou porque, como ponis, é posto em todas as mesas, ou do grego pan, que significa tudo, considerado que nenhuma boa refeição se faz sem o pão. Há muitos tipos de pão:

azymus, fermentatus, subcinericius, rubigus, spongia, placenta, clibanicus, dulcia, siligeneus, amolum, simila, *et cetera* multa.

Obsonium dicitur quasi adiunctum pani, quod nos cibarium dicere possumus. Huius multa sunt genera, carnes, pulmenta, mulsa, holera, fructus. Carnes aliae sunt assae, aliae frixae, aliae elixae, aliae crudae, aliae salsae. Aliae dicuntur succidia, lardum quoque sive taxea, perna vel petasunculus, axungia, arvina, adeps. Pulmenti item multa sunt genera, Lucaniae farcimen, mi nutal, afrotum, mortisia Galatiae, *et cetera* quaecumque prin ceps coquorum excogitare potuit Mulsa habent lac, colostrum, babdutam, butyram, caseum, serum. Holerum et fructuum no mina enumeret qui potest?

Sapores alii calidi sunt, alii frigidi, alii amari, alii dulces, alii sicci, alii humidi.

Potus alii tantum sunt potus, id est, qui hum ectant tantum, non nutriunt, u t aqua; alii potus et cibus, id est, qui humectant et nutriunt, ut vinum. Rursum, qui cibus sunt, alii naturaliter sunt cibus, ut vinum et sicera quaelibet; alii accidentaliter, ut cervisia, medones.

Venatio igitur continet omnia pistorum, carnificum, coquo rum, cauponum officia.

Caput XXVI: Sexta: medicina

"Medicina dividitur in duas partes"[49], occasiones et operationes.

Occasiones sex sunt: aer, motus et quies, inanitio et repletio, cibus et potus,

somnus et vigiliae, et accidentia animae. Quae ideo occasiones esse dicuntur, quia faciunt et conservant sanita tem, si tem perata fuerint; si intemperata fuerint, infirmitatem. Accidentia animae ideo dicuntur occasio sanitatis vel infirmita tis, quia aliquando

49. Incipit Isagoge Joannitii ad Tegni Galieni (in Articella [Venetia: Baptista de Tortes,

1487] fol. 2r-a). Cf. Taylor, The Didascalicon, Columbia Univ. Press, New York,

1961, p. 206, notae 75-78.

ázimo, fermentado, cozido sob a cinza, vermelho, pão esponjo so, fogaça, cozido em telha, pão doce, pão de farinha, pão de ce vada, semelhantes e muitos outros.

O acompanhamento é chamado assim porque é como se fos se acrescentado ao pão, e podemos chamá-lo alimento. Existem vários tipos de acompanhamento: carnes, misturas, líquidos me lados, verduras e frutas. As carnes são algumas assadas, outras fritas, outras cozidas, outras cruas, outras salgadas. Outras se chamam carnes de porco, também toucinho ou toucinho defu mado, perna ou presunto, banha, sebo, gordura. Também de misturas há muitas: lingüiça da Lucânia, petisco, posta de peixe, as galácticas e tantas outras quantas um chefe de cozinha con seguiu excogitar. Os mostos têm leite, colostro, lacticínios, man teiga, queijo e soro. E quem pode enumerar o número de verdu ras e frutas?

As salsas são algumas quentes, outras frias, outras amargas, outras doces, outras secas, outras úmidas.

Entre as bebidas, algumas somente tiram a sede, isto é, somen te umedecem, não alimentam, como a água; outras são bebida e ali mento, isto é, umedecem e alimentam, como o vinho. E ainda, entre os alimentos, alguns são alimentos naturais, como o vinho e qual quer sycera• outros são acidentais, como cerveja e hidromel.

A caça, portanto, contém todas as tarefas de padeiros, açou gueiros, cozinheiros e bodegueiros.

CAPÍTULO 26: Sexta: a medicina

“A medicina se divide em duas partes”, as ocasiões (causas condicionantes) e as operações.

As ocasiões são seis: ar, movimento e repouso, esvaziamen to e enchimento,

alimento e bebida, sono e vigília, e as ocorrên cias que influem na alma. Elas se chamam ocasiões, porque oca sionam e conservam a saúde, se forem temperadas; se forem imoderadas, causam a enfermidade. As ocorrências que influem na alma são ocasião de saúde ou enfermidade no sentido de que

vel commovent calorem impetuose, ut ira, vel leniter, u t delecta tiones, vel attrahunt et celant aut impetuose, u t terror et timor, aut leniter, ut angustia. Et sunt quae commovent naturalem vir tutem intus et extra, ut est tristitia.

Omnis operatio medicinae aut intus fit aut extra: intus, u t ea quae ore, naribus, auribus sive ano intromittuntur, ut potiones, vomitationes, pulveres etc., quae bibendo, vel masticando, vel at trahendo sumuntur; foris, ut epitimata, cataplasmata, emplas tra, chirurgia, quae duplex est: in carne, ut incidere, suere, ure re; in osse, ut solidare et iuncturae reddere.

Nec moveat quemquam quod cibum et potum inter atributa medicinae annumero, quae superius venationi attribui, quia se cundum diversos respectus hoc factum est. Vinum namque in botro agriculturae est, in peno, celararii, in gustu, medici. Simili ter ciborum apparatus ad pistrinum, macellum, coquinam perti net; virtus saporis, ad medicinam.

Caput XXVII: Septima: theatrica

Theatrica dicitur scientia ludorum a theatro ubi populus ad ludendum convenire solebat, non quia in theatro tantum ludus fieret, sed quia celebrior locus fuerat ceteris.

Fiebant autem ludi alii in theatris, alii in gabulis, alii in gymnasiis, alii in amphicircis, alii in arenis, alii in conviviis, alii in fanis. In theatro gesta recitabantur vel carminibus, vel personis, vel larvis, vel oscillis in gabulis choreas ducebant et saltabant. In gymnasiis luctabantur. In amphicircis cursu certabant vel pedum, vel equorum, vel curruum. In arenis pugiles exercebantur. In con viviis, rhythmis et musicis instrumentis et odis psallebant et alea ludebant In fanis tempore solemni deorum laudes canebant.

ou às vezes provocam calor impetuosamente, como a ira, ou sua vemente, como o deleite, ou atraem e escondem este calor impe tuosamente, como o terror e o medo, ou suavemente, como a an gústia. E há influências que turbam a energia natural dentro e fora, como a tristeza.

Qualquer operação da medicina pode ser externa ou inter na: a operação é interna, quando se introduzem pela boca, pelo nariz, pelas orelhas ou pelo ânus, poções, vomitivos, vários tipos de pó, etc., que se tomam bebendo, mastigando ou absorvendo; uma operação é externa no caso de faixas, compressas, emplas tros e em caso de cirurgia, que é dupla: na carne, como cortar, costurar, queimar; ou

no osso, como saldar e juntar.

Alguém não se admire se incluo entre os atributos da medi cina o alimento e a bebida, coisas que acima tenho atribuído à caça, porque isto foi feito segundo ângulos diversos. O vinho, por exemplo, é coisa de agricultor no cacho da uva, de cantinei-ro na cantina, e de médico no paladar. Igualmente, a preparação dos alimentos tem a ver com o moinho, o açougue e a cozinha; o poder do sabor é com o médico.

CAPÍTULO 27: Sétima: a ciência do teatro

A ciência dos jogos se diz ciência do teatro por causa do ter mo latim theatro, onde o povo costumava reunir-se para brincar, e isto não porque o lazer acontecia somente no teatro, mas por que este foi um lugar mais freqüentado que os outros.

Os jogos aconteciam alguns nos teatros, outros nas cáveas, outros nos ginásios, outros nos anfiteatros, outros nas arenas, outros nos banquetes, outros nos santuários. No teatro as ges tas eram recitadas em versos, ou através de atores, ou com más caras, ou com bonecos. Nas cáveas os homens executavam coros e dançavam. Nos ginásios lutavam. Nos anfiteatros competiam em corridas a pé, de cavalos ou de bigas. Nas arenas se exibiam os pugilistas. Nos banquetes faziam música com ritmos, instru mentos musicais e canções, e jogavam dados. Nos santuários em ocasiões solenes cantavam os louvores dos deuses.

Ludos vero idcirco inter legitimas actiones connumerabant, quia temperato motu naturalis calor nutritur in corpore, et laeti tia animus reparatur; vel, quod magis videtur, quia necesse fuit populum aliquando ad ludendum convenire, voluerunt determi nata esse loca ludendi, ne in diversoriis conventicula facientes probrosa aliqua aut facinorosa perpetrarent

Caput XXVIII: De logica quae est quarta pars philosophiae

Logica dividitur in grammaticam et in rationem disserendi.

Gramma Graece, littera interpretatur Latine, inde dicta est grammatica, id est litteralis scientia. Littera proprie est figura quae scribitur; elementum, sonus qui pronuntiatur. Ceterum hic large accipienda est littera, u t et vocem et scripturam intelliga-mus, utrum que enim ad grammaticam pertinet

Quidam dicunt grammaticam non esse partem philosophi ae, sed quasi

quoddam appendicium et instrumentum ad philo sophiam. De ratione autem disserendi Boethius dicit quod et pars esse possit et instrumentum ad philosophiam, sicut pes, manus, lingua, oculi, etc., partes sunt corporis et instrumenta.

Grammatica simpliciter agit de vocibus, id est, secundum se inventionem et formationem, compositionem, inflectionem, pro lationem, *et cetera* ad pronuntiationem tantum pertinentia per tractans. Ratio disserendi agit de vocibus secundum intellectus.

Caput XXIX: De grammatica

Grammatica dividitur in litteram, syllabam, dictionem et orationem. Vel aliter grammatica dividitur in litteras, id est, id quod scribitur, et voces, id est, id quod pronuntiatur. Vel aliter, grammatica dividitur in nomen, verbum, participium, prono men, adverbium, praepositionem, coniunctionem, interiectio-nem, vocem

Os jogos foram considerados ações legitimamente huma nas, porque através dos movimentos moderados o calor é nutri do no corpo, è através da alegria o espírito se recupera. Mais ve-rossimilmente, sendo que o povo deve, de vez em quando, reu-nir-se para jogar, se quis que existissem lugares de lazer bem de finidos, para não acontecer que as pessoas, fazendo grupelhos nos botecos, cometessem ações vergonhosas ou delituosas.

CAPÍTULO 28:A lógica como quarta parte da filosofia

A lógica se divide em gramática e teoria da argumentação.

O grego gramma significa em latim letra, e por isso esta ciência foi chamada gramática, isto é, ciência das letras. A letra é propriamente uma figura que se escreve; e o elemento é o som que se pronuncia. Todavia, o termo letra aqui deve ser interpre tado em sentido amplo, entendendo-a como palavra e escrita, pois as duas pertencem à gramática.

A gramática, segundo alguns afirmam, não é parte da filoso fia, mas antes um tipo de apêndice e um instrumento para a filo sofia. Sobre a teoria da argumentação, todavia, Boécio diz que esta poderia ser seja uma parte como um instrumento da filoso fia, do mesmo modo que o pé, a mão, a língua, os olhos, etc., são partes e instrumentos do corpo.

Dito simplesmente, a gramática trata das palavras, isto é, espe cificamente de

sua invenção, formação, composição, modulação, enunciação e todo o resto relacionado somente com a pronúncia. A teoria da argumentação trata das palavras em nível de conceitos.

CAPÍTULO 29: A gramática

A gramática se divide em letra, sílaba, palavra e frase. Ou, dito diferentemente, a gramática se divide em letras, isto é, aqui lo que se escreve, e palavras, isto é, aquilo que se pronuncia. Ou, de outra maneira, a gramática se divide em nome, verbo, participio, pronome, advérbio, preposição, conjunção, interjeição, palavras

articulatam, litteram, syllabam, pedes, accentus, posituras, no tas, orthographiam, analogiam, etymologiam, glossas, differenti as, barbarismum, soloecismum, vitia, metaplasma, schemata, tropos, prosas, metra, fabulas, historias.

Quorum idcirco expositionem transeo, quia et prolixior es set quam huius schedulae brevitas expetat, et quia etiam in hoc opusculo, divisiones tantum rerum et nomina investigare propo sui, u t tantummodo quoddam principium doctrinae lectori con deretur. Qui autem haec scire desiderat, legat Donatum, Servi um, Priscianum De accentibus et Priscianum De duodecim ver sibus Vergilii, et Barbarismum, et Isidorum etymologiarum.

Caput XXX: De ratione disserendi

Ratio disserendi integrales partes habet inventionem et Judi cium, divisivas vero demonstrationem, probabilem, sophisticam.

Demonstratio est in necessariis argumentis et pertinet ad philosophos. Probabilis pertinet ad dialecticos et ad rhetores; sophistica, ad sophistas et cavillatores.

Probabilis dividitur in dialecticam et rhetoricam, quarum utraque integrales partes habet inventionem et iudicium. Quia enim ipsum genus, id est, dissertivam, integraliter constituunt, necesse est ut in compositione omnium specierum eius simul in veniantur. Inventio est quae docet invenire argumenta et consti tuere argumentationes. Scientia iudicandi, quae de utroque iudicare docet.

Quaeri potest, si inventio et iudicium sub philosophia conti neantur. Videntur enim neque sub

articuladas, letra, sílaba, pés da métrica, acentos, pontuação, no tas, ortografia, analogia, etimologia, glosas, diferenças, barbaris mos, solecismos, anomalias, metaplasmos, esquemas, tropos, prosas, metros, fábulas, histórias.

Vou omitir a exposição destas coisas, porque seria mais pro lixo de quanto pretende a brevidade destas páginas e também porque neste opúsculo me prefixei de investigar somente as divi sões e os nomes das coisas, de modo que ao estudante leitor seja oferecido somente algum princípio de cultura. Quem, todavia, deseja conhecer estas coisas, dê uma lida em Donato, Sérvio, Prisciano em De accentibus e Prisciano em De duodecim versi bus Vergilii e Barbarismus, e nas Etimologias de Isidoro.

CAPÍTULO 30:A teoria da argumentação

A teoria da argumentação possui como partes integrais a in venção e o juízo, e como partes divisíveis, a demonstração, o ra ciocínio provável, a sofistica[33].

A demonstração se dá nos argumentos probantes e perten ce ao filósofo. A argumentação provável pertence aos dialéticos e aos retóricos. A sofistica é coisa de sofistas e zombadores.

A argumentação provável se divide em dialética e retórica, e as duas possuem como partes integrais a invenção e o juízo. Sen do que a invenção e o juízo são partes integrais do próprio gêne ro, que é a argumentação, é necessário que se encontrem juntas na composição de todas as subdivisões. A invenção é aquela que ensina a encontrar os argumentos e a compor as argumen tações. A ciência do juízo ensina a julgar sobre argumentos e argumentações.

Podemos perguntar-nos se a invenção e o juízo estão conti dos sob a filosofia. Parecería que não são contidos nem sob a

33. As "partes integrais" não são separáveis do todo, em oposição às "partes divisíveis" nas quais um gênero se subdivide, como, por exemplo, o gênero "animal" se divide nas espécies "racional" e "irracional". A invenção é a procura de argumentos para uma argumentação e o juízo é o julgamento da verdade ou falsidade da argumentação. Invenção e juízo estão presentes em todas as subdivisões da teoria da argumentação.

theorica, neque sub practica, neque sub mechanica, neque sub logica, de qua magis videretur contineri. Sub logica non conti nentur, quia neque per grammaticam neque per dissertivam. Per dissertivam non continentur, cum integraliter eam constituant. Nulla autem res esse possit simul integralis et divisiva pars eius dem generis. Sicque philosophia non omnem scientiam contine re videtur.

Sed sciendum quod scientia duobus modis accipi solet, id est, pro aliqua disciplinarum, sicut cum dico dialecticam esse scientiam, id est, artem vel disciplinam, et pro qualibet cognitio ne, sicut cum dico scientiam habere eum qui scit aliquid. Verbi gratia, si scio dialecticam, scientiam habeo, et si scio natare, sci

entiam habeo, et si scio Socratem esse Sophronisci filium, scien tiam habeo. Et universaliter omnis qui aliquid scit, potest dici scientiam habere. Sed tamen aliud est, cum dico, “dialectica est scientia, id est, ars vel disciplina”, atque aliud cum dico, “scire quod Socrates est Sophronisci filius est scientia, id est, cogni tio”. De omni scientia quae est ars vel disciplina, verum est dice re quod sit pars philosophiae divisiva, non autem universaliter dici potest, quod omnis scientia quae est cognitio, pars sit philo sophiae divisiva. Est tamen prorsus omnis scientia sive discipli na sive quaelibet cognitio pars philosophiae, vel divisiva vel inte gralis.

Disciplina autem est scientia quae absolutum finem habet, in quo propositum artis perfecte explicatur, quod scientiae inve niendi vel iudicandi non convenit, quia neutra per se absoluta est, et ideo disciplina dici non possunt, sed partes disciplinae, id est dissertivae.

Rursum quaeritur si inventio et iudicium eaedem sint par tes dialecticae et rhetoricae, quod inconveniens videtur, u t duo opposita genera eisdem prorsus constituantur partibus. Dici ergo potest has duas voces aequivocas esse ad partes dialecticae et rhetoricae, vel, quod fortassis melius est, dicamus inventio nem et iudicium proprie partes esse

teórica, nem sob a prática, nem sob a mecânica, nem sob a lógi ca, que nos parecería a mais apta a incluí-los. Não estariam incluí dos sob a lógica, nem pela gramática nem pela teoria da argumen tação. Não estariam incluídas pela teoria da argumentação por que a constituem integralmente. Pois nenhuma coisa podería ser simultaneamente parte integral e subdivisão de mesmo gênero. Assim sendo, parece que a filosofia não contém todo o saber.

Mas se deve saber que a ciência pode ser interpretada de duas maneiras: ou como uma das disciplinas, quando digo, por exemplo, que a dialética é uma ciência, isto é, uma arte ou disci plina, ou como qualquer conhecimento, quando, por exemplo, digo que alguém que conhece alguma coisa, tem ciência daquilo. Por exemplo, se conheço a dialética, tenho ciência, e se sei nadar tenho ciência, e se sei que Sócrates é filho de Sofronisco tenho ciência. E em geral, de toda pessoa que sabe de alguma coisa pode ser dito que ela tem ciência daquela coisa. Todavia, uma coisa é se digo: “a dialética é uma ciência, isto é, uma arte ou disciplina”, e outra coisa é se digo: “saber que Sócrates é filho de Sofronisco é uma ciência, isto é, um conhecimento”. De qualquer ciência que é arte ou disciplina se pode dizer que perfaz uma parte da filosofia, mas em geral não se pode dizer que todo saber que é um conheci mento perfaz uma parte da filosofia. Todavia, toda ciência, seja ela disciplina seja um conhecimento qualquer, faz parte da filoso fia, ou como parte divisível ou como parte integral.

A disciplina é uma ciência que possui uma meta final inde pendente, na qual ela realiza perfeitamente o propósito da arte. Isto não é próprio da ciência da invenção e do juízo, porque ne nhuma das duas é independente; por isso, não

podem ser ditas disciplinas, mas antes partes de uma disciplina, isto é, da teoria da argumentação.

Alguém se pergunta, ainda, se a invenção e o juízo são tam bém subdivisões da dialética e da retórica. Mas não parece possí vel que dois gêneros opostos sejam constituídos de idênticas subdivisões. Pode-se dizer, portanto, que estas duas palavras, in venção e juízo, teriam um significado diverso e equívoco entre si como subdivisões da dialética e da retórica. Ou, o que talvez é me lhor, digamos que a invenção e o juízo são propriamente partes

dissertivae et sub his vocibus univocari, in inferioribus tamen huius generis quibusdam proprietatibus, a se invicem differre. Quae tamen differentiae per has voces non discernuntur, quia per eas non secundum hoc quod species componunt, sed secun dum hoc quod partes sunt generis significantur.

Grammatica est scientia loquendi sine vitio; dialectica, dis putatio acuta verum a falso distinguens. Rhetorica est disciplina ad persuadendum quaeque idonea.

da teoria da argum entação, e nesta tem um significado preciso e univoco, mas, se colocados também nas subdivisões inferiores deste gênero, ou seja, na dialética e retórica, teriam dois sigriifi-cados, equívocos entre si. Não dá para im aginar estas diferenças nos dois term os, invenção e juízo, exatam ente porque seu signi ficado advém do fato de serem partes integras de um gênero, não do fato de constituírem espécies.

A gram ática é a ciência de falar sem erro. A dialética é a dis puta aguda que distingue o verdadeiro do falso. A retórica é a disciplina para persuadir sobre tudo o que for conveniente.

LIBER TERTIUS

Caput I: De ordine et modo legendi et disciplina

Philosophia dividitur in theoricam, practicam, mechanicam, logicam. Theorica dividitur in theologiam, physicam, mathematicam. Mathematica dividitur in arithmeticam, musicam, geometriam, astronomiam. Practica dividitur in solitariam, privatam, publicam. Mechanica dividitur in lanificium, armaturam, navigationem, agriculturam, venationem, medicinam, theatricam. Logica dividitur in grammaticam, dissertivam. Dissertiva dividitur in demonstrationem, probabilem, sophisticam. Probabilis dividitur in dialecticam, rhetoricam.

In hac divisione solummodo divisivae partes philosophiae continentur. Sunt aliae adhuc subdivisiones istarum partium, sed istae nunc sufficere possunt. In his igitur si solum numerum respicis, invenies xxi; si gradus computare volueris, xxviii reperies.

Auctores harum scientiarum diversi leguntur. Alii incipiendo, alii augendo, alii perficiendo artes invenerunt, sicque eiusdem artis plures saepe referuntur auctores. Ex his paucorum nomina subter annumerabo.

Caput II: De auctoribus artium

Theologus apud Graecos Linus fuit, apud Latinos, Varro, et nostri tempori, loannes Scotus de decem categoriis in Deum.

Physicam naturalem, apud Graecos, Thales Milesius unus de septem sapientibus repperit, apud Latinos, Plinius descripsit.

LIVRO III

CAPÍTULO 1:Ordem e método na leitura e no estudo

A filosofia se divide em teórica, prática, mecânica e lógica. A teórica se divide em teologia, física, matemática. A m atem ática se divide em aritmética, música, geometria, astronomia. A prática se divide em solitária, privada, pública. A mecânica se divide em ciên cia da lã, ciência das armas, navegação, agricultura, caça, medici na, teatro. A lógica se divide em gramática e arte da argum enta ção. A arte da argum entação se divide em dem onstrativa, prová vel e sofistica. A provável se divide em dialética e retórica.

Nesta divisão estão contidas som ente as partes principais da filosofia. Ainda há outras subdivisões destas partes, mas es tas, por enquanto, podem ser suficientes. No esquem a da divi são, se você olhar apenas o núm ero das disciplinas, encontrará o vinte e um; se quiser num erar todos os degraus do esquema, en contrará o núm ero vinte e oito.

Os autores destas ciências são vários, segundo a tradição. Eles desenvolveram as artes, uns iniciando-as, outros m elhoran do-as, outros aperfeiçoando-as, de modo que freqüentem ente são citados vários autores da mesma arte. Destes, enum erarei a seguir os nom es de alguns poucos.

CAPÍTULO 2:Os autores das artes

Teólogo, entre os gregos, foi Lino. Entre os latinos foi Varro. E o teólogo do nosso tem po é João Escoto, em suas Dez Catego rias sobre Deus.

A física natural foi iniciada entre os gregos por Tales de Mi leto, um dos sete sábios, e entre os latinos foi Plínio a expô-la amplam ente.

Arithmeticam Samius Py thagoras invenit, Nicomachus scrip s it Apud Latinos primum Apuleius, deinde Boethius tran stu lit Hic etiam Py thagoras Mate n te tr a d o s fecit, id est, librum de doc trin a quadrivii, et Y ad similitudinem vitae hum anae in v en it

Musicae repertorem Moy ses dicit fuisse Tubal, qui fuit de stirpe Cain, Graeci Py thagoram , alii Mercurium, qui prim us te-trachordum instituit, alii Linum, vel Zetum, vel Amphionem.

Geometriam apud Aegy ptum primum dicunt esse repertam , cuius auctor

apud Graecos optim us Euclides fu it Huius artem transtulit Boethius. E ratosthenes quoque sagacissimus in geo m etria, qui ambitum orbis repperit.

Dicunt quidam quod Cham filius Noe astronom iam prim us invenerit Chaldaei primum astrologiam docuerunt, secundum nativitatis observantiam . Iosephus autem asseverat Abraham primum instituisse Aegyptios astrologiam. Astronomiam Ptolo-m aeus rex Aegypti reparavit. Hic etiam canones instituit quibus cursus astrorum invenitur. A iunt quidam Nem roth gigantem summum fuisse astrologum , sub cuius nomine etiam astrono mia invenitur. Graeci dicunt hanc artem ab Atlante prius excogi tatam , propter quod etiam caelum sustinuisse fertur.

Ethicae inventor Socrates fuit, de qua viginti quattuor li bros secundum positivam iustitiam scripsit. Deinde Plato disci pulus eius libros m ultos De republic a secundum utram que iusti tiam, naturalem scilicet et positivam, conscripsit. Deinde Tullius in Latino serm one libros De republic a ordinavit Fronto quoque philosophus scripsit librum Strategematon, id est, militaris sua vitatis.

Mechanica diversos habuit auctores. Hesiodus Ascraeus pri mus apud Graecos in describendis rebus rusticis studuit, deinde Democritus. M agnus quoque C arthaginiensis in viginti octo vo luminibus studium agriculturae conscripsit, apud Romanos pri mus Cato De agricultura instituit, quod deinde Marcus Terenti us expolivit

A aritmética foi iniciada por Pitágoras de Samo e foi exposta em livros por Nicômaco. “E ntre os latinos foi traduzida primeiro por Apuleio e depois por Boécio”. O mesmo Pitágoras escreveu também Matentetradem, isto é, um livro sobre a doutrina do qua drivio, e atribuiu à letra Y um a semelhança com a vida humana.

Inventor da música foi, como disse Moisés, um certo Tubal, da estirpe de Caim; para os gregos foi Pitágoras ou, segundo ou tros, Mercúrio, que foi o prim eiro a construir o tetracórdio; ou tros citam Lino, Zeto ou Anfião.

A geometria, dizem, foi primeiro descoberta no Egito, e seu m elhor expositor entre os gregos foi Euclides, cuja obra foi tra duzida por Boécio. Agudíssimo em geom etria foi também Era-tóstenes, que mediu a circunferência da terra.

A astronom ia, dizem alguns, foi iniciada prim eiram ente por Cam, filho de Noé, que prim eiro iniciou a astronom ia. Os primei ros a ensinar a astrologia foram os caldeus, relacionando-a com o instante do nascimento. José afirma que foi Abraão o primeiro a form ar os egípcios na astrologia. “Ptolomeu, rei do Egito, reor ganizou a astronom ia, e ele estabeleceu regras para descobrir os movimentos dos astros”. Alguns dizem que o gigante N em rotfoi um astrólogo exímio, e a ele é atribuída também a descoberta da astronom ia. “Os gregos

dizem que esta ciência foi ideada primei ro por Atlas, e por isso conta-se que ele sustentasse o céu".

O inventor da ética foi Sócrates, que sobre ela escreveu vin te e quatro livros acerca da justiça positiva. Em seguida Platão, discípulo dele,-compilou vários livros Sobre a república a respei to das duas justiças, a saber, a natural e a positiva. Mais tarde Cí cero organizou os livros Sobre a república em língua latina. Também o filósofo Fronto escreveu o livro Strategematon, isto é, sobre a conduta militar.

A mecânica teve diversos iniciadores. Hesiodo de Ascre, en tre os gregos, foi o primeiro que se dedicou a descrever os afa zeres do campo, "e depois dele Demócrito. Mago, o cartaginês, escrev eu em vinte e oito livros a arte da agricultura; entre os romanos o primeiro a escrever Sobre a agricultúra foi Ca tão, arguento que, em seguida, Marco Terêncio aperfeiçoou.

Vergilius quoque Georgica fecit, deinde Cornelius et Iulius Atti cus, Aemilianus sive Columella insignis orator, qui totum corpus disciplinae huius complexus est. Vitruvius quoque De architec tura, Palladius De agricultura.

Lanificii usum apud Graecos primam Minervam m onstrasse ferunt Hanc etiam primam telam ordinasse, lanas colorasse, oli vae quoque et fabricae inventricem fuisse credunt Ab ipsa Dae dalus didicit, et ipse post eam fabricam fecisse creditur. Apud Aegyptum autem Isis filia Inachi usum serendi lini repperit, et q u aliter inde vestim enta fierent, m onstravit. Sim iliter lanae usum ibidem ipsa repperit In Lybia primum usus lanae exortus est a templo Ammonis.

Ninus rex Assyriorum prim us bella movit. Vulcanum pri mum fabrum fuisse credunt, divina autem historia, Tubal. Pri mus Prom etheus ferreo circulo lapidem imprimens usum anuli invenit.

Navigii usum Pelasgi primi invenerunt. Ceres prim um in Graecia apud Eleusim usum frum enti invenit, Isis in Aegypto. Pi lum nus in Italia usum frum enti et farris et ritum molendi et pin sendi, Tagus in Hispania ritum serendi. Osiris apud Aegyptum cultum vinearum repperit, Liber apud Indos. Daedalus prim us mensam et sellam fecit. Apicius quidam primus com posuit appa ratum coquinae, qui tandem in ea, consum ptis bonis, m orte vo luntaria periit

Medicinae auctor apud Graecos Apollo fuit, hanc filius eius Aesculapius laude et opere ampliavit, qui postquam fulmine pe riit. Diu medendi cura interm issa est latuitque per annos paene quingentos, usque ad tem pus A rtaxerxis regis. Tunc eam revoca vit in lucem Hippocrates, Asclepio p atre genitus in insula Coo.

Ludi a lydis initium sum psisse creduntur, qui ex Asia veni entes in Etruria consederunt sub Tyrreno duce, ibique inter ce teros superstitionum suarum ritus spectacula instituerunt, quem morem Romani im itati sunt, accersitis inde artificibus, in-deque ludi a Lydis vocati sunt.

Também Virgílio escreveu as Geórgicas , e depois dele vieram Cornélio e Júlio Ático, Emiliano e também Columela, insigne orador que trato u todos os campos desta disciplina”. Vitrúvio escreveu Sobre a arquitetura e Paládio Sobre a agricultura.

A arte da fabricação de lã, conform e se conta, foi ensinada aos gregos por Minerva, que tam bém foi a prim eira a m ontar o tear, a colorir a lã, a inventar a oliveira e a construção. Discípulo dela foi Dédalo, e se crê que ele, depois dela, m ontou uma ofici na. No Egito foi ísis, filha de Ináquio, que descobriu a arte de te cer o linho e m ostrou como fazer roupas com ele. Igualmente, foi ela que descobriu lá o uso da lã. Na Líbia, o primeiro uso da lã adveio do templo de Amônio.

O primeiro a mover guerras foi Nino, rei dos assírios. Crê-se que Vulcano foi o primeiro fabro, mas a Escritura Sagrada diz que foi Tubal. Prom eteu foi o primeiro que inventou o uso do anel, inserindo uma pedra sobre um círculo de ferro.

O uso dos navios foi introduzido inicialmente pelos pelági-os. Ceres foi a prim eira na Grécia a descobrir o uso do trigo, e no Egito foi ísis. Piluno, na Itália, introduziu o uso do trigo, da aveia e o método de moer e de pilar, enquanto Tago, na Espanha, in troduziu o método de semear. Entre os egípcios foi Osíris que descobriu o cultivo da uva, e entre os indianos foi Libero. Déda lo foi o primeiro a fazer a mesa e a cadeira. Um certo Apício foi o primeiro a compor o receituário da cozinha e nela, após ter co mido todas as iguarias, m orreu de m orte voluntária.

O iniciador da medicina entre os gregos foi Apoio, cujo filho Esculápio, que depois morreu na queda de um raio, enobreceu esta ciência com mérito e dedicação. Por longo tempo a ciência da medi cina foi abandonada e ficou na sombra durante quase quinhentos anos, até o tempo do rei Artaxerxes. E aí Hipócrates, engendrado pelo pai Asclépio na ilha de Coo, trouxe-a de novo em evidência.

Acredita-se que os espetáculos públicos iniciaram com os lí-dios, os quais vieram da Ásia e se estabeleceram na E trúria sob o com ando de Tirreno, e lá, entre outras cerimônias das suas su perstições, instituíram os espetáculos teatrais, costume que os rom anos imitaram chamando os artistas de lá. Por isso os ludos foram chamados assim do nom e dos lídios.

L itterae H ebraeorum a Moyse per legem initium sumpsisse creduntur, C haldaeorum et Syrorum per Abraham. Aegyptio rum litteras Isis invenit; Graecorum, Phoenices, quas Cadmus a Phoenice in Graeciam attulit. Carm entis, m ater Evandri, quae proprio nom ine N icostrata vocabatur, Latinas litteras

repperit.

“Divinam historiam prim us Moy ses scripsit. Apud gentiles prim us Dares Phry gius Troianam historiam edidit, quam in foliis palm arum ab eo scriptam esse ferunt. Post Daretem, in Graecia H erodotus historicus prim us habitus est, post quem Pherecy des hisdem tem poribus claruit quibus Esdras legem scripsit”50. Fa bulas prim um invenisse creditur Alemon Crotoniensis.

Aegy ptus m ater est artium , inde in Graeciam, deinde in Itali am venerunt. In ea primum gram m atica reperta est tem pore Osi ris, m ariti Isidis. In ea quoque dialectica prim um inventa est a Parm enide, qui civitates et coetus hom inum fugiens in rupe con sedit non modico tem pore, sicque dialecticam excogitavit, unde et rupes Parm enidis appellata est. “Plato autem post m ortem Socratis m agistri sui amore sapientiae Aegy ptum demigravit, ibique perceptis liberalibus studiis, Athenas rediit, et apud Aca demiam, villam suam, coadunatis discipulis, philosophiae studiis operam dedit”51. Hic primum logicam rationalem Graecis institu it, quam postea Aristoteles, discipulus eius, ampliavit, perfecit et in artem redegit. Marcus Terentius Varro prim us dialecticam de Graeco in Latinum transtulit. Postea Cicero T o p ic a invenit. De m osthenes, fabri filius, apud Graecos rhetoricae repertor credi tur, Tisias apud Latinos, Corax apud Sy racusas. Haec ab Aristo tele et Gorgia et Herm agora in Graeco scripta est, translata in Latinum a Tullio, Quintiliano et Titiano.

Caput III: Quae artes praecipue legendae sint

Ex his autem om nibus scientiis supra enum eratis, septem specialiter discreverant antiqui in studiis suis ad opus erudien dorum,

50. Isidorus, Ety mologiae 1,42,ls. 51. Remigius de Auxerre, Commentum in Martianum Capellam 4,2.

0 alfabeto hebraico, conforme a tradição, iniciou com Moi sés na Lei. O dos caldeus e dos sírios com Abraão. ísis inventou o alfabeto dos egípcios; os fenícios inventaram o alfabeto grego, que Cadmo, vindo da Fenícia, trouxe para a Grécia. Carmenta, mãe de Evandro, cujo verdadeiro nome era Nicóstrata, inventou o alfabeto latino.

Moisés foi o primeiro a escrever um a história divina. Entre os pagãos, foi o frígio Darete a escrever a história de Tróia, que, como contam, foi escrita por ele em folhas de palmas. Depois de Darete, na Grécia foi Heródoto a ser considerado o primeiro his toriador, e depois dele brilhou Ferécide, na mesma época em que Esdras escreveu a Lei. Crê-se que Alemone de Crotão foi o primeiro a inventar as fábulas.

O Egito é a mãe das artes, que de lá vieram para a Grécia e depois para a Itália. No Egito, nos tem pos de Osíris, marido de ísis, foi inventada pela prim eira vez a gramática. Também lá foi inventada pela primeira vez a dialética por obra de Parmênides, que, fugindo das cidades e do convívio dos homens, foi m orar por longo tem po sobre um rochedo, e assim excogitou a dialéti ca, de modo que aquele rochedo foi chamado rochedo de Parm ê nides. "Platão, por sua vez, após a m orte do seu m estre Sócra tes, movido pelo amor da sabedoria, em igrou para o Egito, e de lá, após ter aprendido as artes liberais, voltou a Atenas, onde, tendo reunido os discípulos na Academia, que era a casa dele, dedicou-se aos estudos da filosofia". Como prim eira coisa ele en sinou aos gregos a lógica racional, que depois Aristóteles, discí pulo dele, ampliou, aperfeiçoou e organizou como ciência. O pri meiro a traduzir a dialética do grego para o latim foi Marco Terêncio Varro. Em seguida, Cícero elaborou os T ó p ic o s . Diz-se que o inventor da retórica entre os gregos foi Demóstenes, filho de um fabro, entre os latinos Tísia, entre os siracusanos Corace. A retórica, escrita em grego por Aristóteles, Górgias e Hermágo-ras, foi traduzida para o latim por Túlio, Q uintiliano e Ticiano.

CAPÍTULO 3: Quais artes devem ser lidas principalmente

De todas estas ciências acima enumeradas, os antigos destaca ram de modo especial sete delas em seus program as de ensino.

in quibus tantam utilitatem esse prae ceteris om nibus perspexe runt, ut, quisquis harum disciplinam firm iter percepisset, ad ali arum notitiam postea inquirendo magis et exercendo quam au diendo perveniret. S unt enim quasi optima quaedam instrum en ta et rudim enta quibus via paratur animo ad plenam philosophi cae veritatis notitiam . Hinc trivium et quadrivium nom en acce pit, eo quod his, quasi quibusdam m viis, vivax anim us ad secreta sophiae in tro e a t

Nemo tunc tem poris nomine m agistri dignus videbatur, qui non harum septem scientiam profiteri posset. Py thagoras quo que hanc in studiis suis consuetudinem servasse legitur, u t us que ad septenium , secundum num erum videlicet septem liberali um artium , nullus discipulorum suorum de his quae ab ipso di cebantur rationem poscere auderet, sed fidem dare verbis magis tri quousque omnia audivisset, sicque iam per sem etipsum ratio nem eorum posset invenire.

Has septem tanto studio quidam didicisse leguntur, u t plane omnes ita in m em oria tenerent, ut, quascunque scripturas dein de ad m anum sum psissent, quascum que quaestiones solvendas au t com probandas proposuissent, ex his regulas et rationes ad definiendum id de quo am bigeretur folia librorum revolvendo non quaererent, sed statim singula corde p arata haberent. Hinc profecto accidit tot eo tem pore fuisse sapientes u t plura ipsi scri berent quam nos

legere possimus. Scholares vero nostri au t no lunt au t nesciunt modum congruum in discendo servare, et id circo m ultos studentes, paucos sapientes invenimus.

Mihi videtur non minori cura providendum esse lectori, ne in studiis inutilibus operam suam expendat quam ne in bono et utili proposito tepidus remaneat. Malum est bonum negligenter agere, peius est in vanum labores multos expendere. Sed quia non om nes hanc discretionem habere possunt, u t intelligant quid sibi expediat, idcirco, quae scripturae mihi utiliores videan tur, lectori breviter dem onstrabo, ac deinde de modo quoque discendi pauca adnectam.

Nelas viram tan ta utilidade em com paração com todas as outras, que, qualquer um que adquirisse firmemente o conhecimento de las, chegaria ao conhecimento das outras mais pesquisando e pra ticando do que ouvindo. Elas são como instrum entos ótimos e ti-rocínios pelos quais ao espírito é preparada a via para o pleno co nhecimento da verdade filosófica. Por esta razão se chamaram “trivio” e “quadrivio”, pois por elas, como se fosse por algumas vias, o espírito vivo penetra nos segredos da Sabedoria.

Ninguém, em tem pos antigos, era considerado digno de ser chamado pelo nome de mestre, se não conseguisse m ostrar o co nhecimento destas sete ciências. Conta-se que Pitágoras m anti vesse em seus cursos um certo costume, tal que, até term inar os sete anos, correspondentes exatamente ao núm ero das sete artes liberais, nenhum dos seus discípulos ousasse fazer perguntas so bre as coisas que eram proferidas por ele, mas o discípulo dava crédito às palavras do m estre até ouvir tudo, e assim, depois, pu desse descobrir sozinho o fundam ento daquelas palavras.

De alguns se diz que aprenderam estas sete ciências com tan ta aplicação que as tinham todas claram ente na memória, de modo que, qualquer texto que tomassem, qualquer questão que propusessem para ser resolvida ou provada, tinham im ediatam en te prontas na memória, a partir destas sete ciências, as regras e os fundam entos para definir aquilo que era controvertido, nem precisavam folhear as páginas dos livros. Por esta razão aconte ce que naqueles tem pos o núm ero de sábios era tal, que eles es creviam mais livros de quantos nós poderiam os ler. Mas os nos sos alunos ou não querem ou não sabem m anter um m étodo adequado de aprendizagem, e por isso encontram os m uitos es tudantes, mas poucos sábios.

Parece-me que o estudante não deve tom ar m enos cuidado em não gastar tem po em estudos inúteis quanto em ficar desin teressado diante de um objetivo bom e útil. É mal fazer o bem com negligência, mas é pior gastar m uitas energias inutilm ente. Mas, dado que nem todos possuem este discernim ento para en tender o que lhes é proveitoso, por esta razão indicarei breve m ente ao estudante os escritos que me parecem mais úteis, e de pois acrescentarei algo também sobre o modo de aprender.

Caput IV: De duobus generibus scripturarum

Duo su nt genera scripturarum . Prim um genus est earum quae propriae artes appellantur. Secundum est earum quae sunt appendicia artium .

Artes su nt quae philosophiae supponuntur, id est, quae ali quam certam et determ inatam partem philosophiae m ateriam habent, u t est gram m atica, dialectica, et ceterae huiusm odi. Appendentia artium sunt quae tantum ad philosophiam spec tant, id est, quae in aliqua extra philosophiam m ateria versantur. Aliquando tam en quaedam ab artibus discerpta sparsim et con fuse attingunt, vel si simplex narratio est, viam ad philosophiam praeparant. Huiusmodi sunt omnia poetarum carmina, u t sunt tragoediae, comoediae, satirae, heroica quoque et lyrica, et iam bica, et didascalica quaedam, fabulae quoque et historiae, illo rum etiam scripta quos nunc philosophos appellare solemus, qui et brevem m ateriam longis verborum am bagibus extendere con sueverunt, et facilem sensum perplexis serm onibus obscurare. Vel etiam diversa simul compilantes, quasi de m ultis coloribus et formis, unam picturam facere.

Nota quae tibi distinxi. Duo sunt, artes et appendicia arti um. Sed inter haec tan ta mihi distanctia esse videtur, ut ille ait:

“Lenta salix quantum pallenti cedit olivae,

Puniceis humilis quantum saliunca ro setis” 52.

Ita u t quicum que ad scientiam pertingere cupit, si relicta ve ritate artium reliquis se implicare voluerit, m ateriam laboris, u t non dicam infinitam, plurim am inveniat et fructum exiguum. Denique artes sine appendiciis suis perfectum facere lectorem possunt, illa sine artibus nihil perfectionis conferre valent, maxi me cum

52. Vergilius, Eclogae 5,16.

CAPÍTULO 4: Os dois tipos de escritos

Há duas categorias de escritos. A prim eira abrange os escri tos que se chamam propriam ente artes. A segunda categoria é a dos escritos que são complementos das artes.

As artes são aquelas que estão subordinadas à filosofia, isto é, aquelas que têm como conteúdo alguma divisão certa e deter m inada da filosofia, como é o caso da gramática, da dialética e coisas parecidas. Complementos das artes são aqueles escritos que apenas se relacionam com a filosofia, isto é, que tratam de

algum conteúdo fora da filosofia. Às vezes, todavia, estes escri tos tocam esparsam ente e confusam ente algum as questões tira das das artes ou, se a exposição é clara, preparam a via para a fi losofia. A esta categoria pertencem todas as composições dos poetas, tais como tragédias, comédias, sátiras, escritos heróicos e líricos, versos iâmbicos e algumas obras didáticas, assim como fábulas e histórias, e tam bém os escritos daquelas pessoas que nestes nossos tem pos costumamos chamar filósofos, os quais, porém, costumam alongar uma m atéria breve em longas contro vérsias de palavras e obscurecer com palavras obscuras um sen tido fácil. Estes tais, ainda, pondo junto coisas diversas, são como quem, de m uitas cores e formas, faz um a pintura.

Tome nota da distinção que fiz para você: há duas coisas, as ar tes e os complementos das artes. Mas a distância entre estes dois gêneros parece-me tanta, que assim foi resum ida (por Virgílio):

"Tanto quanto o salgueiro dobrável é inferior à verde oliveira

Tanto quanto o humilde nardo é inferior aos roseirais pú

nicos".

De modo que, quem desejasse alcançar a ciência, mas, deixa da de lado a verdade das artes, quisesse envolver-se em outros estudos, encontraria um a mole de fadiga, não digo infinita, mas considerável, com fruto exíguo. Enfim, as artes, sem seus com plementos, podem levar o leitor à perfeição, mas os complemen tos, sem as artes, não conseguem conferir nenhum grau de per feição, so b retudo considerando-se que estes com plementos

nihil in se expetendum habeant unde lectorem invitent nisi tra ductum ab artibus et accommodatum, neque quisquam in eis quaerat nisi quod artium est. Q uapropter mihi videtur prim um operam dandam esse artibus ubi fundam enta sunt omnium, et pura simplexque veritas aperitur, maxime his septem quas prae dixi, quae totius philosophiae instrum enta sunt.

Deinde cetera quoque, si vacat, legantur, quia aliquando plus delectare solent seriis admixta ludicra, et raritas pretiosum facit bonum. Sic in medio fabulae cursu inventam sententiam avidius aliquando retinem us.

Verum tam en in septem liberalibus artibus fundam entum est omnis doctrinae, quae prae ceteris om nitus ad m anum ha bendae sunt, utpote sine quibus nihil solet au t potest disciplina philosophica explicare et definire. Hae quidem ita sibi cohaerent et alternis vicissim rationibus indigent, u t si vel una defuerit, ce terae philosophum facere non possunt. Unde mihi errare viden tu r qui non attendentes talem in artibus cohaerentiam quasdam sibi ex ipsis eligunt, et, ceteris intactis, in his se posse fieri per fectos putant.

Caput V: Unicuique arti quod suum est tribuendum esse

Est rursum alius error non multo minor isto, quem sum m o pere vitare oportet.

S u n t enim quidam, qui licet ex his quae legenda su n t nihil praeterm ittant, nulli tam en arti quod suum est tribuere norunt, sed in singulis legunt omnes. In gram m atica de sy llogismorum ratione disputant, in dialectica inflexiones casuales inquirunt, et quod magis irrisione dignum est, in titulo totum paene legunt li brum, et "incipit" tertia vix lectione expediunt Non alios docent huiusmodi, sed ostentant suam scientiam. Sed utinam quales mihi, tales omnibus apparerent!

nada possuem de desejável e convidativo para o leitor senão algo tirado e adaptado das artes, e neles a pessoa não procura ou tra coisa senão algo que tenha a ver com as artes. Por isso, pa rece-me que, antes de tudo, é necessário dedicar-se às artes, onde estão os fundam entos de todos os campos do saber e onde se manifesta a verdade pura e simples, sobretudo às sete acima m encionadas que são os instrum entos de toda a filosofia.

Depois disso, sobrando um tempo, leiam-se também os ou tros escritos, pois às vezes as coisas sérias, quando m isturadas com as jocosas, agradam mais, e a raridade torna precioso o bom. Às vezes gravamos com maior interesse uma frase, quando é encontrada dentro do conto de uma fábula.

Na verdade, porém, o fundamento de todo o saber está nas sete artes liberais, as quais, mais que as outras, devem estar à mão, como aquelas sem as quais a disciplina filosófica nada costu ma ou pode explicar e definir. Elas estão tão conexas entre si e ne cessitam tanto dos fundamentos recíprocos uma da outra, que, se apenas uma faltar, as outras não podem criar um filósofo. Por isso, parece-me que erram quantos, não levando em conta esta co nexão nas artes, escolhem para si algumas delas e, deixando as outras intocadas, acham que nestas podem tornar-se perfeitos.

CAPÍTULO 5: A cada arte deve ser atribuída a sua função

Existe ainda um outro erro não m enor que este, e que preci sa evitar a todo custo.

Há pessoas que, embora nada deixem de quanto deve ser lido, não sabem atribuir a cada arte o que lhe é próprio, mas em cada uma delas misturam todas. Na gramática discutem da teoria dos si logismos, na dialética pesquisam as inflexões dos casos, e, o que é mais risível, para explicar o título de um tratado leem quase todo o livro e na terceira lição mal chegaram a explicar o incipit ou palavras iniciais. Desta forma, não ensinam os outros, mas ostentam sua pró pria ciência. Oxalá a todos aparecessem como aparecem a mim!

A ttende quam perversa sit haec consuetudo, cum profecto quan to magis superflua aggregaveris, tanto m inus ea quae utilia sunt capere possis vel retinere.

In qualibet igitur arte duo nobis maxime discernenda sunt et distinguenda, primum, qualiter oporteat de ipsa arte agere, secundum , qualiter oporteat ipsius artis rationes quibuslibet ali is rebus accommodare. Duo sunt, agere de arte, et agere per ar tem . Verbi gratia, agere de arte, u t est agere de grammatica, age re per artem , u t est agere grammatice. Distingue haec duo, age re de gramm atica, et agere grammatice. De gram m atica agit, qui regulas de vocibus datas et praecepta ad hanc artem pertinentia tractat. Grammatice agit omnis qui regulariter loquitur vel scri bit. Agere igitur de gram m atica quibusdam tantum m odo scrip turis, u t Prisciano, Donato, Servio convenit, agere vero gram m a tice, omnibus.

Cum igitur de qualibet arte agimus, maxime in docendo, ubi om nia ad compendium restringenda sunt et ad facilem intelligentiam evocanda, sufficere debet id de quo agitur quantum bre vius et apertius potest explanare, ne si alienas nimium rationes multiplicaverimus, magis turbem us quam aedificemus lectorem. Non omnia dicenda sunt quae dicere possum us, ne m inus utili ter dicantur ea quae dicere debemos.

Id tandem in unaquaque arte quaeras quod ad eam speciali te r pertinere co n stiterit Deinde cum legeris artes, et quid unius cuiusque sit proprium agnoveris disputando et conferendo, tunc demum rationes singularum invicem conferre licebit, et ex alter na consideratione vicissim quae minus prius intellexeras investi gare. Noli multiplicare diverticula quoadusque semitas didiceris. Securus discurres cum errare non timueris.

Repare quão perverso é este costum e, considerando-se que, quanto mais você acumula as coisas supérfluas, tanto menos po derá com preender e reter as coisas úteis.

Em qualquer ciência, portanto, devemos discernir e distin guir, sobretudo, duas coisas: primeiro, como deve ser tratada um a ciência determ inada, e, segundo, como os fundam entos desta ciência podem ser adaptados a qualquer outro campo. Te mos duas coisas: trata r de uma ciência e atuar através de uma ciência. Por exemplo, trata r de um a ciência é como trata r da gra mática, e atuar através de uma arte é como falar gram aticalm en te correto. Distinga estas duas coisas: tra ta r da gramática e agir gram aticalm ente. Trata da gram ática aquele que se ocupa das regras estabelecidas acerca das palavras e dos preceitos perti nentes a esta ciência. Atua gram aticalm ente qualquer um que escreve e fala corretam ente. T ratar da gram ática é tarefa som en te de alguns escritos, como Prisciano, Donato e Sérvio, mas agir segundo a gram ática é tarefa de todos.

Quando, portanto, lidamos com qualquer ciência, mas, so bretudo, quando a

ensinamos, tudo deve ser resumido sintetica-m ente e exposto de m aneira a ser facilmente compreendido, de vendo bastar uma exposição quanto mais breve e rigorosa possí vel sobre aquilo que está sendo tratado, para evitar que, ao mul tiplicarm os as explicações não pertinentes, turbem os o estudan te ao invés de edificá-lo. Não deve ser dito tudo aquilo que pode mos dizer, para que não seja dito de modo menos aproveitável aquilo que devemos dizer.

Procure em cada ciência som ente aquilo que consta perten cer especificam ente a ela. Em suma, quando você estiver lendo as ciências e tiver conhecido, m ediante discussão e comparação, aquilo que é próprio de uma, aí finalm ente será lícito com parar reciprocam ente os fundam entos das ciências singulares e, desta consideração com parativa e recíproca, investigar aquelas coisas que anteriorm ente você tinha entendido menos. Não queira m ultiplicar os atalhos antes de te r conhecido as estradas. Você estará seguro nas discussões quando não tiver medo de errar.

Caput VI: Quid sit necessarium studio

Tria su nt studentibus necessaria: natura, exercitium, disci plina. In natu ra consideratur u t facile audita percipiat et percep ta firm iter retineat; in exercitio, u t labore et sedulitate n atura lem sensum excolat; in disciplina, u t laudabiliter vivens mores cum scientia com ponat

De his tribus per singula modo introductionis pauca pers tringem us.

Caput VII: Hoc ad naturam de ingenio

Qui doctrinae operam dant, ingenio simul et memoria polle re d e b e n t quae duo in omni studio et disciplina ita sibi cohae rent, u t si desit alterum , neminem alterum ad perfectum ducere possit, sicut nulla prodesse possunt lucra ubi deest custodia, et incassum receptacula m unit qui quod recondat non h a b u e rit Ingenium invenit et m em oria custodit sapientiam .

Ingenium est vis quaedam naturaliter animo insita per se va lens. Ingenium a natura proficiscitur, usu iuvatur, immoderato labore retunditur, et tem perato acuitur exercitio. Unde satis ele g an ter a quodam dictum est: “Volo tandem tibi parcas, labor est in chartis, curre per aera”.

Duo su n t quae ingenium exercent: lectio et m editatio Lec tio est, cum ex his quae scripta sunt, regulis et praeceptis infor mamur. Trimodum est lectionis genus: docentis, discentis, vel per se inspicientis. Dicimus enim “lego librum illi”, et “lego li brum ab illo”, et “lego librum ”. In lectione maxime consideran da su n t ordo et modus.

Capítulo 6: O que énecessário ao estudo

Três coisas são necessárias aos estudantes: 1) as qualidades naturais, 2) o exercício e 3) a disciplina. As qualidades naturais, para que entenda facilmente aquilo que ouve e m emorize firme m ente aquilo que entendeu. O exercício, para que eduque as qualidades naturais m ediante o trabalho e a persistência. A dis ciplina, para que, vivendo em modo louvável, harmonize a con duta com o saber.

Diremos brevem ente poucas palavras, à m aneira de introdu ção, sobre cada uma destas três coisas.

CAPÍTULO 7 : 0 engenho natural

Aqueles que se dedicam ao saber teórico devem dispor de inteligência e de mem ória ao mesmo tempo, coisas que em qual quer estudo ou disciplina estão tão conexas que, se um a faltar, a o u tra não pode conduzir ninguém para a perfeição, da mesma forma que os lucros servem para nada se faltar o arm azenam en to e inutilm ente constrói arm azéns aquele que tem nada para guardar. O engenho descobre e a mem ória custodia a Sabedoria.

O engenho é uma certa força insita naturalm ente na alma e com capacidade própria. O engenho nasce da natureza, melhora com o uso, se idiotiza com o trabalho desmedido, se aguça com o exercício moderado. Por isso, elegantem ente foi dito por al guém: “Quero que você se poupe, nas páginas do livro há traba lho, corra pelo ar livre”.

O exercício do engenho se dá m ediante duas atividades: a lei tu ra e a m editação. Na leitura, a partir de quanto foi escrito, fica mos formados nas regras e nos preceitos. E há três tipos de leitu ra: 1) do docente, 2) do discente e 3) do autodidata. De fato, nós dizemos “leio um livro para ele” e “leio um livro apresentado por ele” e “leio um livro”. Na leitura devem ser tidos em máxima consideração a ordem e o método.

Caput VIII: De ordine legendi

Ordo consideratur alius in disciplinis, u t si dixerim gram m a ticam dialectica antiquiorem vel arithm eticam priorem musica, alius in libris, u t si dixero Catilinarium Iugurthino priorem, ali us in narratione, quae est in continua serie, alius in expositione.

Ordo in disciplinis attenditur secundum naturam , in libris secundum personam auctoris vel subiectam materiam, in n arra tione secundum dispositionem, quae duplex est; naturalis, vide licet, quando res eo refertur ordine quo gesta est, et artificialis, id est, quando id quod postea gestum est prius narratur, et quod prius, postm odum dicitur, in expositione consideratur ordo se cundum inquisitionem .

Expositio tria continet, litteram, sensum, sententiam . Litte ra est congrua ordinatio dictionum, quod etiam constructionem vocamus. S ensus est facilis quaedam et ap e rta significatio, quam littera prima fronte praefert. S ententia est profundior intelligentia, quae nisi expositione vel interpretatione non inveni tur. In his ordo est, u t primum littera, deinde sensus, deinde sen tentia inquiratur. Quo facto, perfecta est expositio.

Caput IX: De modo legendi

Modus legendi in dividendo c o n sta t

Omnis divisio incipit a finitis, et ad infinita usque progredi tur. Omne autem finitumm agis notum est et scientia compre hensibile. D octrina autem ab his quae magis nota sunt incipit, et per eorum notitiam ad scientiam eorum quae latent pertingit. P raeterea ratione investigamus, ad quam proprie pertinet divi dere, quando ab universalibus ad particularia descendim us divi dendo et singulorum naturas investigando. Omne nam que uni versale magis est determ inatum suis particularibus.

Capítulo 8: A ordem na leitura

A ordem é observada ou nas disciplinas, como se dissesse que a gramática é mais antiga que a dialética e a aritm ética vem antes da música, ou nos livros, como quando digo que a Conjura de Ca tilina precede a Guerra Iugurtina, ou na narração, que consiste num a concatenação contínua, ou na exposição de textos.

A ordem, nas disciplinas, é observada dependendo da nature za da disciplina. Nos livros, segundo a pessoa do autor ou da ma téria tratada. Na narração, de acordo com a disposição, que é du pla: natural, isto é, quando a coisa é referida segundo a ordem em que aconteceu, e artificial, isto é, quando aquilo que aconteceu depois é narrado antes e aquilo que é anterior é falado depois. Na exposição de um texto, a ordem obedece a níveis de inquisição.

Quanto à exposição de um texto, com efeito, este contém três níveis: a frase, o sentido, o pensamento. A frase é a organi zação apropriada das palavras que chamamos tam bém constru ção da frase. O sentido é o significado fácil e acessível que a fra se apresenta à prim eira vista. O pensam ento é um entendim

ento mais profundo que não se descobre senão pela exposição ou pela interpretação. Aqui a ordem consiste em inquirir prim eiro a frase, depois o sentido, depois o pensamento. Isto feito, a exposi ção é perfeita.

CAPÍTULO 9:Do modo de ler

O modo de ler consiste em dividir.

Toda divisão começa das coisas finitas e progride até as infi nitas. Tudo aquilo que é finito é mais conhecido e mais com pre ensível pela ciência. A aprendizagem começa das coisas que são mais n o tas e, pelo conhecim ento delas, chega ao conheci m ento das coisas ocultas. Além disso, nós investigam os com a razão, à qual é próprio dividir, quando descem os dos univer sais para os p articu lares dividindo e investigando a natureza de cada coisa. Com efeito, todo universal é mais determ inado que seus particulares.

Quando ergo discimus, ab his incipere debem us quae magis

sunt n o ta et determ inata et com plectentia, sicque paulatim des

cendendo, et per divisionem singula distinguendo, eorum quae

continentur naturam investigare.

Caput X: De meditatione

Meditatio est cogitatio frequens cum consilio, quae causam

et originem, modum et utilitatem uniuscuiusque rei prudenter

investigat.

Meditatio principium sum it a lectione, nullis tam en stringi tu r regulis au t praeceptis lectionis. D electatur enim quodam aperto decurrere spatio, ubi liberam contem plandae veritati aci em affigat, et nunc has, nunc illas rerum causas perstringere, nunc autem profunda quaeque penetrare, nihil anceps, nihil obs curum relinquere.

Principium ergo doctrinae est in lectione, consum m atio in m editatione, quam si quis familiarius amare didicerit eique sae pius vacare voluerit, iucundam valde

reddit vitam, et maximam in tribulatione praestat consolationem . Ea enim maxime est, quae animam a terrenorum actuum strepitu segregat, et in hac vita etiam aeternae quietis dulcedinem quodammodo praegusta re facit. Cumque iam per ea quae facta sunt eum qui fecit omnia quaerere didicerit et intelligere, tunc animum pariter et scientia erudit et laetitia perfundit, unde fit ut maximum in m editatione sit oblectam entum .

Tria su n t genera m editationis. Unum constat in circum spec tione morum, aliud in scrutatione m andatorum , tertium in in vestigatione divinorum operum. Mores sunt in vitiis et virtuti bus. Mandatum divinum, aliud praecipiens, aliud prom ittens, ali ud terrens.. Opus Dei est, et quod creat potentia, et quod mode ratu r sapientia, et quod cooperatur gratia.

Quae omnia, quanta sint adm iratione digna, tanto magis quisque novit, quanto attentius Dei mirabilia m editari consuevit.

Quando, portanto, aprendem os, devemos começar pelas coi sas que são mais conhecidas, determ inadas e abrangentes, e aí, descendo aos poucos e distinguindo pela divisão as coisas singu lares, investigar a natureza das coisas aí contidas.

CAPÍTULO 10: A meditação

A meditação é um pensar freqüente com discernim ento, e ela investiga prudentem ente a causa e a origem, o gênero e a u ti lidade de cada coisa.

A meditação começa com a leitura, mas não se am arra a ne nhum a regra ou prescrição da leitura. Ela se deleita em correr pela campina aberta, onde fixa o livre olhar para a verdade a ser contemplada, e deleita-se em examinar ora estas ora aquelas causas, em penetrar as coisas profundas, em deixar nada ambí guo, nada obscuro.

O início da aprendizagem está na leitura, o fim na m edita ção, e se alguém aprender a amá-la com mais intim idade e dedicar-se a ela com mais afinco, ela lhe torna a vida muito jucunda, e na tribulação oferece uma grandíssima consolação. Ela é, so bretudo, aquela que afasta a alma do estrépito dos afazeres ter renos, e, em certo qual modo, faz antegozar já nesta vida a doçu ra da paz eterna. E, após ter aprendido a querer e entender, pe las coisas que foram feitas, Aquele que fez tudo, ela inunda o es pírito igualm ente de ciência e de alegria, de maneira que na me ditação aconteça o máximo de deleite.

Há três tipos de m editação. O primeiro consiste no exame da conduta, o segundo no conhecimento minucioso dos m anda mentos, o terceiro na

investigação das obras divinas. A conduta consiste nos vícios e nas virtudes. O m andam ento divino é ora preceptivo, ora prom itente, ora aterrador. É obra de Deus seja aquilo que a sua potência cria, seja aquilo que a sua S a p iê n c ia guia, seja aquilo que a sua graça reforça.

Todas estas coisas, de quanta admiração elas sejam dignas, tanto mais sabe-o o homem, quanto mais atentam ente acostu mou-se a meditar as obras admirandas de Deus.

Caput XI: De memoria

De memoria hoc maxime in praesenti praeterm ittendum

non esse existimo, quod sicut ingenium dividendo investigat et

invenit, ita mem oria colligendo custodit.

O portet ergo ut, quae discendo divisimus, com m endanda

m em oriae colligamus. Colligere est ea de quibus prolixius vel

scriptum vel disputatum est ad brevem quandam et com pendio sam summam redigere, quae a m aioribus epilogus, id est, brevis recapitulatio supradictorum appellata est. Habet nam que omnis tractatio aliquod principium, cui tota rei veritas et vis sententiae innititur, et ad ipsum cuncta alia referuntur. Hoc quaerere et considerare colligere est.

Unus fons est et multi rivuli, quid anfractus fluminum se queris? Tene fontem et totum habes. Hoc idcirco dico, quoniam m em oria hominis hebes est et brevitate gaudet, et, si in m ulta di viditur, fit m inor in singulis. Debemus ergo in omni doctrina bre ve aliquid et certum colligere, quod in arcula m emoriae reconda tur, unde postmodum, cum res exigit, reliqua deriventur. Hoc etiam saepe replicare et de ventre memoriae ad palatum revoca re necesse est, ne longa interm issione obsoleat.

Unde rogo te, o lector, ne nimium laeteris si m ulta legeris, sed si m ulta intellexeris nec tantum intellexeris sed retinere po tueris. Alioquin nec legere multum prodest, nec intelligere. Qua re superius me dixisse recolo eos qui doctrinae operam dant in genio et m em oria indigere.

Caput XII: De disciplina

Sapiens quidam cum de modo et forma discendi interroga retur:

Capítulo 11: A memória

Sobre a memória, considero agora que não pode ser esquecido isto: como o engenho investiga e descobre, dividindo, assim a memória guarda, resumindo.

Forçosamente, portanto, aquilo que dividimos aprendendo, devemos sintetizá-lo para ser confiado à memória. Resumir significa reduzir aquilo do qual foi falado ou escrito prolixamente para uma compilação breve e compendiosa que os antigos chamavam epílogo, isto é, uma breve recapitulação das coisas ditas antes. De fato, qualquer tratado possui algum conceito basilar, sobre o qual toda a verdade da coisa e a força da argumentação se baseiam, e a ele todas as outras coisas se referem. Procurar e centrar isto é resumir.

Há uma fonte e muitos riachos: por que você segue as tortuo-sidades do rio? Fique com a fonte, e tem tudo. Afirmo que a memória do homem é fraca e gosta de brevidade, e se ela se dissipa em muitas coisas, fica menor em cada uma delas. Devemos, portanto, redigir em cada doutrina algo breve e certo, a ser depositado no arquivo da memória, do qual, em seguida, quando for necessário, as outras coisas derivem. Este resumo deve também ser revisitado freqüentemente e, do ventre da memória, ser chamado de volta para o paladar, para que não desapareça em virtude de um longo abandono.

Por isso, aconselho a você, estudante, a não alegrar-se excessivamente por ler muitas coisas, mas por entender muitas coisas, e não somente entender mas poder memorizar. Do contrário, não adianta ler muito nem entender muito. Razão pela qual repito quanto disse acima, isto é, que as pessoas que se dedicam ao estudo necessitam de engenho e de memória.

CAPÍTULO 12: A disciplina moral

Um certo sábio foi interrogado sobre o modo e a forma de aprender:

"Mens-inquit-humilis, studium quaerendi, vita quieta,

scrutinium tacitum, paupertas, terra aliena,

haec reserare solent multis obscura legendi".

Audierat, puto, quod dictum est: "Mores ornant scientiam"[53], et ideo praeceptis legendi, praecepta quoque vivendi, adiungit, ut et modum vitae suae et studii sui rationem lector agnoscat.

Illaudabilis est scientia quam vita m aculat impudica. Et id circo sum m opere cavendum ei qui quaerit scientiam, u t non ne-gligat disciplinam.

Caput XIII: De humilitate

Principium autem disciplinae hum ilitas est, cuius cum mul ta sint docum enta, haec tria praecipue ad lectorem pertinent: primum, u t nullam scientiam, nullam scripturam vilem teneat, secundum, ut a nemine discere erubescat, tertium , ut cum scien tiam adeptus fuerit, ceteros non contem nat.

Multos hoc decipit, quod ante tem pus, sapientes videri vo lunt. Hinc nam que in quemdam elationis tum orem prorum punt, u t iam et simulare incipient quod non sun t et quod sunt erubes cere, eoque longius a sapientia recedunt quo non esse sapientes, sed p utari putant.

Eiusmodi m ultos novi, qui, cum primis adhuc elem entis in digeant, non nisi summis interesse dignantur, et ex hoc solum m odo se magnos fieri putant, si m agnorum et sapientium vel scripta legerint vel audierint verba. “Nos - inquiunt - vidimus il los. Nos ab illis legimus. Saepe nobis loqui illi solebant. Illi sum mi, illi famosi, cognoverunt nos.”

Sed utinam me nemo agnoscat et ego cuncta noverim! Pla tonem vidisse, non intellexisse gloriamini. Puto indignum vobis est deinceps u t me audiatis.

53. Quintilianus, Institutionis oratoriae, 1, proemium 18; 12,1,1-8.

“Mente humilde - respondeu - ânsia de querer, vida quieta,

consideração silenciosa, pobreza, terra estrangeira,

Isto costuma descortinar a muitos coisas obscuras da leitura

Ele ouvira, acho, quanto foi dito: “Os bons costum es ador nam a ciência”, e por isso aos preceitos do aprender acrescentou também os preceitos do viver, para que o estudante conheça seja o modo de viver seja as teorias do seu estudo.

Não é louvável o saber maculado por uma vida impudica. E, por isso, quem procura o saber deve prestar a máxima atenção a não negligenciar a disciplina moral.

CAPÍTULO 13: A humildade

O começo da disciplina moral é a humildade, da qual existem muitos ensinamentos, três dos quais interessam mais ao estudante: 1) primeiro, não reputar de pouco valor nenhuma ciência e nenhum escrito; 2) segundo, não ter vergonha de aprender de qualquer um, 3) terceiro, não desprezar os outros depois de ter alcançado o saber.

Muitos ficam decepcionados porque querem aparecer sábios antes do tempo. Por esta razão, explodem numa intumescência de arrogância, começam a fingir aquilo que não são e a envergonhar-se daquilo que são, e tanto mais se afastam da Sabedoria quanto mais se preocupam não em serem sábios, mas em serem considerados tais.

Conheci muitas pessoas assim, as quais, mesmo necessitando ainda dos conhecimentos básicos, se dignam interessar-se somente das coisas sublimes, e acham que se tornaram grandes apenas por ter lido os escritos ou ouvido as palavras dos grandes e dos sábios. "Nós - dizem - os vimos. Nós ouvimos as lições deles. Eles costumavam falar freqüentemente para nós. Aquelas sumidades, aqueles famosos, nos conheceram".

Quanto a mim, porém, oxalá ninguém me conheça e eu conheça tudo! Mas vocês se gloriam de ter visto Platão, não de tê-lo entendido. Conseqüentemente, considero indigno para vocês que me escutem.

Non ego sum Plato, nec Platonem videre merui. Sufficit vobis: ipsum philosophiae fontem potastis, sed utinam adhuc sitiretis! rex post aurea pocula de vase bibit testeo. Quid erubescitis? Platonem audistis, audiatis et Chrysippum. In proverbio dicitur: "Quod tu non nosti, fortassis novit Ofellus"[54]. Nemo est cui omnia scire datum sit, neque quisquam rursum cui aliquid speciale a natura accepisse non contigerit.

Prudens igitur lector omnes libenter audit, omnia legit, non scripturam, non personam, non doctrinam spernit. Indifferenter ab omnibus quod sibi deesse videt quaerit, nec quantum sciat, sed quantum ignoret, considerat. Hinc illud Platonicum aiunt: "Malo aliena verecunde discere, quam mea impudenter ingerere"[55].

Cur enim discere erubescis, et nescire non verecundaris? Pudor iste maior est illo. Aut quid summa affectas cum tu iaceas in imo? Considera potius quid vires tuae ferre valeant. Aptissime incedit, qui incedit ordinate. Quidam dum magnum saltum facere volunt, praecipitium incidunt. Noli ergo nimis festinare. Hoc modo citius ad sapientiam pertinges. Ab omnibus libenter disce quod tu nescis, quia humilitas commune tibi facere potest quod natura cuique proprium fecit. Sapientior omnibus eris, si ab omnibus discere volueris. Qui ab omnibus accipiunt, omnibus ditiores sunt.

Nullam denique scientiam vilem teneas, quia omnis scientia bona est. Nullam,

si vacat, scripturam vel saltem legere contemnas. Si nihil lucraris, nec perdis aliquid, maxime cum nulla scriptura sit, secundum meam aestimationem, quae aliquid expetendum non proponat, si convenienti loco et ordine tractetur; quae non aliquid etiam speciale habeat, quod diligens verbi scrutator alibi non inventum, quanto rarius, tanto gratius carpat.

Nihil tamen bonum est quod melius tollit. Si omnia legere non potes, ea quae sunt utiliora lege. Etiam si omnia legere potueris,

54. Horatius, Saturae 2,2,2. 55. Hieronymus, Epist. 53,1,2.

Eu não sou Platão, nem mereci ver Platão. A vocês é suficiente ter bebido da própria fonte da filosofia, mas oxalá ainda tiverdes sede! O rei, depois de ter bebido em cálices dourados, bebe na caneca de barro. Por que se envergonhar? Ouviram Platão, venham ouvir também Crisipo. No provérbio se diz: “Aquilo que tu não conheces, talvez Ofelo o conheça”. Não há ninguém ao qual foi dado de conhecer tudo, nem ninguém, por outro lado, ao qual não aconteceu de ter recebido da natureza algo especial.

O estudante prudente, portanto, ouve todos com prazer, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma. Pede indiferentemente de todos aquilo que vê estar-lhe faltando, nem leva em conta quanto sabe, mas quanto ignora. Daqui se origina o dito platônico: “Prefiro aprender modestamente as coisas dos outros a ostentar descaradamente as minhas”.

Por que, então, você se envergonha de aprender, e não se envergonha de ser ignorante? Esta vergonha é maior que aquela. E ainda, por que você aspira a coisas altíssimas, quando ainda jaz no lugar mais baixo? Avalie, antes, aquilo que as tuas forças podem sustentar. Avança bem, quem avança ordenadamente. Alguns, querendo dar um grande salto, caem no precipício. Não queira, portanto, apressar-se demais. Deste modo você chegará mais cedo para a Sabedoria. Aprenda de todos com prazer aquilo que você não conhece, porque a humildade pode tornar comum para você aquilo que a natureza fez próprio para cada um. Será mais sábio de todos, se irá querer aprender de todos. Aqueles que recebem de todos, são mais ricos de todos.

Não considere vil conhecimento algum, portanto, porque todo conhecimento é bom. Se tiver tempo livre, não recuse de ao menos ler algum escrito. Se você não lucra, também não perde nada, sobretudo porque não há nenhum escrito, creio eu, que não proponha algo desejável, se é tratado no lugar e no modo devido, e não há nenhum escrito que não contenha algo especial não encontrado alhures, algo que o diligente escrutador da palavra não possa agarrar com tanta maior graça quanto mais é raro.

Mas não existe um bom que tire o melhor. Se você não pode ler todas as obras, lê as mais úteis. Ainda que você possa ler todas,

non tam en idem om nibus labor im pendendus est. Sed quaedam ita legenda sunt ne sint incognita, quaedam vero ne sint inaudi ta, quia aliquando pluris esse credimus quod non audivimus, et facilius aestim atur res cuius fructus agnoscitur.

Videre nunc potes quam necessaria tibi sit haec humilitas, u t nullam scientiam vilipendas et ab om nibus libenter discas. Si militer tibi quoque expedit, ut, cum tu aliquid sapere coeperis, ceteros non contem nas. Hoc autem tum oris vitium hinc quibus dam accidit, quod suam scientiam nimis diligenter inspiciunt, et cum sibi aliquid esse visi fuerint, alios, quos non noverunt, tales nec esse nec potuisse fieri p u ta n t Hinc etiam ebullit, quod nugi geruli nunc quidam, nescio unde, gloriantes, priores patres sim plicitatis arguunt, et secum natam, secum m orituram credunt sapientiam . In divinis eloquiis ita simplicem loquendi modum esse aiunt, u t in eis m agistros audire non oporteat, posse satis quem que proprio ingenio veritatis arcana penetrare. C orrugant nasum et valgium torquent in lectores divinitatis, et non intellig u n t quod Deo iniuriam faciunt, cuius verba pulchro quidem vo cabulo simplicia, sed sensu pravo insipida praedicant. Non est mei consilii huiusm odi imitari.

Bonus enim lector humilis debet esse et m ansuetus, a curis inanibus et voluptatum illecebris prorsus alienus, diligens et se dulus, u t ab om nibus libenter discat, num quam de scientia sua praesum at, perversi dogm atis auctores quasi venena fugiat, diu rem pertractare antequam iudicet discat, non videri doctus, sed esse quaerat, dicta sapientium intellecta diligat, et ea sem per co ram oculis quasi speculum vultus sui tenere studeat. E t si qua forte obscuriora intellectum eius non adm iserint, non statim in vituperium prorum pat, u t nihil bonum esse credat, nisi quod ipse intelligere potuit. Haec est humilitas disciplinae legentium.

não deve ser dispensado o mesmo afinco a todas. Algumas de vem ser lidas para não serem desconhecidas, outras para serem apenas ouvidas, pois não raro aquilo que não ouvimos é conside rado maior do que realm ente é, e é mais fácil ser estim ada um a coisa, da qual se conhece o fruto.

Agora você pode ver quão necessária lhe seja esta hum ilda de, para que despreze nenhum conhecimento e aprenda de to dos com prazer. Igualm ente, lhe convém que, quando começar a conhecer alguma coisa, não despreze os outros. Este vício da vai dade ocorre a alguns, porque olham com dem asiada diligência o seu próprio conhecim ento e, parecendo-lhes de ter-se tornado alguma coisa, pensam que os outros não são como eles nem po deríam nunca sê-lo, sem conhecê-los. Por isso agora ferve o fato que alguns charlatães, gloriando-se não sei de que, acusam pro fessores mais velhos de ingenuidade, achando que a Sabedoria nasceu com eles e m orrerá com eles. Dizem que nas Escrituras Sagradas o modo de falar é tão simples que sobre elas não preci saria ouvir os m estres, pois cada um poderia com seu próprio engenho p enetrar os segredos da verdade. Franzem o nariz e torcem a boca contra os professores das Escrituras, e não enten dem que fazem ofensa a Deus, cujas palavras eles em term os bo nitos pregam serem simples, mas insinuam com m aldade que as explicações dos m

estres são insípidas. Não é m eu conselho imi tar este tipo de pessoas.

O bom estudioso deve ser humilde e m anso, afastado total m ente das preocupações vãs e dos ilícitos das volúpias, diligente e constante, para que aprenda com prazer de todos, nunca pre suma de sua ciência, fuj a dos autores de doutrinas perversas como do veneno, aprenda a refletir longam ente sobre algum a coisa antes de j ulgá-la, não queira aparecer douto, mas sê-lo, ame os ensinam entos aprendidos dos sábios e procure tê-los sempre diante dos olhos como espelho do seu próprio rosto. E se, por acaso, certas coisas mais obscuras não são adm itidas por sua in teligência, o bom estudioso não prorrom pa em im propérios, como se cresse que nada é bom a não ser aquilo que ele pode en tender. Esta é a hum ildade da disciplina dos estudantes.

Caput XIV: De studio quaerendi

Studium quaerendi ad exercitium pertinet, in quo exhortati one magis quam doctrina lector indiget. Qui enim diligenter ins picere voluerit quid antiqui propter amorem sapientiae pertule rint, quam m em oranda posteris virtutis suae m onim enta reli querint, quam libet suam diligentiam inferiorem esse videbit Alii calcabant honores, alii proiecerunt divitias, alii acceptis iniuriis gaudebant, alii poenas spreverunt, alii contubernia hom inum deserentes, ultim os recessus et secreta eremi penetrantes, soli se philosophiae dedicabant, u t eo contem plationi vacarent libe rius, quo nullis quae virtutis iter impedire solent cupiditatibus animum subiecissent. Parm enides philosophus quindecim annis in rupe Aegy ptia consedisse legitur. Et Prom etheus ob immodi cam meditandi curam in m onte Caucaso vulturi expositus me m oratur. Quia enim sciebant verum bonum non in aestim atione hom inum sed in pura conscientia esse absconditum , et eos iam non homines esse, qui rebus perituris inhaerentes bonum suum non agnoscerent, ideo, quantum m ente et intelligentia a ceteris differrent, ipsa locorum distantia dem onstrabant, ne una tene ret habitatio quos non eadem sociabat intentio. Quidam philo sopho referebat dicens: “Numquid non vides quia te derident ho m ines?” Et ille: “Ipsi me, inquit, derident, et eos asini.” Cogita si potes, quanti aestim averit laudari ab his, a quibus nec vituperari timuit. De alio rursum legitur, quod post omnia disciplinarum studia et artium acum ina ad opus figuli descenderit. Et alterius cuiusdam discipuli cum laudibus m agistrum suum efferrent, in ter cetera nec sutoriae peritia eum carere gloriati sunt.

Hanc igitur diligentiam in nostris lectoribus esse vellem, u t num quam in eis senesceret sapientia. Sola Abisag Sunam itis se nem David calefecit quia am or sapientiae etiam m arcescente corpore dilectorem suum non deserit.

Capítulo 14: A dedicação à pesquisa

A dedicação à pesquisa pertence ao campo do exercício, e nisto o estudante precisa mais de exortação que de ensinamen to. Aquele que quisesse olhar diligentemente o que os antigos suportaram pelo amor da Sabedoria e quantas memórias memo ráveis de sua virtude deixaram aos pósteros, verá quanto a sua diligência é inferior à deles. Uns calcavam as honras, outros jo garam no ar as riquezas, uns se alegravam das injúrias recebi das, outros desprezaram os sofrimentos, outros, deixando o con vívio dos homens e adentrando-se nos últimos recantos nas soli-dões do ermo, se dedicavam somente à filosofia, para entre gar-se à meditação tanto mais livremente quanto menos subme tessem o espírito às volúpias que costumam impedir o caminho da virtude. Conta-se que o filósofo Parmênides passou quinze anos num rochedo do Egito. E Prometeu é recordado exposto ao abutre no monte Cáucaso por causa da sua vontade desmedi da de meditar. Estes eremitas, sabendo que o verdadeiro bem não reside na estima dos homens, mas está escondido na consciência pura e que não são homens quantos, aderindo às coisas que pere cem, desconhecem o seu próprio bem, demonstravam com a dis tância geográfica quanto diferiam dos outros na mente e na inteli gência, não querendo que uma mesma habitação albergasse aque les que não eram associados na mesma intenção. Alguém se volta va para um filósofo dizendo: “Não vê como os homens zombam de você?” E ele: “Eles zombam de mim, e deles zombam os as-nos”. Pensa, se você consegue, quanto valia para ele ser louvado por aqueles, dos quais nem de ser insultado teve medo. De um ou tro se diz que, depois de todos os estudos das disciplinas e depois de ter alcançado as sumidades das artes, desceu para o trabalho de oleiro. E os discípulos de um certo estudioso, querendo promo ver com louvores o seu mestre, gloriavam-se de que a ele não fal tava, entre outras coisas, nem a perícia de sapateiro.

Gostaria que os nossos estudantes tivessem uma tal diligên cia que neles a Sabedoria nunca envelhecesse. Somente Abisag, a sunamita, esquentou o velho Davi, porque o amor da Sabedoria, mes mo num corpo em definhamento, não abandonou o seu amante.

“Omnes paene virtutes corporis mutantur in senibus, et crescen te sola sapientia, decrescunt cetera”[56]. “Senectus enim illorum qui adolescentiam suam honestis actibus instruxerunt, aetate fit doctior, usu tritior, processu temporis sapientior, et veterum studiorum dulcissimos fructus metit. Unde et sapiens ille vir Graeciae, Themistocles, cum expletis centum septem annis se mori cerneret, dixisse fertur se dolere quod egrederetur de vita quando sapere coepisset Plato LXXXI anno scribens mortuus est. Socrates XCIX annos in docendi scribendique dolore labore que complevit. Taceo ceteros philosophos, Pythagoram, Demo critum, Xenocratem, Zenonem et Eleantem qui iam aetate longa eva in sapientiae studiis floruerunt.

Ad poetas venio, Homerum, Hesiodum, Simonidem, Tersico-rum, qui grandes natu cycneum nescio quid et solito dulcius vi cina morte cecinerunt. Sophocles cum post nimiam senectutem et rei familiaris neglegentiam, a filiis accusaretur

amentiae, Oe-dippi fabulam, quam nuper scripserat, recitavit iudici, et tantum sapientiae in aetate iam fracta specimen dedit, ut severitatem tribunalium in favorem theatri converteret. Nec mirum cum eti am Cato censorius et Romani generis disertissimus, iam senex graecas litteras discere nec erubuerit nec desperaverit. Certe Homerus refert quod de lingua Nestoris, iam vetuli et paene de crepiti dulcior meile oratio fluxerit”57.

Animadverte igitur quantum amaverint sapientiam quos nec decrepita aetas ab eius inquisitione potuit revocare. Iste igi tur tantus amor sapientiae, tanta in senibus prudentiae abun dantia, congrue etiam ex ipsius supradicti nominis interpretati one colligitur. “Interpretatur enim Abisag, pater meus superflu us”, vel, “patris mei rugitus, ex quo ostenditur abundantissi-mum, et ultra humanam vocem in senibus divini sermonis toni truum commorari. Verbum namque superfluum in hoc loco ple nitudinem, non redundantiam, significat Porro Sunamitis in lin gua nostra coccinea dicitur”58, quod satis convenienter fervorem sapientiae significare potest.

56. Hieronymus, Epist. 52,3,2. 57. Hieronymus, Epist. 52,3,3-6. 58. Hieronymus, Epist. 52,3,7.

“Quase todas as forças do corpo mudam nos velhos, e, enquanto cresce apenas a Sabedoria, todas as outras decrescem”. “A velhi ce daqueles que construíram a sua adolescência em atos hones tos com a idade se torna mais douta, com a prática mais caleja-da, com o andar do tempo mais sábia, e recolhe os frutos dulcis simos dos estudos anteriores. Por isso, se conta que aquele ho mem sábio da Grécia, Temístocles, percebendo que estava mor rendo após ter terminado cento e sete anos, ficava triste em ter que sair da vida quando começava a conhecer as coisas. Platão morreu aos oitenta e um anos, escrevendo. Sócrates completou noventa e nove anos na dor e no trabalho do ensino e da escrita. Não falo de outros filósofos, Pitágoras, Democrito, Xenocrates, Zenão e Eleante, os quais se destacaram nos estudos da Sabedo ria quando estavam em idade avançada.

E agora venho aos poetas, Homero, Hesiodo, Simonides, Tersícoro, os quais, já velhos, perto da morte cantaram não sei qual canto de cisne mais doce que de costume. Sófocles, sendo acusado de demência pelos filhos em razão da velhice avançada e da negligência nos negócios de família, recitou ao juiz a tragé dia de Édipo, que acabara de escrever, e deu um tal exemplo de Sabedoria em idade já avançada, que transformou a severidade do tribunal em entusiasmo pelo teatro. E não é estranho, pois também Catão o Censor e o mais eloqüente dos romanos, já ve lho, não teve vergonha nem desesperou de aprender o grego. Apropriadamente Homero conta que da língua de Nestor, já ve lho e quase decrépito, fluía um discurso mais suave que o mel”.

Pense, portanto, quanto devem ter amado a Sabedoria aqueles que nem a idade decrépita conseguiu afastar da procura dela. Este tanto amor da Sabedoria

e tanta abundância de pru dência nos velhos, se deduz também da interpretação de um nome acima reportado. “Abisag, de fato, significa o meu pai su pérfluo” ou “o rugido do meu pai, de onde fica manifesto que nos velhos reside um potentíssimo trovão da voz divina, acima de qualquer voz humana. A palavra supérfluo, aqui, significa plenitude, não redundância. Enfim, Sunamita em nossa língua significa “vermelho, escarlate”, que pode significar muito apro priadamente o fervor da Sabedoria.

Caput XV: De quattuor reliquis praeceptis

Quattuor quae sequuntur sic alternatim disposita sunt, ut alterum semper ad disciplinam, alterum ad exercitium spectet.

Caput XVI: De quiete

Vitae quies, sive interior, ut mens per illicita desideria non discurrat, sive exterior, ut otium et opportunitas honestis et uti libus studiis suppetat, utraque ad disciplinam pertinet

Caput XVII: De scrutinio

Scrutinium autem, id est meditatio, ad exercitium spectat

Videtur autem scrutinium sub studio quaerendi contineri. Quod, si verum est, superfluo repetitur, cum in superiori parte annumeratum sit. Sed sciendum est hanc inter haec duo esse differentiam, quod studium quaerendi instantiam significat ope ris, scrutinium vero diligentiam meditationis.

Opus peragunt labor et amor, consilium pariunt cura et vigi lia. In labore est, ut agas, in amore, ut perfidas. In cura est, ut provideas, in vigilia, ut attendas. Isti sunt quattuor pedisequi qui portant lecticam philologiae, quia mentem exercent cui sapien tia praesidet. Cathedra quippe philologiae sedes est sapientiae, quae his suppositis gestari dicitur, quoniam in his se exercendo promovetur. Unde pulchre iuvenes propter robur a fronte lecti cam tenere dicuntur, videlicet, philos et kophos, id est, amor et labor, quia foris opus peragunt; a posteriori puellae, videlicet, philemia et agrimnia, quod interpretatur cura et vigilia, quia in tus in secreto consilium pariunt.

Sunt quidam qui putant per cathedram philologiae huma num corpus significari, cui anima rationalis praesidet,

Capítulo 15:Os quatro preceitos restantes

Os quatro conselhos que seguem foram dispostos alternati vamente de modo que um se refere sempre à disciplina, o outro ao exercício.

CAPÍTULO 16: A quietação

A quietação da vida, seja interior, para que a mente não se perca em desejos ilícitos, seja exterior, para que o ócio e a como didade permitam estudos honestos e úteis, ambas pertencem à disciplina moral.

CAPÍTULO 17: A análise minuciosa

A análise minuciosa, isto é, a meditação, pertence ao exercício.

À primeira vista parece que a análise minuciosa já é contida na dedicação à pesquisa, e se assim fosse seria supérfluo voltar a ela, uma vez que já foi listada num capítulo anterior. Mas deve-se saber que entre os dois campos existe a seguinte diferença: a de dicação à pesquisa indica mais a aplicação ao trabalho, enquan to a análise minuciosa indica a aplicação à meditação.

O trabalho e o amor perfazem a obra, a cura e a vigília en gendram o bom conselho. No trabalho você faz, no amor você aperfeiçoa. Na cura você provê, na vigília você preserva. Estes são os quatro servidores que portam a liteira da filologia, por que exercitam a mente à qual preside a Sabedoria. A cadeira da filologia é a sede da Sabedoria, e se diz que ela é levada por es tes quatro sustentáculos, porque ela se desenvolve no exercício deles. Por isso com imagem bonita se diz que os jovens, devido à sua força, carregam a liteira na frente, e eles são phílos e kô-phos, isto é, amor e trabalho, porque atuam do lado de fora; na parte traseira da liteira estão as duas moças, isto é, philémia e agrímnia, que significam cura e vigília, porque dão conselho na parte interna em segredo.

Alguns dizem que atrav és da cadeira da filologia é sig n ificad o o c o rp o humano, ao qual preside a alma racional,

quod ministri quattuor portant, id est, quattuor elementa compo nunt, e quibus duo superiora, id est; ignis et aer, actu et nomine masculina sunt, duo vero inferiora, id est, terra et aqua, feminina. Caput XVIII: De parcitate

Paupertatem quoque lectoribus suadere voluit, id est, su perflua non sectari, quod maxime ad disciplinam spectat. “Pin guis enim venter, u t dicitur, tenuem non gignit sensum”5960. Sed quid ad haec scholares nostri temporis respondere poterunt, qui non solum in studiis suis frugalitatem sequi contemnunt, sed etiam supra id quod sunt divites videri laborant? Nec iam quid didicerit quisque iactitat, sed quid expenderit Sed fortassis quia magistros suos imitari nolunt, de quibus, quid satis digne dicam, non invenio.

Caput XIX: De exsilio

Postremo terra aliena posita est, quae et ipsa quoque homi nem exercet. Omnis mundus philosophantibus exsilium est, quia tamen, ut ait quidam:

“Nescio qua natale solum dulcedine cunctos ducit,

et immemores non sinit esse sui”””.

Magnum virtutis principium est, ut discat paulatim exercita tus animus visibilia haec et transitoria primum commutare, ut postmodum possit etiam derelinquere. Delicatus ille est adhuc cui patria dulcis est; fortis autem iam, cui omne solum patria est; perfectus vero, cui mundus totus exsilium e s t Ille mundo amorem fixit, iste sparsit, hic exstinxit.

Ego a puero exsulavi, et scio quo maerore animus artum ali quando pauperis tugurii fundum deserat, qua libertate postea marmoreos lares et tecta laqueata despiciat.

59. Hieronymus, Epist. 52,11,5. 60. Ovidius, P. Ovidi Nasonis ex Ponto libri quatuor 1,3,35.

carregada por quatro ministros, isto é, composta de quatro ele mentos, dos quais dois são superiores, isto é, fogo e ar que na atividade e no nome são masculinos, e dois inferiores, isto é, ter ra e água que são femininos.

CAPÍTULO 18: A sobriedade

Sempre se cuidou de persuadir os estudantes a ter a pobre za, isto é, a não ir ao encalço de coisas supérfluas, e isto tem a ver de maneira decisiva com a disciplina moral. “Um ventre gor do - como se diz - não produz uma sensibilidade suave”. Mas o que podem responder sobre isto os estudantes do nosso tempo, os quais não somente recusam a frugalidade durante os seus es tudos, mas até se preocupam em aparecer mais ricos do que são? Cada qual já se jacta, não daquilo que aprendeu, mas daquilo que despendeu. Talvez eles queiram imitar os

seus mestres, so bre os quais não encontro o que dizer de bastante digno.

CAPÍTULO 19: O exílio

Em último lugar pusemos a terra estrangeira, porque ela também exercita o homem. O mundo inteiro é um exílio para quem faz filosofia, e pela razão que levou alguém a dizer:

"Não sei por qual ternura o solo natal conduz

A todos, e não os deixa que se esqueçam dele".

É um grande início da virtude para o ânimo exercitado aprender devagar a trocar primeiramente estas coisas visíveis e transitórias, para que depois consiga também deixá-las. E ainda de licado aquele ao qual a pátria é doce; todavia é já forte aquele para o qual qualquer terra é a pátria; mas na verdade é perfeito aquele para o qual o mundo inteiro é um exílio. O primeiro fixou o seu amor ao mundo, o segundo o espalhou, o terceiro o extinguiu.

Eu mesmo desde menino tomei o caminho do exílio, e sei com quanta tristeza o espírito abandona o estreito fundo de um pobre tugúrio, mas sei também com qual liberdade, mais tarde, desdenha habitações de mármore e casas munidas de teto.

LIBER Q UARTUS

Caput I: De studio divinarum scripturarum

Scripturae quae vel de Deo sive de bonis invisibilibus lo quuntur, nec omnes nec solae divinae appellandae sunt. In libris gentilium multa de aeternitate Dei et animarum immortalitate, de virtutum praemiis sempiternis poenisque malorum satis pro babili ratione scripta invenimus, quos tali vocabulo indignos esse nemo dubitat. Rursus Veteris et Novi Testamenti seriem percurrentes, totam paene de praesentis vitae statu et rebus in tempore gestis contextam cernimus, raro aliqua de dulcedine ae ternorum bonorum et caelestis vitae gaudiis manifesto depromi. Tamen has scripturas divinas appellare fides catholica solet.

Philosophorum scripturae, quasi luteus paries dealbatus, nitore eloquii foris pollent, quae, si quando veritatis praeten dunt speciem, falsa admiscendo, quasi quodam colore superduc to, lutum erroris operiunt. Contra, divina eloquia aptissime favo comparantur, quae et propter simplicitatem sermonis arida ap parent, et intus dulcedine plena sunt. Unde constat quia merito tale vocabulum sortita sunt, quae sola sic a falsitatis contagione aliena inveniuntur, ut nihil veritati contrarium continere pro bentur.

Scripturae divinae sunt quas, a catholicae fidei cultoribus editas auctoritas universalis ecclesiae ad eiusdem fidei corrobora tionem in numero divinorum librorum computandas recepit et le gendas retinuit. Sunt praeterea alia quam plurima opuscula, a re ligiosis viris et sapientibus diversis temporibus conscripta, quae

LIVRO IV

CAPÍTULO 1:0 estudo das Escrituras Sagradas

Os escritos que falam de Deus ou dos bens invisíveis, nem todos nem só eles devem ser chamados divinos. Nos livros dos pagãos encontramos muitos escritos redigidos com fundamenta ção bastante provável sobre a eternidade de Deus e a imortalida de das almas, sobre os prêmios sempiternos das virtudes e os cas tigos dos males, mas ninguém duvida que eles são indignos de um tal vocábulo. Ao contrário disso, percorrendo a série dos livros do Antigo e Novo Testamento, vemos que é quase toda ligada ao es tado da vida presente e aos fatos acontecidos no tempo, e nela ra ramente são desveladas manifestamente algumas coisas sobre o encanto dos bens eternos e sobre as alegrias da vida celeste. Mes: mo assim, a fé católica costuma chamar divinos estes escritos.

Os escritos dos filósofos, como parede de barro caiado, exte riormente são ricos do esplendor do elóquio, mas eles, mesmo que de vez em quando ofereçam uma aparência de verdade, mis turando coisas falsas, cobrem o barro do erro como se passas sem por cima uma espécie de cor. Os divinos elóquios, ao contrá rio, são comparados oportunissimamente ao favo, porque eles parecem áridos na simplicidade do discurso, sim, mas por den tro são plenos de doçura. Daí fica claro por que eles com razão receberam tal adjetivo divinos, uma vez que só eles se encon tram tão estranhos ao contágio da falsidade, que dão prova de nada conter contrário à verdade.

As Escrituras Sagradas são aquelas que, produzidas pelos cultores da fé católica, a autoridade da Igreja universal as rece beu para serem com putadas no número dos livros sagrados e as conservou para serem lidas em fortalecimento de sua pró pria fé. Há, além disso, outros numerosos opúsculos escritos em tempos diversos por pessoas religiosas e sábias, os quais,

licet auctoritate universalis ecclesiae probata non sint, tamen quia a fide catholica non discrepant et nonnulla etiam utilia do cent, inter divina computantur eloquia, quae fortasse enumeran do melius quam definiendo ostendimus.

Caput II: De ordine et numero librorum

Omnis divina scriptura in duobus testamentis continetur, in veteri videlicet et novo. Utrumque testamentum tribus ordini bus distinguitur. Vetus Testamentum continet legem, prophetas, hagiographos, Novum autem evangelium, apostolos, patres.

Primus ordo Veteris Testamenti, id est, lex quam Hebraei thorath nominant,

Pentateuchum habet, id est, quinque libros Moysi. In hoc ordine primus est bresith, qui est Genesis, secun dus hellesmoth, qui est Exodus, tertius vaiecra, qui est Leviticus, quartus vaiedaber, qui est Numeri, quintus adabarim, qui est Deuteronomius.

Secundus ordo est prophetarum. Hic continet octo volumi na. Primum Iosue ben Nun, id est, filium Nun, qui et Iosue et Ie-sus et Iesu Nave nuncupatur, secundum sophtim, qui est liber Iudicum, tertium Samuel, qui est primus et secundus Regum, quartum malachim, qui est tertius et quartus Regum, quintum Isaiam, sextum Ieremiam, septimum Ezechielem, octavum thare-asra, qui est duodecim prophetarum.

Deinde tertius ordo novem habet libros. Primus est Iob, se cundus est David, tertius est masloth, quod Graece Parabolae, Latine Proverbia sonat, videlicet Salomonis, quartus coeleth, qui est Ecclesiastes, quintus, sira syrin, id est, Cantica cantico rum, sextus Daniel, septimus dabrehiamin, qui est Paralipomenon, octavus Esdras, nonus Esther. Omnes ergo fiunt numero xxii.

Sunt praeterea alii quidam libri, ut Sapientia Salomonis, li ber Iesu filii Sirach, et liber Iudith, et Tobias, et libri Machabaeorum, qui leguntur quidem, sed non scribuntur in canone.

embora não sejam reconhecidos pela autoridade da Igreja universal, todavia, considerado que não discrepam da fé católica e trazem até algumas coisas úteis, são computados entre os elóquios divi nos. Talvez consigamos apresentá-los melhor enumerando-os que definindo-os.

CAPÍTULO 2:Ordem e número dos livros

Toda a Escritura Sagrada está contida em dois Testamentos, o Velho e o Novo. Cada um dos dois Testamentos se divide em três partes. O Velho Testamento contém a lei, os profetas e os hagiógrafos. O Novo contém o evangelho, os apóstolos e os padres.

O primeiro grupo do Antigo Testamento, isto é, a lei, que os judeus chamam Torá, contém o Pentateuco, ou seja, os cin co livros de Moisés. Primeiro na ordem é o Bresith ou Gênese, o segundo é o Hellesmoth ou Êxodo, o terceiro é o Vaiecra ou Levítico, o quarto o Vaiedaber ou Números, o quinto o Adabarim ou Deuteronomio.

O segundo grupo é o dos profetas. Este contém oito volu mes. O primeiro é o de Josué bem Nun, isto é, filho de Nun, que se chama também Josué ou Jesus ou Jesus Nave; o segundo, Sophtim, é o livro dos Juizes, o terceiro o de Samuel, que se des dobra em Primeiro e Segundo dos Reis; o quarto é Malachim, que se divide em Terceiro e Quarto dos Reis, o quinto é Isaías, o sexto Jeremias, o

sétimo Ezequiel, o oitavo Tareasra, isto é, o li vro dos doze profetas.

O terceiro grupo dos hagiógrafos, por sua vez, tem nove li vros. O primeiro é Jó, o segundo Davi, o terceiro Masloth, que em grego é Parábolas e em latim é Provérbios, por sinal de Salo mão, o quarto livro é Qohelet, que é o Eclesiastes, o quinto Sira Syrin, isto é, Cântico dos cânticos, o sexto Daniel, o sétimo Dabrehaimin, que é o livro das Crônicas, o oitavo de Esdras, o nono Ester. Todos eles perfazem o número 22.

Há alguns outros livros, como a Sabedoria de Salomão, o li vro de Jesus filho de Sirac, o livro de Judite e de Tobias, e os li vros dos Macabeus, os quais são lidos mas não são computados no cânon.

Primus ordo Novi Testamenti quattuor habet volumina: Mat thaei, Marci, Lucae, Ioannis; secundus, similiter quattuor: Epistu las Pauli numero quattuordecim sub uno volumine contextas, et canonicas Epistulas, Apocalypsim et Actus apostolorum.

In tertio ordine primum locum habent Decretalia, quos ca nones, id est, regulares appellamus, deinde sanctorum patrum et doctorum ecclesiae scripta: Hieronymi, Augustini, Gregorii, Ambrosii, Isidori, Origenis, Bedae, et aliorum multorum ortho doxorum, quae tam infinita sunt, ut numerari non possint. Ex quo profecto apparet quantum in fide Christiana fervorem habu erint, pro cuius assertione tot et tanta opera memoranda poste ris reliquerunt. Unde nostra quoque pigritia arguitur, qui legere non sufficimus quae dictare illi potuerunt

In his autem ordinibus maxime utriusque testamenti appa ret convenientia, quod sicut post legem, prophetae, et post pro phetas, hagiographi, ita post Evangelium, apostoli, et post apos tolos, doctores ordine successerunt. Et mira quadam divinae dis pensationis ratione actum est, ut cum in singulis plena et perfec ta veritas consistat, nulla tamen superflua s it Haec breviter de ordine et numero divinorum librorum perstrinximus, ut quae sibi sit praescripta materia lector agnoscat.

Caput III: De auctoribus divinorum librorum

Quinque libros legis Moyses scripsit. Libri Iosue, idem Io-sue, cuius nomine inscribitur, auctor fuisse creditur. Librum Iudicum a Samuele editum dicunt. “Primam partem libri Samuel ipse Samuel scripsit, sequentia vero usque ad calcem, David. Malachim Ieremias primum in unum volumen collegit, nam antea sparsus erat per singulorum regum historias”61. Isaias, Ieremias, Ezechiel, singuli suos libros fecerunt qui inscripti sunt nomini bus eorum. “Liber etiam duodecim prophetarum auctorum suo rum nominibus praenotatur,

61. Isidorus, Etymotogiae 6,1,10.

0 primeiro grupo do Novo Testamento consiste de quatro vo lumes: Mateus, Marcos, Lucas, João; o segundo, igualmente de outros quatro: as quatorze Cartas de Paulo recolhidas num só vo lume, as Cartas canônicas, o Apocalipse e os Atos dos Apóstolos.

No terceiro grupo ocupam o primeiro lugar as Decretais, que chamamos cânones, isto é, regulares; depois vêm os escritos dos Santos Padres e Doutores da Igreja: Jerõnimo, Agostinho, Gregório, Ambrósio, Isidoro, Orígenes, Beda, e muitos outros or todoxos, escritos tão copiosos que não podem ser enumerados. Disto certamente aparece quanto fervor eles tiveram na fé cristã, para cuja afirmação deixaram aos pósteros tantas e tão grandes obras memoráveis. Donde se deduz também a nossa preguiça, nós que não conseguimos ler aquilo que eles conseguiram ditar.

Nestes agrupamentos aparece clarissimamente a concor dância dos dois Testamentos, de modo que, como após a Lei vie ram os profetas, e depois destes os hagiógrafos, assim depois do Evangelho sucederam na ordem os apóstolos e, depois dos após tolos, os doutores. E, por uma certa qual lógica da providência divina, foi disposto que, não obstante em cada livro a verdade se encontre plena e perfeita, em nada ela é repetitiva. Temos resu mido brevemente tudo isso a respeito da ordem e do número dos livros sagrados, para que o estudante conheça a matéria que lhe é preceituada.

CAPÍTULO 3:Os autores dos livros divinos

Os livros da Lei foram escritos por Moisés. Acredita-se que o livro de Josué foi escrito pelo mesmo Josué, cujo nome intitula o livro. Dizem que o Livro dos Juizes foi editado por Samuel. “O próprio Samuel escreveu a primeira parte do livro de Samuel, mas o resto, até o fim, foi escrito por Davi. O Livro de Malaquias foi recolhido num só volume primeiramente por Jeremias, pois anteriormente estava espalhado pelas histórias de cada um dos reis”. Isaías, Jeremias e Ezequiel compuseram cada um os seus li vros, que foram intitulados com os nomes deles. “Também o livro dos doze profetas são designados pelo nome dos seus autores,

quorum nomina sunt Osee, Ioel, Amos, Abdias, Ionas, Michaeas, Nahum, Habacuc, Sophonias, Aggaeus, Zacharias et Malachias. Qui propterea minores dicuntur, quia sermones eorum breves sunt, unde et uno volumine comprehenduntur”62. Isaias autem et Ieremias et Ezechiel et Daniel, hi quattuor maiores sunt sin guli suis voluminibus distincti.

"Librum Iob, alii Moysen, alii unum ex prophetis, nonnulli ipsum Iob scripsisse credunt"63. Librum Psalmorum David edidit, Esdras autem postea Psalmos ita ut nunc sunt ordinavit et titulos addidit Parabolas autem et Ecclesiastem et Cantica canticorum Salomon composuit. Daniel sui libri auctor fuit. "Liber Esdrae auctoris sui titulo praenotatur, in cuius textu eiusdem Esdrae Nehemiaeque sermones pariter continentur. Librum Esther Esdras creditur conscripsisse. Liber Sapientiae apud Hebraeos nusquam est, unde et ipse titulus Graecam magis eloquentiam redolet. Hunc quidam Iudaei Philonis esse affirmant. Librum Ecclesiasticum certissime Iesus filius Sirac Ierusolymi-ta, nepos Iesu sacerdotis magni, cuius meminit Zacharias, composuit. Hic apud Hebraeos reperitur, sed inter apocryphos habetur. Iudith vero et Tobi et libri Machabacorum"64, quorum, ut testatur Hieronymus, secundus magis Graecus esse probatur, "quibus auctoribus scripti sint minime constat".

Caput IV: Quid sit bibliotheca

"Bibliotheca a Graeco nomen accepit, eo quod ibi libri recondantur. Nam biblio librorum, teca repositio interpretatur. Bibliothecam Veteris Testamenti Esdras scriba post incensam legem a Chaldaeis, dum Iudaei regressi sunt in Ierusalem, divino afflatus spiritu reparavit, cunctaque legis ac prophetarum volumina quae fuerant a gentibus corrupta correxit, totumque Vetus Testamentum in xxii libros constituit, ut tot libri essent in lege quot habebantur et litterae"65.

62. Isidorus, Etymologiae 6,2,26. 63. Isidorus, Etymologiae 6,2,13. 64. Isidorus, Etymologiae 6,2,28-33. 65. Isidorus, Etymologiae 6,3,1.

cujos nomes são Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Estes são chamados 'menores' porque seus discursos são breves, de modo a serem incluídos num só volume". Isaías, ao contrário, junto com Jeremias, Ezequiel e Daniel, estes quatro são "maiores", distintos singularmente por seus volumes.

"Quanto ao livro de Jó, para uns foi Moisés que o escreveu, para outros um dos profetas, para alguns o próprio Jó". O livro dos Salmos foi editado por Daniel; posteriormente Esdras organizou os Salmos como são agora e lhes acrescentou os títulos. Foi Salomão quem compôs as Parábolas, o Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos. Daniel foi o autor de seu próprio livro. "O livro de Esdras foi intitulado com o nome do seu autor e nele estão contidos os sermões do próprio Esdras assim como os de Neemias. Diz-se que foi Esdras a escrever o livro de Ester. O livro da Sabedoria não se encontra em lugar algum entre os judeus, de modo que o próprio título trai mais a linguagem dos gregos. Alguns afirmam que é do judeu Fílon. O Livro do Eclesiastes com certeza foi escrito por Jesus filho de Sirac o Jerosolimitano, sobrinho do grande sacerdote Jesus, do qual se lembra Zacarias. Este livro se encontra entre os judeus, mas é enumerado entre os apócrifos. Não

consta minimamente por quais autores foram escritos os livros de Judite, de Tobias e os Livros dos Macabeus, o segundo dos quais, como atesta Jerônimo, é considerado mais um livro grego".

CAPÍTULO 4: O que é a biblioteca

"A palavra biblioteca deriva do grego, pois aí são guardados os livros. Com efeito, o termo biblio significa livros e teca quer dizer depósito. Depois que os Caldeus queimaram a Lei, ao re gresso dos Judeus em Jerusalém, o escriba Esdras, inspirado pelo espírito divino, refez a biblioteca do Velho Testamento, corrigindo todos os volumes da Lei e dos Profetas alterados pelos pagãos e organizando todo o Velho Testamento em 22 livros, de modo a se rem tantos os livros da Lei quantas são as letras do alfabeto".

"Porro quinque litterae duplices apud Hebraeos sunt: caph, mem, nun, phe, sade. Aliter enim per has scribunt principia me dietatesque verborum, aliter fines. Unde et quinque libri a ple-risque duplices aestimantur: Samuel, malachim, dabrehiamin, Esdras, Ieremias cum cynoth, id est lamentationibus suis"66. Caput V: De interpretibus

Interpretes Veteris Testamenti primum lxx interpretes quos Ptolemaeus, cognomento Philadelphus, rex Aegypti, omnis litte raturae sagacissimus, cum Pisistratum Atheniensium tyrannum, qui primus apud Graecos bibliothecam instituit, et Seleucum Ni canorem et Alexandrum, et ceteros priores, qui sapientiae ope ram dederant, "in studio bibliothecarum aemularetur, non so lum gentium scripturas, sed etiam divinas litteras in suam biblio thecam conferens, ita ut septuaginta milia librorum in tempore eius Alexandriae invenirentur, ab Eleazaro pontifice petens scripturas Veteris Testamenti, in Graecam vocem ex Hebraea lin gua interpretari fecit. Sed singuli in singulis cellis separati, ita omnia per Spiritum Sanctum interpretati sunt, ut nihil in alicuius eorum codice inventum esset, quod in ceteris vel in verborum ordine discreparet"67. Propter quod una est eorum interpretatio. Sed Hieronymus dicit huic rei non esse adhibendam fidem.

Secundam et tertiam et quartam faciunt Aquila, Symma chus, Theodotion, quorum primus, id est, Aquila, Iudaeus fuit, Symmachus vero et Theodotion Ebionitae haeretici. Obtinuit ta men usus, ut post lxx interpretes ecclesiae Graecorum eorum re ciperent exemplaria et legerent. Quinta est vulgaris, cuius auc tor ignoratur. Unde specialiter sibi vindicavit ut quinta appelle tur. Sexta et septima est Origenis, cuius codices Eusebius et Pamphilus vulgaverunt. Octava est Hieronymi, quae "merito ce teris antefertur, nam et verborum tenacior est, et perspicuitate sententiae claritor"68.

66. Hieronymus, Praei ad libros Samuel et Malachim (PL 28,597). 67. Isidorus,

Etymologiae 6,3,3-5. 68. Isidorus, Etymologiae 6,4,5.

“Todavia, entre os judeus, há cinco letras duplas: caph, mem, nun, phe, tsadé. Eles escrevem estas letras de um modo no co meço e no meio da palavra, de outro modo no fim da palavra. Por isso, muitos acham que cinco livros são duplos: Samuel, Malaquias, Dabrehaimin, Esdras, Jeremias junto com Cynot, ou seja, com suas Lamentações”.

CAPÍTULO 5:Os tradutores

Os primeiros tradutores do Antigo Testamento foram os 70 Tradutores. Ptolomeu, apelidado Filadelfo, rei do Egito e cultis simo em toda a literatura, quis competir no zelo pelas bibliote cas com Pisistrato, tirano de Atenas, o primeiro a organizar uma biblioteca entre os gregos, e também com Seleuco Nicanor e Alexandre, e com todos os que o precederam e se dedicaram à Sabedoria, “trazendo para a sua biblioteca não somente os es critos dos pagãos, mas também os escritos sagrados, de modo que no seu tempo se contavam em Alexandria setenta mil livros. Ele pediu ao sumo sacerdote Eleazar os escritos do Antigo Tes tamento, e os fez traduzir do hebraico para o grego. Separados cada um em cela individual, os 70 Tradutores interpretaram tudo pelo Espírito Santo de tal maneira que nada foi encontrado no manuscrito de algum deles que discordasse dos outros até na or dem das palavras”. Por isso, a tradução deles é unânime. São Jerônimo, porém, diz que não se deve dar fé a esta história.

A segunda, terceira e quarta traduções foram feitas por Áquila, Símaco e Teodocião. O primeiro deles, isto é, Áquila, era judeu, enquanto Símaco e Teodocião eram hereges hebionitas. Mas o uso fez de modo que as comunidades gregas aceitassem e lessem as versões deles depois da dos 70 Tradutores. A quinta tradução é a vulgata, cujo autor é ignorado. Por isso, ela reivin dicou excepcionalmente para si de ser chamada “quinta”. A sex ta e a sétima traduções são de Orígenes, cujos códigos foram di vulgados por Eusébio e Pânfilo. A oitava é de Jerônimo, a qual “justamente é anteposta às outras, por ser mais aderente no sig nificado das palavras e mais clara na interpretação da frase”.

Caput VI: De auctoribus Novi Testamenti

Plures evangelia scripserunt, sed quidam sine Spiritu Sanc to magis conati sunt ordinare narrationem quam historiae texe re veritatem. Unde sancti patres, per Spiritum Sanctum docti, quattuor tantum in auctoritatem receperunt, ceteris reprobatis, id est, Matthaei, Marci, Lucae, Ioannis ad similitudinem quattuor fluminum paradisi, et quattuor vectium arcae, et quattuor ani malium in Ezechiele.

Primum Matthaeus evangelium suum scripsit Hebraice. Se cundus Marcus Graece scripsit. “Tertius Lucas inter omnes evangelistas Graeci sermonis eruditissimus, quippe ut medicus in Graecia, evangelium scripsit Theophilo episcopo”69, ad quem etiam Actus apostolorum idem scripsit. Quartus et ultimus Ioannes evangelium scripsit.

Paulus quattuordecim scribit epistulas, decem ad ecclesias, quattuor ad personas. Ultimam autem ad Hebraeos plerique di cunt non esse Pauli, “eandemque alii Barnabam scripsisse, alii Clementem suspicantur”70. Canonicae epistulae septem sunt: una Iacobi, duae Petri, tres Ioannis, una Iudae. Apocalypsim scripsit Ioannes apostolus in Patmos insula, in exsilio relegatus.

Caput VII: Cetera esse apocrypha et quid sit apocryphum

“Hi sunt scriptores sacrorum librorum, qui per Spiritum Sanctum loquentes ad eruditionem nostram praecepta vivendi regulamque conscripserunt Praeter haec alia volumina apocrypha nuncupantur. Apocrypha autem dicta, id est, secreta, quia in du bium veniunt. Est enim eorum occulta origo, nec patet patribus, a quibus usque ad nos auctoritas veracium scripturarum certis sima et notissima successione pervenit. In his apocryphis etsi in venitur aliqua veritas, tamen propter multa falsa, nulla est in eis canonica auctoritas, quae recte iudicantur non esse eorum cre denda quibus ascribuntur.

69. Isidorus, Etymologiae 6,2,37. 70. Isidorus, Etymologiae 6,7,45.

Capítulo 6: Os autores do Novo Testamento

Muitos escreveram evangelhos, mas alguns, desprovidos de Espírito Santo, se esforçaram mais em ordenar um conto que em urdir a verdade da história. Por isso, os Santos Padres, doutrina dos pelo Espírito Santo, descartaram os restantes e reconhece ram somente quatro como autoridades, isto é, Mateus, Marcos, Lucas, João, à semelhança dos quatro rios do paraíso, dos quatro sustentáculos da arca e dos quatro animais em Ezequiel.

0 primeiro foi Mateus, que escreveu o seu evangelho em he braico. 0 segundo foi Marcos, que escreveu em grego. “Em tercei ro lugar, Lucas, eruditissimo entre todos os evangelistas nas le tras gregas, por ser médico na Grécia, escreveu o evangelho para o bispo Teófilo”, ao qual dedicou também os Atos dos Apóstolos. Por último, em quarto lugar, foi João a escrever o evangelho.

Paulo escreveu catorze cartas, dez para comunidades eclesi-ais e quatro para pessoas. Muitos dizem que a última, endereça da aos hebreus, não é de Paulo, “alguns suspeitando que a escre veu Barnabé, outros Clemente”. As cartas

canônicas são sete: uma de Tiago, duas de Pedro, três de João, uma de Judas. Quem escreveu o Apocalipse foi o apóstolo João na ilha de Patmos, re legado no exílio.

CAPÍTULO 7: O resto é apócrifo. O que significa "apócrifo"?

"Estes são os escritores dos livros sagrados, os quais, falan do através do Espírito Santo, redigiram para nossa instrução os preceitos e a regra do viver. Fora destes escritos, são nomeados outros volumes apócrifos. São ditos apócrifos, isto é, segredos, porque aparecem duvidosos. De fato, a origem deles é desconhe cida, nem é clara aos Padres da Igreja, dos quais chegou até nós, com sucessão totalmente certa e conhecida, a autoridade das Escri turas verdadeiras. Ainda que nestes apócrifos se encontre alguma verdade, todavia, em razão das muitas coisas falsas, neles não há ne nhuma autoridade canônica e justamente julga-se que eles não devem ser considerados obra daqueles aos quais são atribuídos.

Nam multa et sub nominibus prophetarum et recentiora sub no minibus apostolorum ab haereticis proferuntur, quae omnia sub nomine apocryphorum, auctoritate canonica diligenti examina tione remota sunt"71.

Caput VIII: Ratio vocabulorum divinorum librorum

"Pentateuchus a quinque voluminibus dicitur. Penta enim Graece quinque, teucus volumen vocatur. Genesis eo dicitur quod generatio saeculi in eo contineatur; Exodus, ab exitu filio rum Israel de Aegypto; Leviticus, eo quod levitarum ministeria et diversitatem victimarum exsequitur. Numerorum liber voca tur, eo quod in eo egressae de Aegypto tribus enumerantur et XLII per eremum mansiones"72. Deutrus Graecum verbum est dissyllabum, et interpretatur secundus, nomia interpretatur lex. Inde dictus est Deuteronomius, quasi secunda lex, quia in eo re plicantur ea quae in praecedentibus tribus diffusius dicta sunt.

In libro Iosue, quem Hebraei Iosue ben Nun dicunt, terra promissionis populo dividitur. Liber Iudicum dictus est a princi pibus qui iudicabant populum Israel, antequam reges essent in eodem populo. Huic quidam compingunt historiam Ruth sub uno volumine. "Liber Samuel dictus est quia nativitatem eius et sacerdotium et gesta describit, qui licet etiam historiam Saul et David contineat, utrique tamen ad Samuel referuntur, quia un xit utrumque. Malach Hebraice, Latine regum interpretatur. Inde dictus est malachim, pro eo quod reges Iudae et Israeliticae gentis gestaque eorum per ordinem digerat"73.

"Isaias, evangelista potius quam propheta, edidit librum suum, cuius omne textum eloquentiae prosa incedit. Canticum vero hexametro et pentametro versu

discurrit. Ieremias similiter edidit librum suum cum Threnis eius quos nos lamenta voca mus, eo quod in tristioribus rebus funeribusque adhibeantur, in quibus quadruplicem diverso metro composuit alphabetum,

71. Isidorus, Etymologiae 6,2,50-53. 72. Isidorus, Etymologiae 6,2,2-6. 73. Isidorus, Etymologiae 6,2,9-11.

Com efeito, muitas coisas são publicadas pelos hereges sob os nomes dos profetas e recentemente sob os nomes dos apóstolos, mas todas elas, após exame acurado, foram privadas da autorida de canônica sob o nome de apócrifos.

CAPÍTULO 8: Significado dos nomes dos livros sagrados

"O Pentateuco é chamado assim devido aos seus cinco volu mes. Com efeito, penta em grego significa cinco, e teucus volume. O Gênese se chama assim porque nele é contida a gera ção do mundo. O Êxodo toma o nome da saída dos filhos de Isra el do Egito. O Levítico se chama assim porque expõe as funções dos levitas e a diversidade das vítimas. O livro dos Números é as sim chamado porque nele são enumeradas as tribos egressas do Egito e as 42 etapas pelo deserto". Deutrus é uma palavra grega dissílaba, e significa segundo, enquanto nomia significa lei. Dis to deriva o Deuteronomio, como se fosse uma segunda lei, pois nele são retomadas aquelas coisas que nos três livros anteriores tinham sido apresentadas mais difusamente.

No livro de Josué, que os judeus chamam Josué ben Nun, é dividida entre o povo a terra da promessa. O livro dos Juizes é as sim chamado por causa dos príncipes que julgavam o povo de Israel, antes que no mesmo povo aparecessem os reis. A este livro, num único volume, alguns anexam a história de Rute. "O livro de Samuel foi assim chamado porque descreve seu nascimento, sa cerdócio e gesta e, se bem que este livro contenha também a his tória de Saul e Davi, ambos são vinculados a Samuel, que ungiu os dois. O hebraico Malach em latim significa dos reis. E assim o livro foi chamado malachim, pelo fato que apresenta por ordem os reis de Judá e Israel, assim como suas gestas".

"Isaías, evangelista mais que profeta, publicou o seu livro, cujo texto procede todo em prosa poética. O seu Cântico flui em verso hexametro e pentametro. Também Jeremias publicou um seu livro com seus Trenós, que nós chamamos Lamentações, pelo fato de serem usadas nas ocasiões mais tristes e nos fune rais. Nas quatro séries de Lamentações Jeremias repete qua tro vezes as letras do alfabeto cada vez com metro diverso:

quorum duo prima quasi sapphico metro scripta sunt, quia tres ver siculos qui sibi nexi sunt et ab una tantum littera incipiunt, heroi cum comma concludit Tertium alphabetum trimetro scriptum est, et a ternis litteris idem terni versus incipiunt Quartum alphabetum simile primo et secundo habetur"74. Ezechiel principium et

finem obscuriora habet Unum est volumen duodecim prophetarum.

"Principia et fines libri Iob apud Hebraeos prosa oratione contexta su n t media autem ipsius ab eo loco quo ait: 'Pereat dies in qua natus sum', usque ad eum locum, 'idcirco ego me reprehen do et ago paenitentiam', omnia heroico metro discurrunt

Psalmorum liber Graece Psalterium, Hebraice nabla, Latine organum dicitur. Ideo autem vocatur Psalterium quod uno prop heta canente ad psalterium, chorus consonando responderit"75. "Hunc librum quinque incisionibus et uno psalmorum volumine comprehendunt"76. Psalmos David composuit, sed Esdras pos tea ordinavit. "Omnes autem Psalmi et Lamentationes Ieremiae et omnia ferme scripturarum cantica apud Hebraeos metrice composita sunt, ut testatur Hieronymus, Origenes, Iosephus et Eusebius Caesariensis. Nam in morem Romani Flacci et Graeci Pindari, nunc alii iambo currunt, nunc sapphico nitent, trimetro vel tetram etro incedentes"77.

"Tribus nominibus vocatum esse Salomonem scriptura ma nifestissime docet: Idida, id est, dilectum Domini, quia eum dile-xit Dominus, et Coeleth, id est, Ecclesiasten. Ecclesiastes autem Graeco sermone appellatur, qui coetum, id est, ecclesiam con gregat, quem nos nuncupare possumus contionatorem, qui lo quitur non ad unum specialiter, sed ad totam contionem populi. Porro pacificus vocatus est, eo quod in regno eius pax fuerit. Is itaque iuxta numerum vocabulorum tria edidit volumina: pri mum, quod Hebraice masloth, Graece Parabolae, Latine Prover bia inscribitur, eo quod in ipso sub comparativa similitudine fi guras verborum et imagines veritatis ostenderit quae videlicet Parabolae in fine ab eo loco in quo ait: "Mulierem fortem quis in veniet", alphabeto texuntur,

74. Isidorus, Etymologiae 6,2,22-24. 75. Isidorus, Etymologiae 6,2,14. 76. Hieronymus, Praei ad libros Samuel et Malachim (PL 28,599A). 77. Isidorus, Etymologiae 6,2,17.21.

nas primeiras duas séries alfabéticas as lamentações são escritas em verso sáfico, porque os primeiros três versos, conexos entre si e iniciantes sob uma única letra, se concluem com um verso heróico. Na terceira série cada letra do alfabeto introduz um ter-ceto: os três versos começam com a mesma letra. A quarta série alfabética é considerada semelhante à primeira e à segunda". O livro de Ezequiel apresenta um início e um fim bastante obscu ros. Os doze profetas menores são recolhidos num só volume.

"O início e o fim do livro em hebraico de Jó são urdidos em prosa. Mas o meio escorre em verso heróico a partir da passa gem que diz: "Pereça o dia em que nasci" até à passagem onde se diz: "Por isso me arrependo e faço penitência".

O livro dos Salmos em grego se diz Saltério, em hebraico nabia, em latim

organum. É chamado Saltério porque, enquan to um profeta canta sozinho com a harpa, o coro responde ao uníssono”. “Este livro é dividido em cinco partes que formam um só Livro dos Salmos”. Foi Davi quem compôs os salmos, que Esdras sucessivamente organizou. “Todos os Salmos e as La mentações de Jeremias e certamente todos os cânticos das Escrituras dos judeus foram compostos em verso, como atestam Jerônimo, Orígenes, José e Eusébio de Cesaréia. De fato, seguin do o costume do romano Flaco e do grego Pindaro, ora alguns destes textos fluem em verso jâmblico, ora resplandecem em verso sáfico, sempre ritmando em trimetro ou tetrâmetro”.

“A Escritura nos ensina manifestamente que Salomão foi in dicado com três nomes: Idida, isto é, amado do Senhor, pois de fato o Senhor o amou, e Qohelet, isto é, Eclesiastes. É chama do Eclesiastes, em terminologia grega, porque congrega a as sembléia, isto é, a Igreja; nós poderiamos chamá-lo pregador, pois fala não a uma pessoa em particular, mas a toda uma reu nião de povo. Por fim, Salomão foi chamado pacífico, porque no seu reinado senhoreou a paz. Ele, em correspondência ao número de seus nomes, escreveu três volumes: o primeiro, que em hebraico se chama Masloth, em grego Parábolas, em latim Provérbios, pois nele Salomão m ostra sob semelhanças com parativas as figuras das palavras e as imagens da verdade. A partir da passagem onde se diz: “Quem encontrará a mulher forte” estas Parábolas são urdidas através de letras do alfabeto,

sicut Lamentationes Ieremiae *et cetera* quaedam scripturae can tica; secundum, quod Hebraice coeleth, Graece Ecclesiastes, La tine Contionator dicitur, eo quod sermo eius non specialiter ad unum, sicut in Proverbiis, sed ad universos generaliter, quasi ad totam contionem et ecclesiam dirigatur; tertium, sira syrin, id est, Cantica canticorum, quod est quasi epithalamium, id est, carmen nuptiale Christi et ecclesiae. In Proverbiis parvulum docet et, qua si de officiis, per sententias erudit, unde et ad filium ei crebro ser mo repetitur. In Ecclesiaste vero maturae virum aetatis instituit, ne quicquam in mundi rebus putet esse perpetuum, sed caduca et brevia universa quae cernimus. Ad extremum iam consummatum virum et calcato saeculo praeparatum, in Cantico canticorum Sponsi iungit amplexibus. Haud procul ab hoc ordine doctrina rum, et philosophi suos sectatores erudiunt, ut primum ethicam doceant, deinde physicam interpretentur, et, quem in his profe cisse perspexerint, ad theologiam usque perducant”[78].

Daniel apud Hebraeos non inter prophetas sed inter hagiographos habetur. Hunc secundum LXX interpretes catholica ec clesia non legit, eo quod multum a veritate discordet. Daniel ma xime et Esdras propheta et una pars Ieremiae, Hebraicis quidem litteris, sed Chaldaico sermone conscripti sunt. Iob quoque cum Arabica lingua plurimam habet societatem. Daniel apud Hebrae os nec Susannae habet historiam, nec hymnum trium puero rum, nec Belis draconisque fabulas.

“Paralipomenon Graece dicitur, quod nos praetermissorum vel reliquorum dicere possumus, quia ea quae in lege vel regum libris, vel omissa vel non plene

relata sunt, in isto summatim ac breviter explicantur"79. "Hic Hebraice dicitur, dabrehiamin, quod interpretatur verba dierum, quod significantius chronicon totius divinae historiae possumus appellare"80.

Liber Esdrae unus est, in quo eiusdem Esdrae Nehemiaeque sermones sub uno volumine continentur. Secundus, tertius et quartus apocrypha sunt.

78. Isidorus, Etymologiae 6,2,18-20. 79. Hieronymus, Praei ad libros Samuel et Malachim (PL 28,599B). 80. Hieronymus, Praei ad libros Samuel et Malachim (PL 28,599B).

à semelhança das Lamentações de Jeremias e alguns outros cân ticos da Escritura. O segundo livro se chama em hebraico Qohelet, em grego Eclesiastes, em latim pregador, porque o seu dis curso não se dirige especificamente a uma pessoa, como nos Provérbios, mas a todos em geral, como a toda a assembléia ou igreja. O terceiro livro, Sira syrin, isto é, Cântico dos Cânticos, é como um epitalâmio, isto é, um canto nupcial entre Cristo e a Igreja. Nos Provérbios Salomão ensina a um menino e o instrui em seus deveres mediante sentenças, e por isso o discurso lhe é repetido continuamente como se fosse a um filho. No Eclesias tes, porém, ele instrui o homem de idade madura para que nada considere perpétuo nas coisas do mundo, mas considere todas as coisas que vemos, breves e caducas. Por último, no Cântico dos Cânticos, Salomão entrega aos amplexos do Esposo o ho mem que, no desprezo do mundo, já é perfeito e pronto. Não lon ge desta ordem de ensinamento procedem os filósofos pagãos na instrução de seus seguidores, de modo que primeiro ensinam a ética, depois indagam a física e finalmente, depois de ter visto que o aluno fez progressos nelas, conduzem-no até a teologia.

Daniel é considerado pelos judeus não um profeta mas um hagiógrafo. A Igreja católica não lê este livro segundo a tradu ção dos Setenta, porque esta discorda muito da verdade. Grande parte de Daniel e do profeta Esdras e parte de Jeremias foram es critos em língua caldaica, mas com letras hebraicas. Também Jó tem muito em comum com a língua árabe. No texto hebraico o li vro de Daniel não contém a história de Susana, nem o cântico dos três meninos, nem as fábulas de Bel e do dragão.

"Paralipômenon em grego é aquilo que nós podemos cha mar livro das coisas preteridas ou restantes, porque neste livro são explicadas brevemente e sumariamente aquelas coisas que foram omitidas ou não plenamente relatadas nos livros da Lei e dos Reis". "Este livro em hebraico é chamado dabrehaimin, que significa palavras dos dias, que de uma maneira mais significati va podemos traduzir por crônica de toda a história sagrada".

O livro de Esdras é um só, no qual, em um único volume, são contidos os discursos do mesmo Esdras e de Neemias. 0 se gundo, o terceiro e o quarto livro são apócrifos.

Liber qui Sapientia Salomonis inscribitur ideo Sapientia vo catur, “quia in eo Christi adventus qui est Sapientia Patris et passio eius evidenter exprimitur”[81]. Liber Iesu filii Sirach ideo Ecclesiasticus dicitur, “quod de totius ecclesiae disciplina religi osae conversationis magna cura et ratione sit editus”[82]. De his duobus Hieronymus sic dicit: “Fertur Panaeretus Iesu filii Si rach liber, et alius pseudographus qui Sapientia Salomonis ins cribitur, quorum priorem Hebraicum repperi, non Ecclesiasti cum ut apud Latinos, sed Parabolas praenotatum. Cui iuncti erant Ecclesiastes et Canticum canticorum, ut similitudinem Sa lomonis, non solum librorum numero, sed etiam materiarum ge nere coaequaret. Secundus apud Hebraeos nusquam est, quia et ipse stylus Graecam eloquentiam redolet. Et nonnulli scripto rum veterum hunc esse Iudaei Philonis affirmant. Sicut ergo Iu-dith et Tobi et Machabaeorum libros legit quidem eos ecclesia, sed inter canonicas scripturas non recipit, sic et haec duo volu mina legat ad aedificationem plebis, non auctoritatem ecclesias ticorum dogmatum confirmandam”[83].

“Quomodo igitur viginti duo elementa sunt per quae Hebrai ce scribimus omne quod loquimur, et eorum initiis vox humana comprehenditur, ita viginti duo volumina supputantur, quibus quasi litteris et exordiis in Dei doctrina, tenera adhuc et lactens viri iusti eruditur infantia”[84].

Quidam historiam Ruth et Lamentationes Ieremiae seorsum per se inter hagiographa computantes, et hos duos praecedenti bus XXII addentes, XXIV veteris legis libros numerant sub figura et numero XXIV seniorum, qui in Apocalypsi Agnum adorant.

Caput IX: De Novo Testamento

Sicut omnis scriptura Veteris Testamenti large lex appellari potest, specialiter tamen libri Moysi quinque lex dicuntur, ita ge neraliter totum Novum Testamentum evangelium dici potest,

81. Isidorus, Etymologiae 6,2,30. 82. Isidorus, Etymologiae 6,2,32. 83. Hieronymus, Praef. ad libros Samuel et Malachim (PL 28,1307B-1308A). 84. Hieronymus, Praef. ad libros Samuel et Malachim (PL 28,597A-B).

0 livro que tem o nome de Sabedoria de Salomão se chama simplesmente Sabedoria, “porque nele em maneira clara é ex presso o advento de Cristo, que é a Sapiência do Pai”. O livro de Jesus filho de Sirac é chamado Eclesiástico, “porque foi escrito com grande cura e inteligência sobre a disciplina do comporta mento religioso de toda a Igreja”. Sobre estes dois diz Jerônimo: “Circula um

livro Panaretus de Jesus filho de Sirac, e um outro livro apócrifo intitulado Sabedoria de Salomão. Do primeiro eu tenho uma versão em hebraico, intitulada Parábolas, não Ecle siástico como nos latinos. A este eram anexados um Eclesiastes e um Cântico dos Cânticos, para ter semelhança com Salomão não somente no número dos livros, mas também no tipo de ar gumento. O segundo não se encontra entre os judeus em lugar algum, pois o próprio estilo evoca o modo grego de falar. E al guns dos antigos escritores dizem que este livro é do judeu Fí-lon. Todavia, do mesmo modo que a Igreja lê os livros de Judite, de Tobias e dos Macabeus, sem considerá-los escritos canônicos, leia também estes dois volumes para a edificação da plebe e não para confirmar a autoridade dos dogmas eclesiásticos".

"Assim como há vinte e duas letras com as quais escrevemos em hebraico tudo aquilo que falamos e que constituem as bases pelas quais a voz humana é entendida, do mesmo modo se con tam vinte e dois livros, pelos quais, como através de letras e exórdios na doutrina de Deus, a infância ainda tenra e lactante do homem justo é instruída".

Alguns, computando a história de Rute e as Lamentações de Jeremias como livros à parte a serem inseridos no número dos hagiógrafos, e acrescentando-os aos precedentes 22 livros, contam 24 livros do Velho Testamento, segundo a figura e o nú mero dos 24 anciãos que no Apocalipse adoram o Cordeiro.

CAPÍTULO 9 : 0 Novo Testamento

Como, em sen tid o am plo, toda a E scritu ra do Velho T estam ento pode ser cham ada Lei, mas de m aneira especial são cham ados Lei os cinco livros de Moisés, assim todo o Novo Testam ento pode ser considerado em geral Evangelho,

sed tamen specialiter quattuor illa volumina, Matthaei scilicet et Marci et Lucae atque Ioannis, in quibus facta et dicta Salvatoris plane explicantur, evangelium nuncupari meruerunt. Evangelium interpretatur bonum nuntium, quia aeterna bona promittit, non terrenam felicitatem, ut Vetus Testamentum secundum lit teram intellectum.

Caput X: De canonibus evangeliorum

"Canones evangeliorum Ammonius Alexandriae primus ex cogitavit, quem postea Eusebius Caesariensis secutus plenius composuit Qui ideo facti sunt, ut per eos invenire et scire possi mus qui reliquorum evangelistarum similia aut propria dixerunt. Sunt autem numero decem, quorum primus continet numeros in quibus quattuor eadem dixerunt, Matthaeus, Marcus, Lucas, Ioannes; secundus, in quibus

tres, Matthaeus, Marcus, Lucas; tertius, in quibus tres, Matthaeus, Lucas, Ioannes; quartus, in quibus tres, M atthaeus, Marcus, Ioannes; quintus, in quibus duo, Marcus, Lucas; sextus, in quibus duo, Matthaeus, Marcus; septimus, in quibus duo, Matthaeus, Ioannes; octavus, in quibus duo, Lucas, Marcus; nonus in quibus duo, Lucas, Ioannes; deci mus, in quibus singuli eorum propria quaedam dixerunt.

Quorum expositio haec est. Per singulos enim evangelistas numerus quidam capitulis affixus adiacet, quibus numeris subdita est area quaedam minio notata, quae indicat in quoto canone po situs sit numerus, cui subiecta est area. Verbi gratia, si est area prima, in primo canone, si secunda, in secundo, si tertia, in tertio, et sic per ordinem usque ad decimum pervenies. Si igitur aperto quolibet evangelio placuerit scire, qui reliquorum evangelistarum similia dixerint, assumes adiacentem numerum capituli,

mas de modo especial mereceram ser chamados “evangelho” aqueles quatro livros de Mateus, Marcos, Lucas e João, nos quais são apresentados claramente os fatos e os ditos do Salvador. Evangelho significa bom anúncio, porque promete os bens eter nos, não a felicidade terrena, como faz o Velho Testamento en tendido na letra.

CAPÍTULO 10: Os cânones dos evangelhos

Amônio de Alexandria foi o primeiro que pensou os cânones (elencos, tabelas) dos evangelhos, que posteriormente Eusébio de Cesaréia, seguindo-o, organizou melhor. Estes cânones foram elaborados de maneira tal, que através deles podemos saber quais dos outros evangelistas disseram coisas semelhantes ou originais. Estes cânones são dez, dos quais o primeiro contém as passagens nas quais os quatro evangelistas Mateus, Marcos, Lu cas e João disseram a mesma coisa; o segundo contém as passa gens nas quais disseram a mesma coisa três evangelistas, isto é, Mateus, Marcos e Lucas; o terceiro, onde disseram a mesma coi sa três, ou seja, Mateus, Lucas, João; o quarto, onde foram tam bém três, isto é, Mateus, Marcos e João; o quarto, onde dois, quer dizer, Marcos e Lucas; o quinto, onde dois: Marcos e Lucas; o sexto, onde dois: Mateus e Marcos; o sétimo, onde dois: Ma teus e João; o oitavo, onde dois: Lucas e Marcos; o nono, onde dois: Lucas e João; o décimo é o cânon com as passagens nas quais cada evangelista falou algumas coisas próprias.

A apresentação destes cânones é a seguinte. Para cada evan gelista, um determinado número é afixado ao lado de uma peque na seção do texto, e debaixo destes números se encontra um cam po marcado em vermelho, o qual indica em qual cânon é colocado o número debaixo do qual está o campo. Por exemplo, se este campo é o primeiro, aquele número se encontra no primeiro câ non, se é o segundo, no segundo, se é terceiro no terceiro, e assim na ordem chegará até o décimo. Se, portanto, abrindo qualquer evangelho, você quiser

saber qual dos outros evangelhos disse coi sas semelhantes, pegue o número ao lado de cada seção do texto,

et requires ipsum numerum in suo canone quem indicat, ibique invenies qui et quid dixerint. Et ita demum in corpore, inquisita loca, quae ex ipsis numeris indicantur, per singula evangelia de eisdem dixisse invenies”85.

Caput XI: De canonibus conciliorum

“Canon autem Graece, Latine regula nuncupatur. Regula au tem dicta, quod recte ducit, nec aliquando aliorsum trah it Alii di xerunt regulam dictam, vel quod regat, vel quod normam recte vi vendi praebeat, vel quod distortum pravumque quid corrigat

Canones autem generalium conciliorum a temporibus Cons tantini coeperunt In praecedentibus namque annis, persecutio ne fervente, docendarum plebium minime dabatur facultas. Inde christianitas in diversa haeresi scissa est, quia non erat licentia episcopis in unum convenire, nisi tempore supradicti imperato ris. Ipse enim dedit facultatem Christianis libere congregari. Sub hoc etiam sancti patres in concilio Nicaeno de omni orbe terrarum convenientes, iuxta fidem evangelicam et apostolicam, secundum, post apostolos, symbolum tradiderunt”86.

Caput XII: Quattuor esse principales synodos

“Inter cetera autem concilia quattuor esse venerabiles syno dos quae totam principaliter fidem complectantur, quasi evange lia, vel totidem paradisi flumina. Harum prior Nicaena synodus trecentorum decem et octo episcoporum Constantino Augusto imperante peracta est, in qua Arianae perfidiae condemnata blasphemia, quam de inaequalitate sanctae Trinitatis idem Arius asserebat. Consubstantialem Deo Patri Deum Filium eadem sancta synodus per symbolum definivit.

Secunda synodus, CL patrum sub Theodosio seniore Cons-tantinopolim congregata est, quae Macedonium Spiritum Sanc tum negantem Deum esse condemnans,

85. Isidorus, Etymologiae 6,15,1. 86. Isidorus, Etymologiae 6,16,1-4.

e procure este número no cânon que ele indica, e lá encontrará quem e o que disseram. E assim, após ter inquirido as seções que são indicadas por estes números, você encontrará em cada evangelho quem tratou das mesmas coisas.

CAPÍTULO 11: Os cânones dos concílios

O termo grego cânon é chamado em latim regra. A regra se chama assim, porque conduz reto, sem nunca induzir para outra direção. Outros disseram que a regra foi chamada assim ou por que rege ou porque proporciona a norma do viver em retidão ou porque corrige algo que está distorcido e errado.

Os cânones dos concílios gerais começaram nos tempos de Constantino. Nos anos anteriores, com efeito, ardendo a perse guição, não se dava alguma possibilidade de doutrinar as plebes. Por esta razão, a cristandade se dividiu em diversas heresias, dado que os bispos não tinham a permissão de reunir-se, a não ser nos tempos do citado imperador. Este deu aos cristãos a pos sibilidade de reunir-se livremente. Também sob ele, os Santos Padres, convergindo para o Concilio de Nicéia de todos os can tos da terra, deram o segundo símbolo depois dos apóstolos, se gundo a fé evangélica e apostólica.

CAPÍTULO 12: São quatro os sínodos principais

“Entre os vários concílios, são quatro os veneráveis sínodos que de maneira especial abrangem toda a fé, como se fossem quatro evangelhos e outros tantos rios do paraíso. Destes, o pri meiro sínodo realizado foi o sínodo de Nicéia com trezentos e dezoito bispos sob o reinado do imperador Constantino, e nele foi condenada a blasfêmia da perfídia ariana, que o próprio Ario afirmava sobre a não igualdade da santa Trindade. O mesmo santo sínodo, através de um símbolo, definiu Deus Filho con substanciai a Deus Pai.

O segundo sínodo, de 150 Padres, se reuniu em Constantinopla sob Teodoro o Grande, e, condenando Macedônio que negava o Espírito Santo ser Deus, demonstrou que o Espírito Santo é

consubstantialem Patri et Filio Spiritum Sanctum demonstra vit, dans symboli formam, quam tota Graecorum et Latinorum confessio in ecclesiis praedicat

Tertia synodus, Ephesina prima, CC episcoporum sub Iunio-re Theodosio Augusto edita est, quae Nestorium duas personas in Christo asserentem, iusto anathemate condemnavit, osten dens in duas naturas unam Domini Iesu Chr isti personam.

Quarta synodus Chalcedonensis DCXXX sacerdotum sub Marciano principe habita est, in qua Eutychem Constantinopoli-tanum abbatem, Verbi Dei et carnis unam naturam pronuntian tem, et eius defensorem Dioscorum quendam Alexandrinum episcopum, et ipsum rursum Nestorium cum reliquis haereticis, una patrum sententia praedamnavit, praedicans eadem synodus Christum Deum

sic natum de Virgine, ut in eo substantiam et di vinae et humanae confiteamur naturae.

Hae sunt quattuor synodi principales, fidei doctrinam ple nissime praedicantes. Sed et si qua sunt concilia quae sancti pa tres Spiritu Dei pleni sanxerunt, post istarum quattuor auctori tatem omni manent stabilita vigore, quorum gesta in hoc opere continentur condita.

Synodum autem ex Graeco interpretari comitatum vel coe tum. Concilii vero nomen tractum ex more Romano. Tempore enim quo causae agebantur, conveniebant omnes in unum, com munique intentione tractabant. Unde et concilium a communi intentione dictum quasi consilium, nam cilia oculorum sunt. Unde et considium consilium, d in 1 littera transeunte. Coetus vero conventus est vel congregatio a coeundo, id est, convenien do in unum. Unde et conventus est nuncupatus, sicut conventus, coetus vel concilium, a societate multorum in unum"87.

87. Isidorus, Etymologiae 6,16,5-12.

consubstanciai ao Pai e ao Filho, dando forma ao símbolo, que toda a confissão dos gregos e dos latinos anuncia nas igrejas.

O terceiro sínodo, que é o primeiro de Efeso, se realizou com a presença de 200 bispos sob Teodósio Augusto Júnior, con denou com justo anátema Nestório, o qual afirmava haver em Cristo duas pessoas, e estabeleceu haver uma só pessoa do se nhor Jesus Cristo em duas naturezas.

O quarto sínodo, o de Calcedônia, ocorreu com 630 sacerdo tes sob o imperador Marciano, e condenou por unanimidade o abade constantinopolitano Êutiques, o qual afirmava que o Ver bo de Deus e a sua carne formavam uma só natureza, e com ele condenou o seu defensor, um certo Dióscoro, bispo de Alexan dria, como também de novo Nestório e os outros hereges. O mesmo sínodo estabeleceu que Cristo Deus tinha nascido da Vir gem para que reconhecêssemos nele a substância seja da nature za divina seja da natureza humana.

Estes são os sínodos principais que anunciam plenamente a doutrina da fé. E mesmo que houver outros concílios que os Santos Padres, repletos de Espírito de Deus, ratificaram, estes outros concílios permanecem sólidos com toda a força em virtu de da autoridade daqueles quatro, e os seus feitos se encontram fundados na obra daqueles.

O termo grego sínodo significa em latim comitatus (compa nhia) ou coetus (reunião). O termo concilium (concilio) é tirado do costume romano. No tempo em que eram travados processos, todos se reuniam juntos e tratavam de comum acordo. A partir deste consenso comum, o concilio foi chamado também consili um (conselho), como fossem as cilia (sobrancelhas, assenso ex presso pelas

sobrancelhas) dos olhos. Concilio pode ser variante de considium (congresso), mudando o d em 1. Coetus significa convenção ou congregação do verbo coeundo (indo juntos), isto é, convergindo para uma coisa. Esta é a razão por que os termos congresso, reunião ou concilio receberam este nome da união de muitos para um objetivo comum".

Epistula Graece, missa interpretatur Latine. Epistulae cano nicae, id est, regulares, quae etiam dicuntur catholicae, id est, universales, "quia non uni tantum populo vel civitati, sed univer sis gentibus generaliter scriptae sunt"88. "Actus apostolorum pri mordia fidei Christianae in gentibus, et nascentis ecclesiae his toriam digerunt, et apostolorum gesta narrant unde etiam Actus apostolorum vocantur. Apocalypsis ex Graeco in Latinum revela tio interpretatur, iuxta quod ipse Ioannes dicit: "Apocalypsis Iesu Christi, quam dedit Deus palam facere servo suo Ioanni"89.

Caput XIII: Qui bibliothecas fecerint

"Apud nos Pamphilus martyr, cuius vitam Eusebius Caesari ensis conscripsit Pisistratum in sacrae bibliothecae studio adae quare contendit. Hic enim in bibliotheca sua prope triginta milia voluminum habuit Hieronymus quoque atque Gennadius, ecclesi asticos scriptores toto orbe quaerentes, ordine persecuti sunt, eorumque studia in uno voluminis indiculo comprehenderunt"90.

Caput XIV: Quae scripturae sint authenticae

"De nostris apud Graecos, Origenes in scripturarum labore tam Graecos quam Latinos operum suorum numero superavit. Denique Hieronymus sex milia librorum eius legisse fatetur. Ho rum tamen omnium studia Augustinus ingenio vel scientia sui vicit. Nam tanta scripsit, ut diebus ac noctibus non solum scribe re libros eius quisquam, sed nec legere quidem occurrat"91. Scripserunt et alii catholici viri multa et insignia opera: Athana-sius Alexandrinus episcopus, Hilarius Pictaviensis episcopus, Basilius Cappadocenus episcopus, Gregorius Theologus, et Gregorius Nazianzenus episcopus, Ambrosius Mediolanensis epis copus, Theophilus Alexandrinus episcopus, Ioannes Constantinopolitanus episcopus, Cyrillus Alexandrinus, Leo papa, Procu lus, Isidorus Hispalensis, Beda, Cyprianus martyr et Carthagini ensis episcopus, Hieronymus presbyter, Prosper, Origenes, cui us scripta nec omnino refutat nec per omnia recipit ecclesia, Orosius, Sedulius,

88. isidorus, Etymologiae 6,2,46. 89. isidorus, Etymologiae 6,2,48. 99. isidorus, Etymologiae 6,6,1. 91. isidorus, Etymologiae 6,7,2.

A palavra grega Epístola em latim significa missa (carta, missiva). As Epístolas canônicas, isto é, regulares, se chamam também católicas, isto é, universais, “porque foram escritas não para um povo ou uma cidade, mas em geral para todos os povos”. “Os Atos dos Apóstolos explicam os primórdios da fé cristã entre os pagãos e a história da Igreja nascente, e também narram os fei tos dos apóstolos, de onde são chamados Atos dos Apóstolos. O termo grego apocalipse em latim significa revelação, segundo o que diz o próprio João: “Apocalipse (Revelação) de Jesus Cristo que Deus concedeu manifestar ao seu servo João”.

CAPÍTULO 13: Os fundadores das bibliotecas

“O mártir Pânfilo, de quem Eusébio de Cesaréia compôs a biografia, fez de tudo entre nós para igualar Pisistrato no interes se pela biblioteca sagrada. Ele teve em sua biblioteca quase trinta mil volumes. Também Jerônimo e Genádio, procurando escritores eclesiásticos no mundo todo, fizeram uma pesquisa metódica e resumiram os trabalhos deles num índice de um volume”.

CAPÍTULO 14:Quais Escrituras são autênticas

“Entre os nossos, Orígenes superou os gregos e os latinos no trabalho literário pelo número de suas obras: Jerônimo con fessa de ter lido seis mil livros dele. Todavia, Agostinho venceu por engenho e conhecimento o zelo de todos eles. Ele escreveu tantas obras que a ninguém é possível durante dias e noites não somente copiar os livros dele, mas apenas lê-los”. Também ou tros homens católicos escreveram muitas obras insignes: Ataná-sio bispo de Alexandria, Hilário bispo de Poitiers, Basílio bispo de Capadócia, Gregório o teólogo, Gregório bispo de Nazianzo, Ambrósio bispo de Milão, Teófilo bispo de Alexandria, João bis po de Constantinopla, Cirilo de Alexandria, o papa Leão, Próculo, Isidoro de Espanha, Beda, Cipriano mártir e bispo de Cartago, o presbítero Jerônimo, Próspero, Orígenes, cujos escritos não são nem aprovados nem rejeitados pela Igreja, Orósio, Sédulo,

Prudentius, Iuvencus, Arator. Et Rufinus multos libros edidit, et interpretatus est quasdam scripturas, “sed quoniam beatus Hie ronymus in aliquibus eum de arbitrii libertate notavit, illa senti re debemus quae Hieronymus”92. “Gelasius etiam fecit libros quinque adversus Nestorium et Eutychem, et tractatus in mo dum Ambrosii. Item libros duos adversus Arium fecit, etiam sa cramentorum praefationes et orationes et epistulas fidei”93. Di onysius Areopagita, episcopus ordinatus Corinthiorum, multa ingenii sui volumina reliquit. “Item Chronica Eusebii Caesarien sis atque eiusdem historiae ecclesiasticae libros, quamvis in pri

mo narrationis suae libro tepuerit, et post in laudibus atque ex cusatione Origenis schismatici unum conscripserit librum, prop ter rerum tamen singularem notitiam, quae ad instructionem pertinet, non usquequaque ecclesia catholica refutat"94. Cassiodorus quoque, qui in explanatione Psalmorum satis utile opus scripsit. Sunt adhuc alii quorum nomina hic taceo.

Caput XV: Quae sint apocryphae

- "Itinerarium nomine Petri apostoli, quod appellatur sanc

ti Clementis, libri VIII apocryphum.

- Actus nomine Andreae apostoli apocryphi.
- Actus nomine Thomae apocryphi.
- Evangelia Thaddei nomine apocrypha.
- Evangelia nomine Barnabae apostoli apocrypha.
- Evangelia nomine Thomae apostoli apocrypha.
- Evangelia nomine Andreae apostoli apocrypha.
- Evangelia quae falsavit Lucianus apocrypha.
- Evangelia quae falsavit Ytius apocrypha.
- Liber De infantia Salvatoris apocryphus.
- Liber De nativitate Salvatoris et de sancta Maria, vel De

obstetrice Salvatoris apocryphus.

92. Decretum Gelasianum 4,5,232-236. 93. Liber Pontificalis, pars prior 51. 94. Decretum Gelasianum 4,5,242-246.

Prudêncio, Jovenco, Arator. Também Rufino publicou muitos li vros e traduziu alguns escritos, "mas, dado que o venerável Jerônimo o criticou em alguns pontos sobre a liberdade de arbítrio, nós devemos concordar com Jerônimo". "Também Gelásio escre veu cinco livros contra Nestório e Êutiques, e alguns livros no estilo de Ambrósio. Compôs também dois livros contra Ario, as sim como prefácios dos sacramentos, orações e cartas sobre a fé". Dionísio o Aeropagita, ordenado bispo dos coríntios, deixou muitos livros como obra do seu engenho. "Com relação à Crôni ca de Eusébio de Cesaréia e aos seus livros de História eclesiás tica, ainda que em seu primeiro livro de história estivesse um pouco fraco e

depois tivesse composto um livro em louvor e de fesa do cismático Orígenes, todavia, em razão do acurado conhe cimento das coisas que servem para a nossa instrução, a Igreja católica de qualquer lugar não os rejeita". E temos ainda Cassiodoro, que escreveu uma obra muito útil na explicação dos Sal mos. Há ainda outros, cujos nomes aqui silencio.

CAPÍTULO 15: Quais escritos são apócrifos

- Itinerário sob o nome do Apóstolo Pedro, dito de São Cle

  mente, em oito livros: apócrifo.

- Atos sob o nome do apóstolo André: apócrifos.

- Atos sob o nome de Tomé: apócrifos.

- Evangelhos sob o nome de Tadeu: apócrifos.

- Evangelhos sob o nome do apóstolo Barnabé: apócrifos.

- Evangelhos sob o nome do apóstolo Tomé: apócrifos.

- Evangelhos sob o nome do apóstolo André: apócrifos.

- Evangelhos falsificados por Luciano: apócrifos.

- Evangelho falsificado por feio: apócrifos.

- Livro sobre a infância do Salvador: apócrifo.

- Livro sobre a natividade do Salvador e de Santa Maria, ou

  sobre a Parteira do Salvador: apócrifo.

Liber qui appellatur Pastoris apocryphus. Libri omnes quos fecit Leucius discipulus diaboli apocryphi. Liber qui appellatur Fundamentum apocryphus. Liber qui appellatur Thesaurus apocryphus. Liber qui est De filiabus Adae vel Genesis apocryphus. Centimetrum de Christo Vergilianis compaginatum versii—

bus apocryphum. Liber qui appellatur Actus Theclae et Pauli apocryphus. Liber qui appellatur Nepotis apocryphus. Liber Proverbiorum ab haereticis conscriptus, et sancti Sixti nomine signatus, apocryphus. Revelatio quae appellatur Pauli apocrypha. Revelatio quae appellatur Thomae apostoli apocrypha. Revelatio quae appellatur Stephani apocrypha. Liber qui appellatur Transitus sanctae Mariae apocryphus. Liber qui appellatur Poenitentia Adam apocryphus. Liber Diogiae nomine gigantis, qui post diluvium cum dra cone ab haereticis

pugnasse perhibetur apocryphus. Liber qui appellatur Testamentum Iob apocryphus. Liber qui appellatur Poenitentia Origenis apocryphus. Liber qui appellatur Poenitentia Cypriani apocryphus. Liber qui appellatur Iamne et Mambre apocryphus. Liber qui appellatur Sors apostolorum apocryphus. Liber Lusan apocryphus. Liber canonum apostolorum apocryphus. Liber Physiologus ab haereticis conscriptus, et beati Ambro sii nomine praesignatus, apocryphus. História Eusebii Panphili apocrypha. Opuscula Tertulliani sive Africani apocrypha. Opuscula Posthumiani et Galli apocrypha.

Livro chamado Do Pastor: apócrifo. Todos os livros escritos por Lúcio, filho do diabo: apócrifos. Livro chamado O fundamento: apócrifo. Livro chamado O tesouro: apócrifo. Livro chamado Das filhas de Adão ou Gênese: apócrifo. Os Cem versos sobre Cristo, organizados em versos virgi-lianos: apócrifo. Livro chamado Atos de Tecla e de Paulo: apócrifo. Livro chamado Do sobrinho: apócrifo. Livro dos Provérbios composto por heréticos e intitulado com o nome de São Sisto: apócrifo. Revelação chamada Do apóstolo Tomé: apócrifa. Revelação chamada De Estêvão: apócrifa. Livro chamado Trânsito de Santa Maria: apócrifo. Livro chamado Penitência de Adão: apócrifo. Livro de Dionísio, chamado o Gigante, que os hereges re presentam lutando com o dragão após o dilúvio: apócrifo. Livro chamado Testamento de Jó: apócrifo. Livro chamado Penitência de Orígenes: apócrifo. Livro chamado Penitência de Cipriano: apócrito. Livro chamado Iame e Mambre: apócrifo. Livro chamado Sorte dos Apóstolos: apócrifo. Livro Lusan: apócrifo. Livro dos Cânones dos apóstolos: apócrifo. O livro Fisiólogo escrito por hereges e intitulado com o nome do venerável Ambrósio: apócrifo. História de Eusébio Pânfilo: apócrifa. Opúsculos de Tertuliano ou o Africano: apócrifos. Opúsculos de Postumiano e Galo: apócrifos.

- Opuscula Montani et Priscillae et Maximillae apocrypha.
- Omnia opuscula Fausti Manichaei apocrypha.
- Opuscula alterius Clementis Alexandrini apocrypha.
- Opuscula Cassiani presbyteri Galliarum apocrypha.
- Opuscula Victorini Pictaviensis apocrypha.
- Opuscula Fausti Reginensis Galliarum apocrypha.
- Opuscula Frumenti apocrypha.
- Epistula Iesu ad Abgarum apocrypha.
- Passio Cyrici et Iulittae apocrypha.

• Passio Georgii apocrypha.

• Scripta quae appellantur Salomonis contradictio apocrypha.

• Philacteria omnia quae non ab angelo, ut illi confingunt,

sed magis a daemone conscripta sunt apocrypha.

Haec et his similia quae Simon Magus, Nicolaus, Cherin-thus, Marcion, Basilides, Ebion, Paulus etiam Samosatenus, Photinus et Bonosus, qui simili errore defecerunt, Montanus quoque cum suis obscenissimis sequacibus, Apollinaris, Valenti-nus sive Manichaeus, Faustus, Sabellius, Arius, Macedonius, Eu-nomius, Novatus, Sabatius, Calixtus, Donatus et Eustachius, Ni-bianus, Pelagius, Iulianus et Laciensis, Coelestinus, Maximia nus, Priscillianus ab Hispania, Lampedius, Dioscorus, Euticius, Petrus et alius Petrus, e quibus unus Alexandriam, alius Antio-cham maculavit, Achatius Constantinopolitanus cum consorti bus suis, necnon et omnes haereses quas ipsi eorumque discipu li sive schismatici docuerunt vel scripserunt, quorum nomina minime retinemus, non solum repudiata, verum etiam ab omni catholica et romana ecclesia eliminata, atque cum suis auctori bus auctorumque sequacibus sub anathematis, indissolubili vin culo in aeternum confitemur esse dam nata”95.

Caput XVI: Etymologiae quaedam ad lectionem pertinentium

“Codex multorum librorum est, liber unius voluminis. Et dictus codex per translationem a codicibus

9 5 .Decretum Gelasianum 5,2,263-5,11,353.

• Opúsculos de Montano, Priscila e Maximila: apócrifos.

• Todos os opúsculos de Fausto Maniqueu: apócrifos.

• Opúsculos do outro Clemente de Alexandria: apócrifos.

• Opúsculos de Cassiano presbítero das Gálias: apócrifos.

• Opúsculos de Vitor ino de Poitiers: apócrifos.

• Opúsculos de Fausto de Riez, nas Gálias: apócrifos.

• Opúsculos Do trigo: apócrifos.

• Epístola de Jesus para Abgar: apócrifa.

• Paixão de Quírico e Julita: apócrifa.

• Paixão de Jorge: apócrifa.

• Escritos chamados Contradição de Salomão: apócrifos.

• Todos os Filactérios, que não foram escritos por um anjo,

como eles inventam, mas por um demônio: apócrifos.

Estes escritos e os semelhantes compostos por Simão Mago, Nicolau, Cerinto, Marcião, Basílides, Ebião, Paulo de Samósata, Fotino e Bonoso, os quais caíram no mesmo erro, Montano com seus obscenissimos seguidores, Apolinário, Valentino ou Mani queu, Fausto, Sabélio, Ario, Macedônio, Eunômio, Novato, Sabácio, Calisto, Donato e Eustáquio, Nibiano, Pelágio, Juliano e Laciêncio, Celestino, Maximiano, Prisciliano de Espanha, Lamé-dio, Dióscoro, Eutício, Pedro e o outro Pedro, dos quais um ma culou Alexandria e o outro Antioquia, Actásio de Constantinopla com suas mulheres, como também todos os hereges e os es critos que eles e seus discípulos ou cismáticos ensinararnou es creveram, cujos nomes apenas lembramos, todos estes escritos os consideramos não apenas repudiados, mas também elimina dos de qualquer Igreja católica e romana, e condenados com anátemas para toda a eternidade em grilhão inquebrantável jun to com seus autores e com os seguidores dos autores.

CAPÍTULO 16:Algumas etimologias úteis ao leitor

"Um códice é formado de muitos livros, o livro de um só volume. E o códice é assim chamado por translado a partir do tronco (codici) arborum seu vitium, quasi caudex, quod ex se multitudinem li brorum quasi ramorum contineat. Volumen dicitur a volvendo. Liber est interior cortex arboris, in quo antiqui ante usum char tae vel membranarum scribere solebant. Unde et scriptores li brarios vocabant, inde dictus est liber volumen"96.

Scheda, cuius diminutivum est schedula, "Graecum nomen est. Et dicitur scheda proprie quod adhuc emendatur, et necdum in libris redactum est"97. "Chartarum usus primum apud Mem phim, civitatem Aegypti, inventus e s t Dicta autem charta, quod carptim papyri tegmen decerptum glutinatur, et sic charta confi citur, cuius genera plura s u n t

Pergamenum dicitur a Pergamis, ubi inventum est. Dicitur etiam membrana, quia ex membris pecudum detrahuntur. Fie bant autem primum membrana lutei coloris, postea Romae can dida membrana reperta sunt"98.

"Homilia dicitur quasi sermo popularis, sicut ubi verbum fit ad populum.

Tractatus est unius rei multiplex expositio. Dialo gus est collatio duorum vel plurimorum quem Latini sermonem dicunt. Sermo autem dictus, quia seritur inter utrumque. Com mentaria dicta quasi cum mente, vel a comminiscor. Sunt enim interpretationes, ut commentaria juris vel evangelii”99. Dicunt quidam commenta appellanda gentilium librorum, expositiones autem divinorum. Glossa Graecum est et interpretatur lingua, quia quodammodo loquitur significationem subiectae dictionis. “Hanc philosophi adverbium dicunt, quia vocem illam de cuius re quaeritur uno et singulari verbo designat, verbi gratia, ut con ticescere est tacere”100.

96. Isidorus, Etymologiae 6,13,1. 97. Isidorus, Etymologiae 6,14,8. 98. Isidorus, Etymologiae 6,10,ls. 99. Isidorus, Etymologiae 6,8,2-5. 100. Isidorus, Etymologiae 1,30,1.

das árvores ou da videira, como caule (caudex) que contém uma multidão de livros, como se fossem ramos. O volume se diz de volver. O liber (livro) é a parte interna e mole do córtex da árvo re, e nele os antigos costumavam escrever antes do uso do papi ro ou dos pergaminhos. Daí os escritores chamarem-se também livreiros e o volume ser dito livro”.

Scheda (folha de papiro ou papel), cujo diminutivo é sche dula, “é uma palavra grega. E se diz scheda propriamente aquilo que ainda é emendado e ainda não foi redigido em forma de li vro”. “O uso das folhas de papiro (chartarum) foi inventado pela primeira vez na cidade egípcia de Mênfis. É chamada charta (pa pel) porque a pele do papiro extraída em tiras é colada, e assim se confecciona o papel, do qual existem vários tipos.

O termo pergaminho vem da cidade de Pérgamo, onde foi inventado. Chama-se também membrana, porque é extraído dos membros das ovelhas. Inicialmente eram feitas membranas de cor amarela, mais tarde foram inventadas em Roma as membra nas brancas.

“A palavra homília significa sermão popular, quando a pala vra é dirigida ao povo. Um tratado é a exposição sob múltiplos aspectos de uma só coisa. O diálogo é uma discussão entre duas pessoas ou mais, chamado sermão (sermo) em latim, porque é costurado (seritur) entre um e outro. Os comentários vêm das palavras com a mente ou do verbo comminiscor (inventar); com efeito, são interpretações, como nos comentários do direito ou do evangelho”. Alguns dizem que o termo comentários deveria ser usado em relação aos livros pagãos, e o termo exposições com relação aos livros sagrados. O termo glossa (glosa) em gre go significa língua, porque num certo sentido expressa o signifi cado da frase em discussão. “Os filósofos a chamam advérbio (adverbium) porque ela explica com uma palavra única (ver bum) o termo do qual se procura o significado, como, por exem plo, quando se explica fazer silêncio com calar-se”.

LIBER QÜINTUS

Caput I: De quibusdam sacrae scripturae proprietatibus et modo legendi

Non debet onerosum esse studioso lectori, quod tam varie multipliciterque numerum et ordinem et vocabula divinorum li brorum tractamus, quia saepe accidit, ut haec minima, ignorata, magnarum rerum et utilium notitiam obscurent. Quapropter se mel se expediat lector, ut, his quasi quibusdam clausuris prima fronte reseratis, libero gressu possit deinde propositum iter cur rere, ne in singulis libris nova rudimenta quaerere oporteat.

His ergo expeditis, deinceps cetera, quae ad propositum opus valere videbuntur, tractabimus.

Caput II: De triplici intelligentia

Primo omnium sciendum est, quod divina scriptura tripli cem habet modum intelligendi, id est, historian, allegoriam, tro pologiam.

Sane non omnia quae in divino reperiuntur eloquio ad hanc intorquenda sunt interpretationem, ut singula historiam, allego riam et tropologiam simul continere credantur. Quod etsi in multis congrue assignari possit, ubique tamen observare aut dif ficile est aut impossibile.

“Sicut enim in citharis et huiusmodi organis musicis non quidem omnia quae tanguntur canorum aliquid resonant, sed tantum chordae, cetera tamen in toto citharae corpore ideo fac ta sunt,

LIVRO V

CAPÍTULO 1: Algumas particularidades da Escritura e o modo de lê-la

Não deve ser incômoda ao estudante diligente a nossa expo sição tão variada e minuciosa sobre o número, a ordem e os no mes das Sagradas Escrituras, porque pode acontecer que estas coisas pequenas, quando ignoradas, escurecem o conhecimento de coisas grandes e úteis. E bom que o estudante fique livre dis so de uma vez, de modo que, uma vez escancaradas estas coisas logo no começo como se fossem portas, com passo livre ele pos sa percorrer o caminho que se propõe e não deva, a cada novo li vro da Escritura, procurar novamente os princípios elementares.

Livres, portanto, destas questões, a seguir trataremos das coisas que restam e que nos parecerão válidas para o trabalho que nos propomos.

CAPÍTULO 2: 0 tríplice entendimento

Antes de tudo deve-se saber que a Sagrada Escritura apre senta três modos de entendê-la, a saber, 1) o modo histórico, 2) o modo alegórico, 3) o modo tropologico {morat).

Certamente, nem todas as passagens que se encontram no discurso divino devem ser forçadas a ter esta interpretação, como se todo e qualquer texto possa ser imaginado contendo si multaneamente a interpretação histórica, alegórica e tropologi ca. Bem que muitos textos se prestem a isso, é difícil ou impossí vel observar o mesmo no texto inteiro.

“De fato, é como nas citaras e nos instrumentos musicais pa recidos, onde nem tudo aquilo que é tocado soa, mas somente as cordas. As outras coisas do conjunto da citara foram feitas de

ut esset ubi connectejrentur, et quo tenderentur illa quae ad can tilenae suavitatem modulaturus est artifex”101, ita in divinis elo quiis quaedam posita sunt, quae tantum spiritualiter intelligi vo lunt, quaedam vero morum gravitati deserviunt, quaedam etiam secundum simplicem sensum historiae dicta sunt, nonnulla au tem quae et historice, et allegorice, et tropologice convenienter exponi possunt. Unde modo mirabili omnis divina scriptura ita per Dei sapientiam convenienter suis partibus aptata est atque disposita, ut quidquid in ea continetur aut vice chordarum spiri tualis intelligentiae suavitatem personet, aut per historiae seri em et litterae soliditatem mysteriorum dicta sparsim posita con tinens, et quasi in unum connectens, ad modum ligni concavi su per extensas chordas simul copulet, earumque sonum recipiens in se, dulciorem auribus referat, quem non

solum chorda edidit, sed et lignum modulo corporis sui formavit.

Sic et mei in favo gratius, et quidquid maiori exercitio quae ritur, maiori etiam desiderio invenitur. Oportet ergo sic tractare divinam scripturam, ut nec ubique historiam, nec ubique allego riam, nec ubique quaeramus tropologiam, sed singula in suis lo cis, prout ratio postulat, competenter assignare. Saepe tamen in una eademque littera omnia simul reperiri possunt, sicut histori ae veritas et mysticum aliquid per allegoriam insinuet, et quid agendum sit pariter per tropologiam demonstret.

Caput III: Quod res etiam significent in divina scriptura

Sciendum est etiam, quod in divino eloquio non tantum ver ba, sed etiam res significare habent, qui modus non adeo in aliis scripturis inveniri solet

Philosophus solam vocum novit significationem, sed excel lentior valde est rerum significatio quam vocum,

101. Isidorus, Misticorum expositiones, praef. 4 (PL 83,208B-C).

maneira a haver onde possam ser conectadas e estendidas as cordas, que o artista modulará para obter a suavidade do can to". O mesmo acontece nas palavras divinas, onde algumas fo ram colocadas para serem interpretadas só espiritualmente, ou tras servem para a seriedade moral, algumas foram ditas em sen tido simplesmente histórico, outras podem ser expostas conve nientemente em sentido histórico, alegórico e tropologico. E as sim, de modo admirável, toda a Sagrada Escritura foi adequada e disposta em todas as suas partes pela Sapiência de Deus, para que tudo quanto é contido nela faça ecoar, à maneira das cordas, a suavidade do entendimento espiritual. A Escritura, tendo os ensinamentos dos mistérios colocados de maneira esparsa sob os eventos históricos e sob a espessura das letras, conecta, por assim dizer, tais ensinamentos numa coisa só e os mantêm uni dos, como faz o lenho côncavo com as cordas extensas sobre si, lenho que, recebendo o som das cordas dentro de si, faz ecoar este som mais doce aos ouvidos, porque não foi somente a corda que produziu tal som, mas também a madeira o formou segundo a forma do seu corpo.

Também o mel dentro do favo é mais agradável, assim como com maior satisfação é encontrado aquilo que com maior empe nho foi buscado. Por isso, é necessário tratar as Escrituras Sa gradas de modo a não procurarmos em todo lugar a história, nem em todo lugar a alegoria, nem em todo lugar a tropologia, mas a situar com competência cada uma delas em seus lugares, como a razão pede. Freqüentemente, todavia, no mesmo texto podem ser encontradas as três juntas, como quando a verdade histórica insinua algo místico através da alegoria, e igualmente demonstra pela tropologia o que deve ser feito.

CAPÍTULO 3:Também as coisas têm significado na Sagrada Escritura

Deve-se saber que no elóquio divino não apenas as palavras, mas também as coisas têm significado, fato que não costuma ocorrer em outros escritos.

O filósofo pagão conhece apenas o significado das palavras, mas o significado das coisas é muito mais excelente do das palavras,

quia hanc usus instituit^ illam natura dictavit. Haec hominum vox est, illa vox Dei ad homines. Haec prolata perit, illa creata subsistit Vox tenuis est nota sensuum, res divinae rationis est si mulacrum. Quod ergo sonus oris, qui simul subsistere incipit et desinit, ad rationem mentis est, hoc omne spatium temporis ad aeternitatem. Ratio mentis intrinsecum verbum est, quod sono vocis, id est, verbo extrinseco manifestatur. Et divina sapientia, quam de corde suo Pater eructavit, in se invisibilis, per creaturaas et in creaturis agnoscitur. Ex quo nimirum colligitur, quam pro funda in sacris litteris requirenda sit intelligentia, ubi per vocem ad intellectum, per intellectum ad rem, per rem ad rationem, per rationem pervenitur ad veritatem. Quod dum quidam minus docti non considerant, nullam in eis esse subtilitatem aestimant, ubi exerceri possint ingenia, et ob hoc ad philosophorum scripturas se transferunt, quia profecto nil aliud ibi concipiunt, nisi solam litterae superficiem, virtutem veritatis ignorantes.

Quod autem rerum significatione sacra utantur eloquia, breviter quodam et aperto exemplo demonstrabimus. Dicit scrip tura: “Vigilate, quia adversarius vester diabolus tamquam leo ru giens Circuit”102. Hic, si dixerimus leonem significare diabolum, non vocem, sed rem intelligere debemus. Si enim duae hae vo ces, id est, diabolus et leo, unam et eandem rem significant, in-competens est similitudo eiusdem rei ad seipsam. Restat ergo, ut haec vox leo animal ipsum significet, animal vero diabolum de signet. Et cetera omnia ad hunc modum accipienda sunt, ut cum dicimus vermem, vitulum, lapidem, serpentem et alia huiusmodi Christum significare.

Caput IV: De septem regulis

Illud quoque diligenter attendendum est, “quod septem esse inter ceteras regulas locutionum sanctarum scripturarum quidam sapientes dixerunt.

102. IPd 5,8.

porque o significado das palavras se impôs pelo costume, en quanto o significado das coisas foi ditado pela natureza. A pala vra é a voz dos homens, a coisa é a voz de Deus aos homens. Aquela, uma vez proferida, caduca, esta, uma vez criada, perma nece. A voz é uma tênue expressão dos sentidos, a coisa é simu lacro da

razão divina. Aquilo que é o som da boca com relação à razão da mente, som que começa a existir e simultaneamente termina, isto todo o espaço do tempo é com relação à eternida de. A razão da mente é a palavra interna, que se manifesta pelo som da voz, isto é, pela palavra externa. Mas a Sapiência divina, que o Pai emitiu do seu coração, invisível em si, é conhecida pe las criaturas e nas criaturas. Disto se deduz admiravelmente quão profundo entendimento deve ser exigido nas Escrituras Sagradas, onde pela palavra se chega ao conceito, pelo conceito à coisa, pela coisa à razão, pela razão à verdade. Os menos erudi tos, por não levar em conta este dado, acham que nas Escrituras não existe alguma sutilidade na qual os engenhos possam exer-citar-se, e por esta razão se voltam para os escritos dos filósofos pagãos, pois, de fato, nas Escrituras não enxergam outra coisa senão a superfície da palavra, ignorando a força da verdade.

Demonstraremos com um breve e claro exemplo que os san tos elóquios utilizam a significação das coisas. A Escritura diz: "Estejam vigilantes, pois o vosso adversário, o diabo, circula como um leão rugindo". Aqui, se dizemos que o leão significa o diabo, devemos entender não a palavra, mas a coisa. Se estas duas pala vras, isto é, diabo e leão, significassem uma mesma e única coi sa, teríamos uma semelhança imprópria de uma coisa a si mes ma. Conclui-se, portanto, que a palavra leão significa o próprio animal, e que este animal designa o diabo. E todos os outros ca sos devem ser entendidos da mesma forma, como quando dize mos que o verme, a pedra, a serpente e coisas parecidas signifi cam o Cristo.

CAPÍTULO 4: As sete regras

Deve-se ter cuidadosamente em mente "que alguns sábios disseram serem sete, entre outras, as regras utilizadas pelas lo cuções das Escrituras Sagradas.

Prima regula est de Domino et eius corpore, quae de uno ad unum loquitur, atque in una persona modo caput, modo corpus ostendit, sicut Isaias ait: "Induit me Dominus vestimento saluta ri quasi sponsum decoratum corona, et quasi sponsam ornatam monilibus suis"103. In una enim persona duplici vocabulo nomi nata, et caput, id est, sponsum, et ecclesiam, id est, sponsam ma nifestavit. Proinde notandum est in scripturis, quando speciali ter caput scribitur, quando et caput et corpus, aut quando ex utroque transeat ad utrumque, aut ab altero ad alterum, sicque quid capiti, quid corpori comveniat, prudens lector intelligat.

Secunda regula est de Domini corpore vero et permixto. Nam videntur quaedam convenire uni personae, quod tamen non est unius, ut est illud: "Puer meus es tu Israel, ecce delevi ut nubem iniquitates tuas, et sicut nebulam peccata tua. Converte re ad me, et redimam te "104. Hoc ad unum non congruit. Nam al

tera pars est cui peccata delevit et cui dicit: “Meus es tu”, et alte ra cui dicit. “Convertere ad me, et redimam te”, qui si convertan tur, peccata eorum delentur. Per hanc enim regulam sic ad om nes loquitur scriptura, ut et boni redarguantur cum malis, et mali laudentur pro bonis, sed quid ad quem pertineat, qui pru denter legerit discet.

Tertia regula est de littera et spiritu, id est, de lege et gratia: lege per quam praecepta facienda admonentur, gratia per quam ut operemur iuvamur, vel quod lex non tantum historice, sed eti am spiritualiter sentienda s it Namque et historice oportet fidem tenere, et spiritualiter legem intelligere.

Quarta regula est de specie et genere, per quam pars pro toto, et totum pro parte accipitur, veluti si uni populo vel civitati loquatur Deus, et tamen intelligatur omnem contingere mun dum. Nam licet adversus unam civitatem Babyloniam per Isaiam prophetam Dominus comminetur, tamen dum contra eam loqui tur, transit ad genus de specie,

103. Is 61,10. 104. Is 44,21-22.

A primeira regra concerne o Senhor e o seu corpo. Ela fala de um em relação ao outro e, numa só pessoa, indica ora a cabe ça, ora o corpo, como quando Isaías diz: “O Senhor me vestiu com a veste da salvação, como um esposo ornado com coroa ou uma esposa ornada com suas jóias”. Numa só pessoa, indicada com dois vocábulos, a expressão manifestou seja a cabeça, isto é, o esposo, seja a Igreja, isto é, a esposa. E ainda, nas Escrituras deve-se notar quando se faz referência especialmente à cabeça, quando à cabeça e ao corpo, quando se passa dos dois para os dois, ou de um para o outro, e igualmente o leitor prudente deve entender o que cabe à cabeça, o que ao corpo.

A segunda regra concerne o corpo verdadeiro e o corpo mis to do Senhor. Com efeito, algumas coisas parecem referir-se a uma só pessoa, mas de fato não se trata de uma só pessoa, como quando se diz: “Tu és meu servo, Israel, e eis que apaguei como nuvem as tuas iniqüidades e como névoa os teus pecados. Con verte-te a mim, e te salvarei”. Isto não se refere a uma só pessoa. A primeira parte se refere àquele a quem cancelou os pecados e ao qual diz: “és meu”, e a outra parte àquele ao qual diz: “con verte-te a mim, e te salvarei”, e os pecados destes serão cancela dos, se eles se converterem. Através desta regra, a Escritura fala a todos em geral de tal modo que os bons são redargüidos junto com os maus, e os maus são louvados em lugar dos bons; mas, quem lê prudentemente, aprenderá o que cabe a quem.

A terceira regra concerne a letra e o espírito, isto é, a lei e a graça. Pela lei são propostos os preceitos a serem praticados, pela graça somos ajudados a agir. Quer dizer, a lei deve ser vista não apenas em sua dimensão histórica mas

também espiritual. De fato, é necessário seja ser fiel à dimensão histórica da lei, seja entender a lei em sentido espiritual.

A quarta regra concerne a espécie e o gênero, pela qual a parte é tomada pelo todo e o todo pela parte, como quando Deus fala a um povo ou a uma cidade, e todavia sabe-se que está abrangendo o mundo inteiro. De fato, mesmo que o Senhor através do profeta Isaías faça ameaças-contra a única cidade de Babilônia, todavia, enquanto fala contra ela, passa da espécie para o gênero,

et convertit contra totum mundum sermonem. Certe si non di ceret adversus universum orbem, non adderet infra generaliter: "Et disperdam omnem terram et visitabo super orbis mala"105, *et cetera* quae sequuntur ad internecionem mundi pertinentia. Unde et adiecit: "Hoc est consilium quod cogitavi super omnem terram, et haec manus extenta super omnes gentes"106. Item postquam sub persona Babyloniae arguit universum mundum, rursus ad eandem quasi de genere ad speciem revertitur, dicens quae eidem civitati specialiter contigerunt: "Ecce ego suscitabo super eos Medos"107. Nam regnante Balthasar, a Medis obtenta est Babylonia. Sic ex persona unius Aegypti totum vult Lilellige-re mundum dicendo: "Et concurrere faciam Aegyptios adversus Aegyptios, regnum adversus regnum"108, cum Aegyptus non mul ta regna, sed unum describitur habuisse regnum.

Quinta regula est de temporibus, per quam aut pars maxima temporis per partem minorem inducitur, aut pars minima tem poris per partem maiorem intelligitur. Sic est de triduo Domini cae sepulturae, dum nec tribus plenis diebus ac noctibus iacue-rit in sepulcro, sed tamen a parte totum triduum accipitur. Vel si cut illud quod quadringentis annis praedixerat Deus filios Israel in Aegypto servituros et sic inde egressuros, qui tamen dominan te Ioseph Aegypto dominati sunt, nec statim post quadringentos annos egressi sunt, ut fuerat repromissum, sed quadringentis triginta peractis, ab Aegypto recesserunt.

Est et alia de temporibus figura, per quam quaedam quae futura sunt, quasi iam gesta narrantur, ut est illud: "Foderunt manus meas et pedes meos, dinumeraverunt omnia ossa mea et diviserunt sibi vestimenta mea"109, et his similia, in quibus futu ra, tamquam si iam facta sint, ita dicuntur. Sed cur quae adhuc facienda erant, iam facta narrantur? Quia ea quae nobis futura sunt, apud Dei aeternitatem iam facta su n t Quapropter quando aliquid faciendum esse pronuntiatur, secundum nos dicitur. Quando vero

105. Is 13,5. 106. Is 14,26. 107. Is 13,17. 108. Is 19,12. 109. SI 21,17.

e endereça o seu discurso contra o mundo inteiro. Se não falas se contra o mundo inteiro, não teria acrescentado em seguida: "E dispersarei toda a terra e castigarei os males do mundo", e outras ameaças que seguem, atinentes à destruição do mundo. Por isso acrescentou: "Esta é a decisão que pensei sobre toda a terra, e esta é a mão estendida sobre todos os povos". Igualmen te, após ter

redargüido o mundo inteiro sob a figura de Babilô nia, novamente retorna a esta, passando do gênero para a espé cie, falando as coisas que aconteceram a esta cidade: “Eis que eu levantarei contra eles os medas”. De fato, sob o reino de Balta zar, Babilônia foi conquistada pelos Medas. Do mesmo modo, a partir da figura do Egito em particular, Deus quer entender o mundo, ao dizer: “E farei guerrear egípcios contra egípcios, rei no contra reino”; com efeito, o Egito é descrito como tendo não muitos reinos mas um só reino.

A quinta regra concerne os tempos, pela qual ou uma parte grandíssima de tempo é indicada por uma parte menor, ou atra vés de uma parte mínima de tempo se entende uma parte maior. Este é o caso do tríduo do sepultamento do Senhor, porque, mesmo não tendo ele jazido no sepulcro durante três dias e noi tes plenos, a partir de uma parte fala-se de um tríduo completo. Dá-se o mesmo quando Deus predisse que os filhos de Israel teri-am ficado escravos no Egito durante quatrocentos anos e depois disto teriam saído de lá; mas eles, sob o vice-reinado de José, do minaram o Egito, nem saíram logo depois dos quatrocentos anos, como tinha sido prometido, mas retornaram do Egito de pois de quatrocentos e trinta anos.

Existe uma outra figura concernente aos tempos, pela qual são narradas coisas futuras como se já tivessem acontecido, como na passagem: “Traspassaram minhas mãos e meus pés, e contaram todos os meus ossos e dividiram entre si as minhas roupas”, e passagens similares a esta, nas quais acontecimen tos futuros são falados como já acontecidos. Mas, por que coi sas a serem ainda feitas eram narradas como já feitas? Porque as coisas que para nós são futuras, para a eternidade de Deus já aconteceram. Portanto, quando se fala que algo deverá acon tecer, isso é dito do nosso ponto de vista. Quando, ao contrário,

quae futura sunt iam facta dicuntur, secundum Dei aeternitatem accipienda sunt, apud quem iam omnia facta sunt quae futura sunt.

Sexta regula est de recapitulatione. Recapitulatio enim est dum scriptura redit ad illud cuius narratio iam transierat, sicut cum filios filiorum Noe scriptura commemorasset, dixit illos fu isse in linguis et gentibus suis, et tamen postea quasi hoc etiam in hoc ordine temporum requiritur: “Erat, inquit, omnis terra la bium unum, et vox una omnibus erat”110. Quomodo ergo secun dum suas gentes et secundum suas linguas erant, si una lingua erat omnibus, nisi quia ad illud quod iam transierat recapitulan-do est reversa narratio?

Septima regula est de diabolo et eius corpore, qua saepe di cuntur ipsius capitis, quae suo magis conveniunt corpori. Saepe vero videntur eius dicta membrorum, et non nisi capiti congru unt. Ex nomine quippe corporis intelligitur caput, ut est illud in evangelio de zizaniis tritico admixtis, dicente Domino: “Inimicus homo hoc fecit”111, hominem ipsum diabolum vocans, et ex nomi ne corporis caput designans. Item ex nomine capitis significatur corpus sicut in evangelio dicitur: “Duodecim vos elegi, et unus ex vobis diabolus est”112, ludam utique indicans,

quia diaboli corpus fuit. Apostata quippe angelus omnium caput est iniquorum, et hu ius capitis corpus sunt omnes iniqui, sicque cum membris suis unus est, ut saepe quod corpori eius dicitur, ad eum potius refera tur; rursum quod illi, ad membra ipsius iterum derivetur, sicut in Isaia, ubi dum contra Baby loniam, hoc est, contra diaboli corpus multa dixisset sermo propheticus, rursus ad caput, id est, ad dia bolum oraculi sententiam derivat, dicens: "Quomodo cecidisti de caelo, Lucifer, qui mane oriebaris"113, et cetera"114.

Caput V: Quid studium impediat

Postquam certam materiam praescripsimus lectori, et eas scripturas quae ad divinam praecipue pertinent

110. Gn 1 1 ,1 . 111. Mt 13,28. 112. Jo 6,71. 113. Is 14,12. 114. Isidorus, Sententiae 1,19.

as coisas futuras são anunciadas como já passadas, devem ser entendidas do ponto de vista da eternidade de Deus, junto do qual todas as coisas futuras já aconteceram.

A sexta regra concerne a recapitulação. A recapitulação se dá quando a Escritura retorna para aquilo, cuja narração já pas sou, como quando a Escritura, recordando os filhos dos filhos de Noé, diz que eles existiram segundo línguas e tribos próprias, e depois, como se estivesse observando a devida ordem cronoló gica, diz: "Toda a terra era um só lábio e todos tinham uma só língua". Como, então, viviam em tribos e línguas próprias, se to dos tinham uma só língua, a não ser que a narração, recapitulan-do, voltou a algo que já tinha passado?

A sétima regra concerne o diabo e o seu corpo, pela qual freqüentemente se dizem da cabeça coisas que convêm mais ao seu corpo. De freqüente, as frases parecem falar dos seus membros, quando na realidade referem-se somente ao corpo. Sob o nome do corpo, sem dúvida, deve ser entendida a cabeça, como na pas sagem evangélica sobre as cizânias misturadas ao trigo, quando o Senhor diz: "Um homem inimigo fez isto", chamando o diabo de homem, e indicando, sob o nome do corpo, a cabeça. Igual mente, sob o nome da cabeça se entende o corpo, quando no evangelho se diz: "Escolhi vocês doze, e um de vocês é o diabo", indicando especificamente Judas, que foi corpo do diabo. O anjo caído é cabeça de todos os iníquos, e todos os iníquos são o cor po desta cabeça, e ele é tão unido aos seus membros, que, freqüentemente, aquilo que se diz do seu corpo, refere-se a ele; vice-versa, aquilo que se diz dele, é estendido aos membros, como em Isaías, quando, depois que o discurso profético disse muitas coisas contra Babilônia, isto é, contra o corpo do diabo, de novo a palavra da profecia é voltada contra a cabeça, isto é, contra o próprio diabo, dizendo: "Como caíste do céu, Lúcifer, tu que raiavas de manhã", e outras coisas.

CAPÍTULO 5: 0 que impede o estudo

Após ter prescrito ao estudante uma determ inada matéria, e depois que determ inei aquelas Escrituras que pertencem,

lectionem suis nominibus assignando determinavi, consequens videtur ut etiam de modo et ordine legendi aliquid dicamus, qua tenus ex his quae dicta sunt agnoscat, cui rei studium impende re debeat, ex his vero quae sunt dicenda eiusdem studii sui mo dum et rationem accipiat. Quia vero facilius quid agendum sit in-telligimus, si prius quid non sit faciendum agnoverimus, instru endus est primum quid cavere debeat, ac deinde informandus qualiter ea quae sunt agenda perficiat.

Dicendumque est quid sit quod ex tanta turba discentium, quorum multi et ingenio pollent et vigent exercitio, tam pauci et numerabiles inveniantur, quibus ad scientiam pervenire contin gat. Et, ut de illis taceam qui naturaliter sunt hebetes et tardi ad intelligendum, hoc maxime movet et dignum quaestione videtur, unde hoc accidat, quod duo pari ingenio et aequali studio uni lectioni intendunt, nec tamen simili effectu eius intelligentiam consequuntur. Alter cito penetrat, cito quod quaerit apprehen d it Alter diu laborat et parum proficit.

Sed sciendum est quod in quolibet negotio duo sunt neces saria: opus videlicet, et ratio operis, quae ita sibi connexa sunt, ut alterum sine altero aut inutile sit aut minus efficax. Verumta-men “melior”, ut dicitur, “prudentia est fortitudine”, quia et pon dera aliquando, quae viribus movere non possumus, arte leva mus. Sic nimirum est in omni studio. Qui sine discretione opera tur, laborat quidem, sed non proficit, et quasi aerem verberans, vi res in ventum fundit. Aspice duos pariter silvam transeuntes, et hunc quidem per devia laborantem, illum vero recti itineris com pendia legentem, pari motu cursum tendunt, sed non aeque per veniunt. Quid autem scripturam dixerim nisi silvam, cuius senten tias quasi fructus quosdam dulcissimos legendo carpimus, trac tando ruminamus? Qui ergo in tanta multitudine librorum le gendi modum et ordinem non custodit quasi in condensitate saltus oberrans, tramitem recti itineris perdit, et, ut dicitur, “semper discentes, numquam ad scientiam pervenientes”115.

1 1 5 .2Tm 3,7.

sobretudo, à leitura divina, indicando-as por seus nomes, pare-ce-nos procedente dizer algo sobre o modo e a ordem da leitura, para que o estudante saiba, a partir de quanto dissemos, a que deva dedicar o estudo e aprenda, a partir de quanto diremos, o modo e o método deste seu estudo. Dado que é mais fácil enten der aquilo que deve ser feito conhecendo antes aquilo que não deve ser feito, o estudante deve ser primeiro instruído sobre aqui lo que deve evitar, e depois deve ser informado sobre como levar a termo aquilo que deve ser feito.

Direi logo qual é a razão pela qual numa grande massa de estudantes, muitos dos quais se destacam pelo engenho e se de dicam com afinco ao trabalho, tão poucos, que podem ser conta dos nos dedos, conseguem chegar ao saber. E, sem falar daque les que são por natureza obtusos e lentos na aprendizagem, é so bremaneira provocante e merecedor de reflexão saber como acon tece que duas pessoas, aplicadas com igual engenho e afinco ao mesmo problema, não conseguem entendê-lo com o mesmo efei to. Um deles logo compreende, logo aprende aquilo que procura. O outro trabalha longamente e avança pouco.

Deve-se saber que em qualquer trabalho são necessárias duas coisas: a aplicação e o método da aplicação, e estas duas coi sas são tão conexas entre si, que uma sem a outra é ou inútil ou pouco eficiente. Com efeito, se diz que "a prudência é melhor que a força", porque às vezes levantamos com a habilidade os pesos que não podemos mover com as forças físicas. O mesmo se dá em qualquer estudo. Aquele que trabalha sem método, traba lha muito, sim, mas não avança e, como a chicotear o ar, espalha as forças ao vento. Repare em duas pessoas atravessando o bos que, uma suando através de desvios, a outra escolhendo os ata lhos de um traçado reto: fazem o percurso com o mesmo ritmo, mas não chegam no mesmo tempo. E o que denominaria eu a Escritura senão uma floresta, cujas frases colhemos na leitura como se fossem frutos dulcissimos e as ruminamos na reflexão? Aquele, portanto, que em tão grande multidão de livros não man tém um método e uma ordem de leitura, este, como se vagueasse na densidade da floresta, perde o caminho do percurso certo "sempre estudando - como se diz - nunca chegando ao saber".

Tantum enim valet discretio, ut sine ipsa et omne otium turpe sit, et labor inutilis. Ut autem universaliter complectamur!

Tria sunt quae praecipue studiis legentium obesse solent: negligentia, imprudentia, fortuna. Negligentia est quando ea quae discenda sunt vel prorsus praetermittimus vel minus studio se discimus. Imprudentia est quando congruum ordinem et mo dum in his quae discimus non servamus. Fortuna est in eventu, casu, sive naturaliter contingente, quando vel paupertate vel in firmitate vel non naturali tarditate, sive etiam doctorum rarita te, quia aut non inveniuntur qui doceant, aut qui bene doceant, a proposito nostro retrahimur.

In his autem tribus de primo quidem, id est, negligentia, lec tor admonendus est, de secundo vero, id est, imprudentia, ins truendus, de tertio autem, id est, fortuna, adiuvandus.

Caput VI: Quis sit fructus divinae lectionis

Quisquis ad divinam lectionem erudiendus accesserit, pri mum qualis sit fructus eius agnoscat.

Nihil enim sine causa appeti debet, nec desideria trahit quod utilitatem non promittit. Geminus est divinae lectionis fructus, quia mentem vel scientia erudit vel moribus ornat. Do cet quod scire delectet et quod imitari expediat. Quorum alte rum, id est, scientia, magis ad historiam et allegoriam, alterum, id est, instructio morum, ad tropologiam magis respicit. Omnis divina Scriptura refertur ad hunc finem.

Sane, quamvis expediat magis iustum esse quam sapientem, scio tamen plures in studio sacri eloquii scientiam quaerere quam virtutem. Ego autem, quoniam neutrum improbandum, sed utrumque necessarium et laudabile esse censeo,

0 método é tão importante, que sem ele qualquer ócio (dedica ção ao estudo) é torpe e todo trabalho inútil. Oxalá todos nós abracemos esta convicção!

Três são as coisas que costumam opor-se principalmente aos estudos dos estudantes: 1) a negligência, 2) a imprudência, 3) a má sorte. A negligência se dá quando ou deixamos total mente de lado as coisas que devem ser aprendidas ou as estuda mos com menos empenho. A imprudência se dá quando não mantemos a ordem e o método apropriado nas coisas que apren demos. A má sorte se dá por algum evento que ocorre por acaso ou naturalmente, e aí nos retiramos do nosso objetivo por causa ou da pobreza ou da doença, ou de um retardo não natural, ou da escassez de doutores, quando, ou não se encontram aqueles que ensinam ou não se encontram aqueles que ensinam bem.

No primeiro caso, isto é, na negligência, o estudante deve ser repreendido. No segundo, isto é, na imprudência, ele deve ser instruído. No terceiro, isto é, em caso de má sorte, ele deve ser ajudado.

CAPÍTULO 6: 0 fruto da leitura divina

Quem se aproxima da leitura divina para ser formado, deve, antes de tudo, conhecer o seu fruto.

Nada se deve querer sem motivo, nem provoca desejos aqui lo que não promete utilidade. O fruto da leitura sagrada é duplo, pois ou 1) instrui a mente com o conhecimento ou 2) a adorna com os bons costumes. Ela ensina aquilo que agrada saber e aquilo que vale a pena imitar. Dos dois, um, isto é, o conheci mento, está relacionado mais à história e à alegoria, o outro, o ensino dos costumes, mais à tropologia. Toda a Sagrada Escritu ra é direcionada para esta finalidade.

Sei, todavia, que, não obstante convenha mais ser justo que cul to, muitos procuram, no estudo sacro, mais o saber que a virtude. Eu, ao contrário, considerando que nenhum dos dois aspectos deve ser desvalorizado e que cada um dos dois é necessário e louvável,

quid cuiusque intentioni competat paucis absolvam. Et primum quidem de eo, qui "moralitatis gratiam" amplectitur expediam.

Caput VII: Quomodo sit legenda scriptura ad correctionem morum

Qui virtutum notitiam et formam vivendi in sacro quaerit eloquio, hos libros magis legere debet qui huius mundi contemp-tum suadent, et animum ad amorem conditoris sui accendunt, rectumque vivendi tramitem docent, qualiterque virtutes acqui ri et vitia declinari possint, ostendunt "Primum enim, inquit, quaerite regnum Dei et iustitiam eius"116. Ac si aperte diceret: "Et caelestis patriae gaudia desiderate, et quibus iustitiae meri tis ad ea perveniatur sollerter inquirite. Utrumque bonum, utrumque necessarium amate et quaerite. Si amor est, otiosus esse non potest. Pervenire desideratis? Discite quomodo perve niatur quo tenditis".

Haec vero scientia duobus modis comparatur, videlicet exemplo et doctrina; exemplo, quando sanctorum facta legimus; doctrina, quando eorum dicta ad disciplinam nostram pertinen tia discimus. Inter quae beatissimi Gregorii singulariter scripta amplexanda aestimo, quae, quia mihi prae caeteris dulcia, et ae ternae vitae amore plena visa sunt, silentio nolui praeterire.

Oportet autem ut qui hanc ingressus fuerit viam in libris quos legerit, discat non solum colore dictaminis, sed virtutum ae mulatione provocari, ut eum non tam verborum pompositas aut concinnatio quam veritatis pulchritudo delectet. Sciat etiam ad propositum suum non conducere, ut, inani raptus desiderio scien tiae, obscuras et profundae intelligentiae scripturas exquirat, in quibus magis occupetur quam aedificetur animus, ne sic eum sola lectio teneat, ut a bono opere vacare compellat. Christiano philo sopho lectio exhortatio debet esse, non occupatio, et bona desi deria pascere, non necare. Relatum mihi aliquando memini

116. Mt 6,33.

apresentarei brevemente aquilo que compete a cada um dos dois. E primeiro tratarei daquilo que abraça a "graça da morali dade".

CAPÍTULO 7: Como a Escritura deve ser lida para corrigir os costumes

Aquele que procura no sacro elóquio o conhecimento das virtudes e a regra de viver, deve ler sobretudo os livros que acon selham o desprezo deste mundo, acendem as almas no amor ao seu criador, ensinam o caminho reto da vida e mostram como as virtudes possam ser adquiridas e os vícios afastados. "Procurem primeiro o reino de Deus - diz - e a sua justiça". Como se disses se mais exatamente: "Desejai as alegrias da pátria celeste e pes quisai com afinco

com quais méritos de justiça se chega a elas. Amai e procurai tudo quanto é bom, tudo quanto é necessário. O amor, se existe, não pode ser ocioso. Desejais chegar? Aprendei como se chega lá onde aspirais".

Este conhecimento é oferecido de duas maneiras, ou seja, pelo exemplo e pela doutrina. Pelo exemplo, quando lemos as ações dos santos. Pela doutrina, quando aprendemos os seus ensinamentos concernentes a nossa vida disciplinada. Entre estes escritos consi dero que devam ser abraçados particularmente os de São Gregório, e não quero passá-los sob silêncio, pois eles me pareceram mais do ces e mais cheios dé"amor da vida eterna que os outros.

Aquele que entrou neste caminho, deve ser provocado, nos livros que lê, não somente pela cor do estilo, mas sobretudo pela emulação das virtudes, para que o agrade não tanto a pompa e a sonoridade das palavras quanto a beleza da verdade. Saiba tam bém que, se estiver tomado pelo desejo vão da ciência, não o conduz ao seu objetivo a procura de passagens obscuras e de di fícil compreensão, nas quais o ânimo é mais ocupado que edifi-cado, tal que a leitura, sozinha, o ocupe a tal ponto que o obri gue a ficar longe das boas obras. Para o filósofo cristão a leitura deve ser uma exortação, não uma ocupação, e deve nutrir os bons desejos, não matá-los. Lembro que uma vez foi-me relatado

de quodam satis probabilis vitae viro, qui tanto sanctarum scrip turarum amore flagrabat, ut eis continuum impenderet studium. Cumque in dies crescente scientia cresceret et desiderium eius, coepit tandem sapientiam zelatus imprudenter, spretis simplici oribus scripturis, profunda quaeque et obscura rimari, atque ae nigmatibus prophetarum enodandis et mysticis sacramentorum intellectibus vehementer insistere. Sed mens humana, tantum non sustinens pondus, coepit mox et rei magnitudine et intentio nis iugitate deficere, tantaque huius importunae occupationis cura confundi, ut non solum iam ab utilibus, sed etiam a neces sariis actibus cessaret. Verso siquidem eventu in contrarium, qui legere scripturas ad aedificationem vitae suae coeperat, quia dis cretionis moderamine uti non novit, easdem nunc occasionem erroris habebat. Sed miseratione divina tandem per revelatio nem admonitus est, ne amplius harum scripturarum studio in cumberet, sed sanctorum patrum vitam et martyrum triumphos, aliasque tales simplici stylo dictatas, frequentare consuesceret, sicque in brevi ad statum pristinum reductus, tantam internae quietis gratiam accipere meruit, ut vere in illo illam Domini vo cem impletam diceres, qua ipse nostrum laborem et dolorem considerans, pie nos consolari voluit, dicens: "Venite ad me om nes qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos", et dein ceps: "invenietis, inquit, requiem animabus vestris"[117].

Hoc exemplum ideo apposui, ut ostenderem eis, qui in disci plina non litteraturae, sed virtutum positi sunt, non oportere lectionem esse fastidio, sed oblectamento. Nam et Propheta: "Non novi, inquit, litteraturam ", sive negotiationem, "introibo in potentiam Domini; Domine, memorabor iustitiae tuae solius. Deus, docuisti me a iuventute"[118]. Qui enim ad occupationem scripturas

et, ut ita dicam, ad afflictionem spiritus legit, non phi losophatur, sed negotiatur, vixque tam vehemens et indiscreta intentio vitio superbiae carere valet. Quid autem de lectione simplicis Pauli dicam, qui ante implere legem voluit quam disce re *Quae

117. Mt 11,28. 118. SI 70,15.

de um homem que provavelmente existiu, o qual ardia de tanto amor pelas Escrituras santas, que a elas dedicava um estudo contínuo. Crescendo com os dias o seu conhecimento e o seu de sejo, tomado pelo amor da Sabedoria e desprezando as Escritu ras mais simples, começou imprudentemente a explorar as coi sas profundas e obscuras e a insistir com afinco a decifrar os enigmas dos profetas e os significados místicos dos sacramen tos. Mas a mente humana, não suportando tanto peso, devido ao tamanho da empresa e à continua tensão, começou logo a falhar e a ficar tão confusa pela preocupação com esta tarefa desmedi da, que deixou de funcionar não somente nas funções úteis, mas também nas necessárias. Assim, voltando-se a sorte em sentido contrário, aquele que iniciara a ler as Escrituras para a edifica ção de sua vida, começava a tê-las agora como ocasião de erro, por não ter sabido usar da moderação do discernimento. Mas foi finalmente advertido pela misericórdia divina mediante uma re velação, para não se dedicar mais ao estudo destas Escrituras, mas se acostumasse a dedicar-se à vida dos Santos Padres e aos triunfos dos mártires e a outras histórias semelhantes ditadas em estilo simples. Foi assim que, tendo voltado em pouco tempo ao estado antigo, ele mereceu receber tamanha graça de paz in terior, que você diria ter sido realizada nele aquela palavra do Senhor, com a qual este, considerando o nosso trabalho e a nos sa dor, quis consolar-nos amavelmente, dizendo: “Vinde a mim todos os que sofreis e estais cansados, e eu vos confortarei”, e em seguida: “Encontrareis - disse - a paz para vossas almas”.

Acrescentei este exemplo para mostrar àqueles que foram colocados no estudo não da literatura, mas das virtudes, que a leitura não deve ser motivo de aborrecimento e sim de contenta mento. Com efeito, o Profeta disse: “Não conheço a literatura” nem os negócios; mas “entrarei no poder do Senhor; Senhor, lembrarei somente a tua justiça. Deus, me ensinaste desde a ju ventude”. Quem, de fato, lê as Escrituras como ocupação e, por assim dizer, como aflição do espírito, este não faz filosofia, mas faz negócios, e esta intenção tão veemente e indiscreta mal esca pa do vício da soberba. O que direi da leitura de Paulo o Sim ples, que quis antes praticar a lei e depois aprendê-la? Fato que

nobis profecto satis exemplo esse potest, non auditores, neque lectores legis, sed factores potius iustos esse ante Deum.

Considerandum praeterea est, quod lectio duobus modis animo fastidium ingerere solet et affligere spiritum; et qualitate videlicet, si obscurior fuerit, et quantitate, si prolixior exstiterit

In quo utroque magno uti moderamine oportet, ne quod ad refectionem quaesitum est sumatur ad suffocationem. Sunt qui omnia legere volunt. Tu noli contendere. Sufficiat tibi. Nihil tua interest, annon omnes legeris libros. Infinitus est librorum nu merus, tu noli sequi infinita. Ubi finis non est, requies esse non potest. Ubi requies non est, pax nulla e s t Ubi pax non est, Deus habitare non potest "In pace - inquit Propheta - factus est lo cus eius, et in Sion habitatio eius"119. "In Sion, sed in pace"; esse Sion oportet, sed pacem non amittere. Contemplare, et occupari noli. Noli avarus esse, ne forte semper egeas. Audi Salomonem, audi Sapientem, et disce prudentiam. "Fili mi - inquit - amplius his ne requiras; faciendi plures libros, nullus est finis, frequens-que meditatio carnis afflictio est". Ubi ergo est finis? "Finem lo quendi omnes pariter audiamus. Deum time, et mandata eius ob serva: hoc est omnis homo"120.

Caput VIII: Lectionem esse incipientium, opus perfectorum

Nemo me pro his, quae superius commemoravi, aestimet lectorum diligentiam reprehendere, cum ego potius diligentes lectores ad propositum hortari intendam, et eos qui libenter dis cunt laude dignos ostendere.

Sed ibi locutus sum eruditis, nunc autem erudiendis, et doc trinam quae principium est disciplinae incohantibus. Illis studium virtutum, istis vero interim exercitium lectionis propositum est,

119. SI 75,3. 120. Ecl 12,12.

certamente pode constituir para nós um exemplo eloquente de que não os ouvintes nem os leitores da lei, mas sobretudo os seus praticantes são justos perante Deus.

Deve-se saber, além disso, que a leitura costuma criar abor recimento e afligir o espírito de duas maneiras: ou seja, 1) pela qualidade, se for demasiado obscura, e 2) pela quantidade, se for demasiado prolixa.

Nas duas coisas é necessário usar moderação, para que o ali mento desejado para a refeição não seja tomado para a indiges tão. Há pessoas que querem ler tudo. Você não queira competir. Se contente. Não se preocupe, se não ler todos os livros. O nú mero dos livros é infinito, e você não queira ir atrás dos infini tos. Onde não há um fim, não pode haver repouso. Onde não há repouso, não há nenhuma paz. Onde não há paz, Deus não pode habitar. "Na paz - diz o Profeta - é a sua morada e em Sião está a sua casa". "Em Sião, mas na paz". É necessário existir Sião, mas não perder a paz. Contemple, e não faça disso uma ocupa ção. Não queira ser avaro, para não estar porventura sempre ne cessitando. Escute Salomão, escute o Sábio, e aprenda a pru dência: "Meu filho - disse - não procure mais do que isso. Não há fim em fazer muitos livros, e a meditação freqüente é uma aflição da carne". Onde está o fim? "Escutemos todos igualmen te o fim do

discurso. Tema a Deus, e observe os seus mandamen tos: isto é todo o homem".

CAPÍTULO 8: A leitura é dos principiantes, a obra dos perfeitos

Ninguém pense que, em razão das coisas que acima relem brei, eu esteja repreendendo a diligência dos que lêem, porque o meu objetivo é antes exortar para o seu propósito os leitores di ligentes e mostrar que são dignos de louvor aqueles que apren dem com prazer.

Mas lá eu falava aos eruditos, aqui aos estudantes e a quantos iniciam a instrução que é o início da disciplina. A eles lá é propos to o estudo das virtudes, a estes ainda o exercício da leitura,

sic tamen ut nec hi virtute careant, nec illi prorsus lectionem omittant. Nam saepe minus providum est opus quod non praece dit lectio, et doctrina minus utilis quam non sequitur bona ope ratio. Oportet autem summopere et illos cavere, ne forte ad ea quae retro sunt aspiciant, et istos consolari, si ubi illi sunt quan doque pervenire desiderant. Utrosque ergo exerceri et utrosque promoveri convenit. Nemo retro abeat. Ascendere licet sed non descendere. Si vero necdum ascendere potes, sta in loco tuo.

Liber a culpa non est qui alienum usurpat officium. Si mo nachus es, quid facis in turba? Si amas silentium, cur declaman tibus assidue interesse delectat? Tu semper ieiuniis et fletibus insistere debes, et tu philosophari quaeris? Simplicitas monachi philosophia eius est. "Sed docere - inquis - alios volo". Non est tuum docere, sed plangere. Si tamen doctor esse desideras, audi quid facias. Vilitas habitus tui et simplicitas vultus, innocentia vitae et sanctitas conversationis tuae docere debent homines. Melius fugiendo mundum doces quam sequendo. Sed adhuc for te prosequeris, et quid inquiens: "Nonne saltem, si volo, discere mihi licet?" Supra dixi tibi: "Lege, et occupari noli". Exercitium tibi esse potest lectio, sed non propositum. Doctrina bona est, sed incipientium est. Tu vero te perfectum fore promiseras, et ideo tibi non sufficit, si incipientibus coaequaris. Plus aliquid te facere oportet. Considera ergo ubi sis, et quid agere debeas faci le agnosces.

Caput IX: De quattuor gradibus

Quattuor sunt in quibus nunc exercetur vita iustorum et, quasi per quosdam gradus ad futuram perfectionem sublevatur, videlicet lectio sive doctrina, meditatio, oratio, et operatio.

mas de modo que nem a estes falte a virtude, nem eles omitam totalmente a leitura. De fato, freqüentemente é menos provido o agir que não é precedido pela leitura, como é menos útil a ins trução que não é seguida por uma boa atuação. E

sumamente necessário seja alertar os eruditos a não olhar porventura às coi sas que estão atrás, seja consolar os estudantes, quando dese jam chegar lá onde os eruditos estão. Uns e outros devem exerci-tar-se e uns e outros devem progredir. Ninguém volte para trás. É lícito ascender, mas não descender. Se, porém, você ainda não consegue ascender, fique no seu lugar.

Não está livre de culpa aquele que usurpa a função do ou tro. Se você é monge, o que faz na multidão? Se você ama o si lêncio, porque lhe agrada ficar assiduamente no meio dos decla madores? Você deve dedicar-se aos jejuns e às lágrimas, e você quer filosofar? A filosofia do monge é a sua simplicidade. "Mas - você diz - quero ensinar aos outros". Não é sua função ensinar, mas chorar. Se, todavia, você deseja ser doutor, escute o que fa zer: a humildade do seu hábito e a simplicidade do rosto, a ino cência da vida e a santidade do seu falar devem ensinar os ho mens. Você ensina mais fugindo do mundo do que seguindo o mundo. Mas você talvez ainda continua, dizendo: "Mas ao me nos, se quero, não me é lícito aprender?" Lhe disse antes: "Lê, e não queira fazer disso uma ocupação". A leitura pode ser para você um exercício, mas não um propósito. A instrução é boa, mas é dos principiantes. Você, ao contrário, havia prometido de tornar-se perfeito, e por isso não lhe bastará igualar-se aos prin cipiantes. É necessário que você faça mais. Considere, portanto, onde está, e saberá facilmente aquilo que deve fazer.

CAPÍTULO 9: Os quatro degraus

Quatro são as coisas nas quais agora a vida dos justos cimenta-se e, como que por alguns degraus, eleva-se para a perfei ção futura, a saber: 1) a leitura ou instrução, 2) a meditação, 3) a oração, 4) a prática.

Quinta deinde sequitur, contemplatio, in qua, quasi quodam praecedentium fructu, in hac vita etiam quae sit boni operis merces futura praegustatur. Unde Psalmista, cum de iudiciis Dei loqueretur, commendans ea statim subiunxit: "In custodiendis illis retributio est multa"121.

De his quinque gradibus primus gradus, id est, lectio, incipi entium est, supremus, id est, contemplatio, perfectorum. Et de mediis quidem quanto plures quis ascenderit, tanto perfectior erit. Verbi gratia: prima, lectio, intelligentiam dat; secunda, me ditatio, consilium praestat; tertia, oratio petit; quarta, operatio quaerit; quinta, contemplatio invenit

Si ergo legis et intelligentiam habes et nosti iam quid facien dum sit, initium boni e s t sed adhuc tibi non sufficit nondum perfectus es.

Scande itaque in arcem consilii, et meditare qualiter implere valeas quod faciendum esse didicisti. Multi enim scientiam ha bent, sed pauci sunt qui noverunt qualiter scire oporteat.

Rursus, quoniam consilium hominis sine divino auxilio in firmum est et inefficax, ad orationem erigere, et eius adiutorium pete, sine quo nullum potes facere bonum, ut videlicet ipsius gratia, quae praeveniendo te illuminavit, subsequendo etiam pe des tuos dirigat in viam pacis, et quod in sola adhuc voluntate est ad effectum perducat bonae operationis.

Deinde restat tibi, ut ad bonum opus accingaris, u t quod orando petis operando accipere merearis. Tecum operari vult Deus. Non cogeris, sed iuvaris. Si solus tu, nil perficis, si solus Deus operatur, nil mereris. Operetur ergo Deus ut possis; opereris et tu, ut aliquid merearis. Via est operatio bona qua itur ad vitam.

Qui viam hanc currit, vitam quaerit. "Confortare et viriliter age"122. Habet haec via praemium suum. Quoties eius laboribus fatigati, superni respectus gratia illustramur, "gustantes et vi dentes quoniam suavis est Dominus"123.

121. Sl 19,12. 122. ICor 16,13. 123. Sl 33,9.

Segue ainda uma quinta, a contemplação, na qual, como se fosse um certo fruto das precedentes, se antegoza também nesta vida qual é o prêmio futuro das boas obras. Por isso, o Salmista, ao falar dos mandamentos de Deus e recomendando-os, logo acrescenta: "Na observância deles é grande a retribuição".

Entre estes cinco degraus, o primeiro degrau, a leitura, é dos principiantes, e o supremo, ou seja, a contemplação, é dos perfeitos. Com relação aos degraus do meio, quanto mais a pes soa ascende, tanto mais é perfeita. Por exemplo, o primeiro de grau, a leitura, dá o entendimento; o segundo, a meditação, en gendra o discernimento; o terceiro, a oração, pede; o quarto, a prática, procura; o quinto, a contemplação, encontra.

Se, portanto, você lê e tem o entendimento e já sabe o que deve ser feito, isto é o começo do bem, mas ainda não lhe basta, ainda não é perfeito.

Suba, portanto, para a fortaleza do discernimento, e medite como conseguir cumprir as obrigações que aprendeu. Muitos, com efeito, têm o conhecimento, mas poucos sabem de que ma neira é oportuno praticar o conhecimento.

Ainda, dado que o discernimento do homem é fraco e inefi caz sem o auxílio divino, levante-se para a oração, e peça a ajuda de Deus, sem a qual você não pode fazer bem algum, de modo que a graça dele, a qual, indo à sua frente, o iluminou, seguin do-o, dirija os seus pés no caminho da paz e leve ao efeito da boa obra aquilo que ainda está somente na vontade.

Ainda lhe resta cimentar-se na boa obra, para que, operando, mereça receber

aquilo que, rezando, pede. Deus quer operar com você. Você não é obrigado, mas ajudado. Se você opera sozinho, nada consegue, se Deus opera sozinho, você nada merece. Por tanto, opere Deus para que você possa, e opere você também, para que mereça algo. A boa obra é a via pela qual vai-se à vida.

Quem percorre esta via, busca a vida. “Tenha coragem e aja virilmente”. Esta vida tem o seu prêmio. Todas as vezes que estamos cansados nos trabalhos, em virtude do olhar superno, som os iluminados, “gostando e vendo que o Senhor é suave”.

Sicque fit quod supradictum est, quod oratio quaerit, contem platio invenit.

Vides igitur quomodo per hos gradus ascendentibus perfec tio occurrit, ut qui infra remanserit perfectus esse non possit Propositum ergo nobis debet esse semper ascendere, sed, quoni am tanta est mutabilitas vitae nostrae, ut in eodem stare non pos simus, cogimur saepe ad transacta respicere, et, ne amittamus il lud in quo sumus, repetimus quandoque quod transivimus. Verbi gratia: qui in opere strenuus e st orat ne deficiat; qui precibus in sistit, ne orando offendat meditatur quid orandum sit; et qui ali quando in proprio consilio minus confidit, lectionem consulit Et sic evenit, ut, cum ascendere semper nobis sit voluntas, descen dere tamen aliquando nos cogat necessitas, ita tamen u t in vo luntate non necessitate propositum nostrum consistat. Quod as cendimus propositum est, quod descendimus propter proposi tum. Non hoc ergo, sed illud principale esse debet

Caput X: De tribus generibus lectorum

Satis, ut puto, aperte demonstratum est provectis, et aliquid amplius de se promittentibus, non idem esse propositum cum in cipientibus. Sed sicut illis aliquid licite conceditur quod isti sine culpa minime agere possunt, ita etiam ab istis aliquid requiri quo illi nondum obligati sunt. Nunc igitur ad promissa solvenda redeo, ut videlicet ostendam qualiter eis divina scriptura legen da sit, qui adhuc in ea solam quaerunt scientiam.

Sunt nonnulli qui divinae scripturae scientiam appetunt u t vel divitias congregent, vel honores obtineant, vel famam acqui rant, quorum intentio quantum perversa, tantum est miseranda.

Sunt rursus alii, quos audire verba Dei et opera eius discere delectat, non quia salutifera, sed

E assim realiza-se quanto dissemos antes, ou seja, que a prática procura, a contemplação encontra.

Você vê, portanto, como a perfeição vai de encontro aos que ascendem por estes degraus, de modo que quem ficou embaixo não pode ser perfeito. O nosso

objetivo, portanto, deve ser o de sempre subir. Todavia, sendo que é tanta a imprevisibilidade da nossa vida, de maneira a não conseguirmos ficar sempre no mesmo degrau, somos forçados freqüentemente a voltar para os de graus já passados, e, para não perdermos o degrau no qual estamos, repetimos aquilo que já passamos. Por exemplo: aquele que na prática é avançado, reza, para que não canse; aquele que persiste nas orações e não quer equivocar-se no rezar, medita so bre o que deve rezar; e aquele que vez e outra não confia no seu próprio discernimento, volta a consultar a leitura. E assim acon tece que, mesmo tendo sempre a vontade de subir, às vezes a ne cessidade nos obriga a descer, de maneira tal, porém, que o nos so objetivo seja determinado pela vontade e não por esta neces sidade. O nosso objetivo é subir, e por causa deste objetivo às ve zes devemos descer. Em todo caso, o mais importante não é des cermos, mas subirmos.

CAPÍTULO 10: Três tipos de leitores

Acho que foi demonstrado bastante claramente que os avan çados, e aqueles que se propõem algo mais de si mesmos, não têm o mesmo propósito dos incipientes. Mas, da mesma forma que aos avançados é concedido licitamente algo que os incipien tes de maneira alguma podem fazer sem culpa, assim destes é também exigido algo ao qual eles não são ainda obrigados. Ago ra, portanto, volto a quanto tinha prometido, ou seja, mostrar como a Escritura deve ser lida por aqueles que ainda estão bus cando nela somente o conhecimento.

1. Há alguns que desejam o conhecimento da Escritura divi na ou para acumular riquezas, ou para obter honras, ou para ad quirir fama, cuja intenção é tão perversa quão miserável.

2. Há outros, ainda, os quais apraz ouvir as palavras de Deus e aprender as obras dele, não porque são salvificas, mas

quia mirabilia sunt. Scrutari arcana et inaudita cognoscere vo

lunt, multa scire et nil facere. In vanum mirantur potentiam qui non amant misericordiam. Hos ergo quid aliud agere dicam, quam praeconia divina in fabulas commutare? Sic theatralibus ludis, sic scenicis carminibus, intendere solemus, u t scilicet audi tum pascamus, non animum, huiusmodi tamen non tam confun di quam adiuvari oportere censeo, quorum voluntas non utique maligna est, sed improvida.

Alii vero idcirco sacram scripturam legunt ut, secundum apostoli praeceptum, parati sint “omni poscenti reddere ratio nem de ea fide in qua positi sunt”124, ut videlicet inimicos verita tis fortiter destruant, minus eruditos doceant, ipsi

perfectius viam veritatis agnoscant, et altius Dei secreta intelligentes arti us ament, quorum nimirum devotio laudanda est et imitations digna.

Tria igitur sunt genera hominum sacram scripturam legenti um, quorum primi quidem miserandi sunt, secundi iuvandi, ter tii laudandi.

Nos vero, quia omnibus consulere intendimus, quod bonum est in omnibus augeri cupimus, et quod perversum, commutari. Omnes intelligere volumus quod dicimus, omnes facere quod hortamur.

124. lPd 3,15.

porque são maravilhosas. Querem perscrutar as coisas arcanas e conhecer coisas nunca ouvidas, conhecer muito e fazer nada. Em vão admiram a potência, aqueles que não amam a misericórdia. Que outra coisa estes fazem, diria eu, senão transformar os anún cios divinos em fábulas? É assim que costumamos assistir aos jogos teatrais, assim às declamações cênicas, onde alimentamos o ouvi do, não a alma. Acho, todavia, que é necessário não tanto repreen der este tipo de pessoas, quanto ajudá-las, porque a vontade de las não é propriamente maligna, e sim desconsiderada.

3. Outros, porém, lêem a Sagrada Escritura com o propósito de, segundo o preceito do apóstolo, estar prontos “a dar conta, a quem o pedir, daquela fé na qual foram postos”, quer dizer, para destruir com força os inimigos da verdade, ensinar aos menos instruídos, eles mesmos conhecerem mais perfeitamente a via da verdade, e amar tanto mais energicamente quanto mais alta mente conhecerem os mistérios de Deus. A devoção deles, sem dúvida, é louvável e digna de imitação.

Três são, portanto, os tipos de homens que lêem a Sagrada Escritura, dos quais os primeiros merecem ser compadecidos, os segundos ajudados, os terceiros louvados.

Nós, porém, do momento que queremos prover a todos, de sejamos aumentar em todos aquilo que é bom e corrigir aquilo que é perverso. Queremos que todos entendam aquilo que dize mos, todos façam aquilo ao qual exortamos.

LIBER SEXTUS

Caput I: Quomodo legenda sit scriptura sacra quaerentibus scientiam in ea

Duo tibi, lector, ordinem scilicet et modum propono, quae si diligenter inspexeris, facile tibi iter legendi patebit.

In horum vero consideratione nec omnia tuo ingenio relin quam, neque per meam diligentiam satis tibi fieri promitto, sed sic quaedam breviter praelibando transcurram, ut et posita aliqua qui bus erudiaris et aliqua praetermissa quibus exercearis invenias.

Ordinem legendi supra quadrifarium esse commemoravi, alium in disciplinis, alium in libris, alium in narratione atque ali um in expositione. Quae qualiter in divina scriptura assignanda sint, nondum ostendi.

Caput II: De ordine qui est in disciplinis

Primum ergo hunc ordinem qui quaeritur in disciplinis inter historiam, allegoriam, tropologiam, divinum lectorem considera re oportet, quae horum alia ordine legendi praecedant.

In quo illud ad memoriam revocare non inutile est, quod in aedificiis fieri conspicitur, ubi primum quidem fundamentum ponitur, dehinc fabrica superaedificatur, ad ultimum consumma to opere domus colore superducto vestitur.

Caput III: De historia

Sic nimirum in doctrina fieri oportet, ut videlicet prius his toriam discas et rerum gestarum veritatem, a principio repetens usque ad finem

LIVRO VI

CAPÍTULO 1: Como a Escritura Sagrada deve ser lida por aqueles que nela procuram o saber

Duas coisas recomendo a você, estudante, ou seja, 1) a or dem e 2) o método, coisas que, se você as encarar diligentemen te, o caminho da leitura se abrirá facilmente diante de você.

Na apresentação destas coisas, todavia, não deixarei tudo à sua capacidade nem lhe prometo que, por meio da minha dili gência, você ficará satisfeito, mas passarei brevemente por al guns pontos, lambiscando-os, de maneira que você encontre seja algumas coisas tratadas, com as quais se instrua, seja outras preteridas, sobre as quais se exercite.

Relembrei acima que a ordem da leitura se dá em quatro âm bitos: 1) uma nas disciplinas, 2) outra nos livros, 3) outra na nar ração, 4) outra na exposição. Mas ainda não mostrei a maneira como tais disposições devem ser aplicadas na Escritura divina.

CAPÍTULO 2: A ordem que está nas disciplinas

Como primeira coisa, é necessário que o leitor divino tenha presente aquela ordem exigida nas disciplinas entre história, ale goria e tropologia, e saiba qual delas preceda as outras na or dem de leitura.

Nisto, não é inútil trazer de volta à memória aquilo que se observa acontecer nos edifícios, onde primeiro se põe a funda ção, depois se levanta a construção, por último, terminada a obra, a casa é revestida com uma mão de cor.

CAPÍTULO 3: A história

Sem dúvida é mister, no estudo, que você aprenda, antes de tudo, a história e a verdade dos fatos, retomando do começo ao fim

quid gestum sit, quando gestum sit, ubi gestum sit, et a quibus gestum sit, diligenter memoriae commendes. Haec enim quattu or praecipue in historia requirenda sunt, persona, negotium, tempus et locus.

Neque ego te perfecte subtilem posse fieri puto in allegoria, nisi prius fundatus fueris in historia. Noli contemnere minima haec. Paulatim defluit qui minima

contem nit Si primo alphabe tum discere contempsisses, nunc inter grammaticos tantum no men non haberes. Scio quosdam esse qui statim philosophari vo lu n t Fabulas pseudoapostolis relinquendas aiu n t Quorum sci entia formae asini similis e s t Noli huiusmodi imitari.

"Parvis imbutus tentabis grandia tutus"'25.

Ego tibi affirmare audeo nihil me umquam quod ad eruditi onem pertineret contempsisse, sed multa saepe didicisse quae aliis ioco aut deliramento similia viderentur. Memini me, dum adhuc scholaris essem, elaborasse ut omnium rerum oculis subj ectarum aut in usum venientium vocabula scirem, perpendens libere rerum naturam illum non posse prosequi qui earundem nomina adhuc ignoraret. Quoties sophismatum meorum, quae gratia brevitatis una vel duabus'in pagina dictionibus signave ram, a memetipso cotidianum exegi debitum, u t etiam sententia rum, quaestionum et oppositionum omnium fere quas didiceram et solutiones memoriter tenerem et numerum! Causas saepe in formavi, et, dispositis ad invicem controversiis, quod rhetoris, quod oratoris, quod sophistae officium esset, diligenter distinxi. Calculos in numerum posui, et nigris pavimentum carbonibus depinxi, et, ipso exemplo oculis subiecto, quae ampligonii, quae orthogonii, quae oxy gonii differentia esset, patenter demonstra vi. Utrumne quadratum aequilaterum duobus in se lateribus multiplicatis embadum impleret, utrobique procurrente podis mo didici. Saepe nocturnus horoscopus ad hiberna pervigilia ex-cubavi. Saepe ad numerum protensum in ligno magadam ducere solebam, ut et vocum differentiam aure perciperem,

125. Marbodius de Rennes, De ornamentis verborum, prol, (PL 171,1687).

1) o que foi feito, 2) quando foi feito, 3) onde foi feito, 4) por quais pessoas foi feito. Na história devem ser procurados, sobre tudo, estes quatro dados: a pessoa, o fato, o tempo e o lugar.

Eu não posso considerar que você tornou-se perfeitamente sutil na alegoria, se antes não estiver consolidado na história. Não queira desprezar estes detalhes. Aquele que despreza as coi sas mínimas aos poucos definha. Se você tivesse desdenhado de aprender como primeira coisa o alfabeto, agora não teria o nome nem entre os estudiosos da gramática. Sei que há alguns que querem logo fazer teorias filosóficas. Dizem que as fábulas devem ser deixadas com os pseudo-apóstolos. O saber deles é pa recido com a figura de um burro. Não imite esse tipo de gente:

"Imbuído de pequenas coisas tentarás, firme, grandes feitos".

Eu me permito afirmar-lhe que nunca desprezei nada daqui lo que se relacionasse com a instrução, mas aprendi muitas coi sas que aos outros pareciam semelhantes ao divertimento ou ao devaneio. Lembro-me que, quando era ainda pequeno estudante, decidi de aprender os vocábulos de todas as coisas

que caíssem sob os olhos ou viessem a ser usadas, ponderando que não pode perquirir livremente a natureza das coisas aquele que ignora até o nome delas. Quantas vezes exigi de mim mesmo o estudo cotidia no das minhas teses que, por razões de concisão, havia anotado numa página em uma ou duas frases, para também memorizar seja as soluções seja o número de quase todas as sentenças, ques tões e objeções que eu tinha aprendido! Freqüentemente eu montava debates e, dispostas as argumentações contrárias entre si, distinguia diligentemente qual era a função do retor, qual do orador e qual do sofista. Dispunha pedrinhas em lugar de números e pintava o chão com carvões pretos, e, posto sob os olhos este mo delo, demonstrava claramente qual era a diferença entre o ângulo obtuso, o ângulo reto e o ângulo agudo. Andando com os pés sobre um lado e o outro, aprendi se, multiplicando dois lados entre si, a área preenchia o quadrado equilátero. Freqüentemente, como um astrólogo noturno, pernoitei em longas vigílias invernais. Freqüen temente costumava tocar as cordas esticadas aritmeticamente sobre um lenho, seja para perceber pelo ouvido a diferença dos sons,

et animum pariter meli dulcedine oblectarem. Haec puerilia qui dem fuerant, sed tamen non inutilia, neque ea nunc scire stoma chum meum onerat Haec autem non tibi replico, ut meam scien tiam, quae vel nulla vel parva est, iactitem, sed u t ostendam tibi illum incedere aptissime qui incedit ordinate, neque ut quidam, dum magnum saltum facere volunt, praecipitium incidunt.

Sicut in virtutibus, ita in scientiis quidam gradus sunt. Sed dicis: “Multa invenio in historiis, quae nullius videntur esse utili tatis, quare in huiusmodi occupabor?” Bene dicis. Multa siqui dem sunt in scripturis, quae in se considerata nihil expetendum habere videntur, quae tamen si aliis quibus cohaerent compara veris, et in toto suo trutinare coeperis, necessaria pariter et com petentia esse videbis. Alia propter se scienda sunt, alia autem, quamvis propter se non videantur nostro labore digna, quia ta men sine ipsis illa enucleate sciri non possunt, nullatenus de bent negligenter praeteriri. Omnia disce, videbis postea nihil esse superfluum. Coartata scientia iucunda non est.

De libris autem qui ad hanc lectionem utiles sint, si quid mihi videatur, quaeris. Hos magis frequentandos existimo: Gene sim, Exodum, Iosue, librum Iudicum, et Regum, et Paralipomenon; Novi Testamenti, primum, quattuor evangelia, dehinc Actus apostolorum. Hi XI magis ad historiam mihi pertinere vi dentur, exceptis his quos historiographos proprie appellamus.

Si tamen huius vocabuli significatione largius utimur, nul lum est inconveniens, ut scilicet historiam esse dicamus, non tantum rerum gestarum narrationem, sed illam primam signifi cationem cuiuslibet narrationis, quae secundum proprietatem verborum exprimitur. Secundum quam acceptionem omnes utriusque testamenti libros eo ordine quo supra enumerati sunt ad hanc lectionem secundum litteralem sensum pertinere puto.

Et fortasse, nisi puerile videretur, in hoc loco aliqua de modo construendi praecepta interponerem, quia novi divinam scripturam magis ceteris omnibus in textu suo esse concisam,

seja para deleitar a alma com uma doçura parecida com a do mel. Foram coisas pueris, é verdade, todavia não inúteis, e co nhecer agora aquelas coisas não me pesa no estômago. Não con to para você estas coisas para alardear minha ciência, que é nula ou pequena, mas para lhe m ostrar que avança eficazmente aque le que procede ordenadamente, não como alguns que, querendo dar um grande salto, caem no precipício.

Como nas virtudes, também nas ciências existem alguns de graus. Você dirá: “Encontro nas histórias muitas coisas que pa recem não ter utilidade alguma, por que deveria ocupar-me de coisas desse tipo?” Você diz bem. Todavia, há muitas coisas nas Escrituras que, tomadas separadamente, parecem não ter nada a ser buscado, mas, se você as comparar com outras às quais es tão ligadas, e começar a examiná-las em conjunto, verá que são igualmente necessárias e procedentes. Algumas coisas devem ser conhecidas em si mesmas, outras, ainda que não pareçam merecer a nossa aplicação, todavia de maneira alguma devem ser preteridas negligentemente, porque sem elas não podem ser conhecidas exaustivamente aquelas outras. Aprenda tudo, e verá depois que nada é supérfluo. O saber limitado não é alegre.

Você me pergunta se eu tenho alguma sugestão sobre os li vros que são úteis para este tipo de leitura. Acho que devem ser estudados mais estes: Gênesis, Josué, o livro dos Juizes, dos Reis e o livro das Crônicas. Quanto ao Novo Testamento, primeiro os quatro Evangelhos, depois os Atos dos Apóstolos. Parece-me que estes onze livros têm a ver mais com a história, se deixarmos de lado aqueles que chamamos propriamente historiográficos.

Mas, se usarmos um significado mais amplo desta palavra, isto é, se chamarmos história não apenas a narração dos fatos, mas aquele primeiro significado de qualquer narração que se ex pressa pela propriedade das palavras, nenhum livro é impróprio. Conforme esta acepção, creio que pertencem a esta leitura em sentido literal todos os livros dos dois testamentos na ordem em que foram enumerados acima.

Aqui, talvez, se não parecesse pueril, introduziria algumas ob servações sobre o modo de construir as regras, porque sei que a Escri tura divina em seu texto é mais concisa do que todos os outros;

quibus tamen idcirco supersedere volo, ne nimia propositum in terpositione extendam. Sunt quaedam loca in divina pagina quae secundum litteram legi non possunt, quae magna discreti one discernere oportet, ne vel per negligentiam aliqua praetere amus, aut, per importunam diligentiam, ad id ad quod scripta non sunt violenter intorqueamus.

Hoc est ergo, o lector, quod tibi proponimus. Hic campus tui laboris vomere bene sulcatus multiplicem tibi fructum referet. Ordine cuncta gesta sunt: ordine incede. Per umbram venitur ad corpus: figuram disce et invenies veritatem. Nec hoc nunc dico ut prius Veteris Testamenti figuras labores evolvere, et mystica eius dicta scruteris, quam ad evangelii fluenta potanda accedas. Sed sicut vides quod omnis aedificatio fundamento carens stabilis esse non potest, sic est etiam in doctrina. Fundamentum autem et principium doctrinae sacrae historia est, de qua quasi mei de favo, veritas allegoriae exprimitur. Aedificaturus ergo “primum fundamentum historiae pone, deinde per significationem typicam in arcem fidei fabricam mentis erige. Ad extremum vero, per moralitatis gratiam quasi pulcherrimo superducto colore aedificium pinge”[126].

Habes in historia quo Dei facta mireris, in allegoria quo eius sacramenta credas, in moralitate quo perfectionem ipsius imiteris. Lege ergo et disce quia, “in principio fecit Deus caelum et terram ”[127]. Lege quia in principio plantavit “paradisum voluptatis, in quo posuit hominem quem formaverat”[128]. Peccantem expulit et in aerumnas huius saeculi deiecit. Lege qualiter ab uno homine universa humani generis propago descenderit, qualiter deinde peccantes unda obruit, qualiter Noe iustum cum filiis suis in mediis aquis divina clementia servavit, qualiter deinde Abraham fidei signaculum suscepit, post vero Israel in Aegyptum descendit, quomodo deinde Deus filios Israel de Aegypto in manu Moysi et Aaron per mare Rubrum eduxit, in deserto pavit, legem dedit, in terra promissionis locavit, qualiter saepe peccantes in manus inimicorum suorum tradidit, et rursum paenitentes liberavit, quomodo primum per iudices, deinde per reges populum rexit.

126. Ezech 20,5s. 127. Gn 1,1. 128. Gn 2,8.

mas vou deixar isso, para não estender o meu projeto com demasiadas interpolações. Há algumas passagens na página divina, as quais não podem ser lidas em sentido literal e é necessário examiná-las com grande discernimento, se não queremos, por negligência, preterir algo, ou, por um zelo inoportuno, torcê-las violentamente para um sentido, para o qual não foram escritas.

É isto, estudante, aquilo que lhe propomos. Este campo do seu trabalho, bem sulcado com o arado, lhe trará muitos frutos. Todas as coisas foram realizadas com ordem: proceda com ordem. Pela sombra se chega ao corpo: aprenda as imagens, e encontrará a verdade. Não quero dizer agora que você primeiro deve empenhar-se a decifrar as imagens do Antigo Testamento e a escrutar seus ditos místicos, antes de aceder às fontes do Evangelho, das quais beber. Mas, como você observa que toda edificação sem fundamento não pode ser estável, o mesmo se dá no estudo. E o fundamento e o princípio da ciência sagrada é a história, da qual deriva a verdade da alegoria, como o mel do favo. Dispondo-se a edificar, portanto, “primeiro ponha o fundamento da história, depois, por meio da significação simbólica, erga o edifício da mente como fortaleza da fé. Por fim, por meio da beleza da moralidade, pinte o edifício com uma belíssima mão

de cor".

Na história você tem do que admirar os fatos de Deus, na alegoria do que crer os seus mistérios, na moralidade do que imi tar a sua perfeição. Leia, portanto, e aprenda que "no começo Deus fez o céu e a terra". Leia que no começo plantou "um paraíso de delícia, no qual pôs o homem que havia formado". O expulsou quando pecou e o fez cair nas amarguras deste mundo. Leia como toda a linhagem do gênero humano descendeu de um só homem, como a onda cobriu os homens pecadores, como a divina clemên cia conservou no meio das águas o justo Noé com seus filhos, como, ainda, Abraão recebeu o sinal da fé, como, em seguida, Israel desceu para o Egito, como, depois, Deus trouxe do Egito os filhos de Israel pelas mãos de Moisés e Aarão através do Mar Vermelho, nutriu-os no deserto, deu-lhes a lei, colocou-os na terra da promessa. 'Leia como, quando pecavam de freqüente, entregou-os nas mãos dos inimigos e novamente, tendo eles feito penitência, os liberta va, como regeu o povo primeiro pelos juizes e depois pelos reis.

David servum suum de post fetantes accepit. Salomonem sapi entia illustravit. Ezechiel flenti XV annos addidit. Dehinc prae varicantem populum captivum in Babylonem per manum Nabu-chadonosor m isit Post LXX annos per Cyrum reduxit. Ad extre mum vero, nutante iam saeculo, Filium in carnem misit, vitam aeternam paenitentibus, missis in mundum universum aposto lis, promisit. Venturum se in fine saeculorum ad iudicium prae dixit reddere unicuique secundum opera sua, peccatoribus vide licet ignem aeternum, iustis autem vitam aeternam et "regnum cuius non erit finis"129. Vide quia, ex quo mundus coepit usque in finem saeculorum, non deficiunt miserationes Domini.

Caput IV: De allegoria

Post lectionem historiae, superest allegoriarum mysteria in vestigare, ubi mea exhortatione opus esse non puto, cum ipsa res satis per se digna appareat

Nosse tamen te volo, o lector, hoc studium non tardos et he betes sensus, sed matura expetere ingenia, quae sic in investigan do subtilitatem teneant ut in discernendo prudentiam non amit ta n t Solidus est cibus iste, et, nisi masticetur, transglutiri non po te st Tali ergo te moderamine uti oportet u t dum in quaerendo subtilis fueris, in praesumendo temerarius non inveniaris, reco lens quod ait Psalmista: "Arcum suum tetendit, et paravit illum; et in eo paravit vasa m ortis"130.

Meministi, u t aestimo, supra me divinam scripturam aedifi cio similem dixisse, ubi primum, fundamento posito, structura in altum levatur; plane aedificio similem, nam et ipsa structuram habet Non ergo pigeat si hanc similitudinem paulo diligentius prosequamur.

Respice opus caementarii. Collocato fundamento, lineam extendit in directum, perpendiculum demittit ac deinde lapides diligenter politos in ordinem ponit.

129. Lc 1,33. 130. SI 7,13.

Recebeu o seu servo Davi de trás das ovelhas fecundas. Iluminou Salomão com a Sabedoria. Deu mais quinze anos a Ezequiel que chorava. Em seguida, despachou o povo que prevaricava para Babilônia como escravo por mão de Nabucodonosor. Depois de 70 anos, por meio de Ciro, trouxe-o de volta. Como última coisa, o mundo vacilando, enviou o Filho na carne, e, tendo enviado ao mundo os Apóstolos, prometeu a vida eterna àqueles que fizessem penitência. Predisse que voltaria no fim dos tempos para o juízo, para dar em recompensa a cada um segundo as suas obreis, isto é, aos pecadores o fogo eterno, ao justos a vida eterna e "o reino que não terá fim". Você vê que, desde que o mundo iniciou até o fim dos séculos, não faltam as misericórdias do Senhor.

CAPÍTULO 4: A alegoria

Depois da leitura da história, resta investigar os mistérios das alegorias, e nisto não vejo necessária uma minha exortação, uma vez que a própria coisa aparece por si mesma bastante digna.

Quero, todavia, que você saiba, estudante, que este estudo exige não sentidos lerdos e idiotas, mas mentes maduras, que devem possuir sutileza na investigação sem perder a prudência no discernimento. Esta é uma comida forte que, se não for mastigada, não pode ser engolida. É necessário, portanto, utilizar-se de um equilíbrio tal, que você, sendo sutil na pesquisa, não seja considerado temerário nas conjeturas, relembrando quanto diz o Salmista: "Estendeu o seu arco e o preparou, e nele preparou os instrumentos de morte".

Você lembra, espero, que acima comparei a Escritura divina a um edifício, onde primeiramente, posta a fundação, a estrutura é erguida para o alto; ela é realmente parecida com um edifício, porque ela também possui uma estrutura. Não se incomode se aprofundamos esta imagem um pouco mais atentamente.

Olhe o trabalho do pedreiro: posta a fundação, ele estica a linha horizontalmente, a faz descer perpendicularmente, e em seguida põe as pedras em ordem, polidas diligentemente.

Alios deinde atque alios quaerit, et si forte aliquos primae dispositioni non respondentes invenerit, accipit limam, praeeminentia praecidit, aspera planat, et informia ad formam reducit, sic-que demum reliquis in ordinem dispositis adiungit. Si vero aliquos tales invenerit, qui nec comminui valeant nec congrue coaptari, eos non assumit, ne forte, dum silicem frangere laborat, limam frangat.

Intende! rem tibi proposui intuentibus contemptibilem, sed intelligentibus imitatione dignam. Fundamentum in terra est, nec semper politos habet lapides. Fabrica desuper terram, et ae qualem quaerit structuram. Sic divina pagina multa secundum litteralem sensum continet, quae et sibi repugnare videntur et nonnumquam absurditatis aut impossibilitatis aliquid afferre. Spiritualis autem intelligentia nullam admittit repugnantiam, in qua diversa multa, adversa nulla esse possunt. Quod etiam pri mam seriem lapidum super fundamentum collocandorum ad protensam lineam disponi vides, quibus scilicet totum opus reli quum innititur et coaptatur, significatione non caret Nam hoc quasi aliud quoddam fundamentum est, et totius fabricae basis. Hoc fundamentum ét portat superposita et a priori fundamento portatur. Primo fundam ento insident omnia, sed non omni modo coaptantur. Huic et insidunt et coaptantur reliqua. Pri mum fabricam portat et est sub fabrica. Hoc portat fabricam et non est solum sub fabrica sed in fabrica. Quod sub terra est fun damentum figurare diximus historiam, fabricam quae superaedi ficatur allegoriam insinuare. Unde et ipsa basis fabricae huius ad allegoriam pertinere debet

Multis ordinibus consurgit fabrica, et quisque suam basim habet. Et multa sacramenta in divina pagina continentur, quae singula sua habent principia. Vis scire qui sint ordines isti? Pri mus ordo est sacramentum Trinitatis, quia et hoc scriptura con tinet, quod ante omnem creaturam trinus et unus fuerit Deus.

E depois procura outras e outras pedras, e, encontrando algu mas pedras não conformes às da primeira fila, pega o cinzel, cor ta as partes excedentes, aplana as partes ásperas e reduz as coi sas informes a uma forma, e assim finalmente as acrescenta às outras já dispostas em ordem. E se, por acaso, encontra algumas pedras tais que não possam ser diminuídas nem adaptadas con gruentemente, não as usa, para que não lhe aconteça que, ten tando quebrar a pedra, quebre o cinzel.

Procure entender! Propus-lhe uma coisa desprezível para os que olham superficialmente, mas digna de ser imitada para os que olham em profundidade. A fundação está dentro da terra e nem sempre tem pedras polidas. Mas o edifício está sobre a terra e exige uma estrutura uniforme. Do mesmo modo, a página divi na contém muitas coisas em sentido literal que parecem contra dizer-se entre si e algumas vezes trazer algo de absurdo ou im possível. Mas o entendimento espiritual não admite contradição. Se você vê que a primeira fila de pedras a serem assentadas so bre a fundação é disposta ao longo de uma linha esticada e sobre elas todo o trabalho restante se apóia e se adapta, tal fato não carece de significado. Com efeito, esta primeira fila é como uma nova fundação e a base de todo o edifício. Este fundamento sus tenta as pedras superpostas e, por sua vez, é sustentado pela pri meira fundação. Todas as coisas se assentam sobre a primeira fundação, mas não são adaptadas uma à outra a qualquer custo. Sobre a segunda fundação, porém, as outras coisas se assentam e são adaptadas. A primeira fundação sustenta o edifício e fica debaixo dele, a segunda sustenta o edifício e fica não somente debaixo do edifício, mas também no próprio edifício. A fundação sob a terra, como dissemos, afigura a história, o edifício que é

construído em cima sugere a alegoria. Por esta razão, a própria base deste edifício deve relacionar-se com a alegoria.

O edifício se levanta em vários planos, e cada um tem sua base. Também na página divina são contidos muitos mistérios que possu-dm seus princípios. Quer saber quais são estes planos? O primeiro plano é o mistério da Trindade, pois a Escritura contém também isto, ou seja, que antes de qualquer criatura existia um Deus uno e trino.

Hic de nihilo omnem fecit creaturam, visibilem scilicet et invisi bilem: ecce secundus ordo. Rationali creaturae liberum dedit ar bitrium, et gratiam praeparavit, ut mereri posset aeternam beati-tudinem, deinde sponte labentes punivit, et persistentes, ut am plius labi non possint, confirmavit. Quae origo peccati, quid pec catum, et quid sit poena peccati: ecce tertius ordo. Quae sacra menta primum sub naturali lege ad reparationem hominis insti tuerit: ecce quartus ordo. Quae scripta sub lege: ecce quintus ordo. Sacramentum incarnationis Verbi: ecce sextus ordo. Sacra menta Novi Testamenti: ecce septimus ordo; ipsius denique re surrectionis: ecce octavus ordo.

Hic est tota divinitas, haec est illa spiritualis fabrica, quae, quot continet sacramenta, tot quasi ordinibus constructa in al tum extollitur. Vis etiam ipsas bases agnoscere. Bases ordinum principia sunt sacramentorum. Ecce ad lectionem venisti, spiri tuale fabricaturus aedificium. Iam historiae fundamenta in te lo cata sunt: restat nunc tibi ipsius fabricae bases fundare. Linum tendis, ponis examussim, quadros in ordinem collocas, et cir-cumgyrans quaedam futurorum murorum vestigia figis. Linea protensa rectae fidei trames est, ipsae spiritualis operis bases quaedam fidei principia sunt, quibus initiaris. Debet siquidem prudens lector curare, ut, antequam spatiosa librorum volumina prosequatur, sic de singulis quae magis ad propositum suum et professionem verae fidei pertinent instructus sit, ut, quaecum que postmodum invenerit, tuto superaedificare possit Vix enim in tanto librorum pelago et multiplicibus sententiarum anfracti bus, quae et numero et obscuritate animum legentis saepe con fundunt, aliquid unum colligere po terit qui prius summatim in unoquoque, ut ita dicam, genere aliquod certum principium fir ma fide subnixum, ad quod cuncta referantur, non agnovit.

Vis ut doceam te qualiter fieri debeant bases istae? Respice ad ea quae paulo ante tibi enumeravi. Est sacramentum Trinita tis. Multi iam de illo libri facti sunt multae datae sententiae dif ficiles ad intelligendum, et perplexae ad solvendum.

Este fez do nada todas as criaturas, quer dizer, as visíveis e as in visíveis: eis o segundo plano. Ele deu à criatura racional o livre-ar- bítrio e lhe ofereceu a graça, para que pudesse merecer a beatitude eterna, e por isso puniu os que erravam livremente e fortificou os que perseveravam no bem, para que não pudessem mais cair. Qual a origem do pecado, o que é o pecado, o que é a punição do pecado: este é o terceiro plano. Quais sacramentos instituiu ele na origem sob a lei natural para a reparação do homem: este é o quarto plano. Quais

os escritos sob esta lei: este é o quinto plano. O sacramento dà Encarnação do Verbo: eis o sexto plano. Os sacramentos do Novo Testamento: este é o sétimo plano. Finalmente o mistério de sua ressurreição: este é o oitavo plano.

Esta é toda a divindade, este é aquele edifício espiritual que se eleva para o alto, construído em tantos planos quantos são os mistérios que contém. Você quer conhecer as próprias bases. A base dos vários planos são os princípios dos mistérios. Você veio à leitura, para edificar o edifício espiritual. As fundações da história já estão postas em você: agora lhe resta fundar as bases do próprio edifício. Você estica a linha, pondo-a direitinho, assenta as pedras quadradas em fila, e fazendo um giro constrói alguns traçados das futuras paredes. A linha estendida é o caminho da fé certa, e as bases próprias do trabalho espiritual são alguns princípios da fé, aos quais você será iniciado. O estudante prudente deve, todavia, cuidar de que, antes de continuar em grandes volumes de livros, seja tão instruído sobre cada ponto relativo ao seu plano e à profissão da verdadeira fé, que, qualquer coisa encontrará no futuro, possa construir com segurança. Neste imenso mar de livros e nestas várias sinuosidades de doutrinas, que amiúde confundem a mente do estudante por número e obscuridade, dificilmente poderá realizar uma construção unitária aquele que não conheceu antes e sumariamente em cada gênero, por assim dizer, algum princípio certo e fundado numa fé firme, ao qual todas as coisas sejam reportadas.

Quer que lhe ensine como devem ser realizadas estas bases? Olhe para aquilo que pouco antes enumerei. Aí está o mistério da Trindade. Sobre ele já foram escritos muitos livros, foram dadas muitas opiniões difíceis de entender e complicadas a resolver-se.

Longum tibi et onerosum est adhuc omnes prosequi, cum multa fortassis invenias, in quibus magis turberis quam aedificeris. Noli instare, sic numquam ad finem venies. Disce prius breviter et dilucide, quid tenendum sit de fide Trinitatis, quid sane profiteri et veraciter credere debeas. Cum autem postea legere coeperis libros, et multa obscure, et multa aperte, multa ambigue scripta inveneris, quae aperta invenis, adiunge basi suae, si forte convenient. Quae ambigua sunt, ita interpretare ut non discordent Quae vero sunt obscura, resera si potes. Quod si ad intellectum eorum penetrare non vales, transi, ne, dum praesumere conaris quod non sufficis, periculum erroris incurras. Noli ea contemnere, sed potius venerare, quia audisti quod scriptum est: “Posuit tenebras latibulum suum”131. Quod si etiam aliquid inveneris contrarium illi quod tu iam firmissima fide tenendum esse didicisti, non tamen expedit tibi cotidie mutare sententiam, nisi prius doctiores te consulueris, et maxime quid fides universalis, quae numquam falsa esse potest, inde iubeat sentiri agnoveris. Sic de sacramento altaris, sic de sacramento baptismatis, confirmationis, coniugii, et omnibus quae tibi enumerata sunt supra, facere debes. Vides multos scripturas legentes, quia fundamentum veritatis non habent, in errores varios labi, et toties fere mutare sententias, quot legerint lectiones. Rursum alios vides, qui secundum illam veritatis agnitionem, qua intus firmati sunt, quaslibet scripturas ad congruas interpretationes flectere

noverunt et quid a fide sana discordet aut quid conveniat iudicare.

In Ezechiele legis quod rotae animalia sequuntur, non ani malia rotas: “Cum ambularent - inquit - animalia, ambulabant pariter et rotae iuxta ea. Et cum elevarentur animalia de terra elevabantur simul et rotae”132. Sanctorum quippe mentes quan tum virtutibus vel scientia proficiunt, tantum sanctarum scrip turarum arcana profunda esse conspiciunt,

131. SI 18,12. 132. Ez 1,19.

Para você seria longo e ainda gravoso percorrer tudo, encon trando provavelmente muitas coisas nas quais se turbará, ao in vés de edificar-se. Não insista, porque deste modo nunca chega rá ao fim. Aprenda primeiro, brevemente e distintamente, aquilo que deve reter-se sobre a fé na Trindade, aquilo que você deve professar com segurança e crer verdadeiramente. Quando, mais tarde, você começar a ler livros, encontrando muitas coisas es critas obscuramente, muitas claramente, muitas ambiguamente, acrescente à sua base aquelas que encontrará claras, se por aca so se ajustam. Aquelas que são ambíguas, interprete-as de modo que não se contradigam; mas aquelas que são obscuras, eluci de-as, se consegue. E, se não consegue penetrar no entendimen to delas, passe para frente, para que, presumindo esforçar-se na quilo para o qual não está preparado, não incorra no perigo do erro. Não queira desprezá-las, mas antes venerá-las, porque você ouviu aquilo que foi escrito: “Fez das trevas o seu esconderijo”. E, se você encontrar algo contrário àquilo que aprendeu a ser professado com fé firmissima, não lhe convém mudar de opinião a cada dia, sem antes consultar os que são mais cultos que você e, sobretudo, conhecer o que a fé universal, que nunca pode ser falsa, ordena de crer sobre isso. O mesmo você deve fazer com relação ao sacramento do Altar, ao sacramento do Batismo, da Confirmação, do Matrimônio e a todos os mistérios que foram enumerados acima. Repare como muitos leitores das Escrituras caem em muitos erros, por não possuir o fundamento da verda de, e mudam de opinião tantas vezes quantas lições lerem. Por outro lado, você vê outros que, conforme aquele conhecimento da verdade, pela qual foram fortalecidos interiormente, sabem levar todos os escritos para interpretações apropriadas e sabem julgar o que discorda da fé certa e o que se acorda com ela.

Em Ezequiel você lê que as rodas seguiam os animais, não que os animais seguiam as rodas: “Quando os animais andavam - ele diz - andavam também as rodas junto deles. E quando os animais se levantavam do chão, sim ultaneam ente se levanta vam também as rodas”. As m entes dos santos, de fato, quanto mais se aperfeiçoam nas virtudes e no saber, tanto mais per cebem que os mistérios das Sagradas Escrituras são profundos,

u t quae simplicibus et adhuc stantibus in terra iacere videban tur, erectis sublimes appareant. Nam sequitur: “Quocumque ibat spiritus, illuc eunte spiritu; et rotae pariter levabantur sequen tes eum. Spiritus enim vitae erat in rotis”133. Vides quia

rotae hae animalia sequuntur, et sequuntur spiritum.

Rursum alibi dicitur: “Littera occidit, Spiritus autem vivifi cat”134, quia nimirum oportet divinum lectorem spiritualis intelligentiae veritate esse solidatum, et eum litterarum apices, quae et perversae nonnumquam intelligi possunt, ad quaelibet diver ticula non inclinent Quare antiquus ille populus, qui legem vi tae acceperat reprobatus e s t nisi quia sic solam litteram occi dentem secutus est, u t Spiritum vivificantem non haberet? Haec vero non ideo dico u t quibuslibet ad voluntatem suam interpre tandi scripturas occasionem praebeam, sed ut ostendam eum qui solam sequitur litteram diu sine errore non posse incedere. Oportet ergo ut et sic sequamur litteram, ne nostrum sensum di vinis auctoribus praeferamus, et sic non sequamur ut in ea non totum veritatis iudicium pendere credamus. Non litteratus, “sed spiritualis omnia diiudicat”135.

Ut ergo secure possis iudicare litteram, non de tuo sensu praesumere, sed erudiri prius et informari oportet, et quasi quem dam inconcussae veritatis basem cui tota fabrica innitatur, funda re. Neque a te ipso erudiri praesumas, ne forte, dum te introduce re putas, magis seducas. A doctoribus et sapientibus haec intro ductio quaerenda est, qui et auctoritatibus sanctorum patrum et testimoniis scripturarum, eam tibi, prout opus est, et facere et aperire possint, cumque iam introductus fueris, testimoniis scripturarum legendo singula quae docuerint confirmare.

Sic mihi videtur. Cui me in hoc imitari placuerit, libens acci pio, cui visum fuerit non ita oportere fieri, faciat quod placuerit, non contendam. Scio enim plures hunc morem in discendo non servare. Sed quomodo quidam proficient, rursus non ignoro.

133. Ez 1,20. 134. 2Cor 3,6. 135. ICor 2,15.

de modo que aquelas coisas que aos simples e ligados à terra pa recem estar no chão, aos eretos aparecem sublimes. Com efeito, continua: “Para onde ia o espírito, para lá indo o espírito, igual mente as rodas se levantavam e o seguiam. Pois o espírito da vida estava nas rodas”. Você vê que estas rodeis seguem os animais e seguem o espírito.

Novamente, em outro lugar se diz: “A letra mata, o Espírito dá a vida”, pois, na verdade, é necessário que o estudante das coi sas divinas esteja consolidado pela verdade da inteligência espi ritual, para que as formas das letras, que às vezes podem ser en tendidas como perversas, não o inclinem para qualquer tortuosi-dade. E por que antigamente aquele povo que tinha recebido a lei da vida, foi reprovado, a não ser porque seguiu somente a le tra que mata, por não ter o Espírito vivificante? Não digo estas coisas para dar a alguns o pretexto de interpretar as Escrituras segundo a vontade deles, mas para mostrar que não pode proce der por longo tempo sem erro aquele que segue unicamente a le tra. É necessário, portanto, que sigamos, sim, a letra, mas de ma neira a não preferir o

nosso sentido ao dos escritores divinos, e não devemos segui-la sem crer que nela está depositado todo o juízo da verdade. Não o letrado, “mas o espiritual julga tudo”.

Para que você possa julgar a letra com segurança, é neces sário não ter presunção com o seu sentido, mas antes instruir-se e informar-se e fundar como que uma base de verdade inabalá vel, sobre a qual todo o edifício está baseado. Não presuma instruir-se sozinho, para evitar que, enquanto crê que está se ini ciando, antes está se seduzindo. Esta introdução deve ser pedi da aos doutores e aos sábios, os quais possam fazê-la e abri-la para você conforme convém, pelas autoridades dos Santos Pa dres e pelos testemunhos das Escrituras e possam, quando você tiver sido introduzido, confirmar tal introdução pelos testemu nhos das Escrituras, lendo todas as coisas que ensinaram.

Assim me parece. Quem tiver prazer em me imitar nisto, aceito-o com prazer. Quem achar que não se deve fazer assim, faça como qui ser, não discutirei. Sei que muitos não seguem este costume na aprendizagem. Mas também sei bem como alguns progridem.

Si quaeris qui libri magis ad hanc lectionem valeant, ego puto principium Genesis de operibus sex dierum, tres ultimos li bros Moysi de legalibus sacramentis, Isaiam, principium et fi nem Ezechielis, Iob, Psalterium, Cantica canticorum, duo prae cipue evangelia, scilicet Matthaei et Ioannis, Epistulas Pauli, ca nonicas Epistulas, et Apocalypsim, praecipue tamen Epistulas Pauli, quae etiam ipso numero designant utriusque testamenti perfectionem se continere.

Caput V: De tropologia, id est, moralitate

De tropologia nihil aliud in praesenti dicam quam quod su pra dictum est, excepto quod ad eam magis rerum quam vocum significatio pertinere videtur.

In illa enim naturalis iustitia est, ex qua disciplina morum nostrorum, id est, positiva iustitia nascitur.

Contemplando quid fecerit Deus, quid nobis faciendum sit agnoscimus. Omnis natura Deum loquitur, omnis natura homi nem docet, omnis natura rationem parit, et nihil in universitate infecundum es t Caput VI: De ordine librorum

Non idem ordo librorum in historica et allegorica lectione servandus e s t Historia ordinem temporis sequitur. Ad allegori am magis pertinet ordo

cognitionis, quia, sicut supra dictum est, doctrina semper non ab obscuris, sed apertis, et ab his quae magis nota sunt exordium sumere debet.

Unde consequens est ut Novum Testamentum, in quo manifesta praedicatur veritas, in hac lectione Veteri praeponatur, ubi eadem veritas figuris adumbrata occulte praenuntiatur. Eadem utrobique veritas, sed ibi occulta, hic manifesta, ibi promissa, hic exhibita. Audisti, cum legeretur in Apocalypsi, quia signatus erat liber et nemo inveniri poterat,

Se você quer saber quais livros são mais úteis para este estudo, penso que são o princípio do Gênese sobre as obras dos seis dias, os três últimos livros de Moisés sobre os mistérios da lei, Isaías, o princípio e o final de Ezequiel, Jó, os Salmos, o Cântico dos Cânticos, sobretudo dois Evangelhos, o de Mateus e João, as Cartas de Paulo, as Cartas canônicas e o Apocalipse, mas, sobre tudo, as Cartas de Paulo, as quais, também em seu número, indicam que contêm a perfeição dos dois Testamentos.

CAPÍTULO 5: A tropologia, ou seja, a moralidade

Sobre a tropologia nada mais direi, agora, de quanto foi dito anteriormente, exceto que a ela parece relacionar-se mais o significado das coisas que o significado das palavras.

Com efeito, no significado das coisas encontra-se aquela justiça natural, da qual origina-se a nossa disciplina moral, ou seja, a justiça positiva.

Contemplando aquilo que Deus fez, conhecemos aquilo que devemos fazer. A natureza inteira fala de Deus, toda a natureza ensina ao homem, toda a natureza produz a razão, e nada no universo é infecundo.

CAPÍTULO 6: A ordem dos livros

Não deve ser observada a mesma ordem dos livros na leitura histórica e na alegórica. A história segue a ordem do tempo. À alegoria é mais pertinente a ordem do conhecimento, pois, como foi dito acima, o estudo deve iniciar sempre não das coisas obscuras, mas das claras e daquelas que são mais conhecidas.

Disto deriva que a leitura do Novo Testamento, no qual é anunciada a verdade manifesta, deve ser preposto ao Antigo, onde a mesma verdade é preanunciada envolta em imagens e ocultamente. A mesma verdade está nos dois, mas lá oculta, aqui manifesta, lá prometida, aqui realizada. Você ouviu, ao ser lido o

Apoca lipse, que o livro estava selado e ninguém podia ser encontrado

qui solveret signacula eius, nisi "leo de tribu Iuda"136. Signata erat lex, signatae erant prophetiae, quia occulte tempora venturae re demptionis praenuntiabantur. Nonne tibi ille liber signatus fuisse videtur, qui dixit: "Ecce virgo concipiet, et pariet filium; et vocabis nomen eius Emmanuel"?137 Et alius: "Tu - inquit - Bethlehem Ephrata, parvulus es in milibus Iuda: ex te mihi egredietur qui sit dominator in Israel; egressus eius ab initio a diebus aeternitatis"?138 Et Psalmista: "Numquid Sion dicet: Homo, et homo natus est in ea, et ipse fundavit eam Altissiimus"?139 Et rursum: "Domini, Domini - inquit - exitus mortis"?140 Et iterum: "Dixit Dominus Domino meo, sede a dextris meis"?141 Et post pauca de eodem: "Tecum principi um in die virtutis tuae; in splendoribus sanctorum ex utero ante lu ciferum genui te"?142 Et Daniel: "Aspiciebam in visione noctis, et ecce cum nubibus caeli quasi Filius hominis veniebat, et usque ad antiquum dierum pervenit, et dedit ei potestatem et honorem, et regnum; et omnes populi, tribus et linguae ipsi servient potestas eius potestas aeterna, quae non auferetur"?1

Quis putas haec, antequam implerentur, intelligere poterat? Signata erant, et nemo poterat solvere signacula, nisi "leo de tri bu Iuda". Venit ergo Filius Dei, et induit naturam nostram, natus est de Virgine, crucifixus, sepultus, resurrexit, ascendit ad caelos, et implendo quae promissa erant, aperuit quae latebant Lego in evangelio, quod angelus Gabriel ad Mariam Virginem mittitur, pa rituram praenuntiat: recordor prophetiae quae dicit: "Ecce virgo concipiet". Lego quia, cum esset Ioseph in Bethlehem cum Maria uxore sua praegnante, venit tempus eius pariendi, et peperit fili um suum primogenitum, quem angelus praedixerat regnaturum in throno David, patris sui: recordor prophetiae: "Bethlehem Ephrata, parvulus es in milibus Iuda: ex te mihi egredietur qui sit dominator in Israel". Lego rursum: "In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum"144: recordabor prophetiae quae dicit: "Egressus eius ab initio a diebus aeterni tatis". Lego: "Verbum caro factum est, et habitavit in nobis"145:

136. Ap 5,5. 137. Is 7,14. 138. Mi 5,2. 139. SI 87,5. 140. SI 67,21. 141. SI 110,1. 142. SI 110,3. 143. Dn 7,13. 144. Jo 1,1. 145. Jo 1,14.

que rompesse os seus sigilos, a não ser "o leão da tribo de Judá". A lei estava selada, as profecias estavam seladas, porque os tem pos da redenção futura estavam preanunciados ocultamente. Porventura, não lhe parece selado aquele livro que disse: "Eis uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e chamarás o nome dele Emanuel"? E o outro: "Tu - disse - Belém de Éfrata, és pe quena entre as milhares de Judá: de ti sairá para mim quem será o dominador em Israel; a sua origem é do início, dos dias da eter nidade"? E o salmista: "Não dirá Sião: um Homem e um homem nasceu nela, e o próprio Altíssimo a fundou"? E novamente: "Do Senhor, do Senhor - disse - são as saídas da m orte"? E ainda: "Disse o Senhor ao meu Senhor, senta-te à minha direita"? E um pouco mais para lá, no mesmo salmo: "Contigo é o senhorio no dia da tua força; no esplendor dos santos, do seio antes da estre la da manhã te gerei"? E Daniel: "Eu estava

contemplando na vi são da noite, e eis que junto com as nuvens do céu vinha como que um Filho de homem, e chegou até o Ancião dos dias, e ele lhe deu potência, honra e reino; todos os povos, todas as nações e línguas servirão a ele: o seu poder é um poder eterno que não lhe será tirado"?

Quem, você acha, poderia entender estas coisas, antes que se cumprissem? Estavam seladas, e ninguém podia romper os si gilos, a não ser "o leão da tribo de Judá". Veio, assim, o Filho de Deus, e vestiu a nossa natureza, nasceu da Virgem, foi crucifica do, sepultado, ressuscitou, subiu aos céus, e, cumprindo as coi sas que foram prometidas, abriu quanto estava escondido. Leio no Evangelho que o anjo Gabriel é enviado a Maria Virgem, pre-anunciando aquela que irá parir, e lembro a profecia que diz: "Eis que uma Virgem conceberá". Leio que, estando José em Be lém com Maria sua mulher grávida, veio o tempo dela dar à luz, e deu à luz o seu filho primogênito que o anjo predissera iria reinar no trono de Davi, seu pai, e me lembro da profecia: "Belém de Éfrata, és pequena entre as milhares de Judá: de ti sairá para mim quem será o dominador em Israel". Leio de novo: "No princípio era o Verbo e o Verbo era junto de Deus e Deus era o Verbo", e lembrarei a profecia que diz: "A sua origem é do início, dos dias da eternidade". Leio: "O Verbo se fez carne, e habitou entre nós",

recordor prophetiae quae dicit: "vocabis nomen eius Emmanuel", id est, nobiscum Deus.

Et ne forte singula prosequendo fastidium tibi faciam, nisi prius nativitatem Christi, praedicationem, passionem, resurrec tionem atque ascensionem, *et cetera* quae in carne et per car nem gessit, agnoveris, veterum figurarum mysteria penetrare non valebis.

Caput VII: De ordine narrationis

De ordine narrationis illud maxime hoc loco consideran dum est, quod divinae paginae textus nec naturalem semper nec continuum loquendi ordinem servat, quia et saepe posteriora prioribus anteponit, sicut, cum aliqua enumeraverit, subito ad superiora, quasi subsequentia narrans, sermo recurrat; saepe etiam ea quae longo distant intervallo, quasi mox sibi succeden tia, connectit, ut videatur nullum disiunxisse spatium temporis illa quae non discernit ullum intervallum sermonis.

Caput VIII: De ordine expositionis

Expositio tria continet: litteram, sensum, sententiam. In omni narratione littera est, nam ipse voces etiam litterae sunt, sed sensus et sententia non in omni narratione simul inveniun tur.

Quaedam habet litteram et sensum tantum, quaedam litte ram et sententiam tantum, quaedam omnia haec tria simul con tin e t Omnis autem narratio ad minus duo habere debet

Illa narratio litteram et sensum tantum habet, ubi per ipsam prolationem sic aperte aliquid significatur, ut nihil aliud relin quatur subintelligendum.

Illa vero litteram et sententiam tantum habet, ubi ex sola pronuntiatione nihil concipere potest auditor nisi addatur expo sitio.

e me lembro da profecia que diz: “Chamarás o nome dele de Emanuel”, isto é, Deus conosco.

E se, prosseguindo por cada passagem, eventualmente não lhe crio um mal-estar, você não conseguirá penetrar os mistérios das figuras antigas, sem antes conhecer o nascimento de Cristo, a predicação, a paixão, a ressurreição e a ascensão, e as outras coisas que fez na carne e pela carne.

CAPÍTULO 7: A ordem da narração

Quanto à ordem da narração, aqui se deve notar, sobretudo, que o texto da página divina nem sempre observa uma ordem de falar natural e contínua, pois amiúde prepõe coisas posteriores às anteriores, como quando o discurso, após ter contado alguns fatos, volta de improviso a fatos anteriores, como se narrasse os seguintes. Freqüentemente o texto conecta entre si também coi sas distantes num longo intervalo de tempo, como se sucedes sem imediatamente uma à outra, de modo a parecer que nenhu ma distância de tempo tenha separado coisas que nenhum inter valo do discurso separa.

CAPÍTULO 8: A ordem da exposição do texto

A exposição de um texto contém três elementos: 1) a letra, 2) o significado, 3) o pensamento.

Em toda narração há a letra, pois as próprias vozes são letras, mas o significado e o pensamento não se encontram juntos em to das as narrações. Algiiínas contêm somente a letra e o significa do, outras somente a letra e o pensamento, algumas os três ele mentos juntos. Toda narração deve ter ao menos dois elementos.

Possui somente letra e significado a narração na qual, pelo próprio enunciado algo é significado tão claramente, que nada mais resta a subentender.

Possui somente letra e pensamento aquela narração na qual o ouvinte não pode conceber nada a partir da sua enunciaçlo, se não é acrescentada uma exposição.

Illa sensum et sententiam habet, ubi et aperte aliquid signi ficatur, et aliquid aliud subintelligendum relinquitur quod expo sitione aperitur.

Caput IX: De littera

Littera aliquando perfecta est, quando ad significandum id quod dicitur nihil praeter ea quae posita sunt vel addere vel mi nuere oportet, ut, "omnis sapientia a Domino Deo est"146; ali quando imminuta, quando subaudiendum aliquid relinquitur, ut, "senior electae dominae"147; aliquando superflua, quando vel propter inculcationem vel longam interpositionem idem repeti tur vel aliud non necessarium adiungitur, ut Paulus in fine Epis tulae ad Romanos dicit: "Ei autem", et postea multis interpositis infert: "cui est honor et gloria"148. Aliud hic superfluum esse vi detur. Superfluum dico, id est, non necessarium ad enuntiatio nem faciendam.

Aliquando talis est littera, ut, nisi in aliam resolvatur, nihil significare vel incongrua esse videatur, ut est illud: "Dominus in caelo sedes eius"149, id est "sedes Domini in caelo", et "filiorum homi num, dentes eorum arma et sagittae"150, id e s t "filiorum homi num dentes", et "Homo sicut faenum dies eius"151, id est "dies hominis". Nominativus scilicet nominis et genitivus pronominis, pro uno genitivo nominis positi, et multa alia similiter.

Ad litteram constructio et continuatio pertinet

Caput X: De sensu

Sensus alius congruus, alius incongruus. Incongruus, alius incredibilis, alius impossibilis, alius absurdus, alius falsus.

Multa huiusmodi invenis in scripturis, ut illud: "Comede runt Iacob"152. Et illud: "Sub quo

146. E do 1 , 1 . 1 4 7 .2Jo 1,1. 148. Rm 16,27. 149. SI 10,5. 150. SI 57,5 151. SI 103,15. 152. SI 79,7.

Possui um significado e um pensamento aquela exposição na qual algo é significado expressamente ou alguma outra coisa que é revelada por uma exposição é deixada subentendida.

CAPÍTULO 9: A letra

A letra às vezes é perfeita, quando, para significar aquilo que se diz, não é necessário acrescentar ou diminuir nada fora daquilo que é expresso, como, por exemplo, na frase: "Toda Sa bedoria vem do Senhor Deus". Às vezes a letra é diminuída, quando se deixa algo subentendido, como na expressão: "O an cião à Senhora eleita". Às vezes é supérflua, quando ou por in sistência ou por causa de uma longa interpolação se repete a mesma coisa ou se acrescenta algo não necessário, como diz Paulo no final da Carta aos Romanos: "A ele, pois", e, após mui tas interpolações, introduz: "ao qual é honra e glória". Neste texto se apresenta um ulterior elemento supérfluo. Digo supér fluo, isto é, não necessário para fazer a enunciação.

De vez em quando a letra é tal que, se não é resolvida numa outra, parece não significar nada ou ser imprópria, como na ex pressão: "O Senhor o seu trono no céu", isto é, o trono do Senhor está no céu, e: "Os filhos dos homens, seus dentes armas e fle chas", quer dizer, os dentes dos filhos dos homens, e: "O homem como feno o seu dia", isto é, o dia do homem. Nestas expressões o nominativo do nome e o genitivo do pronome são postos em lu gar do genitivo só do nome, e há muitos exemplos semelhantes.

À letra pertencem a construção e a concatenação.

CAPÍTULO 10: 0 significado

O significado pode ser 1) coerente ou 2) incoerente. O signi ficado incoerente pode ser a) incrível, b) impossível, c) absurdo ou d) falso.

Você encontrará nas Escrituras muitos exemplos deste tipo, como a expressão: "Devoraram Jacó", e ainda: "sob o qual se

curvantur hi qui portant orbem"153. Et illud: "Elegit suspendium anima mea"154, e t multa alia.

Sunt loca quaedam in divina scriptura, ubi, licet sit aperta verborum significatio, nullus tam en sensus esse videtur, vel propter inusitatum modum loquendi, sive propter aliquam cir cumstantiam quae legentis intelligentiam impedit, ut est, verbi gratia, illud quod dicit Isaias: "Apprehendent septem mulieres vi rum unum in die illa dicentes: Panem nostrum comedemus, et

vestimentis nostris operiemur, tantummodo invocetur nomen tuum super nos, aufer opprobrium nostrum "155. Plana sunt et aperta verba. Intelligis satis: "Apprehendent septem mulieres vi rum unum". Intelligis: "Panem nostrum comedemus". Intelligis: "Vestimentis nostris operiemur". Intelligis: "Tantummodo invo cetur nomen tuum super nos". Intelligis: "Aufer opprobrium nostrum ".

Sed fortasse quid hoc totum simul significare velit, intelligere non potes. Quid dicere voluerit propheta, bonum promiserit an malum minatus fuerit, ignoras. Unde evenit u t spiritualiter tantum intelligendum credas quod, qualiter ad litteram dictum sit, non vides. Dicis igitur septem mulieres septem esse dona Spiritus Sancti, quae unum virum apprehendent, id est, Chris tum, in quo omnem plenitudinem gratiae placuit inhabitare, quia ipse solus sine mensura Spiritum accepit, qui solus earum opprobrium aufert, u t inveniant in quo requiescant, nullo alio vi vente ut Spiritus Sancti dona poscebant. Ecce spiritualiter inter pretatus es, et quid sit dicere ad litteram non intelligis.

Potuit tamen propheta per haec verba etiam ad litteram ali quid significare. Quia enim supra de internecione populi praeva ricatoris locutus fuerat, subiungit nunc tantam in eodem populo cladem futuram, et usque adeo virorum genus delendum, u t vix septem mulieres unum virum inveniant, cum modo una unum habere soleat Et cum mulieres nunc a viris rogari soleant, tunc converso

153. JÓ 9,13.

154.10 7,15.

155. Is 4,1.

curvam aqueles que sustentam o mundo", e ainda: "Minha alma escolheu a forca", e muitos outros.

Há passagens na Escritura divina, nas quais, mesmo sendo claro o significado, parece não haver nenhum sentido, seja por causa do uso incomum das palavras, seja por causa de alguma circunstância que dificulta o entendimento do leitor, como é, por exemplo, a passagem de Isaías: "Sete mulheres pegaram um homem naquele dia, dizendo: comeremos o nosso pão e nos co briremos com as nossas vestes, que possamos apenas ser chama das com o teu nome, tira a nossa vergonha". As palavras são cla ras e compreensíveis. Você compreende bem: "Sete mulheres pe garam um homem". Você compreende: "Comeremos o nosso pão". Você compreende: "Nos cobriremos com as nossas vestes". Você compreende: "Possamos apenas ser chamadas com o teu nome". Você compreende: "Tira a nossa vergonha".

Mas talvez você não consiga entender o que isso tudo quei ra significar em seu conjunto. Você ignora o que o profeta quis dizer, se prometeu um bem ou ameaçou um mal. De onde se de duz que você somente deve crer de maneira

espiritual aquilo que, a partir das palavras, você não vê. Você poderá dizer, por tanto, que as sete mulheres são os sete dons do Espírito Santo, as quais desejam um só homem, isto é, Cristo, no qual quis habi tar toda a plenitude da graça, porque só ele recebeu o Espírito sem limite, o único que tira o opróbrio delas, para elas encontra rem aquele no qual repousar, dado que não havia outro vivente quando pediam os dons do Espírito Santo. Eis que o texto foi in terpretado de forma espiritual, e você não compreende o que quer dizer na letra.

O profeta pôde também, por essas palavras, significar algo Üteralmente. Com efeito, dado que anteriormente tinha falado sobre a matança do povo prevaricador, acrescenta agora que na quele povo iria haver tanta m orte e até tanta desaparição do gê nero masculino, que dificilmente sete mulheres encontrariam um homem, do momento que somente uma costumava ter um só homem. E, do mesmo modo que agora as mulheres costumam ser imploradas pelos homens, naquele momento, ao contrário,

more mulieres viros rogabunt. Et ne forte unus vir septem mulie

res simul ducere formidaret, cum, unde eas pasceret et vestiret, non haberet, dicunt ei: “Panem nostrum comedemus, et vesti mentis nostris operiemur”. Non te oportet de nobis esse sollici tum, “tantummodo invocetur nomen tuum super nos”, u t dica ris vir noster, et sis, ne repudiatae dicamur, et steriles, et sine se mine moriamur, quod eo tempore magnum opprobrium fuit. Et hoc est quod dicunt: “Aufer opprobrium nostrum ”.

Multa huiusmodi invenis in scripturis, et maxime in Veteri Testamento, secundum idioma illius linguae dicta, quae, cum ibi aperta sint, nihil apud nos significare videntur.

Caput XI: De sententia

Sententia divina numquam absurda, numquam falsa esse potest, sed cum in sensu, u t dictum est, multa inveniantur con traria, sententia nullam admittit repugnantiam, semper congrua est, semper vera.

Aliquando unius enuntiationis una est sententia, aliquando unius enuntiationis plures sunt sententiae, aliquando plurium enuntiationum una est sententia, aliquando plurium enuntiatio num plures sunt sententiae.

“Cum, igitur, divinos libros legimus, in tanta multitudine ve rorum intellectuum, qui de paucis eruuntur verbis, et sanitate catholicae fidei muniuntur, id potissimum diligamus, quod cer tum apparuerit eum sensisse quem legimus. Si autem hoc latet, id certe quod circumstantia scripturae non impedit, et cum sana fide concordat. Si autem et scripturae circumstantia pertractari ac discuti non potest, saltem id solum quod fides sana praescri bit. Aliud est enim quid

potissimum scriptor senserit non dinos-cere, aliud a regula pietatis errare. Si utrum que vitetur, perfec tae se habet fructus legentis. Si vero utrumque vitari non po test;

as mulheres implorarão os homens. E, para que um só homem não receasse de cuidar ao mesmo tempo de sete mulheres, não tendo de onde alimentá-las e vesti-las, elas lhe dizem: “Comere mos o nosso pão e nos cobriremos com os nossos vestidos”. Não é necessário que tenhas preocupação conosco, “somente seja invo cado o teu nome sobre nós”, para que sejas considerado o nosso homem, e o és, e não sejamos apelidadas de repudiadas ou estéreis e morramos sem descendência, coisa que naquele tempo era um grande opróbrio. Por isso dizem: “tira o nosso opróbrio”.

Você encontrará muitas passagens parecidas nas Escrituras, sobretudo no Antigo Testamento, escritas conforme o idioma daquela língua, as quais, enquanto ali são claras, nada para nós parecem significar.

CAPÍTULO 11: 0 pensamento

O pensamento divino nunca é absurdo, nunca pode ser fal so, mas, enquanto na significação, como foi dito, encontram-se muitas contradições, o pensamento não admite alguma contra dição, é sempre coerente, sempre verdadeiro.

Às vezes uma enunciação contém um só pensamento, às ve zes uma enunciação possui vários pensamentos, outras vezes muitas enunciações têm um único pensamento, outras vezes muitas enunciações têm muitos pensamentos.

“Quando, portanto, lemos os livros divinos, diante de tanta variedade de conceitos verdadeiros que jorram de poucas pala vras e são munidos do juízo da fé católica, procuremos, sobretu do, aquilo que o autor que lemos tenha achado que pareceu certo. Se isto não está claro, procuremos certamente aquilo que não contraria o contexto da Escritura, mas concorda com a verdadeira fé. Se também o contexto da Escritura não pode ser tratado nem discutido, procuremos pelo menos somente aquilo que a verdadei ra fé prescreve. Uma coisa, com efeito, é desconhecer aquilo que preferivelmente o autor achou, outra coisa é afastar-se da regra da piedade. Se é evitada uma e outra coisa, o ganho do leitor é perfeito. Se, porém, não pode ser evitada uma e outra coisa,

etsi voluntas scriptoris incerta sit, sanae fidei congruam non inutile est eruisse sententiam”156.

“Item in rebus obscuris atque a nostris oculis remotissimis, si qua inde scripta etiam divina legerimus, quae possint salva fide aliis atque aliis parere sententiis, in nullam earum nos praecipiti affirmatione ita proiciamus, ut, si forte diligentius discus sa veritas eam labefactaverit, corruamus, non pro sententia divi narum

scripturarum, sed pro nostra ita dimicantes, u t eam veli mus scripturarum esse quae nostra est, cum potius eam quae scripturarum nostram esse debeamus"157.

Caput XII: De modo legendi

Modus legendi in dividendo constat. Divisio fit et partitione et investigatione.

Partiendo dividimus quando ea quae confusa sunt distingui mus.

Investigando dividimus quando ea quae occulta sunt resera mus.

Caput XIII: De meditatione hic esse praetermittendum

Et iam ea quae ad lectionem pertinent, quanto lucidius et compendiosius potuimus, explicata sunt.

De reliqua vero parte doctrinae, id est, meditatione, aliquid in praesenti dicere omitto, quia res tanta speciali tractatu indi get, et dignum magis est omnino silere in huiusmodi quam ali quid imperfecte dicere.

Res enim valde subtilis est et simul iucunda, quae et incipi entes erudit et exercet consummatos, inexperta adhuc sty lo, ideoque amplius prosequenda.

Rogemus igitur nunc Sapientiam, ut radiare dignetur in cor dibus nostris et illuminare nobis in semitis suis, ut introducat nos "ad puram et sine animalibus cenam"158.

156. Agostinho, De Genesi ad litteram 1,21. 157. Ibht. 1,18. 158. Asclepius, Corpus Hermeticum 41.

ainda que a intenção do autor seja incerta, não é inútil extrair um pensamento consonante com a verdadeira fé".

"Quanto às coisas obscuras e muito distantes dos nossos olhos, se sobre elas estivermos lendo escritos, também divinos, os quais, salva a fé, possam combinar-se com outras e outras opi niões, não nos joguemos com aprovação precipitada em nenhuma dessas interpretações. Pois correriamos o perigo, caso uma verda de discutida mais profundamente faça cair aquela interpretação, de sucumbir, batalhando não em favor da opinião das Escrituras divinas, mas da nossa, pretendendo que o nosso pensamento seja também o das Escrituras, enquanto devemos querer antes que o pensamento das Escrituras seja também o nosso.

CAPÍTULO 12: 0 modo de ler

O modo de ler consiste em dividir. A divisão se faz seja por 1) separação seja por 2) investigação.

Dividimos, separando, quando distinguimos as coisas que são confusas.

Dividimos, investigando, quando desvelamos as coisas que são obscuras.

CAPÍTULO 13: A meditação não é tratada aqui

E assim foi explicado aquilo que concerne a leitura, da ma neira mais lúcida e concisa possível.

Quanto à última parte da educação, ou seja, a meditação, aqui omito dizer algo, porque tamanho argumento merece um tratado especial, e em coisas deste tipo é mais digno calar-se to talmente do que dizer algo imperfeito.

Algo muito sutil e ao mesmo tempo jucundo é a meditação que instrui os principiantes e exercita os avançados. Não foi ainda trata da por escrito, e por isso merece ser descrita mais amplamente.

Roguemos agora à Sabedoria que se digne resplandecer em nossos corações e iluminar-nos em seus caminhos, para introdu zir-nos “à ceia pura e sem carne de animais”.

APPENDIX

APPENDIX A

D ivisio philosophiae continentium

Tria sunt: sapientia, virtus, necessitas.

Sapientia est comprehensio rerum prout sunt.

"Virtus est habitus animi in modum naturae rationi consen taneus"159.

Necessitas est sine qua vivere non possumus, sed felicius vi veremus.

Haec tria remedia sunt contra mala tria, quibus subiecta est vita humana: sapientia contra ignorantiam, virtus contra vitium, necessitas contra infirmitatem. Propter ista tria mala exstirpan da quaesita sunt ista tria remedia, et propter haec tria remedia invenienda, inventa est omnis ars et omnis disciplina.

Propter sapientiam inventa est theorica, propter virtutem inventa est practica, propter necessitatem inventa est mechani ca. Istae tres usu primae fuerunt, sed postea propter eloquenti am inventa est logica. Quae cum sit inventione ultima, prima ta men esse debet in doctrina. Quattuor ergo sunt principales sci entiae a quibus omnes aliae descendunt: theorica, practica, me chanica, logica.

Theorica dividitur in theologiam, phy sicam, mathematicam. Theologia tractat de invisibilibus substantiis, phy sica de invisibili bus visibilium causis, mathematica de visibilibus visibilium formis.

159. Boethius, De arithmetica 1,1.

———APÊNDICES — ——-

APÊNDICE A:

Divisão dos conteúdos da filosofia

Há três coisas: a Sapiência, a virtude, a necessidade.

A Sapiência é a compreensão das coisas como elas são.

“A virtude é um hábito do espírito conforme a razão segun do a lei da natureza”.

A necessidade é aquela sem a qual não podemos viver e sem a qual viveremos mais felizmente.

Estas três coisas são três remédios contra três males, aos quais a vida humana está sujeita: a Sapiência contra a ignorância, a vir tude contra o vício, a necessidade contra a enfermidade. Para extir par estes três males são exigidos estes três remédios, e para encon trar estes remédios foi inventada cada arte e cada disciplina.

Para a Sapiência foi encontrada a teórica, para a virtude foi encontrada a moral, para a necessidade foi encontrada a mecâni ca. Estas três foram as primeiras em uso, mas depois para a eloqüência foi encontrada a lógica. Esta, mesmo sendo a última a ser descoberta, deve ser, todavia, a primeira no ensino. Quatro, portanto, são as ciências principais, das quais derivam todas as outras: a teórica, a prática, a mecânica, a lógica.

A teórica se divide em teologia, física e matemática. A teologia trata das substâncias invisíveis, a física das causas invisíveis das coi sas visíveis, a matemática das formas invisíveis das coisas visíveis.

Et haec mathematica dividitur in quattuor scientias. Prima est arithmetica, quae tractat de numero, id est, de quantitate discre ta per se. Secunda est musica, quae tractat de proportione, id est, de quantitate discreta ad aliquid. Tertia est geometria, quae tractat de spatio, id est, de quantitate continua immobili. Quarta est astronomia, quae tractat de motu, id est, de quantitate conti nua mobili. Elementum arithmeticae est unitas. Elementum mu sicae est unisonum. Elementum geometriae est punctum. Ele mentum astronomiae est instans.

Practica dividitur in solitariam, privatam, publicam. Solita ria docet quomodo unusquisque propriam vitam honestis mori bus instituat et virtutibus exornet Privata docet quomodo re gendi sint familiares, et qui per carnis affectum sunt affines. Pu blica docet qualiter populus totus et gens a suis rectoribus gu bernari debeat. Solitaria pertinet ad singulos, privata ad patres familias, publica ad rectores civitatum.

Mechanica tractat de operibus humanis, et haec dividitur in septem. Prima est lanificium, secunda armatura, tertia naviga tio, quarta agricultura, quinta venatio, sexta medicina, septima theatrica.

Logica dividitur in grammaticam et in rationem disserendi. Ratio disserendi dividitur in probabilem, et necessariam, et so phisticam. Probabilis dividitur in dialecticam et rhetoricam. Ne cessaria pertinet ad philosophos, sophistica ad

sophistas.

In his quattuor partibus philosophiae talis ordo in doctrina servari debet, u t prima ponatur logica, secunda ethica, tertia theorica, quarta mechanica. Primum enim comparanda est elo quentia; deinde, u t ait Socrates in Ethica, per studium virtutis oculus cordis mundandus est, ut deinde in theorica ad investiga tionem veritatis perspicax esse possit Novissime mechanica se quitur, quae per se omni modo inefficax est nisi ratione praece dentium fulciatur.

A matemática, por sua vez, se divide em quatro ciências. A primeira é a aritmética, que trata do número, isto é, da quantidade divisa em si mesma. A segunda é a música, que trata da proporção, isto é, da quantidade divisa em relação a outra coisa. A terceira é a geome tria, que trata do espaço, isto é, da quantidade contínua imóvel. A quarta é a astronomia, que trata do movimento, isto é, da quan tidade contínua móvel. O elemento da aritmética é o número. 0 elemento da música é o uníssono. O elemento da geometria é o ponto. O elemento da astronomia é o instante.

A moral se divide em individual, privada, pública, A individual ensina como cada um deve organizar a sua vida com costumes ho nestos e orná-la com as virtudes. A privada ensina como devem ser tratados os familiares e os que são afins por afeição da carne. A pública ensina como todo o povo e a nação devem ser governa dos por seus dirigentes. A individual pertence aos indivíduos, a privada aos pais de família, a pública aos dirigentes das nações.

A mecânica trata das obras humanas e se divide em sete ciências: a primeira é a fabricação da lã, a segunda o armamen to, a terceira a navegação, a quarta a agricultura, a quinta a caça, a sexta a medicina, a sétima o teatro.

A lógica se divide em gramática e na arte de argumentar. A arte de argumentar se divide em provável, necessária e sofistica. A provável se divide em dialética e retórica. A necessária perten ce aos filósofos, a sofistica aos sofistas.

Nestas quatro partes da filosofia deve ser observada esta or dem no ensino: primeiro seja posta a lógica, em segundo lugar a ética, em terceiro lugar a teórica, em quarto lugar a mecânica. Em primeiro lugar, com efeito, deve ser administrada a eloqüência. Em seguida, como afirma Sócrates na Ética, por meio do es tudo da virtude o olho do coração deve ser purificado, para que depois possa ser perspicaz na investigação da verdade. Por últi mo vem a mecânica, que por si é totalmente ineficaz, se não se apóia nas razões das precedentes.

APPENDIX B

De magica et partibus eius

Magicae repertor primus creditur Zoroastres, rex Bactriano rum, quem nonnulli asserunt ipsum esse Cham, filium Noe, sed nomine mutato. Hunc postea Ninus, rex Assyriorum, bello vic tum interfecit, eiusque codices artibus maleficiorum plenos igne cremari fecit Scribit autem Aristoteles de hoc ipso, quod usque ad XXII centum milia versuum eius de arte magica ab ipso dicta tos, libri eiusdem usque ad posteritatis memoriam traduxerunt Hanc artem postea Democritus ampliavit tempore quo Hippo crates in arte medicinae insignis habebatur.

Magica in philosophiam non recipitur, sed est extrinsecus falsa professione, omnis iniquitatis et malitiae magistra, de vero mentiens, et veraciter laedens animos, seducit a religione divina, culturam daemonum suadet morum corruptionem ingerit, et ad omne scelus ac nefas mentes sequacium impellit.

Haec generaliter accepta quinque complectitur genera ma leficiorum: manticen, quod sonat divinatio, et mathematicam va nam, sortilegia, maleficia, praestigia.

Mantice autem quinque continet species sub se, primam, ne-cromantiam, quod interpretatur divinatio in mortuis, necros enim Graece, m ortuus Latine, unde necrom antia, divinatio, quae fit per sacrificium sanguinis humani, quem daemones siti unt, et in eo delectantur effuso. Secunda est geomantia, id est, divinatio in terra. Tertia est hydromantia, id est, divinatio in aqua. Quarta est aerimantia, id est, divinatio in aere. Quinta est divinatio in igne,

APÊNDICE B:

A magia e suas partes

Pensa-se que o primeiro inventor da magia fosse Zoroastro, rei dos bactrianos, que alguns afirmam ser o próprio Cam, filho de Noé, mas com outro nome. Ele, depois, vencido em guerra, foi morto por Nino, rei dos assírios, que fez queimar no fogo os seus livros cheios de malefícios. Sobre ele Aristóteles escreve que os seus livros transmitiram à memória da posteridade até dois mi lhões e duzentos mil versos de arte mágica, ditados por ele. Esta arte foi posteriormente ampliada por Demócrito no tempo em que Hipócrates era considerado insigne na arte da medicina.

A magia não é recebida na filosofia, mas está de fora, falsa por profissão, mestra de toda iniqüidade e malícia, mentindo so bre a verdade e prejudicando verdadeiramente os ânimos. Ela afasta da religião divina, propugna a cultura dos demônios, leva à corrupção dos costumes, e impulsiona a mente dos seguidores para todo tipo de crime e de perversidade.

Ela, em geral, compreende cinco tipos de malefícios: 1) man tica, que significa divinação, 2) numerologia vã, 3) sortilégios, 4) malefícios, 5) prestidigitação.

A mântica contém sob si cinco tipos: a primeira é a necro-mancia, que significa divinação sobre os mortos, pois necros em grego tem o significado de morto em latim, de onde vêm a necro-mancia, divinação, feita por meio do sacrifício de sangue humano, que os demônios bebem, deleitando-se em sua efusão. A segun da é a geomancia, isto é, divinação sobre a terra. A terceira é a hidromancia, isto é, divinação sobre a água. A quarta é a aeromancia, isto é, divinação sobre o ar. A quinta é a divinação no fogo,

quae dicitur pyromantia. Varro enim quattuor dixit esse, in qui bus divinatio constaret, terram, aquam, ignem, aerem. Prima ergo, id est, neeromantia, ad infernum videtur pertinere, secunda ad terram, tertia ad aquam, quarta ad aerem, quinta ad ignem.

Mathematica dividitur in tres species: in aruspicinam, in au gurium, et in horoscopicam. Aruspices sunt dicti quasi horuspi-ces, id est, horarum inspectores, qui observant tempora in rebus agendis, vel aruspices quasi aras inspicientes, qui in extis et fi bris sacrificiorum futura considerant. Augurium vel auspicium aliquando ad oculum pertinet, et dicitur auspicium quasi avispi-cium, quia in motu et volatu avium attenditur; aliquando ad au res pertinet, et tunc dicitur augurium quasi garritus avium, quia aure percipitur. Horoscopica, quae etiam constellatio dicitur, est quando in stellis fata hominum quaeruntur, sicut genethliaci fa ciunt, qui nativitates observant, qui olim specialiter magi nuncu pabantur, de quibus in evangelio legimus.

Sortilegi sunt qui sortibus divinationes quaerunt.

Malefici sunt qui per incantationes daemonicas, sive ligatu ras, vel alia quaecumque exsecrabilia remediorum genera, coo peratione daemonum atque instinctu nefanda perficiunt.

Praestigia sunt, quando, per phantasticas illusiones circa re rum immutationem, sensibus humanis arte daemonia illuditur.

Sunt ergo omnes simul undecim: sub mantice, quinque, id est, neeromantia, geomantia, hydromantia, aerimantia, pyro mantia; sub mathematica, tres, id est, aruspicina, auspicium, ho roscopica; postea tres aliae, id est, sortilegium, maleficium, pra estigium.

Praestigia M ercurius dicitur primus invenisse. Auguria Phry ges invenerunt. Aruspicinam Tages primus Etruscis tradi dit. Hy dromantia primum a Persis venit

que se chama piromancia. Varro diz que sio quatro as partes das quais consta a divinação, ou seja, terra, água, fogo e âr, Á pri meira, portanto, isto é, a necromância, parece pertencer ão infer no, a segunda à terra, a terceira à água, a quarta ao ar, a quinta ao fogo,

A numerologiâ vã se divide em três espécies: âruápitína, augútio e horóscopo. Os arúspices são chamados ou de "horús-pices", isto é, inspetores dâs horas, porque observam os tempos propícios em fazer as coisas, ou arúspices, porque observam as aras, olhando o futuro nas vísceras e fibras dos animais sacrifi cados, O augúrío ou auspício às vezes se refere ao olhar, e se chama auspício, como que "avêspído", porque se baseia no mo vimento e vôo das aves; às vezes se refere ào ouvido, e aí se cha ma augúrio, como a voz das aves, porque se percebe pelo ouvi do. O horóscopo, que sé chama também constelação, se dá quando nas estrelas se procuram os destinos dos homens, como fazem os astrólogos, que observam os nascimentos é que antigâ-mente se chamavam magos, dos quais lemos no Évangeího.

Os sortilegos são aqueles que procuram as divinâções nas sortes.

Os malefícios são aqueles qüe, porque por meio de encanta mentos demoníacos, ou amuletos, Ou qualquer outro gênero execrável de remédios, fazem coisas horrendas com a colabora ção ou instigação dós demônios.

As prestidigitâções consistem em iludir os sentidos huma nos com a arte demoníaca, por meio de ilüsões fantasiosas ã res peito das mutações das coisas.

Ao todo são onze: sob a mântica cinco, isto é, a necroman-cia, a geomancia, a hidromancia, a aeromancia, â piromancia; sob a "numerologiâ" três, isto é, os arúspices, o auspício, o ho róscopo; depois vêm outras três, isto é, o sortilégio, ó maleficio^ a prestidigitaçâò.

Diz-se que Mercúrio foi o primeiro a inventar as prestidigita-ções. Os frígios inventaram os augúrios. Tages transmitiu o arus-pício aos etruscos. Á hidromãrtciá inicialmente veio dos persas.

APPENDIX C

De tribus rerum subsistentiis

Tribus modis res subsistere habent: in actu, in intellectu, in mente divina; hoc est in ratione divina, in ratione hominis, in seipsis.

In seipsis sine subsistentia transeunt, in intellectu hominis subsistunt quidem, sed tamen immutabiles non sunt, in mente divina sine omni mutabilitate subsistunt.

Item quod est in actu imago est eius quod est in mente ho minis, et quod est in mente hominis imago est eius quod est in mente divina.

Ad mentem divinam facta est creatura rationalis. Ad creatu ram rationalem facta est creatura visibilis. Ideo omnis motus et conversio creaturae rationalis esse debet ad mentem divinam, si cut omnis motus et conversio creaturae visibilis est ad rationa lem creaturam.

Sicut homo, cum quid mente conceperit, ut aliis etiam pate re possit quod sibi soli notum est, foris exemplum eius depingit, postea etiam ad maiorem evidentiam, quomodo id quod ad exem plum propositum est cum ratione eius concordet, verbis exponit; ita, Deus volens ostendere invisibilem sapientiam suam, exem plum eius in mente creaturae rationalis depinxit, ac deinde cor poream creaturam faciens, foris illi quid intus haberet ostendit

Rationalis ergo creatura ad similitudinem divinae rationis, nullo mediante, primo loco facta est, creatura vero corporea,

APÊNDICE C:

As três substâncias das coisas

As coisas existem em três modos: no ato, na mente humana, na mente divina. Ou seja, na razão divina, na razão humana, em si mesmas.

Em si mesmas são passageiras por serem sem subsistência, na mente do homem subsistem, sim, mas não são imutáveis, na mente divina subsistem sem nenhuma mutabilidade.

Assim, aquilo que existe na realidade é imagem daquilo que está na mente do

homem, e aquilo que está na mente do homem é imagem daquilo que está na mente divina.

A criatura racional foi feita segundo a mente divina. A cria tura visível foi feita segundo a mente do homem. Portanto, todo movimento e retorno da criatura racional devem ser direciona dos para a mente divina, como todo movimento e retorno da criatura visível devem direcionar-se para a criatura racional.

Da mesma maneira que o homem, ao conceber algo na men te, representa fora de si a imagem disso, para que seja acessível aos outros aquilo que só ele conhece, e, em seguida, para maior evidência, explica em palavras a maneira como aquilo que foi apresentado como imagem concorda com a sua razão, assim Deus, querendo mostrar a sua invisível Sapiência, desenhou a imagem desta na mente da criatura racional e depois, fazendo a criatura corpórea, mostrou por fora à criatura racional aquilo que ele tinha dentro.

A criatura racional, portanto, foi feita, sem nenhuma mediação e antes de tudo, à semelhança da razão divina, e a criatura corpórea,

mediante rationali creatura, facta est ad similitudinem divinae rationis.

Hinc est quod de angelis sub appellatione lucis in Genesi di citur: "Dixit Deus: Fiat lux. Et facta est lux"160. De ceteris vero operibus Dei dicitur: "Dixit DeuS: F iat Et factum est ita"161. Et deinde adiungitur: "Et fecit Deus", quia angelica natura primum in ratione divina fuit per dispositionem, postea in se ipsa per crea tionem subsistere coepit.

Aliae autem creaturae primum in ratione Dei fuerunt, pos tea in cognitione angelorum factae sunt, postremo in seipsis subsistere coeperunt Quod enim dictum e s t "Dixit Deus: Fiat", hoc ad mentem divinam pertinet; "Factum est ita", ad intellec tum angelorum; "Et fecit Deus", ad actum rerum.

160. Gn 1,3. 161. Gn 1,6.

por sua vez, por meio da criatura racionai, foi feita à semelhança da razão divina.

Por isso no Gênese se diz dos anjos que são chamados de luz: "Disse Deus: seja feita a luz. E a luz foi feita". Das outras obras de Deus se diz: "Disse Deus: seja feito. E assim foi feito". E acrescenta-se, ainda: "E Deus fez", pois a natureza angélica este ve primeiro na razão divina por disposição, posteriormente co meçou a existir em si mesma pela criação.

As outras criaturas primeiro estiveram na razão divina, de pois foram feitas para conhecimento dos anjos, por fim começa ram a existir em si mesmas. Aquilo que foi dito "Disse Deus: seja feito", diz respeito à mente divina; "Assim foi feito" se refere à in teligência dos anjos; "E Deus fez" diz respeito ao ato das coisas.

—BIBLIOGRAFIA—

sobre Hugo de São Vítor

Fontes em original e traduzidas

Edição do Migne, Hugonis de Sancto Victore Canonici Regularis

S. Victoris Parisiensis tum pietate tum doctrina insignis Ope

ra Omnia tribus tomis digesta, accurante J.-P. Migne, Parisiis,

apud Garnier Fratres, Editores et J.P. Migne successores,

1879. Vol. 175,176,177. Baron, R., Hugonis de Sancto Victore opera propedêutica (Practica geometriae, De grammatica, Epitome Dindimi in philosop

hiam), University of Notre Dame Press, Indiana, 1966. Canais, A., Scipio et AnibaL De providentia (Seneca). De arrha

animae (Hug de Sant Victor). A cura de Marti de Riquer, 1935. Crapillet, P., Recteur de 1'Hôpital du Saint-Esprit de Dijon. Le

"Cur Deus Homo "d 'A nselme de Canterbury et le "De arrha

anim ae"dHugues de Saint-Victor traduits pour Philippe le

Bon. Textes établis et présentés par R. Bultot et G. Hasenohr,

1984.

Green, W.M., Hugo o f St. Victor De tribus maximis circumstan

tiis gestorum, "Speculum" XVIII (1943), 484493. Hardarson, G., Littérature et Spiritualité en Scandinavie mé-

diévale: La Traduction norroise du "De Arrha Anim e" de

Hugues de Saint-Victor. Êtude historique et Êdition criti

que, Turnhout (Brepols), 1995. Hugh of St. Victor, Practica geometriae.

Attributed to Hugh of

S t Victor, translated from the Latin with an introduction,

notes, and appendices by Frederick A. Homann, Milwaukee,

Wis., Marquette University Press, 1991.

Hughes de Saint-Victor, La “Descriptio mappae m undi”de Hugues de Saint-Victor, texte inédit avec introduction et com—

mentaire de Patrick Gautier-Dalché (Études augustinien—

nes), Paris, 1988. Hugo de Sancto Victore, Opera omnia tribus tomis digesta. Ex

manuscriptis eiusdem operibus quae in Bibliotheca Victorina servantur, accurate castigata et emendata, cum vita ipsius

ante hac nusquam edita, 1648. Hugo de Sancto Victore, Opera utilissima a qualunque fidele

Christiano, intitulata Specchio della sancta Ecclesia, 1515,

Paris, Éditions du Cerf, 1969, 144 p. Hugo de Sancto Victore, Soliloquium de arrha animae und de

vanitate mundi, hrsg. von K. Mueller, 1913. Hugonis a Sancto Victore Expositio in Regulam beati Augusti

ni. Regola di SanCAgostino per le monache: cavata dalla

pistola CCXI colla sposizione di Ugone da S. Vittore, 1836. Hugonis de Sancto Victore Didascalicon de Studio Legendi, a

criticai text by Brother Charles Henry Buttimer, M.A., The

Catholic University Press, Washington, 1939. Hugonis de Sancto Victore Opera tribus tomis digesta. Nunc

donno Thoma Garzonio de Bagnacaballo postillis, annotati

unculis, scholjis, ac vita auctoris expolita, 1588. Hugonis de Santo Victore De Tribus Diebus ou Liber Septimus

do Didascalicon, PL 176. Hugues & Richard de Saint-Vietor, Introduction et ckoix de textes par R. Baron, Paris, Bloud & Gay, 1961. Hugues de Saint-Victor, La contemplation etses espèces. Intro

duction, texte et notes par Roger Baron, 1955. Hugues de Saint-Victor, Six opuscides spirituels: La médidation, La parole de Dieu, La réalité de Tamour, Ce qu'il faut

aimer vraiment. Les cinq Septénaires, Les sept dons de

TEsprit-Saint. Introduction, texte critique, traduction et no

tes par Roger Baron, 1969.

Ugo di S. Vittore. I tre giorni delVinvisibile litce, Uunione dei

corpo e dello spirito. Introduzioni, testi emendati, traduzio—

ni e note a cura di Vincenzo Liccaro, Firenze, Sansoni, 1974. Ugo di San Vittore, La Regola di S. Agostino nei commenti di

Ugo da S. Vittore e B. Alfonso de Orozco. Traduzione dei tes

ti originali, introduzione e note di Agostino Vita. 1989.

Traduções do Didascátícon

Hugo de São Vítor, Didascátícon da arte de ler, Introdução e

tradução de Antonio Marchionni, Petrópolis, Vozes, 2001. Hugo von Sankt Viktor, Didascátícon de studio legendi, übersetzt und eingeleitet von Thiío Offergeld, Freiburg, Herder,

1997.

Ugo di San Vittore, Didascátícon, Id o n i delia promessa divina,

Uessenza detVamore, Discorso in Iode dei divino amore,

Introduzione, traduzione e note di Vincenzo Liccaro, Milano,

Rusconi, 1987. Hugues de Saint-Victor, Uart de lire Didascátícon. Introduction, traduction et notes par Michel Lemoine. Paris, Éditions

du Cerf, 1991. The didascátícon ofHugh of St. Victor: a medieval guide to the

arts, translated from the Latin with an introduction and notes

by JeromeTaylor. New York, Columbia University Press, 1991.

Arts Libéraux et philosophie au Moyen Ãge, in Actes du quatrième congrès internationál de philosophie médiévale,

Montréal-Paris, 1969. Alessio, F., La riflessione sulle “artes mechanicae” (XII-X1V

sec.), in Lavorare nelMedioevo, Rappresentazioni ed esem-

pi dalVItália dei secc. X-XVI, In Todí presso 1’Accademia Tu—

dertina, 1983, p. 259-293. Alessio, F., Per uno studio sulVottica dei Trecento, in La filoso

fia e le “artes mechanicae” nelsecolo XII, Spoleto, Centro

Italiano di Studi sulPAlto Medioevo, 1984. Allard, G.-H., Les arts mécaniques aux yeux de Vidéologie mé-

diévale, in Les arts mécaniques au moyen âge (Cahiers

d’Études Médiév. 7), Paris-Montréal, Vrin-Bellarmin, 1982, p.

13-31.

Blackwell, D.F., The artes liberales as Remedies: Their order o f

Study in Hugh o f St. Victor’s Didascalicon, “Theologische

Zeitschrift”, 45 (1989), 115-124. Baron, R., Uinsertion des arts dans la philosophie chez Hugues de Saint-Víctor, in Arts Libéraux et philosophie au Mo

yen Âge, Actes du quatrième Congrès international de philo

sophie médiévale, Montréal (Canada) 1967, Montréal-Paris

1969, 551-555.

Baron, R., Science etSagesse chez Hugues de Saint-Victor, Pa

ris, 1957. Binding, G., Ein Beitrag zum Verstàndnis von usus und ars im

11. /12. Jahrhundert, in “Scientia” und “ars” im Hoch-und

Spãtmittelalter 2, Berlin-New York 1994, 967-980. Bonaventura, Opusculum de reductione artium ad theologiam,

in Doctoris seraphici S. Bonaventurae opera omnia edita

studiio et cura PP. Collegii a S. Bonaventura 5, Quaracchi

1891, 317-325.

Calonghi, L., La scienza e la classificazione delle scienze in

Hugo di S. Vittore, Torino, 1956. Dominicus Gundissalinus, De divisione Philosophiae, in Baur,

L., Beitrdge zu r Geschichte der Philosophie des Mittelalters, Band IV, Heft 2-3, Miinster, 1903. Epp, V., “Ars” und “scientia” in der Geschichtsschreibung des

12. Jahrhunderts, in “Scientia” und “ars” im Hoch-und

Spãtmittelalter 2, Berlin-New York 1994, 829-846.

Giard, L, Logique et système du savoir selon Hugues de Saint-Victor, “Revue d’Histoire de Sciences et leurs applications” 36, 1983, 3-32. —. Hugues de Saint-Victor: cartographe du savoir, in LAbbaye

parisienne de Saint-Victor au Moyen Âge (Biblioteca Victorina I), Paris-Turnhout, Brepols, 1991, p. 254-269. Goetz, H.W., Die “Geschichte” im Wissenschaftsystem des Mittelalters, in F.-J. Schmale, Funktion und Formen mittelal—

terlicher Geschichtsschreibung. Eine Einfürung, Darmstadt, 1985, 164-213. Javelet, R., Considérations sur les arts libéraux chez Hugues et

Richárd de Saint-Vítor, in Arts libéraux et philosophie au

Moyen Âge, Actes du quatrième Congrès international de

philosophie Médiévale, Montréal (Canada) 1967, Montréal-Paris 1969, 557-568. Lafleur, C., Quatre introductions à la philosophie auXIIIe siè-

cle. PIEM (Pontificai Institute of Mediaeval Studies, Montre

al, 23), 1988. Lusignan, S., Les arts mécaniques dans le Speculum Doctrina

le de Vincent de Beauvais, in Les arts mécaniques au mo

yen âge (Cahiers d'Études Médiév. 7), Paris-Montréal, Vrin -

Bellarrain, 1982, p. 3548. Mariétan, J., Le problème de la classification des Sciences

dAristote à Saint-Thomas, Paris 1901. Nagel, Silvia, Scienze 'de rebus'e discipline 'de vocibus'nella

tradizione delle classificazioni dei sapere (secoli VII-XIII),

"Medioevo" XX, pp. 77-114. Ovitt, G., The status ofthe Mechanical Arts in Medieval Classifications ofLearning, "Viator" 14 (1983), 89-105. Senger, N., Der Ort der "Kunst" im Wissenschaftssystem des

Hugos von St. Viktor, in Mittelalterliches Kunsterleben

nach Quellen des 11.-13. Jahrhunderts, Stuttgart-Bad Cann—

statt 1993,53-75.

Stemagel, P., Die Artes Mechanicae im Mittelalter. Begriff-und—

Beteutungsgeschichte bis zum Ende des 13 Jahrhunderts

(Münchener historische Studien. Abteilung Mittelalterliche

Geschichte, Band II), 1966. Travail et travailleurs en Europe au Moyen Âge eta u âébutdes

temps modernes. Edited by Claire Dolan. PMS (Papers in

Medieval Studies, Montreal 13), 1991. Vallin, P., "Mechanica"et "Philosophia"selon Hugues de Saint-Víctor, "Revue d 'Hístoire de la Spiritualité", Paris 1973

(49), n. 195, 257-288. Vermeirre, Â . La navigation d 'après Hugues de Saint-Victor et

d 'après la pratique au Xle siècle, in Les arts mécaniques au

Moyen Âge (Cahiers d'Études Médiév. 7), Paris-Montréal,

Vrin - Bellar min, 1982, p. 51-61.

Transmissão das obras de Hugo

Chefdebien, R. de, Une attribution contestée, la Summa Senten

tiarum de Hugues de Saint-Victor, “Revue Agostinienne”,

Paris, 12, 1908, 529-560. Eynde, D. van den, Essai sur la sucession et la date des écrits de

Hugues de Saint-Victor (Spicilegium Pontificii Athenaei

Antoniani 13), Romae, Apud Pontificium Athenaeum Antonia

num, 1960. Fournier, P., Une prem e de Vauthenticité de le “Somme des

Sentences ” attribuée à Hugues de Saint-Victor (Annales de

1’Université de Grenoble), Grenoble, 1898, X, 171-181. Ghellinck, J. de, Un catalogue des oeuvres de Hugues de Sa

int-Victor, “Revue néo-scolastique” 20 (1913) 226-239. —. La table des matières de la première édition des oeuvres de

Hugues de Saint-Victor, “Recherches de Science Réligieuse”

1(1910) 270-289, 385-396.

Goy, R., Die Überlieferung der Werke Hugos von St. Viktor.

Eine Beitrag m r kommunikationsgeschickie des Mittelalters, in Mowogmpkien z u r Geschichie des Mitteialters,

Stuttgart 1976. Hauréau, B,, Les oernres de Hugues de Saint-Victor. Essai criti

que, Paris, Nouvelle édition 1886. Piazzoni, A.M., M “De Unione spiritus et corporis” di Ugo di S.

Vittore, “S tudi Medievali”, Spoleto 1980 (21), 861-882,

883-888.

Piazzoni, Ã.M., Ugo d i San Vittore “auctor” dede “Sententiae

de divinitate”, Spoleto, Centro italiano di studi sullalto me—

dioevo, 1982. Piron, S., Uorigine des chapitres ultimes du Didascalicon de
Hugues de Saint-Victor, "Revue d'Histoire des Textes" 23

(1993), 203-209.

Robert de Torigny, De immutatione ordinis monachorum, PL

202, 1313.

Escola de São Vítor, história, pedagogia

Baron, R., Notes biograpkigues sur Hugues de Saint-Vidtor,

"Revue d'histoire ecclésiastiques" 1956, p. 920-934. Bosl, K., DasJahrhundert der Augustinerchorherren, in Histo—

riographia mediaevalis. Studien zur Geschicktsschreibung

und Quellenkunden des Mitteialters. FS Franz Joseph

Schmale, Darmstadt, 1988,1-17. Chatilkm, I , La culture de VÊcõle de Saint-Victor au XHe siè-

cle, in Entrétiens sur la renaissance du Xlle siècle, sob a di

reção de M. de Gandillac e É. Jeauneau, Paris-La Haye, 1968,

147-178.

Freundgen, J. Hugo von St. Viktor. Das Lekrbuch (Sammlung

der beteutendsten pãdagogischen Schriften aus alter and

neuer Zeit), Paderborn, 1896.

Grabmann, M., Die Geschichte der scholastischen Methode 2:

Die scholastische Methode im 12 bis zum beginnenden 13

Jahrhundert, Darmstadt, 1961 (Freiburg, 1911). Illich, I., Du lisible au visible, sur VArt de lire de Hugues de Saint-Victor, Paris, Les Éd. du Cerf, 1991; edição inglesa: In the

vineyard ofthe text: a commentary to Hugh 's Didascalicon,

Chicago, University of Chicago Press, 1993. L'Abbaye parisienne de Saint-Victor au Moyen Âge, Communi

cations présentées au XIIIe Colloque d'Humanisme médiéval

de Paris (1986-1988) et réunis par Jean Longère (Biblioteca

Victorina I), Paris-Turnhout, Brepols, 1991. Meier, Gabriel, Hugo von Sankt Viktors Lehrbuch. Ausgeivãlte

Schriften von Columban, Alkuin, Dodana, Jonas, Hraba—

nus Maurus, Notker Balbulus, Hugo von Sankt-Viktor, und

Peraldus (Bibliotek der katholischen Pãdagogik), Freiburg,

1890, p. 150-211. Mignon, A., Les origines de la scolastique et Hugues de Sa

int-Victor, Paris, 1896. Moore, Rebecca, Jews and Christians in the life and thought o f

Hugh o f St. Victor, Atlanta, Scholars Press, 1997. Rosa, A.D., Princípios fundamentais de pedagogia, São Paulo,

Ed. Salesiana Dom Bosco, 1991. Schmidt, O., Hugo von Sankt Viktor ais Pãdagog, Meissen, 1893. Schumann, J.C., Hugo von Sankt Viktor ah Pãdagog (Kleinere

Schriften über pãdagogische und kulturgeschichtliche Fra—

gen), Hannover, 1876. Sicard, P., Diagrammes médiévaux et Exégèse visuelle: Le "Li

bellus de Formatione Arche" de Hugues de Saint-Victor,

Turnhout (Brepols), 1993. Sicard, P., Hugues dç Saint-Victor et son École, Brepols, 1991. Van Steenberghen, F., Uorganization des études au moyen âge

et ses répercussions sur le mouvement philosophique, "Rev.

Philosophique de Louvain", 52 (1954), 572-592.

Filosofia, estética

Baron, R., Vestétique de Hugues de Saint-Victor, in Les études

philosophiques 3, 1957. Baron, R., L'idée de Nature chez Hugues de Saint-Victor, in La

Filosofia delia Natura nel Medioevo, Atti dei III Congresso

internazionale di filosofia medioevale, Passo delia Mendola

(Trento) 1964, Milano, 1966, 260-263. Boehm, L., Der wissenschaftstheoretische Ort der historia im

früheren Mittelalter. Die Geschichte a u f dem W egzur "Geschichtswissenschaft", in Speculum historiale. Geschichte

im Spiegel von Geschichtsschreibung und Geschichtsdeu—

tung. FSJohannes Spõrl, Freiburg-München 1965,663-693. Bumke, 1, Hõfischer Kõrper-Hõfische Kultur, in Modernes Mit

telalter. Neue Bilder einer populàren Epoche, Frankfurt-Leipzig 1994, 67-102. Busi, G., Uumanesimo di Ugo di San Vittore, "Giornale Italiano

di Filologia", 1966, 215-236. Chenu, M.-D., Civilization urbaine et théologie. L'Êcole de Saint-Víctor au X lle siècle, in Annales. Economies, Sociétés,

Civilizations (1974), 1253-1263. D'Alverny, M.T., Le cosmos symbolique duXITsiècle, "Archives

d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge" 20. Ehlers, J., Die hohen Schulen, in Die Renaissance der Wissenschaften im 12. Jahrhundert, Zürich 1981, 57-85. Ehlers, J., Hugo von St. Viktor. Studien zum Geschichtsdenken

u n d zu r G eschichtsschreibung des 12. Jahrhunderts

(Frankfurter Historische Abhandlungen), Wiesbaden, 1973. Evans, G.R., Hugue ofSt. Victor on History and the Meaning o f

Things, in Studia monastica 25 (1983), 223-234. Flasch, K., Das philosophische Denken im Mittelalter. Von Augustin zu Macchiavelli, Stuttgart, 1986. Führer, M.L., The principie ofsimilitude in Hugh ofSt. Victor's

theory o f divine illuminations, "The American Benedectine

Rewiew" 30 (1978), 80-92.

Grabmann, M, Hugo von St. Viktor 1141) und Peter Abae—

lard (‘& 1142). Ein Gedenkblatt zum achthundertjhdrigen

Todestag zweier Denkengestalten des Mittelalters, “Theologie und Glaube”, 34 (1942), 241-249. Hãring, N.M., Commentary and hermeneutics, in Renaissance

and Renewal in the Twelfth Century, Cambridge, Mass.,

1982, 173-200.

Karfíková, L., “De Esse ad Pulchrum Esse”: Theologische Rele

va m der Schõnheit im Werk Hugos von Sankt Viktor, Turnhout (Brepols), 1998. Kaulich, W., Die Lehre des Hugo und Richard von St. Victor.

Abhandl. d. bòhm. Gesell. d. Wiss., 1863-64, Prag, 1865. Kleinz, J.P., The Theory o f Knowledge o f Hugues o f Saint Vic

tor (Catholic University of America Philosophical Studies

87), Washington, 1944. Koch,)., Augustinischer und Dionysischer Neoplatonismus

und das Mittelalter, in Platonismus in der Philosophie des

Mittelalters, Darmstadt 1969,317*342. Lacroix, B., Hugues de Saint-Victor et les conditions du savoir

au Moyen Âge, ín An Étienne Gilson Tribute, Milwaukee

1959, 118-134.

Liccaro, E., Vuomo e la natura nel pensiero di Ugo di San Vittore, in La Filosofia della Natura nel Medioevo, Atti dei III

Congresso internazionale di filosofia medioevale, Passo del

la Mendola (Trento), 1964, Milano, 1966, 305-313. Liccaro, E., Studi sulla visione dei mondo di. Ugo di San Vittore, Udine, 1969. Liccaro, ¥., Ugo di San Vittore di fronte alte novità delle tradu—

zioni delle opere scientifiche greche e arabe, in Actas dei V

Congreso internacional de Filosofia medieval, II, Madrid

1979, 919-926.

Merzbacher, R., Recht und Gewattenlehre bei Hugo von S t Vik

tor, “Zeitschrift des Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte”,

1958,181-208.

Minuto, F,, Preludi di una storia dei bello in Ugo di San Vittore,

“Aevum” 26, 1952. Possekel, U., Der Mensch in der Mitte. Aspekte der Antropolo

gia Hugos von S t Viktor, “Recherche de théologie ancienne

et médiévale” 61 (1994), 5-21. Santiago-Otero, H., Esse et habere en Hugo de San Victor, in

UHomme etson univers, Louvain-la-Neuve 1986, 427431. Santini, C., Ugo di San Vittore. Studio filosofico, Alatri, 1898. Schlette, H.R., Die Nichtigkeit der Welt. Der philosophische

Horizont des Hugos von St. Viktor, München 1961. —. Das Weltverstàndnis Hugos von St. Viktor unter Berücksich—

tigung des Metaphysikproblems, in Die Metaphysik im Mittelalter, ihr Ursprung und ihre Beteutung, Vorträge des II

Internationalen Kongresses für Mittelalterliche Philosophie,

Berlin, 1963, 215-221. Schleusener-Eichholz, G., Das Auge im Mittelalter, München,

Fink, 1985. Schneider, W.A., Geschichte und Geschichtsphilosophie bei

Hugo von St. Viktor. Ein Beitrag zur Geistesgeschichte des

12. Jahrhunderts, Münster, 1933. Southern, R., Aspects ofeuropean tradition ofhistoricálwriting:

2. Hugues o f S t Victor and the idea o f historical develop—
ment, “Transactions of the Royal Historical Society” 21

(1971), 159-179.

Weisweiler, H., Die Ps.-Dionysius Kommentare “In coelestem
hierarchiam ” des Skotus Eriugena und des Hugos von St.
Viktor, “Recherches de Théologie ancienne et médiévale”,
Louvain 1952 (19), 2647. - . Die Arbeitsmethode Hugo's von Sankt Viktor. Ein Beitrag
zum Entstehen seines Hauptwerkes “De Sacram entis”,
“Scholastik” 20-24 (1949), 59-87 e 232-267. - . Sacramentum Fidei. Augustinische und ps.-dionysische Ge—
danken und die Glaubensauffassung Hugos von St. Viktor,
“Theologie in Geschichte und Gegenwart”, 433-456.

Wolf, G., Das 12 Jahrhundert ais Geburtsstunde der Moderne
und die Frage nach der Krise der Geschichtswissenschaft, in
Antiqui und Moderni. Traditionbewusstsein und Fortschrift—
sbewusstsein im späten Mittelalter, Berlin-New York, 1974,

80-84.

Yves Delègue, Les Machines du sens: fragments d ’une sémiolo—
gie médiévale. Textes de Hugues de Saint-Victor, Thomas
d ’A quin et Nicolas de Lyre, traduits et présentés par Yves
Delègue. Paris, Éditions des Cendres, 1987. Zimmermann, A., Die Theologie und die Wissenschaften, in Die
Renaissance der Wissenschaften im 12 Iahrhundert, Zü-

rich, 1981, 87-1022.

Exegese

Battles, F.L., Hugues ofSt. Victor as a moral allegorist, “Church

History” 18 (1949), 220-240. Berndt, R., Gehóren die kirchenvàter zur Heilige Scrift? Zur

Kanontheorie des Hugos von Sankt Viktor, “Jahrbuch für

biblische Theologie” 3 (1988), 191-199. - . La pratique exégétique d ’André de Saint-Victor. Tradition

victorine et influence rabbinique, in L’Abbaye parisienne

de Saint-Victor au Moyen Âge (Biblioteca Victorina I), Paris-Turnhout, Brepols, 1991, 271-290. Chatillon, J., La Bible dans les écoles du XHe siècle, in Le Moy

en Âge et la Bible, Paris, 1984, 163-197. Ehlers, J., “Historia”, “allegoria”, “tropologia” - Exegetische

Grundlagen der Geschichtskonzeption Hugos von St. Vik

tor, “Mittellateinisches Jahrbuch, Kõln” 7 (1972), 153-160. Lubac, H. de, Exégèse médiévale. Les quatre sens de VÈcriture,

2-parte, vol. 2, Paris, 1961, cap. IV, 287-359.

Moral

Baltus, U., Dieu d ’après Hugues de Saint-Victor, “Revue Bénedectine” 15 (1898), 109-123, 200-214. Carpino, F., II “reditus peccatorum ” nelle collezioni canoniche

e nei teologi fino a Ugo di San Vittore, Roma, 1938. Chatillon, J., Une ecclésiologie médiévale: Vidée de UÊglise

chez les théologiens de VÊcole de Saint-Victor au X lle siè-

cle, “Irenikon” 22 (1949), 115-138, 395411. Ernst, S., Gewissheit des Glaubens. Der Glaubenstraktat Hugos

von St. Viktor ais Zugang zu seiner theologischen Systema—

tik, in Beitrãge zu r Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters, Münster 1987. Ghellinck, J., La “species quadriformissacramentorum”des ca—

nonistes du X1T siècle et Hugues de Saint-Victor, “Revue

des Sciences philosophiques et théologiques” 6 (1912),

527-537.

Hettwer, J., De fidei et scientiae discrimine et consortio juxta

mentem Hugonis a S. Victore, Vratislaviae, 1875. Hoffmeier, J., Die Trinitàtslehre des Hugos von S t Viktor, dar—

gestellt im Zusammenhang mit dem trinitàrischen Strõ-

mungen seiner Zeit, München, 1963. Jaeger, C.S., Humanism and Ethics at the School o f St. Victor

in the Early Twelfth Century, “Mediaeval Studies. Pontificai

Institute of Mediaeval Studies, Toronto” 55 (1993), 5-79. Kilgenstein, J., Die Gotteslehre des Hugos von St. Viktor, Würz—

burg, 1897. Kõster, H., Die Heilslehre des Hugos von St. Viktor, Emstetten,

1940.

Lasic, D., Hugonis de S. Victore theologia perfectiva. Eius fun

damentum philosophicum ac theologicum, “Studia Antoni

ana” 7, Roma, 1956.

Leclercq,!., WissenschaftundGottesvertangen. Zur Mònchstheo—

logie des Mittelalters, Düsseldorf, 1963. Liebner, A., Hugo von S t Victor und die theologischen Rich—

tungen seiner Zeit. Leipzig, 1836. Ott, L., Sententiae magistri Hugonis Parisiensis, “Recherches

de Théologie ancienne et médievale”, Louvain 1960 (27),

29-41.

Pedersen, J., La recherche de la Sagesse d 'après Hugues de Saint-Victor, "Classica et Mediaevalia" 16 (1955), 91-133. Picascia, M.L., Ugo di S. Víttore e la teologia dei doni, "Medioevo" XX, p. 31-50. Poppenberg, E., Die Christologie des Hugos von Sankt Viktor,

Hiltrum, 1932. Roques, R., Connaissance de Dieu et théologie symbolique

d 'apres VaIn Hierarchiam coelestem Sancti Dionisii" de

Hugues de Saint-Victor (Recherches de Philosophie, III-IV),

Paris-Bruges, 1959. Schütz, C., Deus absconditus, Deus manifestus. Die Lehre Hu

gos von Sankt-Viktor über die Offenbarung Gottes, "Studia

Anselmiana", Roma, 1967. Weisweiler, H., Sakrament ais Symbol und Teilhabe: Der Ein—

fluss des Ps.-Dionysius a u f die allgemeine Sakramentlehre

Hugos von S t Viktor, "Scholastik" 27 (1952), 321-343.

Mística

Bultot, R., Anthropologie et spiritualité. A propos du "con

temptus m undi" dans 1'École de Saint-Victor, "Revue des

Sciences philosophiques et théologiques" 51 (1967), 2-22. Lazzari, F., II "contemptus m undi" nella scuola di S. Vittore,

Napoli, 1965. McSorley, J., Hugo o f Saint-Victor, Mystic, Dolphin, 1902.

Mensching, G., Kontemplation und konstruktion. Zum Verhàlt—

nis von Mystik und Wissenschaft bei Hugo von St. Viktor:

"Scientia" und "ars" im Hoch-und Spàtmitíelatters 2, Ber—

lim-New York, 1994, 589-604. Pourrat, P., La spiritualité chrétienne, 4 vol., Paris II 1921,

151-179.

Saudreau, A., La vie d 'union à Dieu et les moyens d 'y arriver,

Paris-Angers, 1909, 232-238. Weiss, C., Hugonis de Sancto Victore methodus mystica, Stras—

bourg, 1839.

Psicologia

Allard, H.A., Die eheliche Lebens-und Liebesgemeinschaft

nach Hugo von St. Viktor, Roma, 1963 (“Analecta Dehonia—

na”, 7). Bertola, E., Di alcuni trattati psicologici attribuiti ad Ugo di S.

Vittore, “Rivista di Filosofia Neo-Scolastica”, Milano 1959

(51), 436455.

Chenu, M.D., La psychologie de la foi auXIIF siècle, in Études

dHistoire littéraire et doctrinale du X III siècle, Ottawa-Paris, 1932. Gneo, C., La dottrina dei matrimonio nel “De Beatae Mariae

virginitate” di Ugo di San Vittore, “Divinitas” 17 (1973),

374-394.

Gõssmann, W.E., Die Beteutung der Liebe in der Eheauffas—

sung Hugos von St. Viktor und Wolframs von Eschenbach,

“Münchener theologische Zeitschrift”, 1954 (5), 205-213. Michaud-Quantin, P., La psychologie dans Venseignement au

X lle siècle, in Uhomme et son destin d ’après les penseurs

du moyen ãge, Actes du Premier Congrès international de

philosophie médiévale, Louvain-Bruxelles 1958, Louvain-Paris, 1960, 407-415.

Ostler, H., Die Psychologie des Hugos von St. Viktor. Ein Bei—

tragzur Geschichte der Psychologie in der Frühscholastik,

Münster, 1906. Rousselot, B, Pour Vhistoire du problème de Vamour au

Moyen-Âge, in Beitráge zur Geschichte der Philosophie und

Theologie des Mittelalters, VI, 6, 1908. Warnach, V., Agape. Die Liehe ais Grundmotiv der neutesta—

mentlichen Theologie, Düsseldorf, 1951.

Letras, gramática, geometria, esoterismo

Luria, M.S., Some literary implicatioris o f Hugues o f St. Victor's Didascalicon, in Arts libéraux et philosophie au Moyen Âge, Actes du quatrième Congrès international de philo

sophie Médiévale, Montréal (Canada) 1967, Montréal-Paris

1969, 541-549.

Michel, A., Culture et Sagesse. Aspects de la tradition Classique

de Cicéron à Hugues de Saint-Victor, "Colection de 1'École

Française de Rome", Roma, 1974 (22), 513-528. Zinn, G.A., Mandala, symbolism and use in the mysticism o f

Hugh o f St. Victor, "History of Religions" 12 number 1

(1972), 317-341.

Zinn, G.A., Hugh ofSt. Victor and the a r to f memory, "Viator" 5

(1974), 211-234.

PENSAMENTO HUMANO

Um mergulho na cultura da Idade Média,

este é o Didascálicon: da arte de ler, um
dos livros medievais mais lidos nos
tempos atuais. Por ele, o leitor
sintoniza-se com o universo de pensamentos
humanos e divinos, que habilitavam as escolas
e as mentes estudantis do século XII. Pequena
enciclopédia do saber e da sabedoria da época,
este escrito do mestre Hugo de São Vítor
emana e mantém um frescor que conforta e
vivifica o homem contemporâneo. www.saofrancisco.edu.br/edusf

ISBN 85-86965-76-6

EDITORA UNIVERSITÁRIA

SÃO FRANCISCO

edusf@saofrancisco.edu.br